



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**FAZENDO A FESTA: AS SOCIABILIDADES DOS MIGRANTES
VARZEALEGRENSES EM SÃO PAULO E NO CEARÁ**

JURANI OLIVEIRA CLEMENTINO

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

JURANI OLIVEIRA CLEMENTINO

**FAZENDO A FESTA: AS SOCIABILIDADES DOS MIGRANTES
VARZEALEGRENSES EM SÃO PAULO E NO CEARÁ**

Tese de doutorado submetida ao programa de Pós-graduação em Ciências Sociais PPGCS/UFCG como requisito necessário a obtenção do título de doutor em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Doutora Marilda Aparecida de Menezes.

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C626f Clementino, Jurani Oliveira.
Fazendo a festa : as sociabilidades dos migrantes varzealegrenses em São Paulo e no Ceará / Jurani Oliveira Clementino. – Campina Grande, 2016.
302 f. : il. color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Marilda Aparecida de Menezes".
Referências.

1. Festas - Várzea Alegre (CE). 2. Migração. 3. Sociabilidade.
I. Menezes, Marilda Aparecida de. II. Título.

CDU 394.2(813.1)(043)

JURANI OLIVEIRA CLEMENTINO

**FAZENDO A FESTA: AS SOCIABILIDADES DOS MIGRANTES
VARZEALEGRENSES EM SÃO PAULO E NO CEARÁ**

Tese Apresentada em 30 de março de 2016

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Marilda Aparecida de Menezes (PPGCS/UFCG Orientadora)

Dr^a. Luciana Chianca (PPGA/UFPB – Examinador Externo)

Dr^a. Maria de Assunção Lima (UFCG – Examinador Externo)

Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima (PPGCS-UFCG – Examinador Interno)

Dr. Vanderlan Silva (PPGCS/UFCG – Examinador Interno)

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, **Francisco Aldo Clementino e Maria de Fátima Oliveira Clementino**, que mesmo não entendendo bem o que eu estava fazendo durante esses últimos quinze anos fora de casa, me apoiaram e torceram, silenciosamente, por mim. Obrigado!!*

“O sertão é sem fim; O sertão está em toda parte; O sertão tá dentro da gente...”

(João Guimaraes Rosa)

AGRADECIMENTO

Toda a minha gratidão e reconhecimento à Professora Doutora Marilda Aparecida de Menezes, pela orientação, pela paciência, pelo didatismo, pelas leituras criteriosas que resultaram nesse trabalho de tese.

Aos integrantes da família Leandro que me fizeram sentir merecedor da confiança e permitiram que eu entrasse nas suas casas, participasse de suas festas, e vasculhasse a vida de muitos deles. A todos o meu enorme e sincero agradecimento. Sem vocês não existiria essa pesquisa. Peço licença aos demais para nominar três pessoas que foram fundamentais nesse trabalho e que podem aqui simbolizar todos os Leandros da Vila Liviero: Manuel, Diacisa e Leni. Muito obrigado.

A banca de qualificação nas pessoas da professora Doutora Luciana Chianca e da Doutora Elizabeth Christina que contribuíram bastante e nos indicaram possibilidades de análises que resultaram nesse trabalho final.

À Capes agradeço por ter proporcionado as condições materiais para a realização desta pesquisa. Aos professores e colegas do PPGCS/UFCG. A todos os professores que tive o prazer e encontrar na minha formação.

Aos amigos que compartilharam comigo as ideias e as angústias e incertezas de quatro anos de trabalho. Estes amigos que me suportaram, apesar de mim. Em especial Jonatha Lisboa e Adriano Freire pelos aperreios de última hora. Obrigado.

Aos meus avós, tios, primos, irmãos e sobrinhos. Todos contribuíram e de certa forma me apoiaram nessa longa jornada. A professora Aparecida Albuquerque que viu em mim a capacidade que só depois eu mesmo descobri. Pela oportunidade, meu muitíssimo obrigado.

A Deus, por ter me dado saúde e coragem para desempenhar esse trabalho.

RESUMO

Esta tese baseia-se em pesquisa bibliográfica e de campo sobre as festas realizadas e vivenciadas por um grupo de migrantes oriundos do município cearense de Várzea Alegre que atualmente reside em São Paulo. Por meio da utilização de diferentes métodos e técnicas de investigação – etnografia e entrevistas– procura-se compreender a sociabilidade dos chamados varzealegrenses no espaço da festa, seja no cotidiano ou em eventos extra-cotidiano. Algumas questões norteiam a pesquisa: A primeira pode ser resumida da seguinte forma: Como, esses varzealegrenses vivenciam o cotidiano festivo em São Paulo? De que forma eles articulam, através das festas, a cidade de Várzea Alegre com a metrópole São Paulo? Como as festas são um elo de ligação entre tempos e espaços, já que verificou-se ser bastante comum os retornos ao Ceará, especialmente em tempos de festas. Perseguimos um conceito de que a festa está “no interior” do migrante, muito mais fortemente do que no interior do Brasil como uma memória. A festa migra, ela é constituinte e se constitui na experiência de mobilidade dos varzealegrenses. Além disso, entendemos que estas festas, quando ganham conotação política, servem como uma linguagem comum ao grupo. Além dos significados da festa na constituição de identidades dos varzealegrenses, buscamos compreender ainda como eles administram, em suas experiências migratórias, a sua relação com o passado. Os relatos que servem de base para o presente texto são resultado de entrevistas com os migrantes, gravada digitalmente, além da observação de campo, convivendo com eles em São Paulo e em Várzea Alegre. Em suas narrativas, há uma compreensão do passado ora como cruel, sofrido; ora de forma idealizada, quase romanceada. São relatos nos quais estão amalgamados sentimentos de saudade, tristeza e alegria.

Palavras-chaves: 1. Festas. 2. Migração. 3. Várzea Alegre. 4. Sociabilidade.

ABSTRACT

This Thesis is grounded on bibliographical and empirical research about feasts promoted and experienced by a migrant group from the municipality of Varzea alegre, State of Ceara, Brazil, who at the present live in the city of São Paulo. Using diverse research methodologies and techniques – ethnography and interviews - we seek to understand the sociability of “varzealegenses”(people who were born in Varzea alegre) in the feasts both the day-to-day and the cyclical ones. Some questions guide the research. First, how the *varzealegenses* experience the everyday feasts in São Paulo, How they joint, through the feasts, the municipality of Varzea Alegre and São Paulo. How the feasts is a link between time and space, considering that they return to Varzea alegre during feast times. We pursue an idea that the feast is much more inside the migrant than it is a memory in the interior of Brazil. The feast migrates, it constitute and is formed in the mobility experience of the *varzealegenses*. Besides that, we understand that when the feast gains political connotations, they serve as a common language of the group. We also seek to understand how the migrants manage his past experience. The narratives are the result from interviews with the migrants, added to the direct observation, in both places. In their narratives, the past is view either as cruel, suffered or in an idealized way, as idilic past. Feelings of sadness, sorrow, joy, happiness are all mixed.

Key words: 1. Fests. 2. Migration. 3. Várzea Alegre. 4. Sociabilities

RÉSUMÉ

Cette thèse est basée sur une recherche bibliographique et de champ à propos des fêtes réalisées et vécues par un groupe d'immigrants en provenance de la ville de Várzea Alegre, située à l'état du Ceará, qui réside actuellement à la ville de São Paulo. Grâce à l'utilisation de différentes méthodes et techniques de recherche – Ethnographie et interviews – on a pour but à comprendre la sociabilité des varzealegresses dans l'espace de la vie quotidienne ou dans des événements extra-quotidiens. Quelques questions guident notre recherche : La première peut être résumée comme suit : Comment ces varzealegresses expérimentent le quotidien festif à São Paulo ? De quelle façon ils articulent, à travers des fêtes, la ville de Várzea Alegre avec la métropole de São Paulo ? Comme les fêtes sont un lien entre les temps et les espaces, car on a été déjà constaté que les retours à l'état du Ceará sont assez communs, en particulier aux temps festifs. Nous poursuivons le concept que la fête est « à l'intérieur » du migrant, beaucoup plus forte qu'à l'intérieur du Brésil en tant que mémoire. La fête migre, elle est constituante et se constitue dans l'expérience de la mobilité des varzealegresses. En outre, nous comprenons que ces fêtes, en gagnant connotation politique, servent de langage commun pour le groupe. Au-delà des signifiés de la fête dans la constitution des identités des varzealegresses, nous cherchons à mieux comprendre la façon par laquelle ils gèrent, dans leurs expériences migratoires, leur relation avec le passé. Les rapports qui servent de base pour le texte actuel sont le résultat des interviews avec les migrants, enregistrés numériquement, ainsi que l'observation sur le terrain où la recherche s'est développée, c'est-à-dire l'expérience de vivre avec eux dans la ville de São Paulo et de Várzea Alegre. Dans leurs récits, il y a une compréhension du passé, soit comme cruel, de souffrance ; soit comme idéalisé, presque romantisé. Ce sont des rapports dans lesquels sont fusionnés des sentiments de nostalgie, de tristesse et de joie.

Mots-clés : 1. Fêtes. 2. Migration. 3. Várzea Alegre. 4. Sociabilité.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Bandeira do município de Várzea Alegre, Ceará.....	78
Imagem 02, 03, 04, 05: Eventos que associam Várzea Alegre ao título de “Cidade mais feliz do Brasil”	81
Imagem 06: Construção (casa) “abandonada” construída por migrante em Várzea Alegre.....	103
Imagem 07: Políticos presentes à Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo – SP..	103
Imagem 08, 09: Quadrilha junina em Festa de São João na Vila Liviero – SP.....	128
Imagem 10: Festa Nordestina em São Paulo.....	128
Imagem 11,12: Carro apresenta problema na viagem à praia.....	129
Imagem 13 (mosaico): Abate do porco.....	143
Imagem 14: (mosaico): Almoço em família.....	175
Imagem 15: Igreja Matriz de São Raimundo Nonato, Várzea Alegre, 1918.....	180
Imagem 16: Fiéis conduzem o “pau da bandeira”, agosto de 2013.....	185
Imagem 17: Solenidade de abertura da Festa de São Raimundo Nonato, agosto de 2013.....	189
Imagem 18: Público visita “Barracão Cultural”, agosto de 2013.....	190
Imagem 19: Solenidade de lançamento da biografia do compositor Zé Clementino, Várzea Alegre, agosto de 2013.....	193
Figura 20: Segundo lançamento da biografia de Zé Clementino, Várzea Alegre, agosto de 2013.....	194
Imagem 21: Empresa Viação Varzealegrense.....	196
Imagem 22: Desembarque de varzealegrenses vindos de São Paulo, 1970.....	201
Imagem 23: Vereador de São Bernardo do Campo saúda varzealegrenses com banner na entrada da Festa dos migrantes.....	202
Imagem 24: Comitiva formada por autoridades de Várzea Alegre, embarcando no aeroporto de Juazeiro do Norte – CE, para a festa em São Bernardo do Campo – SP.....	222
Imagem 25, 26: Cantoria de pé-de-parede, Sítio Queixada, Várzea Alegre – CE.....	240
Imagem 27 (mosaico): Passeio dos jovens à cidade cearense de Juazeiro do Norte.....	256
Imagem 28 (mosaico): Passeio dos jovens à Chapada do Araripe, Crato – CE.....	259
Imagem 29: Meninos “provocam” as meninas com imagem ousada.....	262
Imagem 30: Meninas reagem a provocação.....	
Imagem 31,32: Capas de CD’s do cantor cearense Toca do Vale.....	272
Imagem 33: Jovens se divertem no parque em São Bernardo do Campo – SP.....	270
Imagem 34: Jovens se divertem durante show na Estancia Alto da Serra, São Bernardo do Campo – SP, 2014.....	273

Imagem 35: Jovens se divertem durante show na Estancia Alto da Serra, São Bernardo do Campo – SP, 2015.....278

GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 01 – Calendário de festas anuais realizadas no município de Várzea Alegre, Ceará.....	71
Gráfico 01, 02: Distribuição das casas dos migrantes varzealegrenses no sítio Queixada, Várzea Alegre – CE e na Vila Liviero, em São Paulo – SP.....	148
Gráfico 03: Distribuição das casas na Vila Liviero - SP e relação de parentesco entre os seus moradores.....	273

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO A SER ANALISADO	25
DA CARPINTARIA TEÓRICA E METODOLÓGICA: problematização do objeto de estudo e metodologia	29
CAPÍTULO I – TODO TEMPO É TEMPO DE FESTA	37
1.1 Festa e migração	37
1.2 Festa e cotidiano	42
1.3 Festa e forró	49
1.4 Festa e religião	56
1.5 Festa e política.....	59
CAPÍTULO II – “MAS DIGA MOÇO DE ONDE VOCÊ É!?”	64
2.1 “Terra dos contrastes!”	65
2.2 “A cidade mais feliz do Brasil”	73
2.3 O migrar e o festejar através dos fios das redes	83
2.4 As festas como elemento de ligação entre tempos e espaços: Várzea Alegre e São Paulo	99
CAPÍTULO III – A FESTA VAI COM O MIGRANTE	111
3.1 A festa dos varzealegenses e São Bernardo do Campo	111
3.2 A arquitetura social da festa.....	121
3.3 As festas cotidianas dos migrantes varzealegenses	124
3.4 Sociabilidade e sociação migrante na viagem a praia	140
3.5 Vila Liviero: espaço das redes de parentesco do Sitio Queixada	149
3.6 O dia a dia na vila	156
CAPÍTULO IV – A FESTA VOLTA COM O MIGRANTE	166
4.1 A celebração da chegada.....	166
4.2 A viagem a Juazeiro do Norte	170
4.3 Os produtos para a festa – churrasco	172
4.3.1 Os preparativos para o abate do porco	174
4.4 Reunindo a família – o convite de última hora	176
4.4.1 A atração musical	178
4.5 A festa vizinha.....	179
4.6 A(s) festa(s) de agosto e são Raimundo.....	183

4.6.1 A festa de São Raimundo	188
4.6.2 A festa de agosto	192
4.6.3 O(s) dono(s) da(s) festa(s).....	198
4.7 A relação dos migrantes com as festas.....	201
CAPÍTULO V – FESTA, POLÍTICA E MÍDIA	208
5.1 Política na Festa dos varzelegrensenses em São Bernardo do Campo	208
5.2 “Aquele festa transformou-se num palanque político”.....	212
5.3 “Vocês também são importantes no processo eleitoral”: a construção de perfis políticos no espaço da festa	225
5.4 “A dor de vocês é a minha dor”: os discursos que conectam a política com a festa. 240	
CAPÍTULO VI – JUVENTUDE E SOCIABILIDADE: OS ELOS DE PERTENCIMENTO E O LAZER DOS FILHOS DE MIGRANTES ARTICULANDO A METRÓPOLE E O SERTÃO. (UM RELATO ETNOGRÁFICO).....	247
6.1 No balneário	250
6.2 Na cantoria	255
6.3 “Se eu pudesse, eu comprava uma floresta daquelas pra mim”	260
6.4 A maioridade e a iniciação sexual como parte do ritual de passagem.....	263
6.5 O passeio à chácara em São Bernardo do Campo	267
6.6 Sexta sertaneja na estância alto da serra – SBC.....	276
6.7 “Arraial dos Leandros – 2015”	280
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	291
REFERÊNCIAS.....	295

INTRODUÇÃO

Do artesanato intelectual¹ à condição de migrante

“Jurani, tu quer ir mesmo? Tem certeza de que tu quer ir embora?”²

“Tu vem pra festa de agosto?”³

“E lá tem muita festa?”⁴

Devo tecer alguns comentários sobre esse texto. Ele não está tomado somente pela objetividade de um pesquisador pretensamente neutro. Mesmo que eu quisesse, e que para isso acionasse todas as minhas forças, não tenho dúvidas de que isso seria um esforço em vão. Esse sentimento de não neutralidade já foi registrado por diversos pesquisadores, especialmente no campo da antropologia, a exemplo de Rigamonte (2001), Prado (2007) e Magnani (2008), Carvalho Martins (2012). Não me sentiria confortável apresentar aqui uma análise feita de “fora e de longe” por um motivo simples: eu também estou permanentemente na condição de migrante. A mobilidade tem sido, desde o ano 2000, a própria condição da minha existência. E seguindo um costume comum entre os que, por diversas razões, deixam “suas terras”, eu estou sempre retornando, especialmente em momentos festivos como aniversários, batizados, casamentos, confraternizações e festas religiosas ou profanas.

Para além disso, eu também testemunhei, antes de migrar, a saída de muitos conterrâneos, parentes, familiares e amigos, que hoje são objetos dessa pesquisa. Foi realizando esse trabalho que tive a oportunidade de reencontrá-los depois de quinze, vinte, trinta anos. Foi no percurso entre Paraíba, São Paulo e Ceará que pude conhecer o dia a dia de muitos deles, seus espaços de moradia e sociabilidade. Foi o exercício etnográfico que me permitiu ver no presente as marcas do passado.

¹ A expressão faz referência ao texto “**A imaginação sociológica**” (MILLS, 1965) ao qual faremos menção à seguir.

²Esta foi a pergunta feita por meu pai, Francisco Aldo, em 2001, quando eu decidi sair do Ceará pra estudar em Campina Grande. Nenhum de meus seis irmãos havia migrado nem pra estudar nem pra trabalhar.

³Essa é uma pergunta corriqueira dirigida aos varzealegrenses que migraram. Pode ser feita por um parente amigo, ou por um conhecido e denota o período da festa - agosto - como momento de retorno dos ausentes.

⁴ A festa também está na curiosidade de quem não migrou. Mesmo que a razão da migração, como diria Sayad (2000), esteja no trabalho, as pessoas sempre querem saber se o lugar onde você vive, pra onde você migrou, tem muitas festas.

Cresci numa comunidade rural do interior do Estado do Ceará, Sítio Queixada, município de Várzea Alegre, cuja principal característica era a exportação de mão de obra para as mais diversas regiões do país. Lembro que meus dois padrinhos de batismo foram trabalhar em fazendas no Estado do Pará. Um deles contraiu malária e quase veio a falecer. Ainda criança, acompanhei a saída de meus tios para São Paulo, principal destino desses migrantes, e por muitos anos ouvi as histórias, quase sempre vitoriosas, desses “forasteiros” nessa desconhecida região. Histórias que geralmente estimulavam a curiosidade e conseqüentemente a ida de novos moradores rumo ao “sul” (FONTES, 2008). Foi nessa comunidade que aprendi a me familiarizar com as tristezas das despedidas e as alegrias dos reencontros.

Uma das formas de “encurtar” a distância entre os que ficavam e os que partiam e manter os laços entre eles, provocando ainda o desejo de partir dos que ficavam, ou seja, estimulando o processo migratório, eram as correspondências através de cartas. Canetas e papel eram o meio de comunicação. Não era algo simples, instantâneo. A comunicação seguindo esse modelo entre o Nordeste e o Sudeste demorava entre quinze, vinte dias, um mês para se efetivar. Havia também a comunicação via telefone, mas nesse caso ela tinha que ser feita a partir do uso de um telefone público de uso coletivo. Neste caso particular, o posto telefônico ficava em uma comunidade vizinha, a uns 6 km de distância. Era preciso também de um agendamento prévio entre emissor e receptor. Geralmente o final de semana. O problema é que o posto telefônico atendia a dezenas de outras comunidades vizinhas. E como os sábados ou domingo eram os dias em que a tarifa cobrada por uma ligação interurbana tinha o menor valor ou era o dia de folga do parente ausente, todo mundo agendava, para matar as saudades, nestes dois dias. Resultado: Confusão estabelecida. Havia filas. Conflitos. Desgaste. Esperava-se, às vezes sem sucesso, uma ligação por até doze horas.

Foi neste cenário que passei a imaginar a minha inserção no processo migratório. Parecia uma fatalidade ou um processo natural. Não tinha como nem para onde fugir. Ali, todos estavam, mais cedo ou mais tarde, condenados ou salvos pela mobilidade.

Era o sonho de uma “vida melhor”, quase sempre associada à melhores condições financeiras, econômicas (dinheiro, casa, carro) que colocava aquelas pessoas em mobilidade (MACIEL, 2012). No meu caso particular, ficava a imaginar como os meus pais, que nunca haviam deixado aquele pedaço de chão, ou seja, nasceram e permaneceram sempre naquele lugar, não tendo experimentado objetivamente a

migração, iam vivenciar a dor daquelas despedidas tão intensamente choradas pelos que ali permaneciam. Presenciei situações em que as despedidas mais pareciam velórios. Era como se aquele partir significasse um último contato. Um adeus para sempre. Como se nunca mais as famílias fossem ver seu parente. E de fato isso acontecia. Hoje com menos frequência, em função das facilidades na comunicação entre os que partem e os que ficam, mas há casos, como o que registramos no artigo escrito por nós (MENEZES E CLEMENTINO, 2014), onde por seis décadas o filho perdeu o contato com os pais. Esse distanciamento compulsório, digamos assim, geram expressões como: “eu nem sabia se ele tava vivo”.

E como numa sequência lógica de um roteiro de cinema, meu dia de migrar chegou. Um pouco tardiamente comparado aos garotos da minha época, mas provocando a mesma dor que abatia os demais. Acredito que essa demora em “deixar” a minha cidade se deu porque eu havia mantido relações profissionais que reforçavam a minha já consagrada relação familiar com o grupo local e me davam condições de permanecer ali por mais um tempo. Trabalhar me fez retardar um pouco a minha saída em busca de trabalho. Vou resumir um pouco dessa história para que o leitor perceba que é impossível ser totalmente objetivo nesse meu trabalho.

Em 1999, fui professor de um Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e conheci uma simpática senhora que foi oferecer um curso de capacitação pra gente na cidade de Várzea Alegre - CE. Tratava-se da professora Aparecida Albuquerque, ou Cida, como gosta de ser chamada. No desenrolar da aula, ela pediu que todos os alunos - num total de dezoito professores - fizessem/elaborassem uma redação sobre um tema bastante comum na época - Os 500 anos do Brasil. Depois que todos cumpriram com a atividade, ela passou a corrigir os textos. Ao se deparar com a redação de uma pessoa de nome Jurani, perguntou imediatamente quem era. Disse que havia gostado do texto e perguntou-me se eu já tinha feito faculdade. Surpreso, respondi que não, mas que estava terminando o Ensino Médio.

Lembro que ela perguntou que curso eu gostaria de fazer. Eu respondi que gostava muito de escrever e que desejava fazer jornalismo, mas como na minha cidade não tinha faculdade e na cidade próxima - Crato - só tinha bacharelado em economia e Direito, ia me formar em advocacia. Daí ela me olhou e disse: "Nada disso, você vai fazer jornalismo em Campina Grande". Tomei um susto, nunca havia visto aquela mulher antes. Não sabia onde ficava Campina Grande. Não conhecia ninguém. E o pior,

tinha apenas dois dias para decidir e dar uma resposta. Este foi meu primeiro desespero. Eu queria muito fazer esse curso que ela me propôs. Falei pra meus pais sobre a proposta e eles também não entenderam muito bem. Ficaram mais angustiados que eu. Resolvi tomar a decisão sozinho. Disse que topava, mas não sabia ao certo o que ia acontecer. Perguntei sobre a cidade e sobre o processo de seleção. Ela me falou que era funcionária da universidade (UEPB) e que conseguia me inscrever de graça, bastava que eu preparasse uma procuração autorizando-a a fazer minha inscrição.

Providenciei toda a documentação e a entreguei. Ela me inscreveu no vestibular, me enviou - pelos correios - o manual do candidato com a certeza de que eu seria aprovado. Resolvi me dedicar. Ia pra escola pela manhã e à tarde focava nos estudos. Em casa mesmo. Nada de cursinho, nada de aulão. No dia da prova, ela disse que ia estar em Campina e que eu podia, ao invés de me hospedar em hotel ou pousada, ficar na casa dela. Como se não bastasse, buscou-me na rodoviária, me levou pra casa e no dia da prova, coincidentemente, estava trabalhando como fiscal de sala num prédio vizinho ao que eu fiz a minha prova. Depois de três longos dias de avaliação, retornei pra casa e esperei o resultado. O único contato meu era ela, então ficou combinado dela ver a publicação do resultado no jornal ou a relação lá na Comissão organizadora do processo seletivo (COMVEST).

No dia marcado para divulgar a primeira listagem dos aprovados, liguei e meu nome não constava entre os aprovados. Eu sabia que não seria fácil. O curso de jornalismo teve uma concorrência de 15 candidatos pra uma vaga. Saiu a segunda listagem e nada. Eu fiquei muito triste, achei que não tinha mais jeito. Então fiquei esperando aquela relação do pessoal que é remanejado e dos alunos que ficaram na lista de espera. Eu ainda acreditava que fosse dar certo.

Eis que surge outro problema: no dia que saiu a relação com o nome destes alunos remanejados, ela - a professora - não estava em Campina Grande. Sem contar que a relação seria divulgada numa sexta-feira e o candidato tinha que estar em Campina Grande dois dias depois - na segunda-feira. Procurei uma maneira de descobrir se meu nome constava nessa lista. A comunidade rural em que eu morava não tinha telefone público - orelhão. Na época pra entrar em contato com alguém era preciso percorrer sete quilômetros a cavalo ou de bicicleta - motos e carros não eram tão populares - e se dirigir até uma comunidade vizinha. Então eu peguei a bicicleta de meu irmão e fui até o orelhão.

Chegando lá, comprei uma ficha⁵ e liguei para o número da Comvest. Perguntei se havia saído a lista dos remanejados etc. A moça que me atendeu disse que sim. A relação estava disponível no *hall* do prédio e as pessoas interessadas deviam se dirigir até o local. Daí eu perguntei se ela não podia ver se meu nome constava na relação. Ela disse que não. Teimoso, argumentei que não podia ir até o local onde ela estava por estar há uns 600 km de distância e perguntei se ela não podia fazer isso por mim. Relutante e pouco compadecida com a minha situação, a funcionária pediu meu nome. Disse que eu ligasse depois e foi saber se meu nome constava na lista. Desliguei o telefone e quando retornei a ligação, Verônica, era esse o nome dela, falou: "olha seu nome tá na lista sim". Eu fiquei muito emocionado. Daí ela falou: "você precisa estar aqui segunda-feira". Esta segunda-feira era exatamente o dia 1º de abril - dia da mentira. A verdade que transformou a minha vida aconteceu, precisamente no dia da mentira.

Então fui, fiz minha matrícula e retornei no mesmo dia. Cheguei pela manhã e retornei à noite. Iniciava-se então outro grande dilema: onde e como morar em Campina Grande? Eu sentia que os meus pais torciam para que eu passasse no vestibular, mas acho que no fundo eles desejavam que eu não fosse aprovado, só para não me ver sair de casa. Ainda lembro como se fosse hoje: parecia que eu ia morrer. Um chororô danado. Meu pai é muito emotivo. Quem mais se manteve segura foi a minha mãe, que teve coragem de me ajudar a arrumar as malas. O legal é que a professora, aquela da capacitação em Várzea Alegre, que me convidou pra vir prestar vestibular na UEPB, disse que eu podia ficar na casa dela. Depois que eu me familiarizasse com a turma, conhecesse outras pessoas, etc., eu podia ver onde e com quem morar.

De fato eu vim morar na casa dela, mas no mesmo período ela estava se desligando de Campina Grande. Ela trabalhava em Guarabira, com Educação de Jovens e Adultos, coordenava um projeto da UEPB. Pouco tempo depois se desligou da universidade e foi morar em Fortaleza. Eu fiquei "administrando", de certa forma, a vida dela por Campina Grande. Servi como ponte até ela se desligar completamente da cidade. Resumindo, fiquei ao todo seis anos morando em sua casa. Nos dois primeiros anos ela não me cobrou nada. Quando comecei a estagiar, passei a pagar uma quantia a

⁵Muita gente não sabe exatamente do que se trata, mas consistia numa espécie de crédito que permitia a ligação entre um orelhão e outro telefone: residencial, público etc. Posteriormente as fichas foram substituídas pelos cartões telefônicos.

ela. Não que ela cobrasse ou que aquilo correspondesse a um aluguel, era um valor simbólico.

Para resumir esta história, pois muita água rolou desde aquele dia da redação sobre os quinhentos anos do Brasil, quero apenas esclarecer as condições que me foram postas para entrar no universo dos migrantes ou no contexto de mobilidade. Claro que, como todo migrante, eu enfrentei muitos desafios. Precisei da ajuda de muitas outras pessoas iguais aquela que me trouxe do Ceará. Mas as condições e o destino tomado por mim - estudar, e, não necessariamente, trabalhar - foram diferentes das que normalmente tomavam os meus familiares que moravam na mesma comunidade. Contudo, é bom salientar, ainda, que nem tudo foi tranquilidade e minha vida de migrante não se limitaria apenas a um único destino.

Poucos dias após a minha chegada à cidade de Campina Grande, a Universidade Estadual da Paraíba deu início a uma das maiores greves de sua história. O movimento teve início em setembro de 2001 e só iria terminar em meados do primeiro semestre de 2002. Inicialmente, permaneci por Campina na expectativa de que a paralização logo tivesse fim, mas com o passar do tempo o cenário se configurava para um movimento duradouro. Ao retornar para o Ceará, reencontrei tios e primos que estavam de férias e haviam retornado de São Paulo para rever os parentes e aproveitar em família as festividades do natal e passagem de ano. Sabendo da falta de perspectiva para o retorno das minhas aulas, uma tia, juntamente com o seu esposo, me convidaram para ir “tentar a vida em São Paulo”. Esta seria a minha segunda experiência migratória, dessa vez articulada pelas redes familiares, observadas por Eunice Durhan (1978) na clássica obra “A Caminho da Cidade” e guiada predominantemente pela necessidade de “arranjar um emprego”, ou seja, por finalidades eminentemente econômicas⁶, exploradas também no livro do Abdelmalek Sayad “A Imigração” (1998).

Minha “aventura” por São Paulo estava condicionada a uma série de condições. Entre elas, a principal consistia em “arrumar um bom emprego”, que me pagasse um bom salário e oferecesse condições de sobreviver e ajudar minha família. Inicialmente eu iria ficar morando na casa dessa minha tia e não precisaria pagar aluguel ou outras despesas como água, luz e até alimentação. Essa rede constituída por familiares de

⁶Cremilda Medina, no livro “*Forró na garoa*”, (1989) também reforça essa tese do trabalho - ou a busca por ele - como forma de mobilidade de pessoas, especialmente dos estados Nordestinos. “Para os migrantes nordestinos, São Paulo simboliza trabalho, oportunidade de um dia ter sua casa, saúde e estudo para os seus filhos” (MEDINA, 1989, p. 8).

primeiro grau também me auxiliaria na aquisição de um trabalho. Além disso, eu não iria custear a minha passagem, já que o marido de minha tia estava de carro e me oferecera uma carona. Bom, o fato é que migrei com destino a São Paulo em meado de janeiro de 2002.

Chegando lá, percebi que não havia levado comigo a Carteira de Trabalho e Previdência Social - CPTS⁷. Esse era um documento fundamental na hora de realizar os cadastros nas agências de emprego ou bater nas portas das empresas atrás de trabalho. Lembro-me, nitidamente, que fui encaminhado pelos próprios migrantes - familiares - a um desses centros de documentação chamado “Poupa Tempo”, situado em São Bernardo do Campo. Mas antes disso, um dos meus primos falou em tom de lamento: “Jurani, é uma pena que você não esteja com sua carteira de trabalho tirada lá no Ceará, porque ‘os cara’ aqui - referência aos empregadores - gostam quando tem na carteira que você é do Nordeste sabe?!”. Estranhei aquela observação e perguntei os motivos, mesmo desconfiando das razões. Então fui informado que a origem nordestina equivalia a uma mão-de-obra bastante responsável, dedicada e que não tinha preguiça. Eram trabalhadores que estavam ali para “dar duro sem reclamar”. Ou seja, a condição do nordestino, institucionalizada num documento oficial, “abria” portas de trabalho e “facilitava” a vida desse migrante em busca de emprego (MENEZES, 2014)⁸. Discursos geralmente consagrados pela mídia “(...) de que os nordestinos seriam os trabalhadores por excelência, aqueles que teriam erguido São Paulo, sem os quais não haveria Acre ou não haveria Brasília”. Albuquerque Junior (2007, p. 125).

O fato é que, depois de muita procura, consegui, através de um primo, encontrar um trabalho numa empresa metalúrgica⁹ próximo a São Bernardo do Campo. Não era muito longe de casa, ficava a algumas quadras e, por isso, não era necessário gastar com transporte. Eu podia ir e voltar a pé, mesmo sendo à noite. Trabalhava operando uma máquina que cortava barras de ferro e fabricava pequenas peças automotivas que eram depois encaminhadas à Volkswagen do Brasil. Durante três meses acompanhei a rotina

⁷ O tempo foi capaz de me mostrar que aquela viagem a São Paulo, com o pretense desejo de arrumar emprego, não passou de uma oportunidade de lazer, um passeio. O fato de não ter levado comigo a CPTS, evidenciava o meu descompromisso com o trabalho ou o desejo de ser mais um operário na metrópole. O que me interessava era voltar pra Campina Grande e concluir minha faculdade.

⁸ Sobre essa valorização da mão-de-obra nordestina, ver artigo de Menezes (ABA, Natal, 2014) intitulado “**Memórias de migrantes do Sertão Paraibano na região do ABC Paulista: narrando sobre trabalho e família**”, que aborda, entre outras questões, as experiências de dois migrantes do sertão paraibano em seus processos migratórios, relações de trabalho, e família.

⁹ Tratava-se da METALURGICA MONTISANTI LTDA. Esta empresa ficava situada na mesma vila que eu estava habitando: Vila Liviero. Há pouco mais de cinco anos essa empresa declarou falência.

daqueles trabalhadores na condição de um deles. Entrava às duas da tarde e saía às dez da noite. Durante esse breve período em São Paulo observei ainda que um fato recorrente entre os varzealegrenses, quando estes estão fora de sua terra natal, é o uso recorrente da expressão: “Eita Várzea Alegre boa, só é longe!!”. Além da verbalização da frase, como forma de dizer que sente saudades da terra natal, é comum fixar adesivos nos carros destes migrantes estampando essa expressão. A cidade de origem aparece como um lugar ideal para viver, enquanto estes “Filhos-ausentes” (PIRES, 2013) vão tocando a vida e encarando os desafios, as frustrações e desenganos oferecidos pela cidade grande. Analisaremos melhor o sentido da expressão “Eita Várzea Alegre Boa, só é longe”, no capítulo 2 da tese.

Foi isso que encontrei por lá. Frustrando as minhas expectativas de migrante que desejava um bom salário - desejava mudar de vida. A metalúrgica pagava muito mal e tinha um alto índice de acidentes de trabalho. Vi vários colegas meus perderem dedos enquanto operavam as máquinas e aquilo me assustava. O medo de sofrer um acidente alimentava em mim o sonho de concluir o meu ensino superior. E passei a acompanhar diariamente pelos meios de comunicação, especialmente a TV, e através de contatos telefônicos com colegas em Campina Grande, o desenrolar da paralização na Paraíba. Terminada a greve, informei ao meu encarregado na empresa e a minha família que iria retornar. Retomei os estudos e concluí a minha faculdade de Comunicação Social na UEPB, em agosto de 2005.

Fiz essa retrospectiva para situar o leitor nessa relação de proximidade entre o pesquisador e um dos temas dessa pesquisa, a migração dos varzealegrenses para a região metropolitana de São Paulo. Mas não é somente isso que nos conduz à realização desse trabalho. Como foi possível observar nas frases que abrem essa introdução, “você tem certeza que quer ir?” e depois “você vem pra festa de agosto?” e finalmente “E lá tem muita festa?”, foram as expressões, todas elas interrogativas, que marcaram de certa forma essa saída de casa. E isso parece comum no contexto dos deslocamentos: primeiro, se o migrante tem realmente certeza do que está fazendo, depois, se retorna em tempo de festa e, ainda, se onde ele mora é um lugar animado, festivo. Portanto, além da migração como tema mais geral, outro objeto que vai nortear a nossa investigação aqui são as festas. Esse é um tema explorado por diversos autores nos campos da sociologia e antropologia como Chianca (2006, 2013), Andrade Lima

(2008), Rigamonte (2001), Pires (2013), Prado (2007), Dumazedier (1976), Magnani (2003) e Caldeira (1984), entre outros.

A proposta desse texto é entender e refletir sobre as representações e práticas sociais de um grupo de migrantes, oriundos de uma cidade cearense, Várzea Alegre, sobre as festas. Escolhemos a festa por ser esse um espaço privilegiado de sociabilidade, de reciprocidade dos indivíduos, bem como de coletividades. As festas, de uma maneira geral, têm sido pouco exploradas nos estudos referentes à migração.

Eles aparecem como objeto de estudo quase sempre de maneira tímida, perdidos em poucas páginas de longas teses de sociólogos, antropólogos e historiadores, como nos mostra Andrade Lima (2008) em sua pesquisa sobre o São João de Campina Grande; Dumazedier (1976), ao analisar o lazer na sociedade capitalista; Magnani (2003), que procura compreender a cultura popular e o lazer na cidade; Rigamonte (2001), que analisa a presença da cultura nordestina na cidade, Caldeira (1984)¹⁰ e Baptista (2003), com estudos realizados nas periferias de São Paulo. Encontramos ainda a festa dos migrantes em São Paulo, especialmente o forró em Paes (2009), os retornos em tempos de festas em Pires (2013), em Silva (2000) e em Menezes, et al. (1990). Em nenhum deles a festa dos migrantes é entendida como parte constitutiva do indivíduo, ou seja, não está claro que a festa vai com ele. Sobre isso há indicações no trabalho de Chianca (2006), que analisa a organização das festas juninas na cidade de Natal, Rio Grande do Norte.

Além desse lapso no debate sobre o tema, insisto ainda nas memórias afetivas que guardo comigo. As famosas festas que traziam os migrantes de volta à minha cidade. Era pela “mão invisível” das festas populares que cada um retornava, ostentando as conquistas desse mundo distante. Quando não voltavam para as festas mais tradicionais como as do padroeiro, São João, Natal e Ano Novo, voltavam para dar uma festa de casamento, aniversário, batizado, churrascos, confraternizações, etc. O retorno era sempre marcado pela festividade¹¹. Foi presenciando esse ausentar e os retornos para

¹⁰ Referência importante para pensar o “desprezo” pelos estudos sobre o tempo do “não trabalho”, especialmente no contexto brasileiro. A tese da antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira (1984) retrata o cotidiano dos moradores de um bairro periférico de São Paulo e explica como eles concebem a sociedade em que vivem: “Embora frequentemente desprezada, a vivência do ‘tempo livre’ não é, de modo algum, destituída de importância nem para as pessoas e os grupos sociais, nem para a vida em sociedade. Aí se adquire um nome, uma identidade e um papel social, se aprende a vivê-los e se vive de acordo com eles” (CALDEIRA, 1984, p.118).

¹¹Rigamonte (2001, p. 225) analisa os migrantes baianos em dois momentos: o primeiro em São Paulo, Praça Silvio Romero - lugar de encontro desse público, desembarque de novos trabalhadores e de envio

as festas que vivi grande parte dos meus dias. Mas o objetivo maior nesse texto é compreender o sentido dos eventos festivos de um grupo de migrantes cearenses que mora em São Paulo, mais especificamente na região sul do Estado, na já mencionada Vila Liviero. Pretendemos também defender aqui a categoria festa enquanto elemento constitutivo do indivíduo. O migrante carrega consigo a festa. E assim ele vai atribuindo sentidos e valores nesse viver festivo, cotidianamente. Naturalmente que as perguntas que abrem essa introdução já podem denotar a forma como esse tema/objeto de pesquisa chegou até mim. Mas, a seguir procuro expor, de maneira mais clara e objetiva, como e em que condições as questões dessa pesquisa surgiram¹².

de mercadoria para o sertão - e posteriormente numa festa de São João na cidade de origem desses migrantes e constata: “Vários conhecidos de São Paulo foram encontrados na festa. Moças, rapazes, solteiros, casados, enfim, uma infinidade de pessoas que veio para Piripá”.

¹² Boa parte do texto dessa introdução foi escrito numa moderna condição de mobilidade durante uma de minhas viagens a campo, enquanto esperava um voo no Aeroporto Internacional Maestro Tom Jobim (Galeão). Rio de Janeiro, madrugada do dia 29 de novembro de 2013.

CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO A SER ANALISADO

“Vem pra cá que tem um churrasco na laje”.

Se os deslocamentos e os retornos em tempos de festa me chamaram a atenção, enquanto um acontecimento visto e vivenciado ao longo da minha vida, o cotidiano desses migrantes no destino, ou seja, nos seus lugares de moradia, também me causaram espanto por vários motivos, mas especialmente pela relação estabelecida entre as memórias da origem que são acionadas especialmente em momentos de festas: churrascos, confraternizações, aniversários, casamentos, etc. E posso dizer que presenciei isso com migrantes, especialmente paraibanos, que moram no Rio de Janeiro, conforme descrição a seguir.

Em outubro do ano 2010 eu estava no Rio de Janeiro e participava de um Programa de Cooperação Acadêmica - CAPES/PROCAD - entre a Universidade Estadual da Paraíba e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lembro-me que era final de uma tarde de quarta-feira, havia deixado a Zona Norte - Ilha do Fundão - e me dirigia para a Zona Oeste - Barra da Tijuca - quando, ao atravessar um túnel - depois descobri que era Túnel Dois Irmãos, que liga os bairros do Leblon a São Conrado - tomei um susto com o que vi do outro lado. Era uma imagem que me remetia a uma feira, um mercado, uma grande festa. Somente em ocasiões assim tinha visto tanta gente junto em constante movimento, formando uma espécie de frenesi. Imediatamente associei ao São João de Campina Grande. Do espanto imediato, surgiu a curiosidade. Que lugar era aquele? Quem eram aquelas pessoas? Pra onde iam? O que pensavam? Como viviam naquele espaço, aparentemente apertado? Eu queria conhecer aquele local, mesmo sem saber o que era exatamente aquilo. Perguntei para uma senhora sentada ao meu lado que me disse em sotaque bem carioca: “Ah você não é daqui? Essa é a Favela da Rocinha”.

Enquanto o ônibus seguia, meus olhos não se desgrudavam do morro. Eu tinha sido tomado por aquelas formas “disformes” de moradia, por aquelas pessoas desconhecidas, por aquele lugar tão densamente povoado e com vida aparentemente agitada. Eu tinha um novo desafio em terras cariocas: conhecer e viver o cotidiano da Favela da Rocinha. Embora em 2010 as forças policiais já estivessem presentes em algumas “comunidades” do Rio de Janeiro, especialmente da zona sul, através da

implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), a Rocinha ainda não tinha passado por esse processo de “pacificação”. O domínio daquele espaço estava sob a responsabilidade dos líderes do tráfico de drogas. Não se podia ou não era recomendado a ninguém passear pela favela sem a companhia de um morador ou de uma pessoa já conhecida na área. Isso podia despertar a desconfiança das lideranças locais - os traficantes - e colocar em perigo a vida do aventureiro urbano.

Mas como conhecer um morador da Rocinha? Como estabelecer contato com um daqueles nativos? Eu acabara de chegar na “Cidade Maravilhosa”. Havia me hospedado na Barra da Tijuca e tinha “descoberto” aquela favela por “acidente”. Tudo parecia muito difícil pra mim. Foi então que me veio à cabeça uma ideia um tanto quanto absurda: lembrei que um primo meu, morador do município de Esperança – PB, tinha um amigo que residia numa favela do Rio de Janeiro. Ora, mas o Rio de Janeiro tem quase oitocentas favelas. Muito dificilmente esse “amigo de meu primo” iria morar naquela favela que eu pretendia conhecer. Bem, de todo modo resolvi contactar esse primo e pedir para que ele entrasse em contato com o amigo morador do Rio. Sugeri que perguntasse onde ele morava exatamente - bairro, favela, rua, etc. - e falasse da minha estada no Rio e do interesse em visitá-lo. No mesmo dia recebo a seguinte ligação:

- “Jurani, falei com Petrônio, ele mora na Rocinha e disse que vai agendar com você pra tu ir lá”.

Uma semana depois eu estava na garupa de uma moto, subindo e descendo as ruas, becos e vielas da Favela da Rocinha. Também conheci o topo da comunidade e os espaços onde havia a troca de comando: os bandidos que mantinham a “segurança” durante o dia, cedem para outra equipe que vai fazer o mesmo trabalho durante a noite. Como uma sociedade organizada, a Rocinha era “administrada” pelos líderes do tráfico. Orientado para que não fotografasse, nem encarasse os “homens armados”, pude ver, tanto no topo, quanto na base da comunidade, dezenas de “traficantes” com os mais variados tipos de armas. A Rocinha me provocava um espanto atrás do outro. Eu estava, ao mesmo tempo que assustado, bastante interessado por tudo aquilo. Embora eu ainda não soubesse ao certo o que queria de fato.

Depois desse encontro inicial, passei a ir à favela com certa frequência. Todos os finais de semana eu marcava presença no topo da favela, participando de um famoso “churrasco na laje” com um grupo de migrantes, em sua maioria, paraibanos e

cearenses. Era apresentado como um “amigo do norte” que estava no Rio para estudar. Em seguida, eu mesmo resolvia interagir com o grupo, falando que era cearense, mas que residia em Campina Grande na Paraíba. Dessa forma fui sendo aceito pelo grupo, havia a sensação de proximidade - entre ele e eu - em função da nossa origem nordestina. Assim, através de uma rede formada por amigos de amigos, conheci e vivenciei o cotidiano daqueles moradores. Entre as estratégias utilizadas por eles para ocupar o tempo - ordinário ou extraordinário - estão: o trabalho, que é a condição de existência do migrante (SAYAD, 2000), aniversários, chás-de-bebê, almoços em família, idas à praia, etc. Assustava-me o fato deles não viverem o cotidiano festivo e cultural da cidade do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, me espantava a relação, quase umbilical, de suas festas com a região de origem do grupo: as conversas giravam em torno de um passado vivido na origem, as músicas que animavam as festas¹³ - geralmente forrós - faziam referência ao seu Estado ou região de origem, as comidas, enfim. Na compreensão de Sayad (2000, p. 18) seria uma dupla e contraditória condição que envolvia esse migrante: ausente onde está presente e presente onde está ausente. Duplamente presente – efetivamente aqui e ficticiamente lá; e duplamente ausente – ficticiamente aqui e efetivamente lá. Essa mesma situação observei, por cerca de três vezes, frequentando e acompanhando as alternativas culturais oferecidas pela tradicional Feira de São Cristóvão.

Enfim, foi observando esse cotidiano que decidi analisar o sentido que a festa tem para esses migrantes. Como eles vivem o tempo do não trabalho, que não é apenas o tempo das férias regulares, anuais, mas o tempo que separa as atividades do dia, da semana, do mês, ou seja, o tempo cotidiano. De que forma lidam com as lembranças do passado vivenciado com seus familiares em Várzea Alegre. Que relações estabelecem entre os locais onde moram, no caso, São Bernardo do Campo e Vila Liviero, em São Paulo as lembranças do passado vivenciado na sua terra de origem na construção das identidades.

¹³ Sobre as músicas que animam as festas dos migrantes, especialmente de origem nordestina, Rigamonte (2001, p. 58) afirma: “A música do nordeste é bastante popular, e, na metrópole, o jeito nordestino de fruir essa linguagem acaba por misturar gostos diferenciados, criando um *ethos* musical que tenta abranger e mesclar várias preferências nacionais”. Essa mistura e/ou adaptação de seu estilo aos elementos encontrados no destino são percebidos por (MIRA, 1993, p.24): “O migrante não se situa numa suposta ‘marginalidade cultural’, mas toma parte ativa da cultura urbana industrial. Enquanto público popular, é portador de gostos de expectativas que a indústria procura responder. Enquanto (tele)espectador moderno, adere à sofisticação audiovisual dos meios eletrônicos. Como sujeito de uma coletividade particular, pode, por vezes, adaptar esses meios de uso social que a própria vivência lhe pede”.

Foi essa experiência na Favela da Rocinha que me inspirou a proposta de pesquisa com migrações e festas no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande - PPGCS/UFCG. Foi ela que defendi no processo de seleção enquanto proposta de trabalho. Mas, após ter sido aprovado no programa, decidimos manter a ideia de pesquisa. No entanto sentimos a necessidade de transferir o locus empírico da pesquisa da Favela da Rocinha (RJ) para um bairro popular, com características semelhantes, chamado de Vila Liviero (SP). As razões para tal mudança se deram em função da minha relação com o grupo, da trajetória de pesquisa do meu orientador com a região sul do estado de São Paulo - ABC paulista - e a facilidade de acesso aos grupos analisados, visto que em São Paulo trata-se de um grupo formado por parentes meus, tios, primos e amigos, com os quais já convivi, conforme relatado no tópico anterior. Além do mais, nesse mesmo período (2010) estive nessa mesma região e identifiquei muita semelhança entre esse cotidiano dos moradores da Rocinha com os da Vila Liviero.

DA CARPINTARIA TEÓRICA E METODOLÓGICA: problematização do objeto de estudo e metodologia

As considerações feitas acima sobre a minha formação e a respeito do objeto de análise que procuro entender - migração e festas - exigem um esforço metodológico e um aporte teórico que deem base para as discussões. As longas viagens entre Campina Grande e São Paulo e Campina Grande e Várzea Alegre, Ceará, faziam-me refletir sobre os sábios conselhos de minha orientadora para com os desafios do trabalho de campo. Eu exercitava uma autovigilância contínua. Para além de ser um membro daquele grupo familiar, eu possuía, acima de tudo, uma identidade profissional. Como bem lembrou Prado (2007), na pesquisa sobre as festas na estrutura social camponesa realizada no Estado do Maranhão em meados dos anos 1970, também ao recordar os ensinamentos da sua orientadora, eu deveria estar consciente de que o pesquisador antropólogo é uma espécie de cientista social que pouco sabe. Nesse momento o mais importante é ouvir e observar. “O antropólogo pesquisador é antes de tudo um despojado que leva em sua bagagem a paciência de ouvir e a constância de observar” (PRADO, 2007, p.43).

Somado a isso, esse pesquisador precisa elaborar um texto que apresente coerência entre as observações registradas em campo e as leituras feitas na solidão de seu escritório. O resultado desse exercício é, muitas vezes, um texto técnico, denso e de difícil compreensão. Foi isso que encontrei em muitos autores, custosamente lidos ao longo desse processo. Não achei interessante desafiar meu leitor num texto complicado. Nem sei se teria capacidade para isso. Fui mais uma vez consultar a minha orientadora e tive a grata surpresa de que eu poderia exercitar um texto mais leve. “Você tem que escrever sua tese com a linguagem que você escreveu seu livro” - numa referência à biografia do compositor cearense Zé Clementino, publicada pela Editora da UEPB em 2013. Ousarei citar trechos desse trabalho ao longo da tese, já que a história do biografado muitas vezes é confundida com a história de Várzea Alegre. Mills (1965) já havia sinalizado para uma forma de escrever que contemplasse uma linguagem simples e clara, na medida em que o assunto e os pensamentos o permitam. Ele mesmo reconhecia que isso não era comum nas Ciências Sociais. A isso atribuiu, inclusive, essa necessidade das ciências sociais desejarem se aproximar da ciência física. Existia ainda um certo temor desse “homem acadêmico” em ser chamado de “simples jornalista” ou condenado a “simples literato” em função da sua forma de escrever.

O homem acadêmico na América está procurando levar uma vida intelectual séria num contexto social que, com frequência parece contrária a ela. Seu prestígio deve compensar muitos dos valores predominantes que sacrificou ao escolher a carreira acadêmica. Seu desejo de prestígio torna-se dependente de sua auto-imagem como “cientista”. Ser chamado de “mero jornalista” faz com que se sinta indigno e superficial. É esta situação, creio, a razão do vocabulário complicado e da forma prolixa de escrever e falar (MILLS 1965, p.234).

Como para mim “ser chamado de jornalista” não faz a mínima diferença, pois sou jornalista profissional e tenho uma tendência a aproximar o meu texto ao máximo da literatura, qualquer uma das duas “condenações” soaria para mim como elogio. É seguindo as observações de (MILLS, 1965), que esse texto tenta superar a *prosa* acadêmica, acreditando que, antes de tudo, é preciso superar a *pose* acadêmica. Escrevemos, pretendendo a atenção dos leitores e perseguindo o *status* suficiente para sermos lidos. Reconhecendo as diferenças entre os textos jornalístico/literário e científico/etnográfico.

Todavia também reconhecemos os desafios da arte de escrever e de interpretar o que foi escrito por outros. A necessidade de assumir uma postura crítica diante do texto. Essa disciplina intelectual é um trabalho árduo, o qual exige um cuidado que nem sempre somos capazes de ter. Algo que só se consegue na prática diária, como aponta Freire (1982, p. 10).

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa do sujeito e não do objeto. Dessa maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim a sua atitude crítica em face dele.

É reconhecendo a importância e o papel do orientador nesse processo, percebendo os desafios da linguagem e a necessidade de uma atitude crítica diante do ato de fazer pesquisa que seguimos o nosso intuito. Nesse sentido, afirmamos desde já que a festa, enquanto um “fato social total”, nos termos de Marcel Mauss (1974), tem sido pouco estudada, principalmente quando se trata de perceber os elos de pertencimento que perpassam a mobilidade das pessoas e que resultam em atos festivos.

Existe uma discussão clássica nas análises sobre migração que versa sobre uma espécie de desenraizamento. Muitas desconsideram que as pessoas se constituem e constroem identidades nessas redes. Essas redes formam círculos que compõem as

mobilidades. Nossa análise procura perceber isso a partir das experiências vividas no cotidiano desses migrantes; das estratégias de diversão do fim de semana; das idas à praia ou ao clube; dos retornos em tempos de festa, etc. Uma das expressões dessas possibilidades de entretenimento são as práticas de sociabilidade, tanto as cotidianas quanto as cíclicas, como as festas do ciclo de vida - nascimento, batizados, aniversários, casamentos - bem como as que demarcam tempos e espaço sociais do grupo, como as festas religiosas de determinados grupos de migrantes.

Buscamos ainda trabalhar com a metodologia da história oral, tendo por base os depoimentos dos informantes aqui analisados. Entendemos a narrativa como um texto produzido pelo trabalho da memória (HALBWACHS, 1990; BOSI, 1987; POLLAK, 1992), na qual falar sobre o passado é revisitá-lo a partir do que o indivíduo é no presente. A memória, sendo uma releitura do passado a partir do presente, é marcada pela posição social do sujeito que narra e por suas percepções sobre a própria vida. Assim, o indivíduo, ao falar sobre sua vida, está construindo uma imagem para si mesmo e para os outros, que podem ser a família, o pesquisador ou outros membros de suas redes de relação. Assim, narrar o passado é mobilizar símbolos identitários, como nos ensina Pollak (1992, p. 204):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A relação entre o ato de narrar e a construção de identidades é analisada por Silva e Menezes (1999) em um artigo sobre as narrativas dos migrantes temporários. As autoras se fundamentam em Walter Benjamin (1987), que compara a arte de narrar à arte do trabalho artesanal, em que não há separação entre produtor e produto do trabalho. A narrativa diz respeito às mãos, aos olhos e à alma. O migrante, ao mobilizar as narrativas sobre o passado, está escrevendo um texto com suas mãos, olhos e alma, ou seja, trata-se de uma narrativa em que se imprime a experiência prática da vida, as percepções e seus sentimentos. Benjamin distingue dois conceitos para compreender as transformações da narrativa na modernidade: “experiência e vivência”. *Experiência* é o conhecimento acumulado, que se prolonga no tempo, como em uma viagem. *Vivência* é a impressão forte que precisa ser assimilada às pressas e possui efeitos imediatos.

Silva e Menezes se referem ainda a dois tipos de narrativas: as que são manifestas em palavras e as que são invisibilizadas na oralidade ou na linguagem escrita, mas são vivenciadas por meio do silêncio. Os combatentes de guerra geralmente preferem o silêncio. Isso não significa que eles não tenham nada para contar. Na verdade eles mantêm o silêncio sobre os horrores vividos: “Silêncio entendido não como forma de esquecimento, mas como um ato de resistência. Estas pessoas estariam se resguardando de outros possíveis sofrimentos e constrangimentos.” (SILVA; MENEZES, 1999, p. 7).

O silêncio é compreendido por Pollak (1989) como “memória envergonhada”. Ele relata sobre os significados do silêncio entre as pessoas que vivenciaram trauma de guerra: “Relatar as condições degradantes seria humilhar-se e ferir a dignidade pessoal perante a família e a comunidade. Essa memória não se exterioriza.” (POLLAK, 1989, p. 8).

Neste trabalho privilegiamos a articulação entre as redes sociais e as práticas de sociabilidade, através dos chamados tempos extraordinários, que fogem ao tempo ordinário do trabalho cotidiano. Utilizaremos como material empírico a observação etnográfica, bem como algumas entrevistas semi-estruturadas. Perseguimos a festa - ou o ato de festejar - enquanto ponto ritual que adensa essa rede, essa sociabilidade, esse pertencimento que culmina no processo de construção de identidade. É interessante notar que essas construções de identidades, redes, se dão em relações simétricas - entre iguais - e assimétricas - que constitui em relações de poder. Não poderíamos deixar de destacar como a festa é perpassada por esse lugar de identidade, mas também de permanente construção de relação de poder. Isso pode ser melhor compreendido nos discursos sobre a Festa dos Varzealegenses¹⁴, realizada em São Bernardo do Campo e na própria classificação de Várzea Alegre como cidade “festeira” ou “cidade mais alegre do Brasil”. Sobre essas festas e expressões ver capítulo 2.

A reciprocidade, como dádiva, como troca e como reatualização dos laços de pertencimento - São Bernardo e Várzea Alegre recebem o título de cidades co-irmãs - é uma forma social de tecer esses laços sociais ou reforçando os laços de proximidade, ao mesmo tempo também em que pode ser compreendida enquanto estratégia/discurso político. Os capítulos 3 e 5 vão discutir isso. Outros elementos podem ser observados na

¹⁴ Refere-se àquele migrante nascido no município cearense de Várzea Alegre, distante 447 km da capital Fortaleza.

própria criação de uma Associação Beneficente que organiza a Festa desses varzealegrenses, uma vez que seus membros estão em condições de poder - situações de prestígio, status -, posição que podem lhes angariar algumas vantagens, já que percebemos uma visível relação destes com a política (ou com os agentes políticos) dos dois municípios em questão.

Grande parte do material aqui apresentado resultou de minhas idas a campo entre os anos de 2012 a 2015. Esse trabalho de campo incluiu a observação participante nas festas e no cotidiano dos moradores/interlocutores aqui analisados. Foram observações feitas em dois espaços geográficos distintos e em momentos diferentes: O primeiro, no estado de São Paulo - Vila Liviero - e São Bernardo do Campo - região do grande ABC paulista -, em dezembro de 2012; entre 28 de novembro e 04 de dezembro de 2013 e entre os dias 11 e 20 de outubro de 2014. Nesse período de tempo pude acompanhar a realização de churrascos na laje, participei de festas de aniversário, de uma viagem à praia junto com o grupo migrante, de três edições da Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo. No Estado do Ceará, mais especificamente no município de Várzea Alegre, entre os dias 14 de dezembro de 2013 e 12 de janeiro de 2014, estive acompanhando parte do grupo migrante numa viagem de férias à sua terra natal.

Em todos esses momentos foram realizadas observações diretas, anotadas no caderno de campo, além de conversas informais cotidianas. Entrevistas também foram gravadas. Irei intercalar os períodos de análise diluídos ao longo de todo o texto, podendo alguns capítulos possuírem mais conteúdos empíricos, resultado da pesquisa de campo, enquanto outros podem se aproximar de revisões de conceitos e categorias teóricas. Nessa circulação espacial (PB/CE/SP) e certamente por estar estudando um grupo do qual faço parte - os informantes são tios(as), primos(as), amigos(as), afilhados, comadres e compadres, amigos de infância, etc - muitas das relações que já eram próximas se estreitaram¹⁵.

Exploramos ainda alguns blogs como “Memória varzealegrense” e “Tempo de crescer” como fonte de pesquisa e fornecedores de um rico material fotográfico sobre o

¹⁵ Para assegurar a privacidade do grupo, todos os nossos informantes receberam pseudônimos. Substituímos os nomes próprios por nomes de comunidades (sítios e distritos), uma forma de homenagear o município de Várzea Alegre.

meu tema. Também usarei como material de análise, relatos contidos no filme documentário “Peões” do cineasta Eduardo Coutinho, que traz entre os seus entrevistados, varzealegrenses que trabalharam como metalúrgicos em São Bernardo do Campo. Assim, através desse sentimento de pertencimento, essas redes sociais vão conectando pessoas e possibilitando sua mobilidade e sua proximidade. A tese está subdividida em seis capítulos, além dessa introdução e das considerações finais que pretendem colocar uma pausa no assunto, mesmo sem encerrá-lo.

No *Capítulo I* – Procuramos apresentar a concepção sobre festa enquanto categoria teórica e como objeto de análise nas ciências sociais, especificamente na antropologia e na sociologia. Perseguimos o debate para entender quais as razões, os motivos e os sentidos do festejar, especialmente nas comunidades de migrantes. Dedicamos parte da discussão em apresentar a noção de “pedaço” de Magnani, posteriormente ampliada, que ainda nos ajuda a entender o nosso objeto. Foi interessante estabelecer, ainda, uma relação entre festas e noção de tempo, para facilitar a nossa compreensão. Ainda atribuímos atenção aos estilos de festas realizadas pelos migrantes - passeios, forrós, churrascos, etc. - e a tese de que as festas fazem parte e, portanto, vão junto do migrante.

No *Capítulo II* – Apresentamos ao leitor um pouco da história do município de Várzea Alegre, Ceará, lugar de origem dos migrantes. Percebemos que há um esforço em estabelecer a relação desse município com o resto do país, evidenciando a sua importância, muito mais do ponto de vista dos seus habitantes - que tanto se orgulham dessa terra - do que mesmo da relevância política e econômica que essa pequena cidade do interior do Ceará possui. Essa “mania de grandeza” impressa no hino: “Como é grande a nossa Várzea Alegre” orgulha sua gente que, por onde chega, conta causos e desperta a curiosidade dos ouvintes. De que forma a “Terra dos Contrastes”, tornada conhecida na voz de Luiz Gonzaga nos anos 1960, se transforma na “Cidade Mais Feliz do Brasil”, cinquenta anos depois. Pelo que pude observar ao longo da pesquisa, o varzealegrense não se identifica, fora do seu estado, como cearense, mas sim, como filho de Várzea Alegre. Caso o interlocutor desconheça a existência dessa cidade, eles citam o nome do Estado. Isso é muito comum, analisando as trajetórias migratórias destes migrantes residentes em São Paulo, especialmente no espaço da festa. A festa enquanto esse elo que conecta dois espaços geográficos distantes e ao mesmo tempo próximos.

No *Capítulo III* – Tratamos mais detalhadamente da festa enquanto elemento constitutivo do indivíduo, especialmente do migrante varzealegrense. A festa, não enquanto algo organizando pelo indivíduo, mas como algo que está nele. Os indivíduos constroem-se a si mesmos, bem como sua relação com os outros no ato de festejar. Apresentamos a Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo enquanto espaço de construção de sociabilidade e de pertencimento dos varzealegrenses em São Paulo. Também analisamos a Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo e suas conexões com a cidade de Várzea Alegre, além da ressignificação do espaço da festa pelos varzealegrenses e sãobernardenses. Trata-se de um exercício da observação direta do cotidiano desses migrantes. Dedicamos parte do texto em analisar ainda a sociabilidade e as festas cotidianas de um grupo de varzealegrense no lugar de moradia, a Vila Liviero – SP, nas viagens à praia, por exemplo, nas ruas, nos bares e nas comemorações de aniversários e nos churrascos. Tratamos de uma sociabilidade diária desse grupo de migrantes varzealegrenses e suas relações de vizinhança.

No *capítulo IV* - Apresentamos as festas realizadas e vivenciadas pelos migrantes varzealegrenses nas suas localidades de origem, especificamente, o Sítio Queixada e as festas do município. Em tempos de festa em Várzea Alegre, acompanhamos e descrevemos as Festas de Agosto e de São Raimundo Nonato, padroeiro da cidade cearense de onde partem esses migrantes. Discutimos as estratégias políticas em tentar diferenciar o evento religioso – a Festa de São Raimundo Nonato - da festa “mundana”, também conhecida como “Festa de Agosto”, realizada no mesmo período, de 20 a 31 de agosto de todo ano. Nesse sentido, procuramos ainda identificar os “donos” da(s) festa(s).

No *capítulo V* - Analisamos a Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo e suas apropriações políticas e midiáticas. Verificamos que é muito recorrente a presença de políticos, tanto de São Bernardo do Campo – SP, quanto de Várzea Alegre – CE, no espaço da festa. Além disso, entendemos que a “comunidade” varzealegrense em São Bernardo do Campo possui uma representativa força eleitoral, quer seja no município paulista, quer seja na cidade cearense. Os políticos percebem isso e, de certa forma, se apropriam desse espaço (da festa) com seus discursos. Da mesma forma, a mídia, com um discurso ideológico, procura reforçar as “ações” e as presenças desses gestores públicos e apresentam ainda uma festa com características de resgate da tradição e manutenção de uma identidade. Tais discursos não consideram a festa

enquanto parte intrínseca do migrante, ou seja, como algo que vai com o migrante, mas sim, enquanto uma construção feita por grupos e instituições.

No *capítulo VI* - Recorremos a uma descrição etnográfica, para explicar as reatualizações dos laços de pertencimento dos jovens, em momentos de festa, com a comunidade de origem dos pais. São jovens com idade entre 15 e 29 anos (IBGE, 2010), que nasceram em São Paulo, portanto fazem parte de uma segunda geração de migrantes varzealegenses, mas que, ao contrário do que muitos estudos apontam, eles ainda mantêm contatos permanentes com a origem. Acompanhamos uma viagem do grupo ao Ceará entre os meses de dezembro e janeiro de 2013/2014, que contou, entre outras formas de diversão, com a visita à Chapada do Araripe, a iniciação sexual de um jovem filho de migrante, entendido como ritual de passagem e a presença desses jovens a uma cantoria de pé-de-parede. Na metrópole, acompanhamos, em 2015, um passeio de final de semana a uma chácara em São Bernardo do Campo, um show “sertanejo” na Estancia Alto da Serra, também localizada em São Bernardo do Campo, e a realização de um “Arraial Junino” para comemorar o São João. A etnografia foi mediada pelas novas tecnologias comunicacionais - redes sociais, internet, telefonia móvel - para entender as estratégias utilizadas pelos jovens, filhos de migrantes varzealegenses, em contextos diferentes como a metrópole e o sertão.

Por fim, apresentamos algumas considerações finais sobre o material etnográfico e nossa análise dos temas das migrações e festas, especialmente as festas cotidianas dos migrantes varzealegenses fora de sua terra natal, ou nesse “entre-mundo”, um pouco cá e um pouco lá. Nem completamente em São Bernardo do Campo, nem tampouco em Várzea Alegre. Apresentamos a compreensão que eles têm de Várzea Alegre quando estão fora dela, no caso, em São Bernardo do Campo. Tentamos, ainda, sinalizar para o espaço da festa enquanto local privilegiado da valorização das memórias afetivas e saudosistas. Dessa forma, torna-se também campo privilegiado para a construção de perfis políticos, uma vez que é a festa esse lugar de pouco questionamento da ordem vigente.

CAPÍTULO I – TODO TEMPO É TEMPO DE FESTA

“Todo tempo quanto houver pra mim é pouco, pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco” (José Marcolino e Luiz Gonzaga – “Numa sala de reboco”, 1964)

Neste capítulo faremos uma breve análise de autores sobre os temas tratados na tese, de modo a situar o leitor quanto às teorias, categorias, conceitos e autores que estamos mobilizando na tese. Não se trata, porém, de uma extensiva revisão bibliográfica, pois iremos mobilizar a bibliografia de referência ao longo do desenvolvimento dos capítulos. Cada autor discutido aqui tem uma razão de ser ou dialoga diretamente com o(s) tema(s) migração e festas ou, de alguma forma, nos ajuda a pensar sobre estes temas. Faremos referências à estudos importantes que tomam o tempo da festa enquanto objeto de análise: Lima (2002; 2008); Chianca (2006; 2014); Pires (2013); Paes (2009); Magnani (2003; 2008); Amaral (1998); Caldeira (1984); Lanna (1995), Rigamonte (2001, 2008), entre outros. Cada um oferece, ao seu modo, as contribuições para refletir sobre as festas cotidianas dos varzealegrenses fora de seu lugar de origem, ou seja, em São Paulo. Isso não quer dizer que a perspectiva adotada nesse trabalho não se aproxime e se diferencie das tomadas pelos autores acima mencionados. Tudo depende da singularidade dos objetos, embora o ponto de intersecção entre este e os demais trabalhos seja as festas. Essas seriam, portanto, o elo comum entre as análises.

1.1 Festa e migração

“E lá tem muita festa?” (Patrícia, Várzea Alegre, 2012)

Parece exagero afirmar que as pessoas fazem festa todos os dias. A festa está sempre associada a um momento extraordinário da vida do indivíduo. É o trabalho que faz parte do cotidiano do migrante. Só se festeja quando está de folga - feriado, finais de semana, férias. Nesse sentido, a interrogação “E lá tem muita festa?”, quase sempre direcionada ao viajante ou ao migrante, sinaliza para uma questão importante: a razão de ser do migrante é o trabalho. Ela aponta para mais um fato consumado: o lugar da festa seria no lugar de onde se partiu. No lugar para onde o migrante se deslocou, a prioridade seria o trabalho. O que não deixa de ser verdade, mas gostaríamos de dizer que não é apenas isso. Engana-se quem pensa dessa forma. Todo tempo é tempo de

festa. A migração dos varzealegrenses para São Bernardo do Campo é compreendida nos estudos de migrações como um deslocamento do campo para a cidade. Ao campo se atribui uma imagem idílica de lugar tranquilo, pacato, espaço das relações familiares. Já a cidade é apontada frequentemente como portadora dos mais variados males sociais. É nela que reside a violência, a pobreza, a solidão, etc. Se no campo, antes de migrar, a sociabilidade dos indivíduos estava fundamentada nas redes de parentesco, vizinhança, amizade, ao chegar à cidade, o migrante tenderia a um processo de isolamento, anonimato. A cidade tenderia a acentuar a individualidade e enfraquecer os elos de família e vizinhança. Esse homem, geralmente pobre, com pouca escolaridade e de um gosto particular em relação ao lazer (AMARAL, 1993).

Essa é uma compreensão que desconsidera que a sociabilidade na metrópole não expressa necessariamente um enfraquecimento dos elos sociais. É uma percepção que enxerga a cidade de fora e de longe, como diria Magnani (2008). Mas basta observar com um pouco mais de atenção, ou seja, de dentro e de perto, os diversos grupos que residem nas grandes cidades para entendermos que os indivíduos e suas redes sociais não são anulados pela cidade. Que eles se organizam e se mobilizam em torno de atividades e por objetivos comuns. Dentre esses, o momento da ludicidade, do lazer, da festa. Esse tempo da cidade é o tempo do trabalho, mas também é o tempo da partida de futebol, da viagem à praia, da visita aos bares do bairro, das festas religiosas, dos forrós, dos churrascos, das confraternizações, etc. São essas atividades, muitas vezes, que dão sentido ao trabalho e à vida dessas pessoas que residem na cidade, mas que vieram de outros lugares, outros espaços com outras características. Tais experiências são fundamentais para a própria constituição e manutenção do grupo.

Há festas de cunho nacional e internacional como: o carnaval de Salvador (BA), a procissão do Círio de Nazaré em Belém (PA), as quadrilhas juninas no Nordeste, o bumba-meu-boi em Parintins (MA), o desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro (RJ) e em São Paulo (SP) entre outras. No caso das festas analisadas por nós nesse trabalho, não são festas da dimensão das citadas, mas também se revelam como espaços de sociabilidade, de construção identitária, e de pertencimento. Os grandes eventos, especialmente as festas juninas, já foram objeto de análise de nossos interlocutores como Lima (2002, 2008), Chianca (2006, 2013), Morigi (2009), entre outros. Não tem como negar que as festas são algo importante na cultura brasileira. Elas precisam ser vistas e analisadas para além da mera diversão ou do entretenimento banal. Somos um

povo rico em manifestações culturais que geralmente acaba com uma celebração festiva. Isso tudo tem um sentido, um significado para os produtores, bem como para os que dela participam.

A festa é de fato um elemento constitutivo do modo de vida brasileiro. (...) Se muita coisa acaba em festa, muita coisa também começa por ela (...). Portanto a festa não pode ser vista, pelo menos no Brasil, como uma mera fruição, divertimento ou válvula de escape para as tensões acumuladas da vida cotidiana, embora também o sejam. Afinal não devemos esquecer que as inúmeras festas brasileiras acontecem com fundamentos diferentes para os vários grupos que as promovem (AMARAL 1998, p.5)

Nesse sentido, Amaral defende que seria ingênuo acreditar que os grandes eventos festivos nacionais como Carnaval, Festival de Parintins, Festas Juninas no Nordeste, entre outros, teriam o mesmo viés: o da diversão, do entretenimento, uma válvula de escape para o tempo livre. Foi a festa na estrutura social camponesa, especificamente o Bumba-meu-boi, apresentado no interior do estado do Maranhão, que inspirou o trabalho etnográfico da pesquisadora Regina Prado (2007). Para a autora, as festas rompem com a cotidianidade, com as ações repetidas da vida diária e abrem caminho para o extraordinário. Ela nos fala da dialética dos polos:

(...) de um lado, as ações ordinárias, as normas habituais a serem cumpridas, as coisas comuns, as horas sem relevo, as jornadas sempre iguais e repetitivas que caracterizam a rotina; do outro lado, a irrupção dos momentos extraordinários, dos domingos na semana, das festas no ano, com seus instantes de paroxismo, com suas permissões múltiplas (refeições mais abundantes, vestuários novos, aproximações sexuais), com seus exageros fecundos, suas inversões de papéis e de *status* a reinstalarem no seio da identidade redutora da cotidianidade, o “caos” primordial regenerador que, neste sentido, representaria não o princípio da desordem (como dá a entender a acepção ordinária do termo “caos”), mas o princípio da heterogeneidade concebida pela termodinâmica como ordem inicial e, por conseguinte, enquanto fenômeno de vida (PRADO, 2007, p. 256).

Utilizando dessa mesma perspectiva dialética, (PRADO, 2007) classifica a festa como sendo sinônimo de vida, uma vez que dá margem à diversificação, à heterogeneização; enquanto que a rotina expressaria a homogeneização, portanto, a morte. Em Prado, a festa também possui uma característica própria de não exercer um papel conclusivo. É seu poder de regeneração e de reinstauração que repudia qualquer ideia de fim.

A festa está na cotidianidade de migrante. Não é algo extraordinário ao seu cotidiano. Por isso não vamos defender aqui que a experiência festiva do migrante varzealegrense em São Paulo enquanto uma válvula de escape. Mas percebemos da mesma forma que Amaral (1998), a festa como espaço cheio de uma variedade de sentidos. Podendo elas (as festas) serem vistas pelo modo próprio de expressão da identidade de um determinado grupo, servir como instrumento político deste mesmo grupo - por mobilizar um grande número de pessoas e recursos com intenções assistenciais -, cumprir um papel de apoio, gerar uma consciência política, originar associações, etc. São os atores sociais, ou seja, os próprios migrantes varzealegrenses em suas ações cotidianas que nos interessam. Quando eles nos informam: “aqui a gente faz festa todo dia” isso tem um significado importante para pensar esses eventos, não como algo extraordinário, uma “válvula de escape”, ou fora do seu dia a dia, realizado em períodos esporádicos. Evidentemente que esse informante pode estar exagerando, já que a festa pressupõe um tempo anterior à sua organização. Contudo, conforme veremos a seguir, a expressão tem sentido e a categoria nativa festa extrapola velhas e tradicionais concepções.

Lima (2002) também nos chama a atenção para se pensar esses atores e investigar os variados sentidos que são atribuídos à vida em sociedade, como produto não de uma estrutura pré-concebida, mas como produto de criações culturais, constantes e plurais, como resultado de um processo de táticas e estratégias. Sugere novas formas de investigar e interpretar as festas. “Talvez seja interessante, para começar a romper com análise dicotômica, atentar para o fato de que a festa pode e deve estar aberta a múltiplas leituras” (LIMA, 2002, p.71).

Problematizando as visões dominantes sobre a festa como sendo uma espécie de “válvula de escape”, noções dicotômicas, ou de um retorno ao “paraíso primordial”, a autora alerta ainda para uma compreensão da festa como jogo de relações, de disputas, de confrontos, de fantasias criadas para e na festa:

A festa deve ser investigada como um palco de construções de sensibilidades que, para serem desvendadas necessitam ser desconstruídas e recompostas em seus discursos e práticas, não para garantir uma imagem de unidade, amparadas nas noções de tradição e origem, que tão bem servem de feixe para a sua construção, mas para demonstrar que ela não se permite apenas um sentido, mas múltiplos significados (LIMA, 2002, p. 71).

Lima (2002) está preocupada em alertar os pesquisadores envolvidos com a categoria festa, para os sentidos do festejar. É necessário que eles [os pesquisadores] compreendam esse espaço [da festa] como campo de disputas - políticas, econômicas, culturais, religiosas - e que as análises devem dar conta dessa multiplicidade discursiva e prática do festejar. Ela [a festa] é feita de fragmentos que se unem produzindo efeitos. Dispersão com conexões discursivas e práticas capazes de produzir efeitos. “Efeitos de verdade, de poder, de saber, de sonho, de riso, de devir”. Lima (2002, p.71).

Desde já adiantamos que são vários os significados que o varzealegrense atribui aos momentos festivos, sejam eles vividos na origem ou no destino. Embora façamos referência aos termos origem e destino, gostaríamos de deixar claro, de antemão, que não é nossa intenção trabalhar com categorias dicotômicas: campo x cidade, urbano x rural, desenvolvido x atrasado, pobre x rico, como tem feito alguns estudos que tratam do fenômeno da migração. De fato, como nos aponta Godoi (2014), o material que aqui apresentamos vai sugerir fortemente, em alguns momentos, a dicotomia lugar de origem/lugar de destino tão associada ao conceito analítico de “migração,” como já nos chamaram a atenção Moacir Palmeira e Alfredo Wagner de Almeida num texto bastante conhecido, chamado provocativamente de “A invenção da migração” (1977). “Nesse trabalho, os autores mostravam que o estudo dos deslocamentos de pessoas por meio da categoria analítica migração – que se limita a considerar apenas os fluxos demográficos – fatalmente homogeneiza práticas bastante diferenciadas e impede o entendimento sociológico da diversidade de sentidos dos deslocamentos”. Nos contextos em que trabalhamos, “a noção de circulação, a ideia de que as pessoas circulam no decorrer da sua vida e levam com elas as associações que as constituíram, diz muito mais que o conceito de migração” (GODOI, 2014, p. 148).

Ao longo do texto o leitor perceberá que as noções lugar e destino se unem ou se diluem em si. Apenas estamos fazendo referência a estas categorias para esclarecer o lugar de origem desse migrante e o lugar onde atualmente ele reside. Como nossa atenção está direcionada às festas desses migrantes nascidos em Várzea Alegre e que hoje moram em São Paulo, não há como fugir desse movimento que articula e, de certa forma, aproxima esses dois espaços geográficos. Mas repito: é um trabalho que procura dar sentido às ações dos indivíduos em grupo, vivenciando a festa no seu cotidiano.

1.2 Festa e cotidiano

“Festa boa é a festa da gente” (Gralhado, São Paulo, 2013)

“A gente faz festa todo dia” (Pacheco, São Paulo, 2013)

Como mencionei na introdução, foi uma experiência festiva que me levou a desenvolver esse trabalho de pesquisa. Foi durante a realização de churrascos na laje que despertei o interesse em compreender os sentidos da festa para aquele grupo formado, por migrantes cearenses residindo em São Paulo. Os aniversários, almoços e confraternizações, marcam estes momentos festivos dos varzealegrenses no lugar de destino e mudam a paisagem urbana do lugar de moradia deles (a rua, vila, o bairro). Ao mesmo tempo, essas festividades demarcam tempos do calendário e fechamentos de ciclos de vida, o ato de festejar fornece uma territorialidade ao grupo.

As discussões sobre a temática das festas, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos, têm apresentado resultados importantes para a nossa análise. Um dos estudos pioneiros sobre o cotidiano de moradores da periferia da cidade de São Paulo foi desenvolvido pela antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira¹⁶. Observando o dia a dia dos trabalhadores do bairro Jardim das Camélias, localizado na zona norte de São Paulo, ela identificou a festa como marca do tempo, uma espécie de ordenação temporal. “A passagem do tempo só se torna perceptível quando acontece algum evento especial, que ao quebrar a rotina diária, estabelece uma marca – uma data” Caldeira (1984, p. 134).

Isso parece comum nas memórias dos migrantes varzealegrenses em São Paulo. Eles costumam lembrar uma data, um momento especial, como a visita de um parente a suas casas, quase sempre estabelecendo relação com algum evento realizado naquele período. “Ela esteve aqui quando fulano fez dois anos”. “Eu fui lá quando papai completou 85 anos”. “Ih! Faz um tempão que não volto lá. Da última vez fulano ainda era vivo, já faz dez anos que ele morreu”. A noção de festas ou eventos festivos enquanto uma ordenação de tempo continua muito presente na vida do migrante longe de sua terra natal.

Como o universo analisado pela autora é basicamente formado por operários, trabalhadores que ocupam sua semana com longas e exaustivas jornadas de trabalho, é

¹⁶ O livro “*A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*” foi resultado de uma dissertação de mestrado defendida em 1982 na FFLCH/USP, sob a orientação da antropóloga Ruth Cardoso.

seguramente o final de semana, sábados e domingos, o período mais festivo no bairro. Aqui destacamos que, de fato, os eventos capazes de reunir o maior número de varzealegrenses em São Paulo ocorrem especialmente nos finais de semana ou feriado. Ou seja, geralmente quando se trata dos dias de folga desses trabalhadores: “Final de semana essa rua pega fogo, parece que todo mundo sai de casa. É gente com força” (Diacisa, São Paulo, 2013). Isso se dá também porque é nesse período, particularmente entre o sábado à tarde e o domingo à noite que as pessoas do bairro estão de folga e têm tempo para “curtir” o tempo livre com os vizinhos e amigos. Contudo, isso não significa dizer que as festas não aconteçam e qualquer dia e hora da semana, conforme veremos a seguir ou como nos disse um interlocutor: “Aqui nós faz festa é em plena segunda-feira”.

A festa que vai aparecer em Caldeira com importante significado e cumprindo outra função no cotidiano das famílias estudadas: elas marcam ciclos que se repetem indefinidamente.

Mas excluindo os finais de semana, os outros eventos que no Jardim das Camélias marcam a passagem do tempo são todos eles festas, cujo caráter varia em função do que está sendo comemorado. Essas festas são de dois tipos, de um lado estão aquelas que se referem à biografia das pessoas e cujas datas, portanto, mudam de caso para caso. Entre estas que se comemoram mais frequentemente no Jardim das Camélias são os aniversários, casamentos e batizados. Do outro lado estão as festas do calendário, aquelas que o sr. Benedito chamou de “as festas dos anos” e que por serem fixas, são comemoradas por todos no mesmo dia. Embora todas elas sejam basicamente celebradas no âmbito da família há uma diferença básica entre os dois tipos e que se refere à percepção da passagem do tempo: enquanto as primeiras marcam fases que se sucedem formando uma sequência (cada fase de uma biografia é única) as segundas – a exemplo dos finais de semana – delimitam ciclos (geralmente um ano) que se repetem (CALDEIRA 1984, pp. 134-135)

Se em Caldeira as festas são responsáveis pela marcação do tempo, ciclos vividos no interior das comunidades, em suas casas ou no bairro, espaço de moradia desses trabalhadores migrantes, em Magnani elas servem para identificar um espaço geográfico de pertença de um grupo. Lugar de moradia, de convivência, de relacionamentos, lugar de segurança. A isso o autor utilizou um termo nativo como categoria teórica: o “Pedaço”. Foi no trabalho *Festa no Pedaço: cultura popular e lazer na cidade* (1984[2003]) que Magnani enfrentou o desafio de desenvolver uma pesquisa sobre lazer na periferia de São Paulo. Neste contexto o autor vai cunhar a categoria “pedaço”, uma espécie de intermediário entre a casa e a rua damattiana. “Pedaço” é esse

lugar dos colegas, dos chegados. Todos sabem quem são de onde vieram, do que gostam e do que podem ou não fazer. O pedaço é uma expressão nativa, própria do grupo analisado por Magnani. Aquele espaço onde eles residiam, se sociabilizavam, interagiam, se sentiam “em casa”. Semelhante ao lugar de pertença dos varzealegrenses, podemos dizer assim. Aquele lugar onde festar não significa correr riscos, exatamente por se sentirem seguros, ou “em casa”, como preferem. “Não gosto quando eles saem aqui da vila [Liviero], prefiro que eles façam festa por aqui mesmo, porque pelo menos fico tranquila” (Caraiabas, São Paulo, 2014). É ali que eles encontram o colega de trabalho, que pode ser também o vizinho, o amigo, o compadre, o primo, o tio, uma pessoa de confiança e de seu próprio círculo de relações. Não queremos dizer que essa categoria, por si só, dê conta das relações vividas pelos varzealegrenses no cotidiano da vila.

Essa perspectiva deu origem a um novo trabalho, agora não mais na periferia, mas na zona central da cidade de São Paulo. Ambiente conhecido não pela relação de proximidade, mas caracterizado geralmente pelo anonimato e pela impessoalidade nas relações. O resultado foi diferentes formas de uso e apropriação do espaço urbano. Neste sentido (MAGNANI, 2002) vai elencar, além de “pedaço”, quatro categorias resultantes de experiências empíricas: *mancha*, *trajetos*, *circuitos* e *pórticos*¹⁷. Entre essas categorias, nos interessa destacar, além de pedaço, o sentido que o autor atribui aos *trajetos*. Este amplia, de acordo com o autor, o conceito anteriormente criado de “pedaço”. Os trajetos ligariam *pontos*, *manchas*, *circuitos* complementares ou alternativos. Abriria o “pedaço” para fora, para o âmbito do público. Essas são categorias que possuem uma intencionalidade considerável no âmbito dos estudos urbanos. Elas vão de encontro à concepção quase sempre pejorativa que os pesquisadores da metrópole atribuíam ao espaço urbano: violento, indiferente, lugar da solidão, onde as pessoas são tratadas como números, etc.

A categoria “pedaço” de Magnani (2003, 2008) foi sendo reatualizada por ele ao longo de quase trinta anos de estudos na metrópole. Em 2012, o autor publicou um texto (*Da periferia ao Centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia urbana*) que nos

¹⁷ *Mancha*: Espaços de sociabilidade entre tribos, mas que não são essencialmente conhecidos e reconhecidos pelos atores como lugares de relações de proximidade. Reconhece-se no outro por aquilo que ele tem em comum. *Circuitos*: Une estabelecimentos e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinado serviço, não contíguos na paisagem urbana. *Pórticos*: Espaços vazios na paisagem urbana que configuram paisagem. Terra de ninguém. Lugar de perigo (MAGNANI, 2003).

apresenta um apanhado desse percurso. Ainda assim, o “pedaço” tem uma importância significativa na influência dos estudos, em pequena escala, nas periferias de grandes cidades, como São Paulo. As formas encontradas pelo grupo de migrantes aqui investigados para “aproveitar” o tempo livre, em muito se aproximam daquelas apontadas por Magnani. Também se assemelham a outros estudos clássicos como o de Dumazedier (1976); Baptista (2003); e a já mencionada Caldeira (1984).

Um trabalho que também nos aproxima das festas no cotidiano de comunidades migrantes foi publicado na Revista Travessia. Intitulado *Sociabilidade e Lazer no Cotidiano de Migrantes Nordestinos*, (2003) de autoria da pesquisadora Dulce Maria Tourinho Baptista, que analisa o cotidiano nordestino da favela Jardim Colombo, uma extensão da favela de Paraisópolis, localizada na zona sul da cidade de São Paulo. Ela inicia a discussão afirmando que em nossa sociedade - “A Sociedade do trabalho” - o lazer foi expropriado, teve o seu espaço negado. Por isso os valores ligados ao lazer estariam emergindo como alternativas do migrante em tempo livre. Mesmo assim, há uma constatação interessante, a de que os migrantes usam muito pouco os espaços e equipamentos de lazer fora do espaço “pedaço” em que ele mora, reside. A vizinhança, o entorno da favela constitui o “locus” de lazer desse migrante. Batista (2003) relaciona o aproveitamento do tempo livre pelo migrante associado ao exercício de manifestações culturais de origem rural, das tradições religiosas, dos costumes regionais, também influenciados pela industrial cultural. A autora vai identificar algo que presenciamos quando estivemos na Favela da Rocinha – (RJ) e na Vila Liviero – (SP) e similar ao apresentado por Caldeira.

O espaço de sociabilidade e lazer na favela é desfrutado em casa com a família, fora de casa com os vizinhos e no “pedaço” com a rede de relações referente a amigos e conterrâneos. A própria favela, nos finais de semana, é como se fosse uma grande praça, onde todos vão para as suas portas conversar, cantar, puxar um pagode, pular corda, fofocar, brigar, jogar dominó, jogar uma sinuquinha, beber nos botecos encostados às suas casas. É no lazer que se tem a oportunidade de estabelecer laços de sociabilidade (BAPTISTA, 2003, p.24)

A autora, da mesma forma que Magnani (2003), compreende a favela como um espaço de pertencimento, o “pedaço”. É ali que o migrante desenvolve as suas possibilidades de lazer numa estreita relação com o seu lugar de origem. “O seu espaço social é basicamente a favela onde está o seu mundo privado: casa, vizinhança, igreja,

campo de futebol, 'buteco'. Aí vivem a sua vida cotidiana, aí estão os seus espaços de lazer” (Baptista, 2003, p. 25). Mas os migrantes apresentam as suas justificativas para a não utilização de outros espaços e equipamentos de lazer espalhados pela cidade, localizados fora desse “pedaço”. Entre as razões estariam a distância, a falta de tempo e a escassez de recursos financeiros para acessar esses equipamentos.

É bom destacar, desde já, que a sociabilidade construída no interior da Favela Jardim Colombo, se assemelha à forma como o grupo familiar em questão também se relaciona e se sociabiliza em seu cotidiano na Vila Liviero - SP. Além disso, a própria configuração das casas, sua dispersão no espaço e a arquitetura da favela ajudam nesse processo:

Os migrantes desenvolvem assim uma sociabilidade intensa em decorrência das suas necessidades. Existe uma ligação direta entre as casas; as janelas abrem-se para o vizinho; as pessoas cruzam-se constantemente nas ruas porque andam a pé; compram nas vendas, armazéns e botecos da própria favela, frequentam igrejas situadas no seu interior; as crianças estão na mesma creche, brincam na mesma calçada; os moradores usam o mesmo orelhão comunitário; o fornecimento de gás (sic) é o mesmo; quando chove enfrentam as mesmas dificuldades, além de muitos dos migrantes serem parentes, compadres e do mesmo local de origem (BAPTISTA, 2003, p.27)

Na citação acima, o espaço da favela seria propício à interação e à sociabilidade dos moradores em função das necessidades e da própria arquitetura do lugar. Não diria que, no caso do cotidiano dos varzealegrenses moradores da Vila Liviero, isso não aconteça, mas há algo para além desses imperativos. Existe uma ligação e uma reatualização dos laços familiares que movem o cotidiano da vila. Na vila, que será melhor apresentada posteriormente, não há espaço para o anonimato por uma série de fatores. Amaral (1993, p. 8) também contesta essa compreensão da cidade enquanto lugar do anonimato e da indiferença:

Basta, no entanto, nos determos para observar mais atentamente os inúmeros grupos que vivem na cidade para constatarmos que a verdade não é bem essa. Os grupos se organizam em torno de atividades e objetivos comuns, muitas vezes lúdicos, que proporcionam não apenas relações sociais mais diretas, mais afetivas (correspondendo às necessidades de sociabilidade, parceiros, companhia, enriquecimento da experiência pessoal), como também organizam, de modo sensível, a passagem, do tempo. Esta passagem é marcada através de idas ao futebol, à praia, aos ensaios das escolas de samba, aos cultos religiosos, bailes, forró etc. Para uma população pobre, migrante, todas estas atividades implicam a organização dos indivíduos em termos de tempo disponível e do dinheiro necessário para sua realização,

ocupando o pensamento das pessoas de modo significativo e dando sentido ao trabalho (pois é o trabalho que proporciona os recursos para a participação nos grupos) e à própria vida como fonte de prazer.

A descrição do cotidiano da favela mencionada acima, acionada à forma como os seus moradores se relacionam e se sociabilizam favorecem momentos de lazer, bem como a existência de conflitos. A existência desses grupos e a manutenção das relações de parentesco, vizinhança, e sociabilidade também reforçam e facilitam a organização das festas no interior da vila, os passeios às chácaras e à praia, mobilizam na organização das festas de aniversário, dos churrascos e ainda podem ser importantes na hora de mobilizar o grupo para os retornos para as festas no lugar de origem. Uma experiência nesse sentido foi acompanhada e descrita por Lima (2012) que, na condição de pesquisador, embarcou num ônibus com um grupo de migrantes da cidade de Esperança- PB numa viagem de volta do Rio de Janeiro, para acompanhar as festividades na localidade de origem. “No concernente ao retorno as festividades, percebo que este é o ponto central de toda a experiência. É um momento que símbolos são articulados, é a carta do coringa na manga” Lima (2012, p.196).

Outra referência importante no que se refere ao retorno pra festa trata-se da pesquisa da Flávia Pires (2013) sobre os “Filhos-Ausentes” do município de Catingueira, Paraíba. O trabalho analisa a festa de São Sebastião (Padroeiro da cidade) como espaço privilegiado de encontros entre aqueles que emigraram e os que por ali permanecem.

Se a festa de um lado é exaltada pelos *de dentro* como o momento de se encontrar com *os de fora*, a mesma relação ocorre do lado inverso: *os de fora* veem para Catingueira para se encontrar com *os de dentro*. Esperam com esse movimento reencontrar-se com suas “raízes”, buscando rever os conhecidos e parentes, os amigos e as paisagens da infância e da adolescência (PIRES, 2013, p.142).

A autora encontra na festa um “meio privilegiado” para observar a sociedade catingueirense. Ou seja, é a partir da festa de São Sebastião que ela aponta as subjetividades que vão dar ao catingueirense a sua singularidade. É na festa que eles se diferenciam. É a Catingueira enquanto lugar de origem dos migrantes que evidenciam essas diferenças entre os que ficam, “os de dentro”, e os que partem, “os de fora”, que são na verdade as mesmas pessoas quando se pensa que foi ali que eles nasceram. A festa é importante porque “As pessoas vivem, em grande medida da memória das festas,

principalmente de São Sebastião, mas também da festa de São João. Mas o que essa predominância das festas pode está nos revelando é a falta de perspectiva para os habitantes da catingueira, a miséria, nos mais amplos sentidos” (Pires, 2013, p 140). A cidade de Catingueira - PB, assim com a cidade de Várzea Alegre – CE, é vista como um lugar do qual se há necessidade de partir, de ir embora, de migrar.

Para entender esse movimento, que também é geográfico, Pires (2013) ainda nos indicou as contradições discursivas dos sentimentos que atingem os presentes e ausentes, muitas vezes fantasiosos, sobre o lugar de origem, quando dele se está ausente. Dessa forma, a Festa de São Sebastião é emblemática para a nossa observação porque, assim como os filhos de Caatingueira, os varzealegrenses costumam retornar para a festa de seu padroeiro: São Raimundo Nonato. É exatamente nesses momentos (festivos) que os discursos (políticos) reforçam a ideia de um lugar “feliz”, “alegre”, “melhor lugar do mundo”. Somente quando problematizamos tais discursos podemos entender as razões do intenso fluxo migratório entre Várzea Alegre e São Paulo.

Dessa forma poderíamos nos perguntar por que é preciso voltar para viver a festa na cidade de origem? Por que o migrante não se dá por satisfeito com o festejar no destino? Essas são questões propostas por diversos autores, inclusive estão entre os desafios enfrentados no trabalho de Pires, (2013). Está também no esforço empreendido por Rigamonte (2001), que analisa a compreensão do migrante sobre as festas no destino. A autora percebe que elas [as festas], no destino, são tomadas por um misto de nostalgia, lamento e dor. Como se fosse impossível viver ali as mesmas experiências da terra natal.

Para isso, Rigamonte (2001) acompanha a diversão dos migrantes recém-chegados à São Paulo, especificamente os que frequentam O Centro de Tradições Nordestinas – CTN¹⁸. A festa, o baile, o lazer fora do espaço de origem, por mais que tente reconstruir, através de elementos culturais e referenciais de origem, não conseguem satisfazer por completo o desejo do migrante. Veja o que diz esse faxineiro,

¹⁸ Para Rigamonte (2001) O CTN promovia um “espaço e tempo do forró”. O Objetivo, portanto, seria de aglutinar migrantes que estão longe do seu lugar de origem e que tem como hábito frequentar bailes similares a estes e sua terra natalícia. Evidentemente que esse “forró paulista” perde algumas características do “forró nordestino”, “autêntico”, ao mesmo tempo em que a ele são atribuídos novos elementos culturais. Sobre isso a autora diz: “Independente das transformações ali estabelecidas, contudo, este evento permite uma aproximação aos referenciais de origem, um reconhecimento entre a população frequentadora, além de reafirmar a cultura regional nordestina” (RIGAMONTE 2001, p. 116).

cearense de 19 anos, que na oportunidade frequentava o CTN: “É bom e ao mesmo tempo não, porque mata as saudades da terra natal, mas também traz muitas lembranças” (RIGAMONTE, 2001, p. 84).

Podemos afirmar que quando os varzealegrenses organizam um retorno em tempo de festa para o Ceará, ou até mesmo quando comentam entre amigos sobre as festas vividas na origem, eles costumam concordar entre si que ali [na origem] acontecem as melhores festas do mundo. “Nem se compara com as festa de São Paulo”. Essa frase pode dizer muita coisa, ao mesmo tempo em que também oculta vários sentidos. Até porque muitas vezes estar em Várzea Alegre não era garantia de ir a todas as festas: “A gente não tinha dinheiro para ir”. E se Várzea Alegre é o “melhor lugar do mundo”, ele não oferece as condições necessárias para viver ali. Por isso se migra. Voltaremos a tratar com mais detalhe sobre isso posteriormente no capítulo 2, quando formos analisar a expressão “Eita Várzea Alegre boa! Só é longe!”.

Voltando a pesquisa de Rigamonte, ela pergunta aos migrantes que frequentam o CTN, o que eles faziam no tempo livre, ou seja, quando não estavam trabalhando, nos dias de folga, por exemplo, na cidade de São Paulo, e compara as respostas com o resultado de outra pergunta: o que eles costumavam fazer quando estavam de folga na terra natal. Concluindo com uma breve citação da referida autora: “...boa parte dessa população, apesar de ter migrado para uma cidade tão grande quanto São Paulo, ainda consegue preservar algumas de suas tradições, eu não diria tradição, mas práticas culturais como dançar um bom forró” Rigamonte (2001, p. 89). Perspectiva semelhante adota Paes (2009) ao desenvolver uma pesquisa sobre festas dos migrantes nordestinos em São Paulo e destacar a casa de forró de seu Pedro Sertanejo, enquanto esse espaço de sociabilidade migrante. Fundada em 1966, no bairro do Brás, rua Catumbi. Esse espaço de sociabilidade migrante, embora localizado na periferia, ficava perto de estações de trem e era um bairro predominantemente operário, ocupado basicamente por migrantes naquela época. Sobre o forró como a festa preferida do migrante, especialmente o de origem nordestino, trataremos no tópico a seguir.

1.3 Festa e forró

“Estou indo na represa agora tomar uma bem geladinha lá. E lá o forrozão é até duas horas da manhã. Que aqui nós faz festa é em plena segunda-feira” (Baixio Verde, São Paulo, 2015).

De antemão, queremos afirmar que o fato de o migrante varzealegrense que reside em São Paulo gostar de forró, enquanto estilo musical que remete a origem, não significa dizer que ele não aprecie outros estilos de músicas. Ao contrário, os migrantes ressignificam no destino as suas preferências musicais/culturais de origem (MIRA, 1993). Seria ainda ingênuo de nossa parte afirmar que o estilo de forró hoje presente no cotidiano das festas dos migrantes varzealegrenses em São Paulo seja o mesmo tipo de forró que eles ouviram tocar e aprenderam a dançar quando moravam no Ceará. Ou que seus filhos, muitos deles nascidos em São Paulo, ouvem a música sertaneja que os pais aprenderam a gostar antes de migrarem.

O fato é que o forró parece ser a tônica do migrante de origem nordestina, ou pelo menos esse é o ritmo que compõe o quadro ideológico dos discursos sobre as festas dos migrantes, especialmente quando eles se deslocam para a região Sudeste, particularmente para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Discurso que vai se fazer presente também nas pesquisas realizadas com trabalhadores migrantes em São Paulo como Paes (2009), Rigamonte (2001), Medina (1989), Baptista (2003) dentre outros. Todos eles tomando a festa como parte da identidade migrante, mas nunca como algo constitutivo do ser, ou seja, que vai dentro do migrante.

Não podemos esquecer que o maior representante da identidade musical nordestina era um migrante que nasceu em Pernambuco e construiu uma carreira de sucesso na região sudeste do país. Luiz Gonzaga¹⁹, sempre esteve presente, de certa forma, no contexto migratório, “foi aquele que preencheu mais eficazmente a função de ‘inventor’ de um estilo musical regional posteriormente recuperado e identificado a festa” Chianca (2006, p. 67). O período de sucesso de Luiz Gonzaga coincide ainda com o período de maior migração nordestina para a região sudeste. É isso que está sinalizado por Gilberto Gil no prefácio de uma das mais importantes biografias sobre o Rei do Baião, escrita pela francesa Dominique Dreyfus.

O caminho que a música popular percorre do campo para a cidade, correspondendo ao êxodo das populações rurais para os centros

¹⁹ Luiz Gonzaga nasceu em Pernambuco e conheceu a sanfona por intermédio do seu pai, tocador famoso nos bailes e festas da região de Exu. Na década de 1940, Gonzaga começou sua carreira musical no Rio de Janeiro tocando tangos, blues, valsas e fox-trots. Na época Rio de Janeiro era a capital federal e espaço privilegiado da migração nacional. O sanfoneiro vai suprir uma demanda musical regionalista própria dos anos 1940 e 1950 no sul do país. Até sua morte, em 1989, Luiz Gonzaga assumiu para si o papel de representante da música regional nordestina “do interior”. (CHIANCA, 2006).

urbanos maiores, vem sendo aberto e pavimentado ao longo do século, numa série de ciclos dos quais os mais intensos e significativos, numa escala verdadeiramente nacional, se deram, essencialmente, nas décadas dos quarenta e dos cinquenta. (DREYFUS, 2012, p. 9).

É comum nos relatos dos nossos informantes, especialmente aqueles que chegaram a São Paulo entre os anos 1950 e 1960, uma identificação com as músicas de Luiz Gonzaga. A importância das letras, que geralmente remetem à saudade e à distância de um lugar vivido e marcado na memória, podem ser confirmadas nas narrativas: “Eu ouvia aquela música e via a minha região, fechava os olhos e me transportava para o meu sertão” (Luiz Ferreira, 70 anos, São Paulo). Essa impressão, nostálgica de nosso interlocutor sobre a música cantada/interpretada por Gonzaga que, para ele, representava a sua região de origem, evidencia uma importância significativa.

Os migrantes tiveram na música de Gonzaga um referencial afirmativo do processo migratório (social, econômico, político cultural e existencial). Esses sujeitos históricos, em sua dor e em sua alegria, enfrentaram o desafio do desconhecido nos centros urbanos. Diante disso, pode-se afirmar que Gonzaga foi um cronista do cotidiano e da cultura nordestina sertaneja migrante. Ele fez parte do processo da recriação da memória desses sujeitos sociais, quando ressignificou o Nordeste no entre-lugar campo-cidade. (PAES, 2009 p. 32)

O primeiro texto biográfico de Gonzaga, escrito pelo jornalista paraibano Sinval Sá, no início dos anos 1960 e lançado em 1966, intitulado de “O Sanfoneiro do Riacho da Brígida: vida e andanças de Luiz Gonzaga – O rei do Baião” já trazia essa compreensão do artista para com seu público nordestino residente na região Sudeste do país, especialmente através das ondas do Rádio. O livro é uma transcrição de um longo relato biográfico feito pelo próprio Luiz Gonzaga.

A gente notava que ouvir o baião para eles era um lenitivo para a saudade da terra distante. E eu os imitava no linguajar, riam, colaboravam nos programas (...) os programas ficavam lotados de nordestinos (...) só pra me ver tocar e dizer aquelas lorotas, para escutarem a musica que falava da terra distante e perdida, sem embargo encravada no coração. (SÁ. 2012, pp. 209-210)

Gonzaga foi essa figura que se destacou como o grande representante e, ao mesmo tempo, se transformou na autoridade para falar e expressar, através dos mais

variados códigos, o Nordeste dos migrantes. Assim ele apresentava essa “nova região aos sulistas”. Certamente não foi o único a realizar essas atividades no espaço urbano²⁰ e a demarcar os espaços de sociabilidade através da arte.

Com o fluxo migratório da década de 1950, muitos sanfoneiros, ritmistas, zabumbeiros, repentistas migraram para o sudeste, trazendo na bagagem “xote, maracatu e baião”, inundando de alegria, arte e saudade as praças públicas, como se fossem feiras do Nordeste; de cordel, desafio e concertinas, que varavam as noites paulistanas com forró, lembrando os arrasta-pés das estradas enluaradas do sertão, delimitando, por meio dos hábitos culturais os espaços da saudade e sociabilidade, demarcando territórios dentro da cidade. (PAES, 2009, p 84).

Algo semelhante aconteceu com a recriação da música caipira, rotulada na cidade como música sertaneja. Se o estilo caipira servia para celebrar momentos do homem do campo: celebrações religiosas e profanas e estava associada ao modo de vida desse homem, a música sertaneja, na compreensão de Martins (1990, p. 15), faz surgir “a celebração ideológica da nostalgia do interior, cultivada pelo migrante na cidade grande. O interior é positivo e a cidade grande é negativa”. Dessa forma podemos entender o baião enquanto uma música urbana que explora a temática rural. E Gonzaga possuía um discurso polifônico e intencional que construiu uma ideia de Nordeste para os que só ouviam falar daquela região remota. “O Nordeste de Gonzaga é criado para realimentar a memória do migrante” Albuquerque Jr. (1990, p. 159). E esse ritmo passava ainda aos “não-nativos” a ideia de originalidade musical de um povo, como aponta Tavares (1990, p.31): “O baião inventado por Luiz Gonzaga, deu aos cariocas, nos anos 40, a impressão de estar diante de um tipo de música primitivo, rude e autêntico, brotado das brenhas do agreste e sertão”. O discurso musical que também e, acima de tudo, complementava as saudosas memórias dos migrantes.

O baião, na forma como se consagrou, não é uma música de nordestino-no-Nordeste: é uma verdadeira canção do exílio. Foi aí que eu vim mimbora, carregando a minha dor. Lá no meu pé de serra, deixei ficar meu coração. Quando eu vim do sertão, seu moço, do meu

²⁰ Jackson do Pandeiro, paraibano nascido na cidade de Alagoa Nova, contemporâneo de Luiz Gonzaga, também alcançou reconhecimento nacional. Algumas de suas interpretações se tornaram representativas da música regional nordestina como *Sebastiana* (Rosil Cavalcanti), *Como tem Zé na Paraíba* (Catulo de Paula e Manezinho Araújo) e *Chiclete com Banana* (Almira Castilho e Gordurinha). (CHIANCA, 2006).

Bodocó. Hoje longe muitas léguas, na mais triste solidão.
(TAVARES, 1990, p. 31).

O discurso nordestino de Gonzaga ia desde a linguagem das músicas, ao gestual, ao timbre e inflexões de sua voz, a indumentária, ao sotaque específico da zona rural do sertão nordestino e a teatralização no rádio.

Num primeiro momento, o baião, o forró, o trio nordestino, a figura de Gonzaga vestido metade vaqueiro, metade cangaceiro, gesticulando, dançando xote, xaxado e baião e utilizando expressões regionais de português arcaico funcionaram para apresentar, criar e recriar um Brasil que, por dimensão continental, ainda não se conhecia. (PAES, 2009, p 81).

É esse discurso que constrói o meio rural do sertão nordestino enquanto espaço da saudade que permeia quase toda a obra de Luiz Gonzaga. Mesmo a cidade sendo a condição de sua música - divulgação, público, etc., era o Nordeste o tema das letras das composições. Para Chianca (2006, p. 68), “A tarefa que Gonzaga assumiu para si, até sua morte em 1989, foi representar a música regional nordestina ‘do interior’...”. Seus parceiros, entre eles o varzealegrense Zé Clementino, estavam preocupados em criar essa crônica do cotidiano do povo nordestino. O “interior” do Nordeste visto da cidade parece exótico, quando não encantador.

Essa visão mitológica do campo, tido como paradigma de pureza, paz e simplicidade, é também uma construção idílica da cidade. (...). Dentro dessa lógica, a música de Gonzaga se fez em meio aos contrastes como arquétipo nacional da autenticidade rural do sertão nordestino, como território da tradição. Veio à tona por intermédio do olhar da cidade para o campo, referenciando esse para o espaço da saudade, das raízes, da essência e das permanências. (PAES, 2009, p. 46 - 51).

Essas músicas denunciam a cidade enquanto um lugar de desencontros, desafetos, lugar de sofrimento e de falta de solidariedade. É no sertão nordestino, portanto, o lugar de origem da maioria desses migrantes, que residem os melhores e mais variados vínculos de sentimento de pertencimento. Um Nordeste não mais concebido por quem mora nele, mas idealizado pela cidade. Vale destacar que muitos dos parceiros musicais de Luiz Gonzaga, seus compositores, tinham origem nordestina,

mas estavam morando no sudeste. Em muitos casos, o próprio Gonzaga, convidava os compositores para residir com ele no Rio de Janeiro. Isso vai estar presente no forró, mas também em outro estilo musical bastante comum entre os migrantes: a música sertaneja.

[...] a música sertaneja proclama as belezas e alegrias do interior e do campo, a nostalgia de todos os migrantes contra sua desumanização na cidade. Porém, ao usar o caipira como instrumento desse riso denunciador, anuncia também que o mundo nostálgico do campo que ali se celebra não é o dele (MARTINS, 1990, p. 16).

Em Martins (1990), as categorias acionadas são o “caipira” e “interior”, temas do trabalho do antropólogo Antônio Cândido: “Os parceiros do Rio Bonito”. Da mesma forma que o Nordeste inspirou Gonzaga, o interior de São Paulo, o “caipira”, inspira os compositores da música sertaneja. Estilos musicais que vão se fazer presente no cotidiano festivo dos migrantes de uma forma geral. E o migrante na condição de artista vai sentir na pele as dificuldades da vida fora de casa de maneira muito sintomática. Gonzaga, por diversas vezes, teve que recorrer à sua terra natal – Exu, sertão pernambucano - para refletir sobre sua carreira e buscar apoio. É ali que ele, aparentemente, se sente seguro. E foi nesses retornos, geralmente em momentos de crise na carreira artística - especialmente quando ele perde espaço nas emissoras de rádio do sudeste - que encontra importantes parceiros musicais (CLEMENTINO, 2013). No caso de Gonzaga, sua história de artista, sua vida cotidiana, suas experiências criativas foram marcadas por conflitos, tensões e contradições. “Vida e obra se entrelaçaram e seus discursos e enunciados foram construídos e enredados às suas estratégias de sobrevivência” Paes (2009, p. 57).

As contradições presentes nos registros deixados pelo artista Luiz Gonzaga são as mesmas contradições da existência do migrante: tem horas que adora a região de destino: “São Paulo é um povo bom, me adotou” (Melosa, 38 anos, São Paulo), outra hora “bom mesmo é Várzea Alegre. Lá eu era feliz e não sabia” (Melosa, 38 anos, São Paulo). Nos versos de “A Triste Partida - 1964” e “Meu Pageú - 1957”, Gonzaga evidencia esse sentimento de não pertencimento a São Paulo ou Rio de Janeiro. Tanto o sentimento de “não pertencimento” a um determinado lugar, quando esse ritmo musical “forró” parece estar dentro do migrante. Ele carrega consigo. Leva aonde vai, como nos aponta Chianca (2006, p. 69).

A ligação identitária de Gonzaga com o Nordeste “interiorano” se revela inicialmente por uma atitude pessoal; sua origem social e local (do sertão nordestino) é constantemente reivindicada, seja nos gêneros musicais que ele recupera, seja nas palavras das músicas ou nas suas posições políticas -, essas últimas criticadas e objeto de polêmica, mas sempre clamando a solidariedade nacional para os sertanejos.

Além dos ritmos baião, xote e xaxado e de suas composições, em grande parte recuperadas de experiências vividas no sertão ou feitas em parceria com compositores nordestinos, uma série de elementos como o chapéu de couro e a vestimenta inspirada nas roupas do vaqueiro e cangaceiro Lampião, símbolos da região Nordeste. Procurando compreender esse movimento desenvolvido por Gonzaga, Paes (2009, p. 60) conclui: “Sua produção artística pode ser entendida dentro da perspectiva de tradição inventada e reinventada. Gonzaga foi produto típico da mestiçagem brasileira, negociante de símbolos, códigos e territórios”.

Esse é um debate que nos tomaria muito tempo, portanto o que estamos querendo destacar aqui é a importância do forró, ilustrado pela figura de Luiz Gonzaga, para o lazer do migrante varzealegrense em São Paulo. Isso pode ser evidenciado no trabalho de Rigamonte (2001, 2011), que verifica a presença dos migrantes nordestinos na Zona Leste de São Paulo, especialmente no Centro de Tradições Nordestinas o CTN, e ainda na pesquisa de Paes (2009), que desenvolve um importante trabalho sobre o forró de Seu Pedro Sertanejo na região do Braz, também em São Paulo. A respeito da relação de Luiz Gonzaga com os varzealegrenses, nos capítulos 2 e 3, pretendemos mostrar que um importante parceiro musical (compositor) de Luiz Gonzaga, nasceu lá.

Além do forró enquanto estilo musical preferido dos migrantes, o grupo de varzealegrenses aqui analisado possui outros passatempos como parte do tempo cotidiano. Estes possuem ainda uma forte relação com as atividades que eram realizadas em Várzea Alegre como, por exemplo, ir a jogo de futebol, cavalhadas, balneários, “tomar cachaça” com amigos nos bares, etc. O que não se diferencia muito do que eles também fazem em São Bernardo do Campo e Vila Liviero, já que a maioria paga uma espécie de aluguel para jogar bola numa quadra existente na própria vila, frequenta os bares da rua, vai à praia, etc. E além do forró como possibilidade de diversão, existe entre os jovens uma tendência a ouvir e curtir shows de música sertaneja. Os populares “sertanejos universitários”.

1.4 Festa e religião

“Aquele ‘bode véi’[Padre] é quem manda na festa” (Secretário municipal, Várzea Alegre, 2013)

Observando as festas realizadas no cotidiano dos migrantes varzealegrenses em São Paulo, poderíamos afirmar, inicialmente, que de religiosas elas nada têm. Da forma como elas se apresentam é possível imaginá-las assim: desprovidas de valores religiosos comumente conhecidos. Já quando acompanhamos o retorno dos migrantes às festas na origem (festa do padroeiro, por exemplo) essa concepção religiosa fica mais evidente. Isso porque, quase sempre, consideramos os eventos de cunho religioso aqueles que envolvem devoção a santos, cultos, novenas, missas, etc. Mas não é só isso.

Um trabalho pioneiro nesse campo foi realizado pelo sociólogo francês Émile Durkheim no clássico texto “As Formas elementares da vida religiosa” ([1912]1996), que entende a festa como espaço privilegiado para a aproximação entre os indivíduos. Ao “pai da sociologia” caberia o mérito de desvendar os três principais elementos contidos na festa: a) transgressão das normas sociais; b) coesão do grupo social; c) produção de um estado de efervescência coletiva (FONSECA, 1999). Dessa forma, a noção de festa apresentada por Émile Durkheim (1996) em seus estudos sobre religião contempla a relação entre o sagrado e o profano, entre a religião e a festa, e desempenharia um importante papel no sentido de reunir, mobilizar os grupos.

[...] toda festa, mesmo que puramente laica por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem como efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. (DURKHEIM, 1996, p. 417)

Tomando como base o que Fonseca (1999) nos apontou, podemos observar nessa citação de Durkheim os três elementos contidos na festa. Veja que o religioso ou sagrado estariam associados à ordem, considerando que o sagrado tende a instituir regras, organizar o caos e reestabelecer a ordem. Já o profano aparece como oposto, como uma espécie de desregramento, momento da efervescência que, para o referido

autor, não deixaria de ter parentesco com o estado religioso, uma vez que não existe um profano sem um sagrado²¹.

A festa provocaria uma efervescência “coletiva” e possibilitaria uma transgressão das normas vigentes. Uma espécie de desregramento temporário permitido, favorecido pelo ato de festejar. O trecho que segue causou uma espécie de encantamento e serviu de parâmetro para dezena de estudiosos. Vejamos, na sequência, o que nos diz o francês sobre as implicações de ato religioso do festejar.

O homem é transportado fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimento violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. (...) as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Também há cerimônias religiosas que uma necessidade de violar as regras, ordinariamente as mais respeitadas. Não é, claro, que não haja motivos para diferenciar essas duas formas de atividade pública (...). Mas é preciso observar que talvez não haja regozijo no qual a vida séria não tenha algum eco. No fundo a diferença está, antes, na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos se combinam (DURKHEIM, 1996, pp. 417-418).

Essa perspectiva vai influenciar os mais variados estudos sobre a festa, inclusive no Brasil. DaMatta (1998), por exemplo, produz importantes trabalhos preocupados com os processos rituais da festa. Textos que constroem modelos dicotômicos (casa/rua, público/privado, ordem/desordem, ordinários/extraordinários). No espaço da festa DaMattiana há transgressão e neutralização das normas regimentais.

O carnaval tem este aspecto de um mecanismo em que a sociedade se reencontra nas suas misérias. Um dos pontos teóricos mais interessantes sobre o carnaval é: afinal de contas, o que o Carnaval celebra? Porque todas as festas tem um centro, tem um foco. A festa de aniversário, o funeral, um ritual religioso... No Carnaval, qual é o foco? O Carnaval descentraliza, muita coisa acontece ao mesmo tempo. Ele cria uma série de eventos paralelos, desfile de escola de samba, os bailes, as fantasias de rua, dissolve as instituições. (DAMATTA 1998, p. 69)

Em DaMatta, o tempo da festa, “é o tempo da desordem, da transgressão, da ausência de rigidez na definição dos papéis sociais” (Lima, 2002,p.68). O referido autor

²¹ No capítulo 4 voltaremos a discutir os distanciamentos e aproximações entre as categorias: sagrado e profano.

vai dizer que na festa, “(...) as leis são mínimas. É como se tivesse sido criado um espaço especial, fora de casa e acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação com seus grupos de nascimento, casamento e ocupação”. O autor analisa os quatro dias do carnaval do Rio de Janeiro e afirma que durante a festa há um paradoxo: “a lei não é lei”. Para ele este seria um privilegiado momento de transgressão das relações sociais.

A primeira a discordar com essa posição de DaMatta é Maria Isaura Pereira Queiroz, no artigo “A Ordem Carnavalesca” (1994). Para ela, é um equívoco pensar o carnaval como lugar de inexistência de leis. Nos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, as escolas seguem uma obediência às ordens necessárias para que tudo ocorra bem. Queiroz analisa como o carnaval é vivido. Para ela, toda a estrutura social do cotidiano está presente na festa carnavalesca, cujos foliões e espectadores não são formados por uma pretensa multidão anônima, os indivíduos exerciam a sua individualidade nesses espaços de multidão (LIMA, 2002). E mais...

A alegria e a excitação, não se espalhavam por toda a parte na cidade, e, além disso, as escolas de samba, no seu desfile rigorosamente organizado que compõe o símbolo mesmo da festa de Momo, seguem uma obediência restrita ‘a ordem’ indispensável para que o cortejo se desenrole com toda a sua magnificência (QUEIROZ, 1994, p. 28).

Lima (2002) vai apresentar algumas considerações importantes sobre DaMatta (1983), Queiroz (1994) e Ortiz (1980). Para ela, as análises de DaMatta e Queiroz apresentam algumas limitações. Supervalorizam um determinado aspecto da construção social – a estrutura passando pela noção de ordem: o primeiro prioriza a ausência de uma ordem pré-estabelecida no carnaval; a segunda insiste na presença da ordem, na continuidade do seu estabelecimento, inclusive durante a festa.

Ortiz, por sua vez, na compreensão de Lima (2002), aponta um interessante nível de investigação dos processos ritualísticos na sociedade brasileira. Diz que não é mais suficiente pensar a festa na perspectiva dualista, como simples oposição entre o sagrado e o profano, ordem e desordem, etc., mas como processos de relações de saber e poder que instituem e fomentam a sua própria construção.

(...) O processo de dominação entre espaços diferentes adquire, portanto, uma dimensão política. Os mecanismos de manutenção da

ordem não se fundamentam, pois, somente numa concepção de conhecimento que opõe sagrado-profano, eles são legítimos na medida em que recobrem uma realidade política. (ORTIZ, 1980, p.42)

Analisando as festas, estamos analisando a sociedade. Elas servem para ampliar nosso olhar e re(pensar) as relações sociais como um fenômeno político, cultural, religioso, já que as festas permeiam a sociedade como um todo, e estão sempre sendo re(inventadas); Assim, consideramos a festa enquanto portadora de uma estrutura complexa que, na perspectiva antropológica, serve para ir do caos a ordem, ou seja, ela serve para estruturar e dar sentido a sociedade. Essas ações se dão de modo simbólico, assim como nos alerta Christine Chaves (2003) em estudo sobre uma eleição presidencial em Buritis, Minas Gerais, considerando a dimensão política na trama do tecido social:

As festas são uma importante tradição, repleta de significados para a população que as vivifica. Carregadas de significados, com enraizamento social profundo e um histórico vínculo político, as festas proporcionam uma leitura das mudanças operadas nas relações e valores políticos. (CHAVES, 2003, p. 26)

Nesse estudo etnográfico, a autora detecta o papel fundamental das festas como forma de sociabilidade na qual a política se sustenta e a partir da qual se espalha. Por meio da noção de pessoa, a política afigura-se como adesão marcada pela afetividade, produzindo um universo de valores pautado no princípio da reciprocidade e fundado no compromisso - um universo de valores que, paradoxalmente, mantém a modernidade sob controle, como identidade que se projeta para o futuro, e a igualdade, como uma promessa não cumprida.

1.5 Festa e política

“Aquela festa virou um palanque do prefeito tal” – (K., São Paulo, 2012)

Essa afirmação acima, dita por um filho de Várzea Alegre que mora em São Paulo, sobre a festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo (Ver cap. 3), nos alerta para compreender os vários significados existentes no festejar. “Indica o inusitado caminho a ser percorrido para buscar o sentido da política encarnado na festa. Conferindo-lhe validade, é preciso ir à festa”. Chaves (2003, p. 65).

Outros autores se preocupam com o sentido político presente na festa. Lanna (1999) reconhece a festa para além do papel cultural e social, que são importantes, mas elas [as festas] também serviriam para a aparição pública de políticos e disputas entre os mesmos – ainda que de um modo velado – pelos votos dos eleitores. Podemos ainda afirmar que é de extrema relevância a contribuição de Lima (2002; 2008), ao analisar e descrever o processo - histórico e político - de apropriação da festa junina na cidade de Campina Grande por um grupo político com o objetivo de transformar uma experiência tida como “popular”, num produto turístico (comercial).

Se tomarmos enquanto objeto de análise a Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo (realizada anualmente), podemos afirmar que este momento serve para a propagação de discursos, aparições públicas de autoridades, tanto do município cearense quanto de São Bernardo do Campo. É possível afirmar ainda que aquele momento festivo configura-se num esforço de afirmação identitária - linguagem comum de um grupo/uma gente/um povo/uma comunidade - no processo de disputa do poder local. Por isso, a perspectiva de Chianca (2006; 2014) também ilumina a nossa análise por compreender a festa - especificamente a festas juninas na cidade de Natal-RN - enquanto uma linguagem comum a trabalhadores migrantes (pobres) na construção de um discurso sobre eles mesmos. Ali esses trabalhadores podem se reunir sobre uma mesma identidade. A festa, em Chianca, não vai com o migrante, ela faz parte dele. Assim, enquanto um elemento definidor de uma identidade, a festa seria portadora de um recado. É como se a base dessa linguagem fosse a festa em si: criar a festa dos varzealegrenses porque estes têm algo a dizer.

Em se tratando do espaço da Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo, foi possível identificar uma apropriação por parte de autoridades políticas e empresariais dos dois municípios que visam, entre outras coisas, a autopromoção social e a manutenção do poder político e econômico nas cidades de São Bernardo do Campo e Várzea Alegre. Para além de uma linguagem comum dos migrantes, a festa serve ainda para a propagação da ideologia de um grupo e, conseqüentemente, de um partido. A ideia de uma Várzea Alegre como cidade perfeita, desenvolvida, lugar de progresso e de gente feliz, torna-se um discurso comum às autoridades ali presentes. Os gestores do município cearense apresentam aos conterrâneos migrantes, durante a festa, todas as benfeitorias que estão sendo feitas em sua terra natal. Dessa forma, se dizem cumprir com “o dever de casa” no exercício da gestão pública. É como se a Várzea Alegre de

ontem - lugar da emigração, de poucas oportunidades, de secas periódicas, pobreza e feiura - não reconhecesse a Várzea Alegre de hoje - moderna, bonita, feliz, lugar de novas oportunidades de empregos, cidade do progresso. Fala-se durante a festa de outro lugar, menos da Várzea Alegre que boa parte daqueles ali presentes conheceu. Inclusive de uma cidade imaginada, fantasiosa, uma vez que ainda hoje as pessoas deixam aquela cidade por falta de oportunidades.

Já as festas no espaço da moradia, ou usando o termo de Magnani, no “pedaço”, configuram-se, entre outras possibilidades, em churrascos na laje, aniversários - de crianças, jovens e adultos - almoços comemorativos - Natal, Ano Novo, Semana Santa, chás de bebê, etc., podem, de acordo com Lanna (1995), ser compreendidos enquanto “brincadeiras intercomunitárias”, por envolver normalmente as visitas de parentes e amigos que residem em outros bairros e cidades de São Paulo, embora, em sua maioria, oriundos de Várzea Alegre. Ainda nos termos de (LANNA, 1995), foi possível identificar muito frequentemente a presença de relações jocosas durante os festivos (festejos), especialmente naqueles mais comunitários e situados no ambiente de morada. Momentos esses entendidos como “experiências de sociabilidades e sociação”, na concepção de Simmel (2006) e para Comerford (1999), entendidos como “brincadeiras”.

As categorias “boa” e “ruim”, enquanto adjetivação atrelada ao evento festa, vão se fazer presentes nos discursos de nossos informantes, tanto quando se referem aos eventos mais extraordinários e repetitivos do cotidiano migrante - festas dos finais de semana, aniversários, datas comemorativas, etc. - quanto, e mais fortemente, na forma de fazer referência ao presente em relação ao passado, este último quase sempre tratado com o uso de adjetivações contraditórias: “nossa aquele tempo era bom demais”; “A gente era feliz e não sabia”; “As vezes paro, penso e sinto vontade de chorar”; “Ah se eu pudesse voltar atrás”. Essas expressões, além de carregar uma constelação de vazio e contrariedades - porque não permaneceu na origem se lá era tão bom; o que existia de fato tão bom naquele tempo pretérito; qual o significado da felicidade; como voltar atrás do tempo passado; quais os motivos que levam ao choro, etc.-, reforçam a tese de Sayad (2000), que considera o migrante esse indivíduo nunca inteiramente satisfeito com a sua condição.

Os argumentos desse trabalho contrariam a tese de que a “festa boa” é aquela organizada pela associação ou patrocinada pelos políticos. Estas podem, inclusive,

serem “vergonhosas”, dependendo das atrações apresentadas no palco. Já para esse grupo aqui estudado, as “festas boas” estão comumente associadas àquelas realizadas no seio da comunidade ou no ambiente familiar - casa, rua, bairro. Da mesma forma que a idealização do passado vivido (na origem) como bom, feliz, de lembranças agradáveis - a festa que antecede deu origem a atual Festa dos Varzealegrenses, aparece ainda como sendo “melhor” que a realizada hoje. “Hoje aquela festa não presta, mas quando era no meio da rua, em Ferrazópolis, era boa demais”.

Estamos delimitando a nossa análise para algumas experiências consideradas festivas, de lazer, desempenhadas pelo grupo, ou seja, diz respeito aos padrões de ações e representações coletivas que envolvem uma pluralidade de sentidos. Entre elas estão: a) Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo - que acontece uma vez por ano; b) o cotidiano festivo - aniversários, churrascos na laje, viagens, confraternizações, etc., vividos pelo grupo no espaço de moradia, e; c) Os retornos desses migrantes em momentos festivos na origem: festa do padroeiro, por exemplo. O objetivo é entender o sentido da festa no cotidiano migrante e como, de que forma, esses momentos podem expressar uma linguagem comum ao grupo. A festa aqui é compreendida enquanto uma manifestação identitária, espaço no qual se vivenciam as experiências presentes na memória. Quase sempre memórias positivas, boas pra serem acionadas.

Procuramos chamar a atenção do leitor nesse capítulo para a própria ideia de festa enquanto algo presente no cotidiano do povo brasileiro. Destacamos ainda a festa compreendida enquanto espaço da nostalgia, ambiente de acionamento da saudade e dos mecanismos de identidade de um povo. Ao mesmo tempo, procuramos apresentar a festa cotidiana do migrante, enquanto a ideia de delimitação de um espaço geográfico “pedaço”, que também é um espaço de identificação, pertencimento. Esse “pedaço” é repleto de sentidos e significações para os seus praticantes. Apresentamos ainda a festa, ou o ato de festejar, e sua relação com o tempo vivido pelo migrante e com a noção de deslocamento. São essas perspectivas teóricas e esses autores que vão nos ajudar a compreender a festa no cotidiano do grupo de migrantes varzealegrenses que residem em São Paulo. Sua relação com a(s) festa(s) em Várzea Alegre e na Vila Liviero, São Bernardo do Campo e outros espaços de sociabilidade. Não é nosso interesse entender a festa enquanto ruptura da ordem ou desregramento do grupo. Para essa pesquisa, em especial, torna-se mais importante que ela possa ser compreendida enquanto espaço de disputa e correlações de poder. Um contra-fluxo e uma troca dialógica que está na

própria condição de existência do migrante que se impõe enquanto portador de uma identidade e de uma cultura distinta, mas que a todo o momento dialoga com as culturas existentes no lugar em que se encontra. Por isso apresentamos a seguir, a título de situar o leitor no universo pesquisado, a relação existente entre os municípios de Várzea Alegre – CE e a região sul de São Paulo que inclui, além da grande capital, municípios vizinhos como São Bernardo do Campo. Foi dançando o forró de Gonzaga, que muita gente teve conhecimento de uma cidadezinha cearense, chamada Várzea Alegre. É sobre as conexões estabelecidas através da migração deste município, especialmente para o estado de São Paulo, que trataremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II – “MAS DIGA MOÇO DE ONDE VOCÊ É!?”

Neste capítulo procuramos apresentar ao leitor como homens e mulheres que são do município de Várzea Alegre, Ceará e estão residindo no distante município de São Paulo, especialmente a região sul do estado que fica na divisa do município de São Bernardo do Campo, relatam sobre as motivações que os levaram a migrar, qual a importância das redes nessa mobilidade que articula as duas localidades, especialmente nos momentos de festa.

Quando alguém te pergunta: “De onde você é?” a tua resposta certamente está associada a um lugar de origem. Quase sempre um lugar de nascimento. Percebemos que, para o filho de Várzea Alegre, há um esforço contínuo em enumerar as potencialidades de seu município de origem em relação com o resto do país, evidenciando a sua importância, muito mais do ponto de vista dos seus habitantes (que tanto se orgulham dessa terra), do que mesmo da relevância política e econômica que essa pequena cidade do interior do Ceará possui. Essa “mania de grandeza” impressa no hino: “Como é grande a nossa Várzea Alegre” orgulha sua gente que, por onde passa, conta causos e desperta a curiosidade dos ouvintes. De que forma a expressão “Terra dos Contrastes”, tornada conhecida na voz de Luiz Gonzaga nos anos 1960, se transforma na “Cidade Mais Feliz do Brasil” cinquenta anos depois, através de um discurso midiático. Pelo que pudemos observar ao longo da pesquisa, o varzealegrense não se identifica, fora do seu estado, como cearense, mas sim, como filho de Várzea Alegre. E, caso o interlocutor ao, receber como resposta: “Sou de Várzea Alegre”, naturalmente desconheça a existência dessa cidade, os varzealegrenses citam o nome do Estado. Isso é muito comum, analisando as trajetórias migratórias dos filhos de Várzea Alegre. Nesse capítulo pretendemos compreender as imagens construídas de Várzea Alegre a partir de textos de poetas, de letras de músicas, de poesias, de vídeos e documentários, das vozes dos políticos, gestores públicos, dos profissionais da mídia e de homens e mulheres cujo cotidiano é marcado pela mobilidade entre essas localidades. Como as redes atuam na experiência dos varzealegrenses nas suas experiências de mobilidade e de trabalhar, morar e se divertir na metrópole paulista? Como a imagem do varzealegrense, visto como povo festeiro, é construída entre os que partiram? Como as festas conectam o migrante com a sua cidade natal? E como a

experiência da festa é ressignificada na metrópole? São algumas das questões que pretendemos desenvolver nesse capítulo.

2.1 “TERRA DOS CONTRASTES!”

*Mas diga moço de onde você é
Eu sou da terra que de mastruz se faz café.*

*Meu amigo eu sou da terra
De Zé Felipe afamado,
Onde o bode era marchante
E Jesus foi intimado.
Sou da terra do arroz
Do sabido acabrunhado,
Do calango carcereiro.
Meu amigo eu sou da terra
Que o peru foi delegado.*

*Meu amigo eu sou da terra
Que o sobrado é nos oitão
Houve três anos de guerra,
Não morreu um só cristão,
Onde o eleitor amigo
Pra votar não faz questão,
Elegeram pra prefeito
Numa só semana
Quatro nobres cidadãos.*

*Meu amigo em minha terra
Já pegou fogo no gelo
Apagaram com carboreto
Foi o maior desmantelo.
São Bráz lá é São Raimundo,
Se festeja com muito zelo.
O prefeito completava idade
Era de quatro em quatro anos
E nunca penteou o cabelo.*

*Meu amigo eu sou da terra
Que o padre era casado
Enviuvou duas vezes
E depois foi ordenado.
Ainda ontem rezava missa
E os filhos já estão criados.
O juiz era uma mulher.
Finalmente eu sou da terra
Que o cruzeiro é isolado.*

(Música: Contrastes de Várzea Alegre. Autoria: José Clementino e Luiz Gonzaga)²²

Teria sido essa música, composta pelo poeta Zé Clementino²³ e interpretada pelo “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga, a responsável por transformar o município cearense de Várzea Alegre na “terra dos contrastes”, conforme lembra Bezerra (2013, p. 15). “Cognominada de Terra dos Contrastes em função de uma letra divulgada por Luiz Gonzaga, Várzea Alegre é, no entanto, uma cidade que se destaca em todo o Ceará em face, sobretudo, de sua tradição”. O fato é que José Clementino musicou algo que já estava consagrado no imaginário das pessoas daquele lugar e a parceria com Gonzaga tornou isso mais evidente no cenário nacional.

Outro registro sobre esse apelido de município é possível encontrar também em Clementino (2013, p. 44)

A composição, gentilmente gravada por Luiz Gonzaga e cantada em todo o país, falava de uma terra folclórica, ambiente de pessoas inteligentes, espertas, valentes e criativas. No entanto, esta composição acabou gerando um certo desconforto aos políticos locais. Eles acreditavam que a música tinha um conteúdo pejorativo e apresentava a cidade de maneira negativa para o resto do país.

A primeira referência à Várzea Alegre como a “Terra dos Contrastes” é atribuída a um viajante varzealegrense de nome José Felipe de Souza (Zé Felipe). Nascido em 1902, analfabeto, começou a trabalhar logo cedo. Caminhoneiro, saía Brasil a fora transportando cargas de algodão e contando os causos pitorescos dessa terra cearense. Exímio contador de histórias, Zé Felipe tornou-se famoso por onde passava. As pessoas costumavam se reunir para ouvir suas anedotas. Em algumas situações, como esta transcrita abaixo, suas piadas eram ácidas e provocavam revolta.

Numa certa oportunidade, ocorrida durante um inverno torrencial que castigava Várzea Alegre, Zé Felipe deixava a cidade em direção à Paraíba, transportando vultuosa carga de algodão. A poucos quilômetros da cidade, (mais precisamente a altura do sítio Caiçara, na Zona rural do município), o veículo veio a atolar-se. Percebendo o contratempo ocorrido com o solitário motorista, alguns solidários habitantes daquela localidade, começaram a aparecer, logo se formando uma relativa aglomeração. Prestimosos, ofereceram-lhe ajuda. Eram, porém franzinos de estatura muito baixa e tinham as cabeças

²² LP “Óia eu aqui de novo”; RCA Victor; 1967.

²³ O compositor Zé Clementino é um primo distante do autor desse trabalho: Jurani Clementino.

“enterradas nos pescoços”. Constituía, portanto um farto ingrediente para o gênio irônico e malévolo de Zé Felipe. Após algumas frustradas tentativas, os já exaustos e enlameados “caiçarenses” conseguiram fazer com que o caminhão finalmente transpusesse o lamaçal. Em tom de debique, já posicionado a cabine do veículo, Zé Felipe agradeceu-lhes – “Obrigado meus amigos! Estou indo a Campina Grande e quando eu voltar, trarei um saco de pescoços pra vocês!” Revolta geral!²⁴

Não por coincidência, o nome Zé Felipe aparece na primeira estrofe da música “Contrastes de Várzea Alegre”. Na sequência, a composição faz referência a nomes de padres, de juízes, autoridades vivas ou já falecidas, pessoas comuns que habitavam aquela terra. Situações narradas que causaram espanto às autoridades naquele final dos anos sessenta. Ao investigar a origem da composição, Clementino (2013, pp. 44-45) percebeu que a letra, tão divulgada na voz de um dos maiores nomes da música popular brasileira, não agradou a todo mundo:

Em algumas estrofes, de forma engraçada e inteligente, o compositor havia citado que o calango era um carcereiro, o juiz era uma mulher, o bode era marchante, Jesus fora intimado, o peru era delegado etc. Para os políticos da época, estas referências banalizavam a administração pública. Estas citações teriam obscurecido a outra parte da música que colocava a cidade como a maior produtora de arroz do Estado, tinha um povo humilde, trabalhador e hospitaleiro. O fato é que Várzea Alegre ficaria conhecida, desde então, como a “Terra dos Contrastes”. (CLEMENTINO, 2013, pp. 44-45).

Antes mesmo da música (acima descrita) popularizar e evidenciar essas brincadeiras de cunho jocoso, as pessoas já se sentiam desconfortáveis com a referência pejorativa feita à cidade de Várzea Alegre, como lembra Moreno (2004, p. 152) “Inicialmente todos se zangavam com essa denominação, ninguém aceitava, principalmente se fosse dito por pessoas de outras cidades”.

Em resumo, Várzea Alegre é um município cearense localizado entre as microrregiões Centro Sul e Cariri do Estado. Conta com uma população de 38.434 habitantes, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Com um território de 835.708 km² (oitocentos e trinta e cinco mil e setecentos e oito quilômetros quadrados), fica distante 447 km da capital Fortaleza. O

²⁴ “Contrastes de Várzea Alegre”, disponível em <http://informativotempodecrescer.blogspot.com.br/2011/03/contrastes.html> acesso, 21 de julho de 2014

município tem como principal fonte de renda a produção de arroz. Pelo destaque nesse tipo de economia é conhecido como “a terra do arroz”. Sua história remonta à segunda metade do século XIX, quando foi oficialmente desmembrado do município de Lavras da Mangabeira. Atualmente, Várzea Alegre possui seis distritos e sua economia é eminentemente rural. Além da produção de arroz, o município produz, em quantidade reduzida, milho, feijão e fava.

Mas o verdadeiro nome da cidade data do início do século XVIII, sendo atribuído a dois irmãos colonizadores portugueses que passavam pela região centro-sul do Ceará, no ano de 1717. No livro “Fragmentos para a história de Várzea Alegre” (2013), a professora Maria Linda Lemos Bezerra descreve esse momento da seguinte forma. Ao avistarem uma planície com verdes pastos e um festivo cantarolar de pássaros, um dos irmãos teria expressado aquela exclamação que originaria o nome do município.

Percorrendo as propriedades, os portugueses chegaram a uma planície verde, com lagoa e grande quantidade de variadas espécies de pássaros. À contemplação e admiração da paisagem, um do grupo exclamou: “Que Várzea Alegre!” Daí o nome da cidade que permanece até hoje (BEZERRA, 2013, p. 24)

O município é habitado por famílias de pequenos proprietários de terra, funcionários públicos, profissionais liberais e aposentados. Uma característica da população varzealegrense, certamente comum aos pequenos municípios do interior, está na migração para outras localidades. O ato de migrar é quase sempre associado a uma estratégia de sobrevivência. Quando não se foge “com medo” da seca, deixa-se a terra natal por consequência de conflitos familiares e/ou em busca de melhores condições de vida: dinheiro, moradia, qualidade de vida, dias melhores.

Os desejos dessa população migrante se assemelham com os mesmos anseios identificados por (MENEZES, 1985) ao estudar uma população migrante do alto sertão da Paraíba em direção a São Paulo. Essa “melhor condição de vida” está associada à capacidade de garantir a reprodução da própria família, ajudar os que ficaram e garantir um pecúlio que permita ficar pra onde se migrou ou retornar para Várzea legre.

A mobilidade dos moradores varzealegrenses tem diferentes destinos. Entre a própria região Nordeste, para os municípios de Recife/PE, Natal/RN, Maceió/AL; em direção à região Norte, para Belém/PA, Manaus/AM; para o Sul, especialmente para os estados do Paraná e Santa Catarina e, muito fortemente, para a região Sudeste. No caso

dessa última região, é possível perceber um intenso fluxo para a região do ABC paulista, que compreende os municípios de Santo André, São Bernardo Campo e São Caetano.

Até parece que a distância geográfica que separa Várzea Alegre de São Bernardo do Campo não é tão grande como se apresenta no mapa. Os registros de pessoas entre esses dois municípios brasileiros datam ainda da primeira metade do século XX, sendo mais fortemente percebidos entre os anos de 1950 a 1980. Era um período de intenso crescimento econômico brasileiro e instalavam-se no entorno da capital paulista as grandes multinacionais. Fatores que atraíam grandes contingentes migrantes, especialmente de “regiões economicamente atrasadas” e “menos produtivas”, conforme aponta Durhan (1978, p.45).

O estudo das áreas de imigração e a análise do processo de desenvolvimento econômico do país deixa bastante claro que o deslocamento da população rural se dá das regiões economicamente atrasadas para as mais prósperas e se apresenta, em grande parte, como uma transferência de mão-de-obra para sistemas econômicos mais produtivos.

Queremos observar aqui que a literatura que trata do fenômeno da migração do campo para a cidade ou da região nordeste para sudeste no Brasil é vasta e por muito tempo seguiu esse modelo de análise histórico-estruturalista, gerando categorias dicotômicas como campo x cidade, origem x destino, expulsão x atração, desenvolvimento x subdesenvolvimento. As motivações mais subjetivas (SILVA, 2000) ou os múltiplos sentidos da migração para os agentes só vieram ganhar destaque a partir de pesquisas feitas nos anos 1980. Consideramos uma guinada importante, porque são estudos que nos apontam outras formas de compreender a experiência migratória, não apenas associadas à questão da sobrevivência, mas a partir de alternativas de sobrevivência que emergem das condições objetivas e das maneiras de perceber essas condições. Para os moradores de Várzea Alegre, chegava a notícia de que em São Paulo existia muito trabalho e pouca mão de obra, como nos informa esse migrante que chegou a São Bernardo no final de 1968: “Entre na Brastemp que na época era Multibrás. Eu entrei na Multibrás, trabalhei um ano. Tem até uma coincidência da vida porque eu sai da Brastemp no dia 25 de janeiro de 70 e entrei na Volkswagen no dia 26 de Janeiro de 70” (SÃO COSME, 63 anos, V. Alegre, 2014).

O que é classificado como “coincidência”, pelo informante, aos olhos de quem gostaria de conseguir um emprego em São Paulo, podia ser interpretado como facilidade de conseguir trabalho. “Hoje você sai de uma empresa, amanhã você entra em outra”. Informações desse tipo estabeleceram um contínuo fluxo migratório entre esses dois municípios. A primeira, enquanto fornecedora de mão de obra, e a segunda, receptora desse contingente (SINGER, 1981). Fluxo que resultou em números impressionantes e fatos curiosos. Estima-se que existam hoje em São Bernardo do Campo aproximadamente quinze mil varzealegrenses. Considerando os filhos de São Bernardo, cujos pais são naturais de Várzea Alegre, podem fazer esse número dobrar²⁵. Tanta é a importância da relação desses dois municípios que, desde 2011, foi sancionada uma lei que os declara municípios de cidades coirmãs²⁶. Dois eventos recentes também podem ilustrar o quanto os cidadãos varzealegrenses estão presentes naquele pedaço de São Paulo. O primeiro trata-se de um trabalho documental, produzido em 2002, e o segundo, de um grave acidente ocorrido no centro da cidade de São Bernardo em 2012²⁷.

Durante a campanha eleitoral para Presidente da República, em 2002, que levaria ao cargo máximo um nordestino morador de São Bernardo do Campo – São Paulo, o cineasta Eduardo Coutinho decide contar as histórias de pessoas anônimas que, assim como o pernambucano Luiz Inácio Lula da Silva, enfrentaram a fúria dos patrões em greves históricas na região do ABC paulista. O documentário intitulado “Peões²⁸” foi filmado durante um mês, entre os dias 28 de setembro e 27 de outubro de 2002, e tem a cena inicial rodada exatamente na cidade cearense de Várzea Alegre. Ali, o documentarista colhe histórias, relatos emocionantes de ex-metalúrgicos que entre os anos 70 e 80 estiveram juntos com milhares de outras pessoas, brigando por melhores condições de trabalho no sudeste do país. O documentário narra a história pessoal de vários trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista, que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato. Eles

²⁵ As informações foram repassadas pela Associação Beneficente dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo. Levantamentos sobre o número aproximado de varzealegrenses em SBC já foram feitos, mas sem grande sucesso. Em capítulo posterior trataremos do trabalho dessa Associação.

²⁶ A Lei Municipal nº 4.651, instituída em 1998, foi sancionada pelo prefeito de São Bernardo Luiz Marinho (PT) durante a 13ª edição da Festa dos Varzealegrenses em SBC com a presença do então prefeito de Várzea Alegre Zé Hélder.

²⁷ Os dois casos acima mencionados encontram-se também em Clementino (2013, p. 175-176).

²⁸ Documentário, 85 minutos, ano de lançamento 2004, Lumiere.

falam de suas origens, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então.

Dez anos depois, noite de segunda-feira, o centro da cidade de São Bernardo do Campo estava aparentemente tranquilo. Aquele seis de fevereiro de 2012 deveria ser marcado por uma rotina comum na vida do casal Fabrício Morais e Kelly Vieira. Os dois fazem parte de um grande número de varzealegrenses que migraram para o Sudeste do país em busca de melhores condições de vida. Fabrício e Kelly estavam com a filhinha de quatro anos de idade num consultório médico. Ele cuidava da criança enquanto ela fazia exames de rotina numa clínica instalada no sexto andar de um prédio comercial. Uma tragédia marcaria para sempre a vida daquele casal. O desabamento parcial do prédio tirou a vida da pequena Júlia Morais. O pai dela foi internado com um corte na cabeça e com vários hematomas pelo corpo. A mãe de Júlia, mesmo sem ferimentos, ficou com as marcas daquele fatídico dia para sempre na sua memória. O caso emocionou o Brasil e comoveu os familiares, parentes e amigos. Dois dias depois, a câmara municipal de Várzea Alegre fez um minuto de silêncio para lembrar a morte da pequena Júlia Morais. Em outubro de 2014, quase três anos após o acidente, uma longa reportagem, exibida pela TV Bandeirantes, mostrava a angústia dos pais da Julia em face da impunidade das autoridades diante do caso²⁹. Esses parágrafos anteriores demonstram como São Bernardo está no cotidiano de Várzea Alegre e vice-versa, mas é importante destacar ainda o quanto o cidadão nascido em Várzea Alegre tem orgulho de sua origem. A cidade é apresentada como se fosse um estado da federação. Os migrantes fazem questão de falar de onde vieram. Eles possuem, ainda, formas de organização social e ajuda mútua que se diferenciam de algumas formas associativas de migrantes que tendem a ser por estados enquanto representantes e não por municípios. Vejam o que diz esse informante sobre as festas dos migrantes em São Paulo:

Tem da Paraíba, tem do Piauí, lá tem uma Associação Cultural beneficente dos paraibanos, tem dos piauienses, tem dos maranhenses, agora só existe de uma cidade que é dos varzealegrenses. Num tem a do Ceará, tem a dos varzealegrenses.

A isso você atribui o que? Por que os varzealegrenses?

Eu acho que os varzealegrenses, devido a quantidade de varzealegrenses que moram lá e resolveram fazer “dos

²⁹ A reportagem encontra-se disponível em <<http://varzeaalegre.com/portal/familias-se-revoltam-com-mortes-em-predio-e-impunidade/>>. Acesso em 20/10/14

varzealegenses”. E o varzealegrense tem essa característica dele que **EU SOU VARZEALEGRENSE**, não precisa nem você me perguntar. O varzealegrense chega num barzinho lá e diz: “Eu sou varzealegrense”. Enquanto uma pessoa do Cedro talvez não tenha essa característica, do Crato, do Juazeiro, mas o varzealegrense é comum fazer isso.

Várzea Alegre é quase que um Estado, independente para essas pessoas não é?

É, tinha até um pessoal lá que dizia, “ei, mas Várzea Alegre deve ser uma cidade muito grande e importante porque todo mundo quer ser de Várzea Alegre”. Aí eu dizia, ela tem sua importância, mas é pobre, é uma cidade pobre do interior do Ceará, mas que o povo faz questão de divulgar porque é da cidade (SÃO COSME, 63 anos, V. Alegre, 2014).

Nesse outro trecho, o informante, que ocupou o mais importante cargo de gestor do município, diz que uma característica do varzealegrense é ser “bairrista”.

O povo de Várzea Alegre é muito bairrista. E durante esses oito anos que a gente esteve no governo, a gente buscou alternativa de dá orgulho ao nosso povo que mora aqui, mas de dá orgulho também aos filhos de Várzea Alegre que moram fora, que as vezes são mais apaixonados porque a **saudade aumenta a paixão** né, tanto no amor físico como também nessa questão de simbologia de patriotismo e de bairrismo (Arapuá, ex-prefeito de V. Alegre, 2014).

É importante assinalar que esse orgulho de ser Varzealegrense e as conexões podem ser explicadas pelas redes sociais – amizade e parentesco entre as pessoas de Várzea Alegre que residem na região do ABC paulista - mas é também uma imagem que se constrói através de mediações políticas. Existe atualmente a Festa dos Varzealegenses³⁰, com forte presença de representantes políticos de Várzea Alegre e de São Bernardo do Campo na organização do evento. Também há todo um esforço das atuais administrações em manter a imagem de cidades irmãs para o consumo externo.

Esse “bairrismo” enfatizado pelo prefeito de Várzea Alegre teria sido responsável por uma das mais bem sucedidas tentativas de “dar orgulho” ao varzealegrense, seja ele morador de sua cidade ou residente em outra região do Brasil. “(...) não é a toa que saímos aí no *Globo Repórter*³¹ como uma das cidades mais felizes do Brasil, nós temos uma característica diferenciada né, na questão de bairrismo né?”.

³⁰ Trataremos sobre essa Festa dos migrantes varzealegenses, realizada em São Bernardo do Campo, um pouco mais adiante. Ver capítulo III.

³¹ Programa semanal exibido pela Rede Globo de Televisão.

Esse assunto merece mais tempo para o debate, por isso abrimos o próximo tópico contextualizando e expondo o que representou para o filho de Várzea Alegre essa exposição “positiva” em rede nacional de televisão como filho da “cidade mais alegre do Brasil”.

2.2 “A cidade mais feliz do Brasil”

Várzea Alegre é constantemente apresentada ao resto do país, pelos seus moradores e gestores, como uma cidade bastante festiva. Tal característica é reforçada cotidianamente. O calendário oficial de eventos, divulgado pela Secretaria de Cultura do Município, inclui, desde uma programação religiosa tradicional (como a centenária Festa do Padroeiro), à manifestações de cunho mais pontuais (a exemplo das cavalcadas e cavalgadas percorrendo algumas comunidades rurais do município)³².

EVENTO	PERÍODO	LOCAL
Carnaval	1º Semestre	Zona Urbana
Caminhada Maria de Bil	Último Domingo de Março	Zona Urbana
Procissão do Fogaréu	Abertura da Semana Santa	Zona Urbana
São João do Riacho Verde	15 à 24 de Junho	Zona Rural
São Pedro do CSU	28 de Junho	Zona Urbana
Festejo Várzea Alegre Junina	25 à 28 de Junho	Zona Urbana
Festa de Reisado Congo	17 de Julho	Zona Rural
Festival de Violeiros	20 à 22 de Julho	Zona Urbana
Vaquejada	1ª Semana de Julho	Zona Urbana
São Caetano (Padroeiro)	25/Jul à 05 de Agosto	Zona Rural
São Raimundo (Padroeiro)	21 a 31 de Agosto	Zona Urbana
Festa dos Viajantes do Riacho Verde	1ª Sábado de Setembro	Zona Rural
São Francisco (Padroeiro da Extrema)	24/Set a 04 de Outubro	Zona Rural
Emancipação do Município	05 à 10 de Outubro	Zona Urbana
São Francisco (Padroeiro do	16 a 26 de Outubro	Zona Rural

³² Em 2014, cerca de 300 pessoas participaram da cavalcada de Várzea Alegre, realizada durante o feriado de Proclamação da República, 15 de novembro. Informações disponíveis no portal <http://www.varzeaalegre.ce.gov.br/portal/8a-cavalcada-de-varzea-alegre-contou-com-cerca-de-300-participantes/> acesso em 08 de maio de 2015.

Canindezinho)		
Natal da Paz	18 à 25 de Dezembro	Zona Urbana

Tabela 01 – Calendário de festas anuais realizadas no município de Várzea Alegre, Ceará.

Fonte: Secretaria Municipal Cultura e Turismo de Várzea Alegre - CE, Junho de 2013.

Tais manifestações atraem visitantes de outras cidades vizinhas (por exemplo, o carnaval, considerado como o melhor da região Cariri) e faz com que os seus próprios moradores também retornem para acompanhar essas ocasiões festivas³³. Somado a isso, a cidade tem conseguido o status de “cidade alegre”, “cidade festeira”, “lugar de boas festas”. Festas que aparecem como “expressão da cultura de um povo” que afirma, ainda, a sua identidade. Algo semelhante ao que Albernaz (2004) observou ao analisar o processo de formulação da identidade maranhense³⁴. Estes eventos se apresentam como o centro de significados, em torno dos quais os varzealegrenses se autodefinem: “um povo alegre, um povo festeiro”. Nos últimos anos, percebendo alguns desses eventos como fortes possibilidades de desenvolvimento turístico e econômico, o poder público tem investido pesado.

O gestor público, ele tem que pensar em criar qualidade de vida pra seu povo, e só tem um jeito dando condições dele ganhar dinheiro, porque estamos num mundo capitalista: dinheiro é tudo. Então, no momento em que eu faço um carnaval grande, eu coloco aqui em média, no mínimo, vinte mil pessoas de fora, todo dia. Vindo da região Centro-Sul, do Cariri, é Vale do Salgado, enfim... de todo o estado do Ceará vem gente pra cá. Vinte mil pessoas por dia aqui, se cada um gastar só cem reais por dia, já fica dois milhões na economia local. Terminou os quatro dias, ficou ali na economia local, cerca de oito milhões. Isso é uma alternativa.

Esse depoimento de um empresário, ex-gestor do município de Várzea Alegre, destaca uma preocupação comum às atuais administrações públicas, a de aproveitar as festas como possibilidade de aquecimento da economia. Parte desse esforço, e o próprio

³³ A respeito do retorno pra festa e sobre a Festa do Padroeiro de Várzea Alegre, trataremos em capítulos posteriores. Nessa parte do trabalho vamos acionar o texto da Rosani Cristina Rigamonte (2001) *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. Trata-se de um esforço em entender o sentido das festas no cotidiano dos migrantes baianos.

³⁴ O “urrou” do boi de Atenas: instituições, experiências culturais e identidades no Maranhão (2004). Trata-se da tese de doutorado que investiga de que forma a política, as instituições e as narrativas afirmam e reafirmam diferenciação e semelhanças entre o estado do Maranhão e o Brasil.

nome da cidade³⁵, certamente ajudaram para que Várzea Alegre fosse escolhida pela produção do programa *Globo Repórter* para ilustrar o resultado de um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. A pesquisa apontava os moradores do Nordeste como aqueles que possuíam os maiores índices de satisfação com a vida³⁶.

Várzea Alegre está na região mais feliz do Brasil, segundo uma pesquisa do IPEA. Os moradores do Nordeste alcançam os maiores índices de satisfação com a vida, com no 7,37 em uma escala de 0 a 10. Uma concentração de gente contagiada pelo vírus da felicidade³⁷.

Os dados foram divulgados no final de 2012. Em agosto de 2013, durante uma semana, uma equipe de filmagem da Rede Globo esteve em Várzea Alegre e mobilizou toda uma estrutura para transformar a pequena cidade cearense num lugar de pessoas felizes, “contagiadas pelo vírus da felicidade”. Um importante poeta local arriscou uns versos que misturam esse momento com a história da cidade, chamado “Várzea Alegre na Mídia”.

Nossa terra tem magia
 Por aqui não tem tristeza,
 Várzea Alegre é natureza
 É cidade de alegria.
 Patativa já dizia
 Rimando o Sul e o Norte:
 - O cearense é um forte
 Guerreiro meu Nordeste.
 Um dia o Cabra da Peste
 Vai para o Globo Repórter.

Hoje a Globo está gravando
 A nossa alegre cidade,
 Não conhecemos maldade
 Para ficar lamentando.
 O povo vive é dançando
 Na escola do Roçado,

³⁵A primeira frase da reportagem exibida pela Rede Globo dizia: “No Ceará, por exemplo, tem cidade com alegria até no nome”.

³⁶De acordo com a pesquisa, atrás do Nordeste estão Centro-Oeste (nota 7,37), Sul, com média (nota 7,20) e Norte (nota 7,13). Detalhe: Região mais rica do País, o Sudeste ficou em último lugar no ranking que mede a satisfação dos moradores, atingindo uma avaliação de apenas 6,68. Ao todo, a pesquisa entrevistou 3.800 brasileiros, que responderam a uma série de questões sobre contentamento e qualidade de vida. O questionário foi elaborado pela consultoria Gallup World Poll, responsável por um ranking mundial de felicidade. Fonte: portal uol <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/12/18/nordeste-e-a-regiao-mais-feliz-do-brasil-diz-ipea.htm> acesso em 08 de maio de 2015

³⁷ Material disponível em <http://g1.globo.com/globo-repórter/noticia/2013/11/moradores-do-nordeste-alcancam-os-maiores-indices-de-satisfacao-com-vida.html>. Acesso em 08 de maio de 2015.

Num samba bem ritmado
Do trabalhador rural.
E assim nosso carnaval
É o melhor do estado.

Contraste aqui é besteira
De um povo brincalhão
E o “Jumento nosso irmão “
A história é verdadeira.
Um dia o padre Vieira
Viu um jumento atolado
E o dono muito zangado
Tava um tanto violento.
Naquele exato momento
O padre foi inspirado.

A cidade tem crescido
Fazendo jus ao seu nome,
Alegria aqui não some
Que é direito adquirido.
O prefeito é decidido
Com relação à cultura,
Pra manter a estrutura
Como um marco da gestão.
Apontando a direção
Da Várzea Alegre futura.

A Globo estava armando
A sua grande estrutura
Na frente da prefeitura
Na hora que fui passando.
Fiquei por ali olhando
Microfone pendurado,
Um povo muito assanhado
Assim que nem formigueiro.
Mas disse Sávio Pinheiro:
- Você tá sendo filmado.

Eu vi aquele clarão
Fiquei até meio bobo,
Disse: - Mamãe tou na Globo!
Olhe eu na televisão!
Mas na hora da edição
Franzé Souza achou ruim,
Me cortou lá do plim-plim
E ainda falou grosseiro.
Eu vou tirar do roteiro
As eguagens do Mundim.

Não fiquei contrariado
Porque não sou um artista,
Mas vi que o cinegrafista
Ficou bastante zangado.

Ele já tinha filmado
Eu contando a confusão,
Que teve no calçadão
De Alberto com Leandro.
Quem apartou foi Evandro
Lima Filho e Luizão³⁸.

O material coletado pela equipe da Rede Globo gerou muita expectativa e só foi divulgado em rede nacional na noite do dia primeiro de novembro de 2013. Ocasão para a qual o governo municipal preparou toda uma estrutura e convidou os moradores da cidade para acompanhar a exibição. Um telão gigante foi montado em praça pública e toda a comunidade foi convidada a assistir o programa. Era um momento ímpar na história da cidade. Houve ainda, por parte dos filhos de Várzea Alegre (presentes ou ausentes) uma intensa divulgação do programa Globo Repórter através das redes sociais. Era unânime o pedido para que todos os varzealegrenses acompanhassem aquela edição. Os portais de notícias e blogs da cidade noticiavam o fato. Várzea Alegre estava em festa. Acreditava-se que seria um programa completo sobre “a alegria contagiante do varzealegrense”.

A ansiedade dos varzealegrenses foi sendo superada pela surpresa ao verem sua cidade apresentada na TV. Muitos moradores haviam participado das gravações e esperavam maior destaque na reportagem. Ficaram, no entanto, frustrados ao perceberem que boa parte do material filmado não fora exibido. A reportagem que foi ao ar naquela noite de sexta-feira tinha pouco mais de seis minutos e logo no início reforçava nacionalmente o título de Várzea Alegre, cidade festeira. “A economia de Várzea Alegre gira graças à fama de cidade festeira. Reconhecida pela organização do Carnaval, São João e a festa do padroeiro: São Raimundo Nonato”.

Alguns personagens locais, conforme nos sinaliza a poesia do poeta varzealegrense Mundim do Vale, bem como as pessoas comuns e anônimas do próprio município, ajudaram a ilustrar a discussão que, no sentido mais geral, queria dizer que não é apenas o dinheiro responsável pela felicidade. Utilizando os próprios termos da reportagem: “só a conta recheada não garante a satisfação com a vida”. Para contrastar duas realidades diferentes, o repórter Paulo Renato Soares aparece no vídeo desfilando pelas mansões dos “chiques e famosos” americanos e, como num passe de mágica,

³⁸A autoria desses versos é do poeta varzealegrense Mundim do Vale. Disponível em <http://memoriavarzealegrense.blogspot.com.br/p/poesias.html>. Acesso em 14 de julho de 2015

surge na imagem seguinte percorrendo uma rua de terra batida com casas simples e clima seco. É nesse segundo momento que Várzea Alegre é apresentada. “Um recanto simples do Nordeste brasileiro”. Mas um lugar de gente feliz. Um grupo de crianças, perfiladas em frente à igreja matriz da cidade, entoam a música “Várzea Alegre em carne e osso³⁹”. E uma senhora rendeira, possivelmente indagada pelo repórter sobre a animação dos varzealegrenses, diz: “Aqui o povo gosta muito né, de se divertir, ser alegre”.

Ainda segundo a reportagem, a cidade de Várzea Alegre está localizada no “Sertão do Cariri”, tem uma “vocação para a alegria, estampada até na bandeira”. Quando a bandeira do município foi criada, em 1968, as frases “Confia no Porvir” e “Sorri ao passado” foram estampadas em duas faixas, uma na parte superior e outra na parte inferior⁴⁰. Esse segundo enunciado também chamou a atenção do repórter pela referencia   alegria. Uma vez que a cidade estava sendo apresentada como espaço de felicidade.



Imagem 01: Bandeira do município de Várzea Alegre, Ceará

Fonte: Blog Memória Varzealegrense

Aqui vale destacar um breve comentário sobre a criação de dois dos mais importantes símbolos do município, o hino e a bandeira. Várzea Alegre já possuía quase cem anos de emancipação política quando executou pela primeira vez o seu hino e

³⁹ Composição do poeta Z  Clementino.

⁴⁰ A bandeira de Várzea Alegre foi criada oficialmente pela Lei N  006 de 22/09/1968 que entrou em vigor no dia do aniversário do município: 10 de outubro do mesmo ano. Possui as cores verde, vermelho e branco. Na sua configuração existem dois campos horizontais e um círculo em cor branca que comporta o mapa do município, também nas cores verde e vermelho. Em torno do mapa, seis estrelas douradas representam os distritos que formam a unidade do município. Para o idealizador da Bandeira, Tibúrcio Bezerra de Moraes Neto, o objetivo foi retratar a saga do povo varzealgreense. Ver Bezerra (2013, p 57-58).

hasteou a sua bandeira. O compositor Zé Clementino e o jovem universitário Tibúrcio Bezerra se encarregaram dessa missão. “Os dois possuíam um pensamento semelhante sobre aquela terra: Várzea Alegre havia crescido, e por isso precisava de um símbolo do patriotismo e da devoção de seu povo por aquele torrão” Clementino (2013, p.45).

Sobre o hino, é bom destacar ainda, que Zé Clementino via nesse símbolo a possibilidade de “fazer as pazes” com o governo local, depois do desconforto provocado pela música “Contastes de Várzea Alegre”.

Foi, ainda, sobre o calor das repercussões causadas pela música “Contrastes de Várzea Alegre” que Zé Clementino recebeu a missão de criar um hino. E na responsabilidade de criar a letra do hino, Zé Clementino via também a oportunidade de mostrar para aqueles que não compreenderam a proposta da música que relatava os contrastes, que ele amava de maneira incondicional o município de Várzea Alegre. Ele sabia que agora poderia exaltar o nome de sua terra, mostrar em versos todas as suas belezas, seus encantos as suas riquezas (naturais e culturais), além do progresso pelo qual o município vinha passando. Sem tempo a perder, Zé Clementino resolveu então trabalhar nesta que seria a sua grande declaração de amor, para ele a maior composição, a que lhe deu mais orgulho (CLEMENTINO, 2013, p. 47).

Ainda sobre o hino, coincidência ou não, este faz menção a Várzea Alegre como “terra dos contrastes”. Está logo após o refrão, exatamente no início da segunda estrofe. “Vendo o teu progresso avançando, Num insulto aos contrastes banais”. A diferença é que agora, os contrastes são tratados como “algo banal”, superado pela onda de “progresso” e pelo desenvolvimento que a cidade vinha passando. Zé Clementino dava em versos uma resposta que certamente manteve com ele por muitos anos (CLEMENTINO, 2013).

Retomando o momento da exibição de Várzea Alegre como “a cidade mais feliz do Brasil”, era com orgulho que os varzealegrenses viam a sua bandeira dançando ao vento, numa imagem poética exibida pelo *Globo Repórter*. Mas acompanhavam imediatamente em seguida uma cena que teima em representar o Nordeste (ALBUQUERQUE, 2007): dois jumentos puxando suas carroças tangidas pelos seus donos pelas ruas da cidade. O texto também afirmava que mais da metade da população vivia com menos de um salário mínimo. A proposta era exatamente casar o texto e a imagem com o depoimento do presidente do IPEA, Marcelo Neri, que em tom breve

disse: “Temos mais felicidade do que dinheiro no bolso, essa é uma característica do brasileiro profissão esperança”.

Ganhou destaque na reportagem a luta de dois personagens “populares” de Várzea Alegre: um palhaço que vende salgadinhos e faz shows nas portas das escolas durante os intervalos e um “publicitário” que sai pelas ruas fazendo propagandas das lojas da cidade. Varzealegenses que, segundo a reportagem, “ganham vida distribuindo alegria”. Ao final da matéria, uma especialista dá o recado de que é possível ser feliz sempre, que para isso não há uma receita.

Depois dessa exposição nacional de Várzea Alegre como a “cidade mais feliz do Brasil”, houve um uso exacerbado desse discurso, especialmente por parte da gestão municipal. Em todo evento ou solenidade pública, as autoridades recorriam a esses valores difundidos para, por tabela, assegurar a legitimidade de sua administração fato que trazia a reboque o sinônimo de competência dos gestores para com a sua terra e a sua gente⁴¹. Assim foi na festa de final de ano, no carnaval, na páscoa e na tradicional Festa de Agosto. Eventos esses que evidenciam o nome da cidade no âmbito regional.



⁴¹ Falaremos logo abaixo sobre um projeto cultural desenvolvido dentro da programação da Festa de Agosto chamado “Barracão Cultural”. Nele acontece a exposição de elementos que marcam a suposta “identidade cultural” de Várzea Alegre. Em 2014, em função da “boa repercussão” gerada com a reportagem sobre a cidade, o tema será: “Várzea Alegre: aqui mora a felicidade!”. Vinte dias antes da abertura do “Barracão”, o Secretário de Cultura e Turismo do Município postou a seguinte mensagem em sua rede social na internet: “A Secretaria Municipal de Cultura de Várzea Alegre está cadastrando apresentações culturais de entidades, escolas, Secretarias de Municípios vizinhos e, pessoas individualmente que trabalham com cultura. Telefone: (88) 3541.1548”.



Imagem 02, 03, 04, 05: Material de divulgação dos eventos realizados em Várzea Alegre associando a cidade ao título de “mais feliz do Brasil”.

Fonte: página do facebook da PMVA

A mídia regional, como era de se esperar, também aproveitou para propagar em seus canais de divulgação (radio, jornal, internet) a informação de que estava no sul do Ceará a cidade “mais feliz do Brasil”. A sucursal do Jornal Diário do Nordeste, localizada na cidade do Crato, noticiou o fato e destacou uma entrevista com o Secretário de Cultura do município que retoma o mito da fundação de Várzea Alegre para explicar o motivo de tanta felicidade: “Não foi uma feliz coincidência. Historicamente essa terra desenvolveu-se, transformou-se em cidade, mas sempre manteve o espírito de felicidade em sua gente, daí o nome Várzea Alegre. Aqui se brinca o ano todo com muita euforia e paz”⁴².

Os dois personagens que serviram como exemplo de pessoas felizes para a reportagem do Programa Globo Repórter, (O músico Antônio José de Sousa – o Pelé, e o palhaço palito, interpretado por João Mendonça da Silva) também aparecem na publicação do Diário do Nordeste. Ao final da reportagem destaca o Carnaval de Várzea Alegre como sendo uma opção de diversão para jovens e adultos e um sucesso.

No entanto, um ano após toda essa euforia e propagação de Várzea Alegre como hospedagem única da felicidade, lugar das boas festas “de graça” e do investimento público em eventos que a tornaram assim conhecida, a Prefeitura do Município, alegando falta de recursos, privatiza a realização do carnaval. O projeto de lei foi enviado a Câmara de Vereadores que concedeu a permissão para o espaço público ser

⁴² “Várzea Alegre é uma das cidades mais felizes do Brasil”. Disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/varzea-alegre-e-uma-das-cidades-mais-felizes-do-brasil-1.504529> acessado em 19 de junho de 2015

utilizado pela iniciativa privada⁴³. Em julho de 2015, uma nova reunião com a equipe de eventos da Prefeitura de Várzea Alegre abre mais caminhos, no sentido de privatizar os eventos, antes gratuitos, na cidade. Justificando a inexistência de apoio financeiro por parte dos governos federal e estadual, a prefeitura decide não realizar festas públicas (leia-se de graça) durante o mês de agosto⁴⁴.

A “cidade mais feliz do Brasil” parece aproveitar esses discursos de “terra festeira”, em oposição à “terra dos contrastes”, para movimentar a economia dos clubes privados e o bolso dos promotores de eventos, já que tais festas, tão “tradicionais”, antes organizadas pelo poder público, agora estão sob a responsabilidade de entidades de caráter privado.

Mas e os varzealegrenses que vivem fora, em São Paulo, por exemplo, como compreendem a festa estando eles longe de sua terra natal? São Paulo configura-se apenas como um lugar de tristeza e solidão? Lugar de trabalho e fadiga? Todo mundo sabe que a capital paulista possui os mais modernos equipamentos culturais: teatro, cinema, shows, competições esportivas, circos, festas populares, muitos desses eventos gratuitos. Entretanto quando o migrante descreve seu cotidiano em São Paulo, quase sempre é um discurso que se limita ao trabalho. Quando não está trabalhando, o tempo livre está associado ao cansaço, fadiga e solidão conforme identificou Evelyn (1988), no texto intitulado “E a festa, onde foi parar?”, publicado pela Revista Travessia. Para MARTINS (1986), a festa não teria migrado, tornando-se uma forma de manutenção dos vínculos com a origem. Essa migração só se completaria quando a festa também migrasse. Enquanto isso não acontecesse, a migração continuava provisória.

Estamos trabalhando numa perspectiva exatamente oposta a essa. Desenvolvemos nossa pesquisa com um grupo de migrantes que se estabeleceu em São Paulo há mais de vinte, trinta anos. Habitam uma região periférica da zona sul. Embora eles ainda alimentem a esperança de um retorno definitivo, o que se verifica, nos termos de Sayad (2001), é que, objetivamente, isso parece cada dia mais improvável. E dessa forma, acreditamos que Chianca (2006) foi feliz ao afirmar que a festa migra junto com o migrante. A autora trabalha a questão da identidade e da territorialidade na cidade de

⁴³“Carnaval em várzea Alegre será realizado pela iniciativa privada” Disponível em <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2015/01/29/carnaval-em-varzea-alegre-sera-realizado-pela-iniciativa-privada/>. Acesso em 16 de julho de 2015.

⁴⁴“Prefeitura não fará festas públicas em agosto” Disponível em <http://varzeaalegre.com/portal/2015/07/09/prefeitura-nao-fara-festas-publicas-em-agosto/>. Acesso em 16 de julho de 2015.

Natal – RN e descobre que a festa junina era o principal espaço de expressão dessa identidade migrante. As pessoas faziam festa junina e reivindicavam aquela festa pra si porque, era uma espécie de linguagem comum que saía dos migrantes. Portanto, a festa está dentro, entranhada possibilitando uma expressão identitária, que vai condensar várias demandas, várias afirmações, vários símbolos que vão querer dizer alguma coisa, entre elas, responder ao questionamento: quem é você, ou reelaborando, de onde você é? Dessa forma, além das questões ligadas ao mundo do trabalho, o varzealegrense na metrópole paulista também é um festeiro. É importante ressaltar que as redes de sociabilidade, os espaços de moradia, a vizinhança são importantes para a realização de festas cotidianas, manifestações culturais e práticas religiosas.

2.3 O migrar e o festejar através dos fios das redes

Como lembramos anteriormente, as motivações econômicas têm pautado grande parte dos estudos sobre a migração no Brasil. As migrações das áreas rurais para urbanas e industriais no Brasil, no período de 1930 a 1970, inspiraram trabalhos clássicos da sociologia brasileira, que se tornaram referência obrigatória para os estudiosos das migrações, como os livros de J. R. B. Lopes: “A Sociedade Industrial no Brasil” (1971) e “Desenvolvimento e Mudança Social” (1976); o artigo de P. Singer “Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo” (1976) e o livro “A Caminho da Cidade”, de E. Durhan (1978). Esses trabalhos fundamentam-se no paradigma histórico-estrutural em que as migrações resultam de fatores de expulsão e de atração, expressando transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas e/ou setores em desenvolvimento. Tais estudos tendem a enfatizar o caráter definitivo das migrações de áreas rurais para urbanas ou entre as regiões Nordeste e Sudeste.

Lopes (1976), a partir de dados do censo demográfico, mostrou o surgimento das migrações inter-regionais como um fenômeno anterior aos anos de 1930, porém intensificando-se a partir dessa década. A migração é compreendida como o resultado do avanço do capitalismo, com o deslocamento de populações de áreas estagnadas e arcaicas para outras em desenvolvimento e modernas.

As reconfigurações das migrações no Brasil quanto a origens, destinos, duração, grupos que migram, têm exigido uma revisão das perspectivas teóricas, assim como das tipologias tais como migrações nacionais, internacionais, definitivas, de retorno,

sazonais, temporárias, as quais foram formuladas, principalmente, nos estudos do período de 1950 a 1980. Há um esforço considerável de pesquisadores no sentido de compreender as novas características dos processos migratórios e suas repercussões em termos da construção das categorias e conceitos (Menezes 2012).

Fausto Brito, em artigo publicado em 2009 enfatiza a necessidade de formulação de outros instrumentais teóricos:

O padrão migratório prevalecente até a década de setenta do século passado, no Brasil, começou a sofrer profundas modificações. Consequentemente, o paradigma e as teorias examinadas anteriormente neste ensaio, se já não são plenamente satisfatórias para explicar as migrações entre 1950-1980 e estão a exigir uma profunda revisão [...] (BRITO, 2009, p.14).

O paradigma a que se refere o autor são as teorias da migração articuladas às teorias do desenvolvimento econômico, as quais enfatizam o caráter positivo das migrações do campo para a cidade, pois poderiam permitir a mobilidade social. Brito (2009, p. 19) identifica uma assimetria entre a mobilidade espacial e social:

Uma mudança substantiva observada no padrão migratório pós-1980 foi o descolamento da mobilidade espacial da mobilidade social. Uma questão fundamental, pois era uma das poucas possibilidades de mobilidade social aberta pela sociedade brasileira e, mesmo assim, com uma probabilidade condicionada de êxito. Se o direito à mobilidade espacial deve ser resguardado, o mesmo deve ser considerado para o direito à mobilidade social. Ou, em outras palavras, a liberdade de movimento deve estar articulada, na perspectiva da justiça, ao direito de melhoria nas condições de vida. Nas condições atuais da sociedade e da economia, sabe-se bem, que é uma possibilidade remota reviver essa articulação.

Tal descompasso é percebido entre a mobilidade espacial e social em pesquisa realizada por Menezes (1985). Embora as migrações para as regiões metropolitanas continuassem a ocorrer nas décadas de 1980 e 1990, elas já não mais representavam possibilidades de fixação nem de mobilidade social. Essa intensidade da mobilidade entre os espaços questiona as noções correntes como origem e destino e tipologias baseadas em critérios fixos como migrações definitivas e migrações de retorno.

Nessa perspectiva, a questão não é propriamente estabelecer e enquadrar o grupo de migrantes estudado em tipologias fixas, mas, antes, alocar o foco para os próprios sujeitos das migrações - os migrantes. Privilegiando como eles tratam subjetivamente as suas experiências de viver entre espaços sociais e tempos diferenciados. Compreendendo que conversar com um migrante em São Paulo e na sua casa lá no sertão é falar com duas pessoas diferentes. É a diferença entre está sujeito (na cidade) e ser sujeito (no campo) (EVELYN, 1988). Muitas vezes, o sentimento de ausência acompanha toda a trajetória do migrante e de sua família, mesmo que, em termos demográficos, do seu ciclo de vida ou da sua trajetória familiar, possa ser definido como um migrante definitivo (MENEZES, 2012). Esse sentimento muitas vezes aparece na representação dos lugares onde moram os migrantes como “de transição”, “provisórios”, como é o caso da categoria “barraco”, utilizada pelos migrantes paraibanos para nomearem as casas ou, também, as chamadas pensões, os alojamentos da área canavieira, enquanto que para suas moradias, na Paraíba, usam a categoria casa (COVER, 2011). Mas o que levariam essas pessoas a se deslocarem país a fora?

Entre as causas da migração interna estariam: a alta concentração da propriedade da terra, os progressos técnicos da agricultura, as secas periódicas da região Nordeste, o alto crescimento vegetativo da população rural, além dos melhores salários das zonas rurais do sul e as vantagens oferecidas pela cidade. “As razões da mobilidade são geralmente concebidas como uma atração de fora, sob a forma de trabalho remunerado como salário (...). O trabalhador agrícola atraído para São Paulo não é arrancado de suas terras – pois ele não as possui” (Lopes, 1976, p.56).

Como dissemos acima, a razão de existência do migrante é o trabalho, eixo central da existência humana nos tempos modernos. Antes de migrar o trabalho é orientado pelas condições climáticas: chuvas, estações, em São Paulo esses homens precisam se submeter a uma lógica de organização do trabalho que lhes é completamente estranha. Veja o que nos disse esse migrante sobre a adaptação ao tempo da cidade, tempo medido pela lógica do trabalho.

Eu chegava no serviço atrasado e eu tinha conhecimento, eu não queria dá trabalho ao patrão,(...) a mulher de meu ex-patrão, o primeiro presente que ela me deu, foi um despertador muito grande, o bicho tinha duas orelhas (risos). Aí ela me deu de presente e disse: ‘tome meu filho de presente pra que você não chegue atrasado’. Aí quando era sete da manhã, mesmo na hora de eu sair rapaz era gritaria

que até o povo lá da pensão que eu morava acordava e eu saía doido pra pegar o ônibus, pra pegar o busão como se diz (MIGRANTE, 58 ANOS, Várzea Alegre, dezembro de 2012).

É bom lembrar que, o presente de um relógio, por parte do patrão, faz todo sentido numa sociedade do trabalho que precisa disciplinar seus indivíduos. Entre outros autores que refletem sobre essa questão, encontramos em E. P. Thompson (1965) uma boa análise desse tempo universalizado que pode ser medido de maneira diferenciada. O tempo, na sociedade capitalista, é comprado pelo patrão e vendido pelo empregado. Em DaMatta (1997 p. 40), inspirado na ideia de tempo de E. P. Thompson (1965), “Tempo é realmente dinheiro num sistema que acabou por individualizar tudo, tornando, tornando hegemônica a sua concepção como uma forma quantificável de ‘coisa’ social ou bem de consumo que, nestas civilizações pode ser sempre e a todo momento, comprado e vendido”.

As longas horas, o horário rígido, a cotidianidade do trabalho (EVELYN, 1988), frustram os sonhos e colocam em xeque o desejo de melhorar de vida. Sobre o significado desta expressão, tão comum nas justificativas para a migração, Luz (1988), analisando os migrantes baianos de origem indígena “Pankararé”, diferencia os termos “melhorar de vida” (algo como ascender economicamente sem perder as relações de trabalho tradicionais), de “mudar de vida”, que na concepção dos indígenas estava relacionado ao desejo de morar na cidade. Já Maciel (2012) vai discutir na concepção do migrante que se desloca para o corte de cana em São Paulo, a categoria “melhorar de vida”.

Consideramos que as noções de “melhorar de vida” ou de seus significados passam pela esfera do mundo do trabalho, mas também se realiza em outras situações da vida social dependendo de uma série de percepções construídas no âmbito das relações sociais. Para esse trabalho, a noção de “melhorar de vida” gestada no processo migratório é construída na dinâmica da cultura; essa é entendida como um contexto no qual os símbolos podem ser descritos de maneira compreensível (MACIEL, 2012, p. 113).

Tomando a noção weberiana de que os homens dão sentido às suas ações, (MACIEL 2012) entendemos que a noção geral de “melhorar de vida”, por vezes, apresenta materialidade econômica definida, e, em outras ocasiões, aspectos simbólicos, podendo ainda conjugar os dois significados. Referem-se à cotidianidade migrante: “O

significado de “melhorar de vida” articula o lá (locais de origem) e o cá (locais de destino) e, conforme o processo migratório, consolidam-se outras noções que, a partir da expressão “melhorar de vida”, são produzidas” Maciel (2013, p. 114).

Maciel também identifica quatro aspectos que estão relacionados com a concepção/significado/sentido de “melhorar de vida” para os migrantes:

A primeira delas se relaciona com o acesso ao consumo de bens, sejam eles duráveis e não duráveis. O segundo aspecto vai de encontro com o acesso aos serviços sociais e/ou direitos sociais. Em terceiro, podemos citar a noção de libertar-se de esquemas de dominação – no caso das mulheres, essa máxima significa construir autonomia frente a seus maridos e, no caso dos homens, distanciarem de seus pais. E por fim, a própria circulação no espaço social de vida significava “melhorar de vida” para alguns dos entrevistados. Lembramos ainda que essa categorização é meramente formal, pois é possível perceber que, muitas vezes, esses quatro aspectos são ressaltados nos discursos, entretanto, em alguns casos, um ou outro toma maior relevância (MACIEL 2012, P. 115-116).

Um aspecto importante nessa concepção de “melhorar de vida” para o migrante é que, de certa forma, está presente no cotidiano dos migrantes aqui analisados, pode ser encontrada no terceiro ponto: libertar-se dos esquemas de dominação presente tanto nos discursos masculinos quanto femininos.

Nesse caso, o campo tem mostrado que as mulheres, quando migram pós-casamento, buscam tornar-se livres da dominação masculina, seja do pai ou do ex-esposo. Os homens relatam o desejo da construção da autonomia frente à roça do pai e a possibilidade de gestão autônoma dos ganhos. Na tentativa de modificarem suas histórias de vida, ambos encontram, no processo migratório, a resolução dos conflitos da vida particular. Essa expressão do “melhorar de vida” – libertar-se de esquemas de dominação – constituiu, entre os aspectos por nós categorizados, o mais importante no que toca a criação de novos arranjos familiares (MACIEL, 2012 p. 123)

Os conflitos familiares aparecem com certa frequência nas histórias de vida desses migrantes. Recorremos aqui ao relato de uma mulher de 45 anos, mãe de dois filhos, separada, autônoma e que saiu de casa ainda criança. Em sua narrativa estão elementos de culpa e arrependimento diante dos conflitos vivenciados em família - ontem vividos com muita dor e sofrimento, hoje compreendidos como lição de vida.

Eu acho que minha mãe não gostava de mim. Ela me batia muito. Desde criança. Eu apanhava quase todo dia. E batia por nada sabe. Não precisava fazer nada. Qualquer coisinha era uma surra. Hoje eu consigo dizer ‘mãe eu te amo’. Mas durante muito tempo guardei tanta mágoa. Eu saí de casa logo cedo. Fui pra casa dos outros. Pra trabalhar. Casei muito nova. Acho que por isso meu casamento não deu certo. Eu tinha 17 anos quando casei. Nessa época eu tinha muita mágoa de meus pais, principalmente da minha mãe. Eu lembro que quando a gente voltava da igreja, depois de casada, os pais aguardavam a gente em casa para abençoar o casamento. Eu pensei comigo ‘não vou me ajoelhar’ pra eles (pai e mãe). Não sei explicar porque fiz aquilo. Acho que era birra mesmo. Eu não queria me ajoelhar pra pedir a benção. O pior foi que quando cheguei tinha, além de meus pais, meu avós e dois tios muito próximos da gente. Ai eu me ajoelhei e pedi a benção a eles (avós e tios), mas na hora de pedir a benção a meu pai e minha mãe eu não me curvei. Acho que aquilo era mágoa pelas coisas que minha mãe tinha feito comigo. Ela não sabia ser carinhosa (BEBEDOURO, 45 anos, São Paulo, Outubro de 2014).

As memórias do passado dessa migrante, especialmente associadas à sua relação familiar, são de um contínuo conflito entre ela e sua mãe. Tensão que se fez presente até num dos momentos mais especiais da sua vida: o casamento. Negar-se a receber a benção da mãe pode significar uma transgressão familiar, ao mesmo tempo em que representa uma resistência, uma resposta às ações/atos de sua genitora. Contudo, veremos a seguir, que a migração, ou seja, o processo de deslocamento e distanciamento geográfico dela, hoje distante da mãe, fizeram com que ela enxergasse hoje o passado com outros olhos.

Tadinha, hoje sei que a culpa não era dela. Minha vó também fora muito cruel com ela. Minha vó era ruim pra minha mãe. Nossa, sabe o que eu acho, se eu investigasse direitinho eu ia descobrir que minha mãe era uma filha indesejada por minha vó, porque quando ela casou estava grávida. Só pode ser isso. Mãe sofreu muito e ainda hoje sofre nas mãos da minha avó. Ai eu imagino que ela fez isso com a gente, e em especial comigo, porque ela foi criada apanhando também. Mas quando vim embora pra cá (São Paulo) eu sentia tanta falta de minha mãe. Ligava todo dia. Hoje não ligo tanto porque minha vida é corrida, mas sempre que posso ligo. Minhas irmãs hoje ligam mais que eu. Mas sempre que ligo não tenho vergonha de dizer: mãe eu te amo. Tanto digo pra mãe quanto pra pai o quanto amo eles. Mas nossa sofri muito. Hoje tenho a cabeça deformada por conta de uma pancada que minha mãe deu. Pega aqui pra tu ver (coloco a mão e percebo que existe uma deformação no crânio). Sabe o que foi isso? Um balde. Ela tacou um balde na minha cabeça que amassou o crânio. Nossa a forma que os pais criavam os filhos naquela época era com muita ignorância. Meu irmão mais velho também apanhou muito. Teve uma vez que meu pai ameaçou dá uma surra em meu irmão e ele tava com um espeto na mão e tava decidido a revidar se meu pai fosse

pra cima. Depois ele disse que teria enfiado o espeto nele se tivesse apanhado. Acho que meu pai se tocou e desistiu de bater em meu irmão (BEBEDOURO, 45 anos, São Paulo, Outubro de 2014).

A maneira “violenta” de educar os filhos (batendo, ameaçando) hoje tem um sentido explicável na compreensão dessa migrante: “os pais criavam os filhos naquela época era com muita ignorância”. A falta de diálogo, de uma orientação, de uma palavra entre pais e filhos também é visto com lamento. Talvez essa tenha sido a forma que ela educou seus filhos, mas também era dessa forma que ela gostaria de ter sido educada também.

Ah outra coisa, mãe não conversava nada com a gente. O anticoncepcional da minha mãe, ela escondia debaixo da cama pra gente não ver. Tu acredita nisso. O que custava dizer que era um remédio que ela tinha que tomar e pronto. Mas não. Ave Maria era uma ignorância muito grande. Hoje converso com meus filhos, explico tudo pra eles. Aqui todo mundo é acostumado a tomar banho na frente um do outro. Quer dizer, tem esse aí que é adolescente e se nega a aparecer pelado (fala apontando para o filho de 17 anos). Mas às vezes tá no banheiro e falo, estou entrando!! vira de costas se não quiser que eu veja você pelado (risos). E digo a eles todo dia o quanto eu os amo. Nossa eu acho que tem que ser assim. (BEBEDOURO, 45 anos, São Paulo, Outubro de 2014).

Após narrar essas memórias de um passado marcado pela tristeza e, até certo ponto, pela violência familiar, a informante não consegue ver hoje o lugar de origem como um local para voltar a residir. É como se as lembranças ruins, estivessem vivas esperando pelo retorno dela. Uma espécie de fantasma. Mas ela também não abre mão de retornos temporários e passageiros, com duração de, “no máximo, uma semana”. Contudo, o presente, vivido no destino, também provoca emoções e tristezas, associadas à depressão, como ela mesma comenta, num desses retornos à casa dos pais.

Outra coisa eu gosto muito de voltar lá no Ceará e encontrar meu povo sabe! Mas não consigo passar muito tempo. Não gosto de Várzea Alegre pra morar. E também vão morrendo as pessoas que a gente gosta (cita o caso da ex-patroa que faleceu). Foi a maior perda que tive até agora. Nossa, quanto eu gostava dela. Já perdi meus avós, mas nunca senti tanta falta quanto senti dela (cita o nome da ex-patroa). Hoje vou lá, mas não consigo passar mais de uma semana. Nossa bate uma depressão. Lembro que teve uma vez que fui e eu chorava, chorava tanto. Tua mãe foi lá em casa, conversou comigo. Disse: ‘minha filha tenha paciência’. Mas era uma época que eu tava me separando e também tava com começo de depressão. Chorei tanto nessa época. Lá não tinha ainda celular. Dei um jeito de comprar um pra ficar em

contato com o pessoal daqui. Aí só tinha um lugarzinho na calçada de minha vó que o celular dava área. Eu vivia sentada na calçada apregada nesse telefone. Às vezes o sol quente e eu lá, conversando com o povo. Mas foi uma forma que eu encontrei para amenizar a minha tristeza. A situação foi tão complicada que fui pra passar 15 dias e fiquei apenas uma semana. Comprei outra passagem e vim embora. Hoje gosto de ir sempre. Todo ano se puder estou lá, mas prefiro ir em agosto. Pra festa sabe! Mas também é assim, uma semana e pronto. Faço as visitas todas que tenho que fazer, vou na casa de todo mundo e depois estou pronta pra voltar” (BEBEDOURO, 45 anos, São Paulo, Outubro de 2014).

A narrativa acima é uma interpretação subjetiva da experiência migratória que envolve a saída de casa, a chegada em São Paulo, as redes de parentesco e amizade, os modos de lidar com as opressões dos pais, especialmente da mãe. Experiência que está para além das determinações meramente estruturais. Além disso, é um relato que expõe as diferentes formas de lidar com os diversos aspectos da experiência migratória dessa informante no lugar de destino: como lidar com as memórias do passado, como suportar a morte da ex-patroa, considerada mais importante que os avós; como superar o drama de uma separação, o início de depressão, os retornos angustiantes à casa dos pais... Essa experiência permitiu à nossa informante uma visão crítica sobre a vida, o mundo e a sobre a própria relação que tinha com a mãe antes de migrar.

É verdade que muita gente procura em outra localidade um refúgio para os dramas pessoais. Em Rigamonte (2001, pp. 93-95), a metrópole aparece como atrativo para esses migrantes que estão desiludidos com o lugar de origem: “Na cidade onde eu nasci não tem conforto, trabalho e estudo e eu vim em busca disso”; ou desejam uma vida melhor: “vim para ter uma vida mais confortável”. Contudo, a metrópole aparece nos depoimentos dos informantes, ainda, como espaço de frustrações, desengano: “Eu queria ir embora daqui, estou cansada”. Um cansaço, em parte resultado dos desafios que essa população é cotidianamente obrigada a enfrentar, como por exemplo: a adaptação ao ritmo de vida metropolitano, concorrência no mercado de trabalho, além da intolerância dos “sulistas” que teimam em achar que todo nordestino deve ser chamado de “baiano”, uma expressão pejorativa e preconceituosa, como bem lembra Albuquerque Junior (2007, p. 126)

A chegada dos migrantes nordestinos vai gerar tensão com as populações locais⁴⁵ e vai dar origem a figura do arigó, que no próprio

⁴⁵ Perspectiva semelhante é encontrada em (Elias & Scotson, 2000). No livro, “Os Estabelecidos e os Outsiders”, estes autores analisam as tensões entre os habitantes estabelecidos e os forasteiros de Winston

Nordeste passou a significar aquele que é bobo, que é tolo. (...) a disputa pelo mercado de trabalho, por moradia, por um melhor padrão de vida, fez com que os nordestinos sejam estigmatizados em São Paulo, através da figura do “baiano”, ou no Rio de Janeiro, através da figura do Paraíba.

Em Sayad (2000), o trabalho é a razão de ser do migrante. Isso é um fator importante, mas é necessário considerar outras motivações, como as mencionadas acima (busca de emancipação/ liberdade em relação à autoridade do pai ou da mãe; ou ao padrão). As redes sociais facilitam esses projetos, muitas vezes individuais.

A existência de uma rede influenciando o processo migratório está presente em diversos trabalhos sobre o tema: Durhan (1978); Menezes (1985; 2002), Luz (1988), Dornelas (2001), Fusco (2001), Costa (2001), Fontes (2008), Sarti (2011). Nestes trabalhos, o estímulo para a intensificação do processo migratório pode ser percebido através de uma rede de contatos entre os presentes e os ausentes. O retorno dos que migravam, a emissão de cartas e notícias de São Paulo estimulavam os moradores que estavam ainda em seu lugar de origem a buscarem alternativa de sobrevivência. “Eu via todo mundo chegar aqui com um gravador, um dinheirinho e tudo aí, ainda hoje tem isso... um relógio bonito no braço. Aí eu disse: eu vou também pra São Paulo” (MOCOTÓ, 58 anos, migrou em 1979). O primeiro deslocamento desse migrante está associado, de acordo com a experiência da memória⁴⁶, às influências que os retornados de São Paulo lhe causavam. As conquistas de bens materiais e de uso pessoais, como roupas e acessórios, haviam despertado nele o desejo de sair de seu lugar de origem. E assim ele o fez. “Ai eu fui, cheguei lá, graças a Deus, comecei a trabalhar⁴⁷ e consegui:

Parva, nome fictício para uma cidade do interior da Inglaterra. Muitos desses conflitos se davam porque os recém-chegados não partilhavam os valores e o modo de vida vigentes ao grupo ali estabelecido.

⁴⁶Entendemos esses depoimentos, da mesma forma que os outros anteriormente citados pelos nossos informantes, como um texto produzido pelo trabalho da memória (Halbwachs, 1990; Bosi, 1987; Pollak, 1992) em que falar sobre o passado é revisitar-lo a partir do que o indivíduo é no presente. A memória, ao ser uma releitura do passado a partir do presente, ela é marcada pela posição social do sujeito que narra e pelas suas percepções sobre a própria vida. Assim, o indivíduo, ao narrar sobre sua vida, está construindo uma imagem para si mesmo e para os outros, que pode ser a família, o pesquisador ou outros de suas redes de relações. Assim, narrar sobre o passado é mobilizar símbolos identitários, como nos ensina Pollak (1992, p. 204). A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. A relação entre o ato de narrar e a construção de identidades é analisada por Silva e Menezes (1999) em artigo sobre as narrativas dos migrantes temporários. As autoras se fundamentam em Walter Benjamin (1987), que compara a arte de narrar à arte do trabalho artesanal, em que não há separação entre produtor e produto do trabalho. A narrativa diz respeito às mãos, aos olhos e, também, à alma.

⁴⁷Esta fala (sobre o trabalho) reforça a tese de Sayad sobre a imigração: “Afinal, um imigrante só tem razão de ser no mundo do provisório e com a condição de que se conforme ao que espera dele; ele só está

consegui um gravador, aí depois comprei um relógio bonito, umas calcinhas social, um sapatinho bonito social também, umas camisas bonita.. e aí quando foi com dois anos eu vim pra cá e “abafei”. (*risos*) Esse “abafei”, expressão nativa do informante, está associada ao sucesso, à vitória, às conquistas. É como se ele tivesse, de fato, se tornado um vitorioso, conseguido adquirir com o trabalho na metrópole aquilo que, muito dificilmente, conseguiria trabalhando com os pais no roçado, no lugar de origem. Seus pais eram “moradores”, ou seja, trabalhavam e residiam em casas e terras de terceiros. Algo comum até os anos 1980, como apontam os estudos de (MENEZES, 1983; WOORTMANN, 1990).

Por estabelecer uma relação contínua entre os que foram e os que ficaram, movimentos intermediados por relações de amizade ou familiares, Menezes conclui que São Paulo acaba se tornando mais próximo do que outros municípios localizados na própria região. Isso é importante para pensarmos, por exemplo, o quanto esses vínculos migratórios, esses contatos e essas redes que se estabelecem entre os municípios de origem dos migrantes e os lugares de destino, redimensionam a distância. São Paulo e Várzea Alegre, apesar de geograficamente estarem separados por quase 3.000 km, são socialmente e simbolicamente próximos. Do mesmo modo, os tempos também se aproximam⁴⁸. Ainda hoje, as relações pessoais permitem agilizar a articulação de mercado de trabalho entre São Paulo e Paraíba. Parentesco e amizade são determinantes nos destinos dos trabalhadores migrantes. “(...) é através das relações familiares que se determina os destinos, as etapas e os tipos de migrações, os retornos” (Menezes, 1985, p. 85).

A comunicação permanente entre origem e destino estimulava e auxiliava nesse processo: “Correspondências, fotos, cartões-postais tinham papel importante para o fornecimento de dados e criação de um ‘imaginário cultural do local de destino’”. (Fontes 2008, p.55). Neste sentido, Fontes (2008) vai afirmar que a migração interna no Brasil apresenta um caráter familiar. Articulação estabelecida com parentes, amigos e membros da comunidade de origem. Perspectiva semelhante tem Maria Cristina Silva

aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele” Sayad (1998, p. 55).

⁴⁸Essa perspectiva do encurtamento do tempo e espaço através das redes sociais (sejam as de proximidade – parentesco, amizade, vizinhança ou as digitais) aparece como tema central da discussão da sociedade informacional de Manuel Castells (1999), da modernidade de Anthony Giddens (2002), ou da pós-modernidade: David Harvey (1992)

Costa, no texto “Nós das redes” (2001). Analisando os trabalhadores rurais temporários da região de Ribeirão Preto – SP, a autora constatou o destacado papel desempenhado pelo parentesco, na migração de pessoas de origem rural e em suas tentativas de integração no contexto urbano: “a família tem grande importância na estruturação do universo tradicional camponês, mantem-se como um valor que permanece e se renova na cidade”. Costa (2001, p. 25). A família no contexto urbano garante a solução conjunta das questões de sobrevivência. Além disso:

Essas redes de parentesco e amigos, estabelecidos nas localidades de origem, atuam como pré-requisitos, entre migrantes, para a fixação na cidade, facilitando a busca de moradia e de ocupações para os que chegam, com base em compromissos morais sedimentados pela proximidade dos laços afetivos (COSTA 2001, p. 25)

Outro ponto interessante destacado pela autora, e que é possível identificar no grupo familiar em questão, está relacionado ao fortalecimento dos laços afetivos desses migrantes. Mas é bom destacar que a solidificação desses laços não anula, em hipótese alguma, a existência de conflitos.

{...} para os migrantes, a vida na cidade acaba por ressaltar em intensificação dos laços de parentesco, não apenas pelo potencial de mobilização dessas relações para enfrentar as múltiplas carências de um grupo egresso do mundo rural, como também pela segurança emocional que a convivência familiar proporciona perante o mundo urbano desejado, mas que segrega, isola e hostiliza aqueles que não são portadores dos saberes, condutas e habilidades por ele requisitados (COSTA 2001, p. 25)

A autora conclui, a partir da história de vida dos sujeitos pesquisados, que as teias de parentes tecidas na cidade reúnem grupos domésticos que antes viviam dispersos em fazendas diversas.

No espaço “urbano” da granja, como também na favela e em outras áreas, esses egressos do mundo rural a comunidade possível sobre redes de sociabilidades que unem parentes na família extensa, podendo incluir amigos e vizinhos (COSTA 2001, p. 27).

As formas de organização no universo urbano impõem novas formas de comportamento e amplia consideravelmente as relações familiares. Aqui, a autora se

refere ao conceito de “família extensa” para aquela família que está para além do conhecido “núcleo familiar” – pai, mãe, filhos. A necessidade de construir moradias, educar os filhos, a dificuldade de acesso a outras tantas instituições necessárias a esse grupo implica na ampliação dessa rede.

Unidos em redes de cooperação e solidariedade, que perpassam as relações de parentesco e fundem várias unidades conjugais em uma família extensa, esses migrantes recentes extraem de sua bagagem cultural os laços significativos que lhes asseguram, em novo arranjo, formar os nós fortalecidos sobre os quais assentam as bases da nova vida (COSTA 2001, p. 27).

Somente um estudo mais aprofundado sobre como se dão atualmente as configurações e as relações entre os que partem e os que ficam, como também as formas dessas pessoas lidarem cotidianamente com a saudade e a ausência, poderia atualizar esse debate na contemporaneidade.

Diversos migrantes varzealegrenses corroboram com esse debate teórico quanto à importância dessa rede familiar no processo migratório. Irmãos, tios, primos, padrinhos, amigos etc., se unem no auxílio e na inserção desses migrantes na cidade. O Sr. Mocotó, 58 anos, reforça, através de sua narrativa, essa discussão apresentada acima. “A minha saída (de Várzea Alegre), eu fui mais Z. N. (tio dele)⁴⁹, e mais um rapaz...(não consegue recordar o nome do outro rapaz que o acompanhou na viagem)”. Essas redes de ajuda para a entrada na migração também podem ser entendidas como reforço aos deslocamentos e na criação de elo que aproximava regiões e cidades tão distantes, sejam geograficamente, quanto economicamente.

Outras questões associadas ao apego familiar surgem como algo caro para esse migrante, especialmente naquele primeiro momento. “(...) mas aí quando eu saí daqui a primeira vez, eu era muito pegado com meu pai, minha mãe, aí eu, cheguei ali, naquele... (indicou um lugar que eu conhecia) eu me lembrando de papai e de mãe, e eu comecei a chorar, ainda voltei pra trás, aí fui pra frente e aí... Rapaz eu não sei não, a primeira vez não é fácil não”. Mesmo sabendo que a vida em Várzea Alegre era difícil e

⁴⁹Algo muito comum nas narrativas que seguem transcritas ao longo do texto é a importância das redes familiares na objetivação dos deslocamentos destes migrantes. Essa importância será analisada no tópico a seguir sob a perspectiva de importantes trabalhos no campo da antropologia produzidos por Elizabeth Bott (1976) e Eunice Durhan (1978).

quase impossível, restando apenas a migração como saída, a decisão de emigrar, também não era algo simples. Significava o rompimento com laços afetivos com os pais, com os irmãos, com a família de uma forma geral. “E aí quando eu cheguei na casa da minha avó, eu ia dormir lá pra no outro dia de manhã eu viajar, ia pra Várzea Alegre pra de lá, no outro dia de manhã pegar o Varzealegrense.. e aí rapaz, não é fácil não, e quando foi já a boquinha da noite, minha mãe chegou, que ela dormiu lá também, na casa do pai dela e tudo. E aí quando eu vi a minha mãe, eu senti aquele negócio dentro de mim, que eu ia viajar no outro dia, não foi fácil não. Minha viagem não foi fácil não. A primeira vez que a gente sai de casa, não é fácil não, eu acho que é todo mundo, judia com a gente”.

Uma espécie de rede de contatos, envolvendo várias pessoas - entre amigos, familiares e conhecidos - foi mobilizada para que a migração e, conseqüentemente, a condição de migrante se efetivasse/objetivasse. O migrante em questão chegou a São Paulo levado por um tio, Z. N. Foi morar na casa dele, ou melhor, dividir um espaço com mais sete pessoas, todos filhos de Várzea Alegre. O primeiro serviço na cidade grande era precário e resultou dessa rede familiar, algo comum nas narrativas desses migrantes de origem rural sem qualificação profissional para o mercado de trabalho urbano. Foi também a primeira vez que esse jovem encarou olhares estranhos e apelidos pejorativos, a exemplo de “barriga verde” que era sinônimo de “matuto”.

Dornelas (2001), no texto *“Redes Sociais na migração: questionamentos a partir da Pastoral”*, identifica entre os agentes da Pastoral do Migrante, em São Paulo, uma compreensão das redes que passa por vários enfoques. Nesse sentido, o autor enumera quatro tendências:

I – Redes sociais são vistas como uma sensação de “maravilhamento”. Muito em função das possibilidades que ela oferece ao migrante. As formas como os migrantes se relacionam, se ajudam mutuamente, encontram soluções para os seus problemas, etc.;

II- Uma segunda possibilidade de compreender a existência das redes sociais estaria carregada pelo ímpeto da militância. Uma pergunta torna-se fundamental para esse grupo interessado nas redes como elemento político: como as redes poderiam ser instrumentos úteis na mobilização social e política das classes sociais? Nessa compreensão, questiona-se a possibilidade de instrumentalização de tais redes;

III – Já um terceiro grupo veem nas redes um entrave à ação política dos agentes da pastoral, no sentido de despertar a consciência de cidadania entre os migrantes,

afirmar a importância de sua participação política, da defesa de seus direitos sociais e civis, dos valores do Estado de direito, etc.;

IV – Pode-se observar uma grande confusão e desconhecimento em boa parte dos agentes, que tende a assimilar, de maneira a-crítica a “rede” entre os migrantes, associando-a as múltiplas formas de redes de trabalho, de movimentos sociais, de empresas, de instituições sociais entre outras, sem se perguntar o que elas realmente são, sem fazer uma necessária distinção entre elas e a rede de migrantes propriamente dita.

Após a apresentação desses pontos, o autor vai definir rede social e afirmar que o ser humano constrói a sua identidade como pessoa no seio de uma rede de relações sociais. Isso não seria diferente com o migrante que também se articula dessa forma. O autor toma de empréstimo a definição de rede:

A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso (...). Estabelecendo relações que são determinadas pelas obrigações que se contraem ao se aliarem e dando uns aos outros, submetendo-se às leis dos símbolos que criam e fazem circular, os homens produzem simultaneamente sua individualidade, sua comunidade e o conjunto social no seio do qual se desenvolve a sua rivalidade (CAILLÉ, 1998, pp.18-19 apud, DORNELAS, 2001, p.5)

A rede estaria, portanto, nessa definição, relacionada a uma necessidade de criação e manutenção de laços de confiança através de obrigações básicas como dar, receber, retribuir. Dornelas compreende que é no âmbito da rede que o projeto migratório se enuncia, assim como também é aí que se mobilizam os recursos e as estratégias para a sua concretização. A família é tida como elementar e fundamental para a constituição das redes migratórias. A rede aparenta ser mais forte quando estabelecida entre famílias mais pobres, uma vez que estas têm uma obrigação moral para com os seus membros (DORNELAS, 2001; SARTI⁵⁰, 2011). Na rede, a família rompe aquela estrutura nuclear de pai, mãe, filhos e se amplia para outras alianças como: avós, tios, primos, cunhados, padrinhos etc. “É essa rede que vai sustentar a identidade social de seus membros e ser a sua garantia diante dos momentos de

⁵⁰Cyntia Anderson Sarti analisa a moral da família pobre num bairro da Zona Leste de São Paulo - São Miguel Paulista – e verifica que a família funciona como referência simbólica para os pobres, é pensada como uma ordem moral, constitui o espelho que reflete a imagem com a qual os pobres ordenam e dão sentido ao mundo social (SARTI, 2011, p. 139).

infortúnio” Dornelas (2001, p. 6). Nisso estaria fortemente presente aquelas três obrigações básicas da constituição de uma rede: *o dar, o receber, o retribuir*.

Através das muitas trocas simbólicas (dar, receber, retribuir) firmam-se laços de solidariedade e estima, mas também inevitáveis obrigações morais⁵¹, que garantem, de um lado, a respeitabilidade de todos dentro de um grupo e diante de todos dentro do grupo e diante dos outros olhares da sociedade, e de outro, a segurança diante das precariedades da vida que são enfrentadas por todos (DORNELAS 2001, p. 6)

Aliada a essas motivações recíprocas, entrariam as redes, com a possibilidade de alargar a possibilidades e facilitar as estratégias de sobrevivência do grupo familiar. Para Dornelas (2001, p. 6), “[...] a rede se manteria como sempre se manteve, pela circulação de bens simbólicos, através da renovação das alianças de fidelidade e confiança e o reforço das obrigações que unem uns aos outros, aqueles que ficaram e aqueles que migraram”.

São essas redes sociais, portanto, responsáveis pela saída e pela inserção do migrante no local de destino: mediando o ingresso no mercado de trabalho, facilitando o contato com os códigos sociais culturais e morais e com as outras instituições públicas e privadas da sociedade de adoção. Isso também vai refletir na configuração das moradias, na forma de organização do espaço urbano, nas ocupações desses migrantes que, acolhidos pelas teias dessas redes, acabam por desempenhar atividades semelhantes às de seus parentes e conterrâneos. “É relativamente comum observar essas certas etnias de migrantes ou migrantes provenientes de uma mesma localidade, acabam enveredando por um mesmo nicho de trabalho” Dornelas (2001, p. 7).

Sobre as formas de moradias dos varzealegrenses na Vila Liviero, daremos mais destaque a seguir, mas gostaríamos de lembrar que a própria organização deles no espaço urbano, ou seja, o modo como as casas de moradia estão alocadas/posicionadas no espaço, facilita a realização da sociabilidade e, portanto, a elaboração de festas. Isso não significa dizer que eles formam um grupo fechado aos outros que por ali existem. Naturalmente que eles mantêm contato, amizades, participam de festas e convidam estes

⁵¹As obrigações morais, as quais se refere Dornelas, podem ser melhor compreendidas em estudos que tratam da teoria da dádiva de Marcel Mauss. Sobre isso, ver artigo “Reciprocidade e campesinato” de autoria de Marilda A. Menezes, que analisa como quatro autores do campesinato – James Scott, Enrique Mayer, Antonio Candido e Emílio Willems - abordam o tema da reciprocidade a partir de configurações históricas específicas. O texto completo está publicado no livro: Polifonia do Dom, organizado por Paulo Henrique Martins. Ed. UFPE, 2006.

para também se fazerem presentes nos seus festejos. Dornelas (2001) destaca as práticas religiosas como uma estratégia do grupo migrante para exercer uma abertura com outros grupos da sociedade em que se instalam. Além destas festas mais de cunho religioso, o autor também destaca as festas privadas de caráter familiar (batizados, casamentos, etc.) que reforçam o parentesco de sangue, e as festas comunitárias (de santo padroeiro) realizadas, ora no local de origem, ora na nova terra em que os migrantes se instalaram. Sobre isso, que é fundamental para a compreensão dos objetivos desse trabalho, Dornelas vai afirmar:

Nessas festas, os migrantes voltam como que às suas fontes e renovam ritualmente os laços de fidelidade com o seu grupo de origem. Nesse sentido, os rituais e certas figuras, como o festeiro e o compadre, acabam sendo ressignificados em função da migração e das novas exigências que são impostas pela rede social (DORNELAS 2001, p. 8)

Por isso, não é raro encontrar um migrante de volta a sua terra natal em períodos de festa (RIGAMONTE, 2001). O retorno dos migrantes para as festas no lugar de origem é marcado ainda pela inserção de novos elementos ao contexto local, em função das experiências obtidas por esse migrante durante o tempo ausente. Elas, as festas, que geralmente contam com a participação forte de migrantes, tendem a introduzir novos elementos culturais das relações sociais, entretidas pelos migrantes que retornam pra festa, inclusive traços próprios das relações de prestígio e da subordinação da sociedade de onde os migrantes retornam. Ou seja, características próprias dessa sociedade capitalista (DORNELAS 2001).

Nestas ocasiões o migrante reafirma uma identidade e uma posição social. Constrói para o outro e para si mesmo uma relação de caráter conservador e tradicional das redes dos migrantes:

Se de um lado, através de suas festas e manifestações culturais, os grupos de migrantes reforçam os seus laços com suas origens e com seus parentes internamente à rede, por outro, através delas, eles recriam uma imagem positiva de si mesmos diante da sociedade, dão um significado novo à sua identidade social, o que lhes possibilita relacionar-se em termos mais favoráveis com as outras instituições sociais (DORNELAS, 2001, p.8).

Reconhecemos e entendemos que as discussões sobre redes ganharam novos contornos, em parte, pelas estratégias que surgem e ampliam as possibilidades desse

contato com o ausente - antes limitado ao envio de cartas, presentes, dinheiro e/ou das notícias levadas e trazidas pelos que voltavam para visitar os parentes. Os novos tempos ampliam essas formas de contato e favorecem a propagação da história, da cultura e das festas cotidianas de um povo, especialmente com as redes informacionais. Esse será o tema da próxima parte.

2.4 As festas como elemento de ligação entre tempos e espaços: Várzea Alegre e São Paulo

Estamos numa sociedade interligada através de fios invisíveis, uma *Sociedade em Rede* Castells (1999), tempo de culturas produzidas através das mídias: Ciberculturas (LÉVY, 2000; LEMOS 2004, 2005; LEMOS E PALÁCIOS 2000). Vivemos a Era Digital Lévy (2007). Todas essas invenções da cultura moderna atual provocam implicações na condição humana, portanto alteram também o comportamento de ser e do se sentir migrante.

Sítio Queixada, Várzea Alegre, Ceará, junho de 2012. Um grupo de jovem formado por meninos e meninas enfeitada com bandeirolas coloridas o alpendre de uma casa vizinha à mercearia local. Ainda é o início da tarde, mas algo anuncia a realização de uma festa com o cair da noite. Durante as últimas semanas, os casais intensificaram os ensaios da quadrilha. Todos os integrantes que organizam a festa possuem laços de parentesco: primos, tios, sobrinhos, filhos, pais, cunhados, afilhados. As roupas foram adaptadas por eles mesmos para a festa. Remendos nas camisas, chapéus de palha, calças jeans com retalhos coloridos. A noiva e o noivo estão ansiosos para o casamento junino festivo que acontecerá logo mais à noite. A festa já vem sendo realizada há alguns anos. Sempre no mesmo local e reunindo quase sempre as mesmas pessoas. Com exceção daqueles jovens que migraram. Uma caixa de som conectada a um aparelho de CD executa as músicas. Elba Ramalho, Luiz Gonzaga, entre outros artistas regionais, dão o tom da festa que envolve toda a comunidade. Crianças e velhos disputam um pequeno espaço improvisado. A ideia é rir e perceber quem dança melhor. Os mais velhos sentam-se em forma de círculo e acompanham o desenrolar da quadrilha.

Gangorra, uma senhora de quarenta e poucos anos, cuida dos afazeres domésticos - limpa a casa, cozinha, lava louça, ao mesmo tempo em que lava roupa no quintal de casa. Sobre a mesa um aparelho celular é o sinal de que, mesmo distante da

cidade e, aparentemente, dos equipamentos mais modernos de comunicação, Gangorra está interligada com o mundo. O equipamento toca, ela deixa o que está fazendo e vem atender a ligação. Do outro lado da linha estava um de seus filhos. Recém-morador da cidade de São Paulo, (...) resolveu deixar o sítio onde morava a família em busca de “uma vida melhor” na cidade grande. Terminou o ensino médio e não via perspectiva no lugar de origem. Deixara sua mãe e seguiu o mesmo caminho que havia tomado dois de seus irmãos e, inclusive seu pai. (Pouco tempo depois, o pai de Timbaúba falecera, vítima de acidente de trabalho em São Paulo, deixando viúva Gangorra e oito filhos desamparados). Entre os motivos da ligação, um deles chamou a atenção de Gangorra: Timbaúba queria saber da festa - a quadrilha. Se os colegas, primos, amigos... estavam preparando o São João. Com o sentimento de pesar pela ausência do filho, a dona de casa diz que estão todos envolvidos com a realização da quadrilha e informa sobre os preparativos. Timbaúba, o jovem recém-chegado à metrópole, também estava de saída para uma festa em São Paulo, mas aproveitou pra dizer que “esta era sem graça”, e que desejaria muito estar na quadrilha da comunidade dele em Várzea Alegre.

Tentando aliviar esse pesar do filho por não estar presente à comunidade naquele momento, a mãe pede para que ele se divirta e diz que a festa dele, em São Paulo, vai ser igualmente boa. Os dois ainda conversam sobre outros assuntos relacionados à saúde dos parentes, geralmente os mais velhos e, minutos depois, se despedem. Timbaúba estava vivendo o seu primeiro mês de junho, seu primeiro São João, longe de casa. Foi tomado por um misto de saudade e nostalgia que ele ligou para a mãe naquela tarde de junho. Estava indo a uma festa, quando na verdade queria estar em outra. Estava presente concretamente em um espaço, mas em sua cabeça habitava outro contexto, outra região geográfica. Milhares de quilômetros separavam o espaço “real” do espaço “afetivo”. Mesmo ouvindo a voz da mãe através do telefone e sabendo informações em tempo real de como estava se dando a realização do evento, que outrora participara, Timbaúba não se dera por satisfeito. A sua realização seria completa se pudesse estar presente fisicamente no lugar de origem. Era uma dupla e contraditória a condição que o perseguia. Condição que o persegue até hoje.

No dia seguinte, ainda pela manhã, o telefone celular, que permanecia fixo sobre a mesa da cozinha de Gangorra, volta a tocar novamente. Era Timbaúba. Ele queria dizer pra mãe o quanto tinha sido ruim a festa da qual fez parte na noite anterior. “Eu só

conseguia pensar na festa daí. O São João daqui é ruim demais. Ficava pensando nas comidas e na animação das quadrilhas aí mãe”. Como resposta a mãe retrucou: “Oh! meu filho, mas é assim mesmo”. Não satisfeito com tal justificativa da mãe, ele pediu para que ela descrevesse como tinha sido a realização da quadrilha. Menezes, et al. (1990) nos adverte para a importância de se pensar que há uma certa idealização das coisas do local de origem, isso é constituinte do sentimento de ausência do migrante. Esse saudosismo é um sentimento que não é inato, mas construído socialmente, como diria Marcel Mauss no texto “A expressão obrigatória dos sentimentos”. Se ele considerar que a festa de São Paulo é melhor, isso pode demonstrar um distanciamento de sua localidade, de seus parentes, amigos, etc. Portanto, esse saudosismo é um sentimento que, de certo modo, quer reafirmar o pertencimento aos elos sociais. Nesta perspectiva, o depoimento de um migrante paraibano sobre a maior festa popular de seu estado ilustra esse desconforto causado pela distância, e o prazer ao ver a sua festa de longe:

Quando eu vi a propaganda falar em Campina Grande “O maior São João do Mundo”, me dá uma emoção assim que me dava vontade de entrar na televisão. Aquele pessoal todo dançando forró. Os paulistas falam que é um monte de baiano, mas não é não, eles não sabem o que é coisa boa (Depoimento de um migrante In: MENEZES, et al., 1990, p.12).

Mas, muitas vezes, essa idealização das festas na origem frustra a memória do migrante. No depoimento a seguir, de um migrante pertencente ao grupo analisado, o São João não é mais como antigamente. Aqui prevalece uma reclamação de que nada é do jeito que se imagina.

Eu fui lá agora em junho. Mas rapaz, tá diferente demais. A gente sai daqui pensando que ainda é do mesmo jeito, que vai encontrar todo mundo, mas é diferente demais. Na nossa época a gente passava a noite inteira acordado. Ia de casa em casa olhando as fogueiras, conversando com os vizinhos, tomando café, comendo pão de arroz⁵², brincando. Olha,

⁵² Pão de arroz é uma espécie de cuscuz. Iguaria típica do sertão cearense, feita a base da massa extraída do arroz e misturado a outros produtos como o amendoim, o coco ralado e o gergelim. Esse alimento é tradição no período junino. As pessoas costumam, na noite de São João, fazer café para tomar com o pão de arroz ao lado da fogueira.

esse ano eu fui, mas oito horas tava todo mundo dormindo. Quer dizer, não dormiram porque cheguei. Mas é outra história”. (Bebedouro, 40 anos, metalúrgico. São Paulo, out. 2014)

Os exemplos acima, fruto de uma observação em campo e de longas conversas informais com os personagens, nos dão certa compreensão do que representa o ato de festejar na condição de migrante. É possível atribuir ao retorno uma dimensão ontológica, constituinte do ser migrante, e epistemológica, que envolve as dimensões econômica, cultura, social e política, se introduz eficazmente a lembrança da dimensão universal do fenômeno de emigrar e imigrar.

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra [...]. A noção do retorno estaria no centro do que pode ser ou do que desejaria ser uma antropologia total do ato de emigrar e de imigrar: antropologia social, cultural, política, na qual se introduz eficazmente a lembrança da dimensão universal do fenômeno migratório (SAYAD, 2000, p.11-12).

A noção de retorno em Sayad expressa as ambiguidades, contradições e tensões entre as condições objetivas definidas pelas estruturas socioeconômicas e os sonhos, desejos, expectativas dos migrantes. Assim, embora as condições objetivas não lhes permitam retornar à sua terra natal, o desejo de retornar mantém-se vivo, como um sinal da esperança de dias melhores, de estar próximo a parentes, vizinhos e amigos que estão fisicamente distantes.

Esse é um dos numerosos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente. Duplamente presente – efetivamente aqui e ficticiamente lá – e duplamente ausente – ficticiamente aqui e efetivamente lá – o imigrante teria uma vida dupla, que ultrapassa e que é diversa da oposição tradicional entre vida pública e vida íntima: uma vida presente, banal, cotidiana, vida que pesa e enreda, vida segunda, ao mesmo tempo cronológica e essencialmente secundária; uma vida ausente, figurada ou imaginada, rememorada, uma vida que foi primeira cronologicamente e que permaneceu primeira, essencial, afetiva e efetivamente, e que, sem dúvida, voltará a sê-lo um dia (SAYAD, 2000, p.20).

A partir do universo de nossa análise, ou seja, com histórias de personagem que fazem parte de nosso estudo, ouvimos relatos do tipo: “Eu não me vejo mais morando acolá”, referência ao lugar de origem, Várzea Alegre. De certa forma, eliminando essa possibilidade de retorno efetivo ao lugar de origem. Mas isso não quer dizer que não exista o desejo desse retorno que trata o Sayad. Talvez as condições econômicas e sociais inviabilizem esse desejo e facilite esse discurso. Em outros casos, esse desejo contínuo de um retorno é, de fato, a condição de existência desse migrante. A aquisição de bens na origem casa, animais, transportes, também alimenta na própria família do migrante essa ideia de retorno. Reforça a ausência de uma família, ao mesmo tempo em que alimenta a presença dela. Esse parece ser o caso do senhor Sobradinho Leandro que construiu essa casa no sítio onde moram os pais dele e da sua esposa em Várzea Alegre, sem nunca ter morado ali.

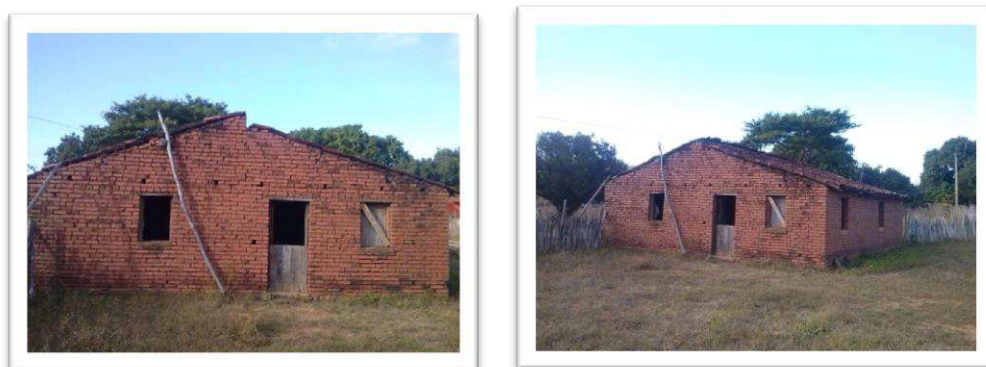


Imagem 06, 07: Construção (casa) “abandonada” construída por migrante em Várzea Alegre.

Fonte: imagem feita pelo próprio autor, dezembro 2013

As dificuldades de acesso ao trabalho em São Paulo que o fizeram retornar ao Ceará e “pensar” em fixar moradia e, ao mesmo tempo, o fato de ter casado justificam a construção da casa, na compreensão do migrante. No entanto, as mesmas dificuldades que o expulsaram da terra natal, associadas às secas, o fazem partir novamente.

Eu tinha voltado, casado, deixado minha mulher lá e vindo pra São Paulo procurar emprego de novo. Mas era uma época difícil, fiquei aqui uns seis meses e não consegui arranjar nada. Voltei pra lá, foi quando construí aquela casa. Fiquei por lá, minha esposa ficou grávida. Fiquei por lá, um ano... um ano e pouquim. Fiz uma plantação, perdi a plantação com a seca, ai quando meu filho mais velho nasceu, acho que

ele tinha uns três meses, vim embora de novo e deixei ela lá. (Lamarão, Dezembro, 2012)

No momento dessa gravação com o nosso informante, a mulher dele estava acompanhando tudo e foi, inclusive, convidada por mim e pelo esposo, a participar da conversa, narrar as suas lembranças sobre esse período. Ela apenas sorriu, como um gentil sinal de recusa. Experiência como essa, nos lembra (MENEZES, 2002), que entende migração no Nordeste enquanto uma prática social inscrita no cotidiano dos espaços rurais que, desde o início dos relacionamentos, as mulheres já se preparam para a ausência do esposo e, posteriormente, do pai, constituindo assim uma estratégia histórica de reprodução social do campesinato no Nordeste. Reprodução essa representada pelas mulheres e filhos(as) através de uma atitude de conformismo, resignação, naturalização. Mesmo passado décadas do ocorrido, elas não costumam lamentar aquele momento, foram capazes de suportar as dores da separação, com a certeza de que os maridos partiram em busca de recursos para garantir a sobrevivência da família.

Para os pais desses migrantes, olhar para a residência ali construída é acreditar que eles, os seus filhos e netos, retornarão. Mesmo sabendo que aquela construção já não possui condições de abrigar ninguém, mesmo sabendo que as condições de moradia que estes vivem hoje em São Paulo não condizem com aquela que eles ali projetaram. A casa simboliza essa condição provisória do migrante que vai se prolongando indeterminadamente. Além da construção da casa, que alimenta essa presença do migrante na origem, podemos perceber outras estratégias que sustentam essa mesma ideia do presente ausente. É comum entre os integrantes do grupo analisado, a aquisição de animais: gado, porco, ovelhas, etc., que são cuidados por algum parente próximo - irmão, pai, tio - e que também alimentam uma expectativa de um possível retorno. A condição provisória do migrante faz com que ele também adquira pequenos pedaços de terra, geralmente na cidade (zona urbana) para construir uma casa, compre veículos automotores (carros ou motos) e deixe-os aos cuidados da família. Até mesmo quando os parentes desconfiam desse possível retorno, reforçam a ideia de que ele pode acontecer um dia: “Eu sei que ele não vem cuidar dessas coisas que ele tem aqui, mas se um dia vier, quero que encontre tudo bem direitinho”, diz a mãe de um deles.

Em outros casos, o fato de estar na sua terra natal, não significa dizer que se vive ali. Veja o que disse esse varzealegrense, ex-metalúrgico do ABC, ao cineasta Eduardo Coutinho para o filme documentário “Peões”. A entrevista foi feita em Várzea Alegre. Hoje ele é aposentado, mas, quando indagado sobre onde ele mora, há uma espécie de paradoxo na resposta.

Coutinho: mas o senhor mora aqui e não em São Bernardo...

Joaquim: Não, eu não moro aqui. Eu tô passando uns dias aqui. Porque é como se diz, eu nasci e cresci aqui, mas eu não posso deixar São Bernardo, onde tudo que passou de importante em minha vida foi em São Bernardo. Então eu não troco São Bernardo por nada.

Coutinho: Veio passar uns dias aqui?

Joaquim: Tô passando uns dias aqui.

Coutinho: Chegou quando?

Joaquim: Faz quatro anos.

Coutinho: Como assim, uns dias?

Joaquim: Não, mas uns dias pra mim é assim, enquanto dá certo.

Coutinho: Quatro anos!

Joaquim: Mas em quando em vez a gente pega um aviãozinho... eu cheguei de lá o mês passado⁵³.

Existe um discurso de gratidão ao município de São Bernardo por parte desse varzealegrense. Isso faz com que ele nem esteja completamente lá, onde vivem seus filhos e netos, nem unicamente cá, onde estão os seus irmãos e parentes que não migraram. É comum ainda essa presença ocorrer em forma de legitimação do prestígio e externalização do sucesso desse migrante. Isso pode ser percebido, além da aquisição desses bens acima citados, como ainda na construção de casas ou reforma geral da casa dos pais. Comentários do tipo: “Eita que fulano tá bem em São Paulo. Viu a reforma que ele mandou fazer na casa do pai dele?”, ou então, “Eita que fulano enricou, viu a mansão que ele tá construindo na cidade!! Coisa de cinema”. E dessa forma, nos termos de Sayad, uma ausência vai se constituindo enquanto presença e a imagem de “migrante vitorioso, vencedor” vai se espalhando pela origem.

Perspectiva semelhante encontramos em *O Voo das andorinhas* (1988), de José de Souza Martins, que apresenta uma análise sobre as migrações temporárias no Brasil e percebe que esse deslocar-se do migrante é mais do que um ir e um vir, consiste em viver uma dupla contradição: ser duas pessoas ao mesmo tempo, viver como presente e sonhar como ausente. “É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando,

⁵³ Joaquim, ex-metalúrgico aposentado, relato feito para o filme “Peões”, 2002.

voltar quando está indo. (...). É estar em dois lugares ao mesmo tempo e não estar em nenhum” Martins (1988, p.45).

O que parece acontecer com o Timbaúba , que liga para a mãe para saber sobre a “quadrilha de São João” no sítio onde nasceu, pode ser considerado enquanto uma possibilidade de **retorno imaginativo** para as festas. Na compreensão de Correia e Rosendahl (2013, p.196), “Para o migrante, o retorno imaginativo é um misto de prazer e dor”. Prazer ao saber que a festa é lá. Dor em razão de não poder ir corporalmente. O que auxilia esse retorno imaginativo está geralmente associado aos Meios de Comunicação de Massa (Jornais, Revistas, Televisão, Rádio, Internet, Celulares) ou às memórias gravadas. Por ser um tipo de retorno que está relacionado aos elos sociais com a localidade de origem do migrante, a medida em que eles aproximam, o migrante de seu espaço de origem, como nos casos acima mencionados, eles também passam para o migrante a estranha sensação de impotência. Eles não conseguem romper efetivamente com a distância geográfica. O retorno imaginativo é, portanto, uma aproximação que não se efetiva. É uma aproximação imaginativa/frustrada pela não objetivação do fato, pela não concretização de um desejo “é ter vontade de está e não está de fato”.

O retorno para a festa já pode ser uma festa em si mesmo. Quando se trata desse tipo de retorno, nós temos um caminho que está sendo percorrido para o encontro com a brincadeira, a celebração, a comemoração, a “zueira” etc. “O migrante, à medida que caminha para a festa, faz do próprio caminhar uma festa” Correia e Rosendahl (2013, p.194). É no mundo festivo que se atualiza, recompõe os elos sociais entre estar aqui e lá.

Mas, nem sempre, abrir mão do emprego para retornar à festa na origem (MENEZES, 1990) pode ser uma boa opção. Em (RIGAMONTE 2001; MARTINS, 1986; EVELYN, 1988), o retorno para as festas é importante para a constituição do ser migrante. No entanto, não se pode negar que os tempos são outros, não se pode mais “dar bobeira” com o emprego.

Antes, se o patrão não liberasse o mês de junho para gente viajar, tirar as férias, era só sair do emprego, passar o São João aqui, depois, na volta, não se passava nem uma semana sem emprego. Agora não, o

emprego tá difícil, e tem gente que não consegue passar o ano todo trabalhando. Tá faltando muito trabalho. Então não dá pra bobear: se o patrão não liberar tem que amargar e perder o São João. Mas é triste. Ter que perder a festa é demais (Depoimento de migrante em RIGAMONTE, 2001, pp. 225-226)

Essa diminuição de pessoas para viver a festa na origem, na visão da pesquisadora, pode ser percebida, ainda, pela redução do número de ônibus fretados para conduzir o pessoal de São Paulo até Piripá (BA). Mesmo assim, a autora registra relatos em que se evidenciam situações extremas às quais se submetem o migrante para garantir presença nas festas de origem. Veja o que diz esse informante de 21 anos, solteiro, ajudante da construção civil, sobre um primo que teria encontrado um jeito de retornar pra festa em sua cidade.

O meu primo Janô viu que dificilmente o chefe dele iria deixá-lo sair, ainda mais que ele não tem um ano de trabalho, então você sabe o que ele fez? Tem uma amiga que é enfermeira, ele foi no hospital que ela trabalha, deu uma anestesia, abriu um corte no dedo, deu 5 pontos, foi no INSS, apresentou a ficha de atendimento hospitalar, disse que tinha caído do ônibus, voltando do trabalho, ganhou uma licença de 12 dias, e está aqui pra brincar o São João. Você vai até falar que ele é louco, mas, se ele não viesse, era aí que ele ia ficar louco de vez. Essa festa daqui faz falta para a gente lá (Depoimento migrante em RIGAMONTE, 2001, p. 226)

Podemos perceber no trecho acima que há uma idealização da festa na origem com o propósito de afirmação e de pertencimento identitário do migrante. Assim, na concepção do migrante, há uma idealização do local de origem que compõe essas identidades, que se constituem nessas territorialidades, sendo, portanto, no mundo festivo, que residem traços dessa identidade imaginada.

Quando era dia de São João e eu estava em São Paulo, às vezes vinha a pé pela Paulista e via aquelas comida artificial, aqueles milhos artificial, minha vontade era socar aquilo tudo, estourar tudo de raiva, porque...na minha terra, vendo todo mundo brincar e eu sem poder brincar, sem nada. É tudo artificial, a fogueira, aqueles milho lá pendurado, aqueles balão velho que não pode voar, entende? Sei lá, tanta coisa diferente. Os paulistas tudo... sei lá, os caras só querem ser mais do que eles entende? Só porque tem mais grana do que a gente, eles querem judiar da gente, não tem graça. (Depoimento de um migrante In: MENEZES et al., 1990, p.12).

Podemos perceber no trecho acima, e em toda discussão que estamos traçando aqui, que há uma idealização da festa na origem com o propósito de afirmação e de pertencimento identitário do migrante.

Chianca (2006) analisa a evolução das festas juninas na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte⁵⁴ e percebe a complexidade que envolve os festejos ao longo do século XX. A presença da mídia, a polissemia do evento e o caráter diversificado da festa tornam-na mais interessante. Trata-se de uma análise para além dos essencialismos “rural e urbano”. A Festa de São João é uma linguagem, no sentido de uma prática cultural, que os indivíduos mobilizam para construir um discurso sobre si mesmos, ou seja, para construírem suas identidades.

Subjacente a esse procurado rural que marcou a festa dos cidadãos das décadas de 1970 a 1980, havia a necessidade de reafirmação e diferenciação das origens socioeconômicas dos migrantes instalados na capital. Para além da busca da “festa original”, o retorno das elites à suas propriedades rurais durante a festa revela que esta é vivida como a recuperação de uma identidade de origem migrante comum à quase totalidade dos habitantes de Natal, independentemente de seus trajetos pessoais e familiares. (CHIANCA, 2006, p. 99).

Um texto que também nos ajuda a pensar sobre a experiência da festa para o migrante, não como algo rural ou urbano, mas enquanto elemento constitutivo da formação dos próprios atores envolvidos no processo de mobilidade territorial, foi escrito por Menezes, et al. (1990, p. 12) e nos diz: “Do migrante arrancaram a terra, o convívio com seus familiares, mas a sua cultura caminha consigo para onde quer que se destine”. Isso significa dizer que, as suas experiências vividas anteriormente ao processo migratório vão estar para sempre no seu interior.

Se, para Chianca (2006), há uma ressignificação das festas juninas na cidade, Lima (2008) considera que a festa de São João, tal como é construída no espaço urbano, é uma fabricação, uma produção prática e discursiva, imagética e cênica, a qual toma a

⁵⁴ *A festa do interior: São João migração e nostalgia em Natal no século XX* (2006). O texto apresenta uma análise que contempla a evolução da festa entre 1900 e 2001 e de que forma a população do interior do Rio Grande do Norte contribui para a atualização do São João da cidade.

ideia de tradição como principal e fundamental enunciado e elemento definidor do evento junino⁵⁵. No texto *A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*, a autora vai perseguir os discursos, os símbolos e os rituais para entender como o São João de Campina Grande (PB) tornou-se uma festa instituída na cidade enquanto um projeto “vencedor”, capaz de manter a existência de um discurso de permanência e imutabilidade. Termos comuns para esse tipo de evento, como tradição e regional, também são questionados pela autora.

Parece-me que, antes de indagar sobre a festa como manifestação regional, de um povo ou de uma tradição, bem como antes de naturalizá-la como passagem de um momento ordinário para um momento extraordinário, seria salutar buscar investigar os vários discursos e práticas que tornam possível a instituição da festa de São João no espaço urbano (LIMA 2008, p. 20)

Lima (2008) apresenta uma análise sobre a festa junina, enquanto um evento urbano, não do ponto de vista da “pureza” ou da “contaminação” da festa em si pelos costumes citadinos, mas através das tramas discursivas que favorecem a invenção e a recriação de um povo e de uma cidade. Como vimos anteriormente, Menezes et al. (1990), analisa os massivos retornos de migrantes do Sudeste para o Nordeste, por ocasião dos festejos juninos, mas e quando não se pode retornar para as festas na origem? Não podemos esquecer que a festa está dentro do migrante. Ele festeja onde ele estiver. É muito importante ter essa percepção de que os migrantes não levam a festa, a festa vai com eles, está dentro deles. A festa dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo, tema do capítulo a seguir, não foi levada pelo político, pela autoridade A ou B, por ninguém. Ela foi junto com os migrantes que ali se instalaram. Analisaremos a festa. Essa discussão você vai acompanhar no capítulo a seguir. A festa enquanto um ritual em que os varzealegrenses se constroem a si mesmos enquanto uma expressão identitária. Um evento que também condensa várias demandas, várias afirmações, vários símbolos.

⁵⁵ Na perspectiva de Lima (2008), a tradição faz parte de uma invenção moderna. A autora está inspirada em Eric Hobsbawn e Terence Ranger, que, por “tradição inventada”, compreendem um “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” Hobsbawn & Ranger, 1984, p.9 *apud* Lima (2008, p.20)

Queremos, ainda, identificar a relação que existe entre essa festa, os varzealegrenses em São Paulo e o município de Várzea Alegre - CE. Como a festa pretende integrar as duas cidades. É um esforço para entender de que forma esses varzealegrenses vivenciam o cotidiano do não trabalho ou articulam o tempo do trabalho com o tempo da festa. Etnografamos, ainda, uma viagem à praia, ocorrida em novembro de 2013, como um evento privilegiado para se compreender as formas de sociabilidade e a construção social da amizade desse grupo de migrantes cearenses em São Paulo. Trata-se de um exercício da observação direta do cotidiano desses migrantes e, no caso da viagem à praia, a descrição do momento da saída (início da manhã) finalizando com a chegada ao mesmo lugar da partida (início da noite). Apresentamos ainda o cotidiano do grupo no lugar de moradia: Vila Liviero. A sociabilidade diária e as relações de vizinhança.

CAPÍTULO III – A FESTA VAI COM O MIGRANTE

Neste capítulo, procuramos desenvolver mais intensamente a tese de que a festa está dentro do migrante, Chianca (2006). Acreditamos que os migrantes não levam a festa, a festa vai com eles. A festa dos varzealegrenses, realizada anualmente no município de São Bernardo do Campo, não foi levada pelo político A, ou pela autoridade B. Ela estava dentro dos migrantes que ali se instalaram. A festa se revela como um ritual em que seus organizadores e festeiros se constroem a si mesmos e enquanto uma linguagem comum de um grupo que vai condensar várias demandas, várias afirmações, vários símbolos. É possível perceber isso quando procuramos estabelecer as relações existentes entre essa festa em questão, dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo, com o município de origem deles. O nosso esforço é explicar como os festeiros aproveitam a festa para a construção identitária, tanto no sentido de construção da pessoa, quanto da sua rede de relações, ou seja, do sentimento de pertencimento.

Como o cotidiano dos varzealegrenses na região industrial do ABC paulista é marcado pelo trabalho, com longas jornadas, horas extras, distância entre local de trabalho, vale perguntar de que forma esses varzealegrenses vivenciam o cotidiano do não trabalho ou articulam o tempo do trabalho com o tempo da festa? Em busca de respostas para estas perguntas, analisaremos os dados apresentados a partir da observação direta, bem como as narrativas e os diálogos gravados ou anotados. Etnografamos, ainda, uma viagem à praia, ocorrida em novembro de 2013, como um evento privilegiado para se compreender as formas de sociabilidade e a construção social da amizade desse grupo de migrantes cearenses em São Paulo. Apresentamos ainda o cotidiano do grupo no lugar de moradia: Vila Liviero. A sociabilidade diária e as relações de vizinhança.

3.1 A festa dos varzealegrenses e São Bernardo do Campo

*Vai minha gente, por esse Brasil a fora
A procura de melhora
De um lugar pra viver bem
(...)*

*Chega em São Paulo, se enche de emoção,
Vendo aquela multidão,
Vendo aquele zum, zum, zum,
Arranja amigos, lhe pede alguns trocados,
Se manda pra São Bernardo
Que sempre cabe mais um*

*Na capital da indústria brasileira
Terra boa hospitaleira, ele passa a residir
Dia seguinte, vai enfrentar a portaria
Quinze dias de agonia, não cansa de insistir
(...)*

*Passa alguns anos, muda de fisionomia
Ele sente a alegria de rever o seu torrão
Ver sua gente, reaver seu pé de serra ematar a recordação,
E lá vai ele, muito rico e bem vestido
Falando todo invertido, um idioma sem noção
(...)*

*Obrigado São Bernardo
Deus lhe pague São Bernardo
Esse obrigado eu lhe dou de coração
Obrigado São Bernardo
Deus lhe pague São Bernardo
Pela acolhida que tu deste ao meu irmão⁵⁶*

Nos anos 1970, o compositor, José Clementino do Nascimento Sobrinho (Zé Clementino)⁵⁷ foi convidado, diversas vezes, pela Associação Beneficente dos Varzealegrenses para participar de eventos festivos que reuniam os conterrâneos em São Bernardo do Campo. Em outubro de 1980, ele esteve presente a uma dessas ocasiões. Deslocou-se de Várzea Alegre até São Bernardo do Campo numa comitiva que levava a imagem do Padroeiro São Raimundo Nonato até aquela cidade paulista. Como forma de homenagear e agradecer a cidade pelo acolhimento de seus irmãos, Zé Clementino compôs a música, nesse período, “**Obrigado São Bernardo**”. São seis estrofes que

⁵⁶Música “Obrigado São Bernardo”, composição Zé Clementino..

⁵⁷Zé Clementino é autor, entre outros sucessos, de clássicos da música popular brasileira como Xote dos cabeludos (1967); Capim Novo (1976); O Jumento é nosso Irmão (1967); Sou do Banco (1979); todas interpretadas por Luiz Gonzaga. Além de Chinelo de Rosinha, cantada pelo Trio Nordestino. Messias Holanda, Dominginhos, Sirano e Sirino, entre outros cantores regionais que também formaram parceria com Zé Clementino. Mais detalhes ver: CLEMENTINO, Jurani O. Zé Clementino: o “matuto” de devolveu o trono ao Rei. EDUEPB-Latus, 2013, 240p.

buscam externar o sofrimento do povo nordestino em busca de sonhos, o choque cultural e a volta para casa em momentos de saudades.

Na letra da música é possível identificar, logo na primeira estrofe, a imagem de um migrante sofrido, que deixa o seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida. Mas isso, na percepção do autor, não é motivo para desânimo, pelo contrário, serve como motivação para o “destemido” sair pelo Brasil. Na segunda estrofe, a cidade de São Paulo é construída sob o alicerce de um lugar movimentado, populoso, contudo, espaço de encontro de amigos, “chegados”. A cidade de São Bernardo aparece como a imagem de um ambiente acolhedor, lugar onde “sempre cabe mais um”.

Assim como na vida real, a poesia destaca, ainda, os desafios do migrante em busca de trabalho em “terra estranha”. Mesmo sendo, na compreensão do compositor, a cidade de São Bernardo do Campo “a capital da indústria brasileira”, isso não seria garantia de emprego. O migrante, de acordo com o autor, enfrentará dias de “agonia”, procurando uma ocupação em “portarias” de empresas. Para se estabelecer no lugar de destino, mesmo com as redes familiares, o migrante ainda precisa de um determinado tempo. Há quem resida décadas em São Paulo e não se acostume completamente com a dinâmica do lugar. Suportam porque ali conseguem algumas facilidades não oferecidas pelo lugar de origem.

E, mesmo após esse primeiro momento difícil, que compreende a chegada e o estabelecer-se, o migrante permanece sofrendo por outras questões, a exemplo da saudade da terra natal. Talvez por isso eles recorram constantemente à frase: “Eita Várzea Alegre boa, só é longe!!”. Mas esta expressão possui uma pluralidade de sentidos, quase sempre ambíguos ou ambivalentes como a própria condição do migrante em si. O *boa*, que remete à localidade onde está sua família de origem, Várzea Alegre, pode representar essa construção mítica e até certo ponto ideológica, de um lugar ressignificado pela memória e vivido ou (re)vivido à distancia. Como vimos no capítulo anterior, isso se dá também com a ressignificação da festa na origem. A expressão “*boa*”, aqui, é uma oposição ao que se compreende como ruim. Mas, ao mesmo tempo, trata-se de uma compreensão confusa desse lugar de origem que o “expulsou” e que o fez sentir na pele o preço da saudade, da distância e da solidão. Então, esse lugar, antes ruim, ressurge como numa miragem e toma forma de “lugar bom”. Só que um bom muito distante, *longe*. Podemos compreender o distante como *longe*, do ponto de vista geográfico (2.700 km) ou como um distante imaginado, fantasiado. Lugar inalcançável.

Lugar dos sonhos e desejos. Uma terra de São Saruê⁵⁸. Capaz de se tornar real apenas no campo imaginário. Objetivamente, ou seja, de perto, Várzea Alegre não é esse encanto todo.

Retomando a análise da letra da música de José Clementino, percebemos que, de forma bastante irônica, o compositor narra os retornos dos migrantes depois de alguns anos. Estes chegam acompanhados por um misto entre a alegria de rever a sua gente e o ar de autoridade traduzido, principalmente, na forma de vestir e no ato de se comunicar. Após reconhecer o percurso, a peregrinação desses migrantes desde a sua origem até se fixar no destino, conseguindo emprego e moradia, o poeta finaliza agradecendo à cidade de São Bernardo pela acolhida a “seus irmãos”.

A música denota, ainda, a relação existente entre estes dois municípios brasileiros, que, como vimos anteriormente, de acordo com levantamentos realizados pela própria Associação de Moradores de Várzea Alegre em São Bernardo do Campo, localizada no bairro de Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo está situada a maior colônia de varzealegrenses fora do Ceará. Migrantes que constantemente buscam formas de organização e maneiras de encurtar os laços entre eles. Tais estratégias podem ocorrer no bairro, na rua, ou em espaços fechados como clubes e as casas desses migrantes.

A criação da Associação Benéfica Cultural Varzealegrense - ABCV, localizada no bairro de Ferrazópolis, em São Bernardo do Campo, entre os anos de 1976 e 1977, teve a sua origem voltada para a promoção de torneios de futebol. A criação dessa Associação de Varzealegrenses em São Bernardo do Campo – SP tem sua ideia original semelhante ao que Dumazedier (1976) analisa quando trata da relação entre lazer e trabalho na sociedade moderna. O autor afirma que as relações de jogo podem levar a um esquecimento das relações de trabalho. “A prática de atividades recreativas, muitas vezes terminam numa negação a qualquer tipo de compromisso profissional ou sindical. Nessa situação o adulto se compraz num universo infantil, no qual se dissolve o sentido de suas responsabilidades profissionais e sociais” Dumazedier (1976, p. 106).

⁵⁸Trata-se de um cordel, intitulado “Viagem ao País de São Saruê”, que versa sobre uma terra mitológica cheia de riqueza e fartura “*toda coberta de ouro e forrada de cristal*”. Escrito pelo paraibano Manoel Camilo dos Santos. Esse texto inspirou a realização do documentário “*O País de São Saruê*”, dirigido por Vladimir Carvalho e lançado em 1971, o filme aborda a questão da seca, a relação do homem com a terra e as atividades econômicas da região, como a lavoura, as grandes feiras e o garimpo do ouro (CARVALHO, 2015).

Os membros dessa associação, todos migrantes varzealegrenses, em sua maioria metalúrgicos, queriam promover encontros periódicos para “bater bola” no campo da Faculdade de Engenharia Industrial em SBC. Numa dessas ocasiões, um ilustre personagem apitou o jogo entre duas conhecidas equipes, como registra Bezerra (2013, p. 149) “Nos anos 80, disputa em torneio dos times Fiúza X Sanharol, teve como juiz o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva”. Nessa mesma época, o Padre de Várzea Alegre, José Mota Mendes, se deslocou com uma comitiva até São Bernardo, conduzindo uma imagem do Padroeiro São Raimundo Nonato (Padroeiro de Várzea Alegre) para entregar aos devotos do santo residentes em São Paulo.

Nos anos 90, os membros da associação resolveram criar uma festa que reunisse os filhos de Várzea Alegre que residiam em São Paulo, especialmente aqueles que moram na região do ABC. O primeiro Encontro dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo, enquanto uma festa instituída, ocorreu em 1997 e reuniu dois importantes sanfoneiros oriundos de Várzea Alegre: Chico de Amadeu (1934 – 2009) e Pedro Sousa (1939 – 2000). O evento foi ganhando adesão e tomando proporções cada vez maiores. Como havia uma forte ligação com a festa do padroeiro de Várzea Alegre, São Raimundo Nonato, esta acabou sendo a oportunidade daqueles que não tinham condições de retornar para os festejos, realizados sempre no mês de agosto. A festa foi se transformando numa oportunidade de reencontro desses migrantes fora da sua localidade.

Autoridades políticas também passaram a frequentar o evento, como prefeitos, vereadores, integrantes dos poderes executivo e legislativo de SBC⁵⁹ e de Várzea Alegre. O espaço da festa, antes improvisado e tímido, ganhou uma área ampla com lugares confortáveis e maior visibilidade. Passou a ser realizada na sede da Associação dos Funcionários Públicos de São Bernardo do Campo – São Paulo. O que começou de uma brincadeira, agora faz parte do calendário de eventos da prefeitura de SBC. A festa ocorre sempre no mês de dezembro e em 2015 chega a sua 17ª edição. Veja o que diz esse empresário e vereador de SBC sobre a festa dos varzealegrenses:

⁵⁹ Não é nosso interesse aqui neste texto aprofundar as questões ligadas à política durante esse evento. Entendemos que elas valeriam uma pesquisa a parte e exigiriam um esforço de associar tais discursos a categorias analíticas. Contudo, a fim de demonstrar as estratégias desse grupo em estabelecer posição na região de destino, transcreveremos algumas falas de políticos, tanto de SBC quanto de Várzea Alegre, obtidos durante duas edições da festa (2012/13). Elas serão melhor exploradas no capítulo V da tese que trata da festa e sua arquitetura política.

Essa festa aqui é uma festa que não pode deixar acabar. Sempre a gente tem que incentivar cada vez mais. Porque é um momento importante pra comunidade varzealegrense, de todas as cidades do Brasil inteiro, é a comunidade varzealegrense, a comunidade que ajudou a construir essa cidade. Portanto, é uma comunidade que merece todo nosso reconhecimento⁶⁰ (T.L, São Bernardo do Campo, Dezembro de 2013)

Para este informante, que também faz parte da política local em São Bernardo do Campo, é importante sustentar a ideia de uma “comunidade varzealegrense” fora do Ceará. Os rituais festivos são, para ele, uma forma de construção e representação dessa comunidade imaginada⁶¹. Para além disso, esse povo migrante “ajudou a construir essa cidade” e, por isso, merece todo o respeito do povo de São Bernardo do Campo. Pensando nisso, a festa poderia ser compreendida, nos termos de (CHIANCA, 2006), enquanto uma reivindicação do direito a sua existência. O direito ao reconhecimento de uma identidade própria. Uma comunidade unida. Estes que, ao contrário do interlocutor acima, não estão em posição de poder. Já no caso do discurso do vereador, trata-se da construção da festa como espaço político. É bom atentar ainda para o fato de que essa fala é de um ex-vereador e atual empresário do ramo de comidas. Em seu estabelecimento há vários funcionários filhos de Várzea Alegre e que, hoje eleitores do município de São Bernardo do Campo, teriam sido, em grande medida, responsáveis pelo seu sucesso nas urnas.

E sucesso nas urnas parece ser a tônica de quase todos os políticos presentes na festa. Mas não seria contraditório pensar em votos de migrantes já que esses não residem onde estes políticos empreendem suas disputas partidárias? Tudo indica que a resposta a esta pergunta é não. Porque o migrante, como identificou (SILVA, 2000), exerce forte influência no lugar de origem. Mesmo distante, eles acompanham o desenrolar das campanhas eleitorais e mantêm contato com aqueles que ficam. Pretendemos desenvolver melhor os fios que conduzem à análise da relação entre festa, identidade e relações de poder e política, no capítulo de numero V.

⁶⁰ Essa afirmação nos remete a Sayad em seu famoso texto *A Imigração: os paradoxos da alteridade* (1998). Para este autor, é numa espécie de ilusão coletiva, assentada num discurso econômico, que se encontra a base da imigração. Esse discurso de que os imigrantes “eram necessários, quando não indispensáveis”, emana de todos os horizontes políticos e sociais.

⁶¹ O termo “Comunidade imaginada” não tem relação com o texto de Benedict Anderson “Comunidades Imaginadas” para quem o conceito de nação é fundamental. Aqui são as relações pessoais entre os indivíduos e os grupos que se destacam nos discursos de autoridades e dos próprios migrantes.

Os políticos presentes na edição de 2013 da Festa dos varzealegrenses tratam o município de São Bernardo do Campo como sendo esse lugar de “todos os povos”, procurando, de certa forma, omitir as desigualdades e a exclusão tão comum aos grandes centros e a qual os migrantes estão submetidos

(...) cumprimentando a todos e dizendo pra vocês que nosso mandato sempre esteve a disposição de todos e todas, isso não é preciso em dizer, porque vocês sabem do nosso trabalho e da nossa luta. Parabéns, a festa é de vocês, divirtam, feliz natal, feliz ano novo que Deus ilumine a cada um e a cada uma. Que possamos ter cada vez mais paz, luta e participação (A.C, São Bernardo do Campo, Dezembro de 2013).

(...), quero saudar a todos e parabenizar a Associação por mais um ano fazer esse evento cultural, acima de tudo, nessa parte se destaca a cultura cearense, a cultura varzealegrense. Vamos manter essa chama viva, porque São Bernardo é a cidade de todos os povos. Do cearense, dos pernambucanos, dos gaúchos... aqui é a terra das oportunidades. (O. M. São Bernardo do Campo, Dezembro de 2013)

Os discursos acima, respectivamente, de uma Deputada Estadual de São Bernardo do Campo - reconhecidamente eleita com a força política dos migrantes varzealegrenses; e de um Deputado Estadual, Líder do governo na Assembleia Legislativa, seguem o mesmo roteiro das falas oficiais. Os parlamentares elogiam pela organização de eventos tidos como “culturais” e “colocam os mandatos a disposição dos migrantes”. O mesmo pode ainda ser percebido quando ouvimos as autoridades de Várzea Alegre presentes à festa. Prefeito e vice declaram apoio ao evento e se comprometem em estar presentes a cada nova edição da festa.

Com certeza viremos todos os anos para tá aqui, para dar um abraço em todos vocês, pra se abraçar, pra se divertir com vocês nesse momento de alegria dos varzealegrenses que não estão em nossa terra, mas que o coração ficou lá, o trabalho é feito com seriedade, mas o amor por Várzea Alegre nunca acaba. (P.R, Dezembro 2013)

Quero dizer do meu prazer em está aqui, como prefeito desse povo varzealegrense. As pessoas que fazem com que a gente se sinta em casa. To me sentindo, cada vez que venho mais apaixonado. Não podemos deixar esse evento de lado. Temos que apoiar (V.F, Dezembro de 2013)

Após as falas das autoridades políticas, o locutor que anunciava as atrações e convidava os políticos ao palco, avisou que um dos deputados presentes iria se deslocar

brevemente até Várzea Alegre para “saborear” um baião de dois com pequi - fruto bastante saboreado na região do Cariri cearense, geralmente cozido junto com o arroz e o feijão, famoso baião-de-dois.

Esta não era a primeira vez que acompanhávamos a realização da festa. Um ano antes, em dezembro de 2012, como parte da minha pesquisa de campo, fui até a cidade de São Bernardo para participar da Festa dos varzealegrenses. Fui recepcionado por um grupo familiar que conhece o evento com o seguinte questionamento: “Você tem certeza de que vai a festa dos varzealegrenses em São Bernardo?” Um pouco surpreso com a interrogação, respondi que este era um dos motivos da minha viagem. De todo modo, respondi elaborando uma nova pergunta: por quê? Tanto a minha tia como o meu primo concordaram que esta não era uma festa legal. Que, embora nenhum deles tivessem ido a nenhuma edição do evento, haviam ouvido comentários negativos sobre a festa. Quis saber mais sobre esses comentários. O que haviam dito e o que não era interessante naquela festa que pretendia analisar.

Minha tia disse era uma festa “fraquinha”, ou seja, pouco atraente ou digna de um esforço tão grande da minha parte em me deslocar da Paraíba até São Paulo para vivê-la. Que Arapuá, atual prefeito da cidade de Várzea Alegre, governo municipal por dois mandatos seguintes 2004-2012, pegava o microfone e ficava falando, falando, falando e ainda havia umas atrações “fracas” se apresentando no palco. Ouvi tudo atentamente. Ao chegar a Vila Liviero, escuto outros comentários sobre a festa. Outro parente que havia participado de uma edição há uns dois anos apresenta duas versões para o evento. Num primeiro momento, ao lado da esposa e sob seu olhar reprovador, dissera que não gostou muito da festa, entre outros motivos, porque tem muita gente que eles não conhecem. Então ficam conversando apenas entre eles mesmos. Numa segunda ocasião, já sem a presença da esposa, este primo deixa evidenciar, ao conversar na rua com os amigos que gostou da festa porque “Na vez que eu fui minha mulher ficava ligando e eu dizia: (fulana) aqui não presta não. Pense numa festa ruim! (risos). E eu era louco de dizer que a festa tava boa? Eu de olho nas meninas dançando e tomando uma cervejinha com os amigos” (Chico, 43 anos, São Paulo). Foi nesta oportunidade que ele conheceu o prefeito da cidade de Várzea Alegre.

É importante notar que apenas nessa minha chegada, ou seja, nessa minha primeira imersão em campo, já foi possível identificar visões diferentes sobre a festa da “comunidade varzealegrense” em SBC. Em primeiro lugar, minha tia critica o uso da

festa como um espaço político. Ou seja, não podemos fugir da compreensão dessa festa dialogando com as relações de poder político partidário. Campo de disputas e de interesses. Já o meu primo entende a festa dos varzealegrenses, num primeiro momento, (na frente da esposa) como sem nenhuma importância, mas bastou ela sair para a compreensão dele mudar e a festa ganhar então o sinônimo de prazer, sexualidade e investidas amorosas.

Ao visitar o apartamento de um casal de migrantes varzealegrenses e falar da minha pesquisa e do espaço da festa como tema de análise, sou surpreendido mais uma vez com uma pergunta um pouco crítica sobre a confraternização dos filhos de Várzea Alegre em São Bernardo do Campo. A jovem me perguntou em tom sorridente: “Ah você vai aquele comício?”. Falei que pretendia conhecer a festa e conversar com as pessoas que dela participam. Então ela seguiu dizendo que o evento já foi bom, quando realizado em Ferrozópolis. Hoje não é mais. “A melhor edição daquela festa foi há uns 4 anos quando ainda era num lugar assim bem simples, quase no meio da rua. Hoje não tá boa não. Virou palanque político”. Aqui, a festa, além de ser um espaço político, torna-se algo fantasioso, da mesma forma que o lugar de origem do migrante. Onde ela é realizada hoje não presta, bom era antigamente.

O que percebi foi que, entre os meus interlocutores, poucos vivenciaram aquela festa. Mesmo assim estiveram em, no máximo, duas ou três edições. Ou seja, eles não tinham o costume de anualmente assistir ao evento dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo, além disso, compreendiam “aquela festa” como lugar de autopromoção política. Ambiente onde determinada figura da política varzealegrense aproveitava para mostrar as ações de sua administração.

Sobre essa mudança do local de realização da festa mencionada pela minha informante, o ex-prefeito de Várzea Alegre, o empresário Arapuá, conta como se deu o processo de institucionalização da festa no primeiro ano de sua gestão, em 2004.

Eu sempre fui muito vaidoso em querer as coisas bacanas, bonitas, organizadas e sou muito detalhista. De um comício de uma eleição, até o carnaval eu vejo cada detalhe pra poder... e se não tá bacana pra no próximo eu já corrigir né? Então lá, quando a gente percebeu, quando a gente voltou pra, pra ajudar na realização do evento, eu percebi que o local era muito desconfortável... é, senhores e senhoras já de idades avançadas, não tinham um espaço digamos tranquilo pra sentar, pra se acomodar, enfim... era um negócio muito apertado, imprensado. E aí a gente já no primeiro ano, eu sugeri ao presidente que, alugasse um

espaço maior que a gente, o município bancaria, faria uma parceria e a gente fez isso no segundo ano num local maior, no terceiro já foi naquele espaço que você teve presente que é a Associação dos Funcionários Públicos do Município de São Bernardo e daí por diante a gente já começou a ter uma parceria com o município de São Bernardo e eles sempre fazem uma cessão daquele espaço e a gente entre com uma estrutura de som, telão, de mesas, enfim... filmagens e aí junta, o esforço da gestão pública do município de Várzea Alegre com a Associação dos varzealegrenses que tá lá que faz aquele evento que foi uma grande festa”. (Arapuá, entrevista ao autor, janeiro de 2014)⁶²

O processo de institucionalização do evento, antes tido como improvisado, “desorganizado” e realizado em ambiente apertado, é percebido, nas palavras do gestor, como uma forma de torná-lo menos amador e mais “organizado”. Veja que os sentidos atribuídos ao evento mudam a partir do momento em que diversas pessoas falam sobre o mesmo. É nossa tarefa ultrapassar essa visão maniqueísta (boa/ruim, apertada/espçosa) e compreender os diversos sentidos a partir dos posicionamentos de quem narra, quem elabora o discurso.

Outro informante, marido de minha tia, confessou que foi uma vez à festa, há três anos, mas não gostou porque “não gosta de ser conhecido por quem não o conhece”, uma referência aos políticos de sua cidade que nunca o viram e que nunca o reconheceram em Várzea Alegre e que, na hora da festa, se apresentam como se o conhecessem há muito tempo. Refere-se a um lugar de “babação” e de “ostentação”. Muitos aproveitam para bajular as autoridades que ocupam o lugar da festa, enquanto outros estão ali para se promover ou se expor em público. Veja que o sentido político do evento adquire pouca ou nenhuma relevância para ele, que não tinha interesse em participar das redes dos políticos varzealegrenses presentes à festa. Isso pode ser para outros, como a própria fala sinaliza, a oportunidade ímpar de estar próximo do político, de interagir, dialogar. O espaço social da festa é compreendido, ainda, como ambiente propício para a autopromoção pessoal de pessoas anônimas e de políticos.

⁶²Em setembro de 2014, por iniciativa do vereador de São Bernardo do Campo, Toinho da Lanchonete, o mesmo que atribuiu, em parte, aos varzealegrenses, a responsabilidade pela construção da cidade, a Câmara de Vereadores de São Bernardo do Campo, concedeu o título de Cidadão São-Bernardense ao ex-prefeito Arapuá. Em sua fala de agradecimento, o homenageado atribuiu a “honrosa homenagem” recebida em São Paulo, ao trabalho desenvolvido em Várzea Alegre, na condição de prefeito da cidade.

3.2 A arquitetura social da festa

Como demonstrado acima, durante a minha primeira imersão à festa, nenhum dos interlocutores estava disposto a me acompanhar até ao evento. Sem oferecer maiores justificativas, outro primo meu, que já havia ido a uma edição anterior da festa, também havia dito que não pretendia ir novamente porque não tinha gostado. Uma tia e dois primos me acompanharam. O que percebi, num primeiro momento presente à festa, foi a chegada de caravanas vindas de várias partes do município de SBC e também do estado de São Paulo. Em sua maioria formada por jovens com idade entre 15 e 29 anos⁶³. A festa é demasiadamente aproveitada pelo público jovem. São eles - os jovens - que mais bebem, dançam, paqueram, conversam entre si. Eles chegam e vão ocupando as mesas e cadeiras dispostas no salão de festas da Associação dos Funcionários Públicos de SBC. Isso não quer dizer que eles vão ficar ali, quietos, observando a movimentação. Pelo contrário, eles circulam por todo o salão e, quando já aquecidos pelas bebidas (especialmente a cerveja), se aproximam do palco e dançam sozinhos ou acompanhados, ou até mesmo em grupo, improvisando coreografias. Para os jovens, o momento menos interessante do evento, como sinalizaram meus primos ao saber que eu ia participar da festa, era ouvir o discurso dos políticos. Eles quase não prestam a atenção no que está sendo dito. Ficam dispersos e aproveitam aquele momento para lançar um olhar mais intencionado às moças presentes. Para estes, o espaço da festa está associado à questões como a sociabilidade, a bebida e a possibilidade de arrumar um namoro. Semelhante ao que observou Rigamonte (2001) ao analisar as festas, forró frequentados pelos migrantes do Centro de Tradições Nordestinas - CTN, localizado no Bairro do Limão, Zona Norte de São Paulo.

Foi possível perceber, também, uma participação considerável de adultos e crianças, estes últimos em companhia dos pais. Aqui é bom destacar que a festa ganha outro sentido. Enquanto os jovens são atraídos pelas apresentações artísticas e pela variedade de bebida e comidas típicas, os adultos, homens, parecem preocupados nos reencontros com antigos colegas de trabalho, companheiros de migração: “Fazia tempo que não via fulano, nossa!! E achei ele na festa. Foi uma animação só”. As mulheres, especialmente as mães de família, se ocupam em cuidar dos filhos pequenos. Um

⁶³Estamos denominando de jovens, os filhos dos migrantes varzealegrenses, em sua maioria nascidos em São Paulo, com idade entre 15 e 29 anos, conforme definição etária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

parquinho é montado na parte externa da Associação, e as crianças ficam num vai e vem danado. Os adultos são atraídos também pelas comidas típicas, pela própria sociabilidade, reencontro de amigos, ex-colegas de trabalho etc. Entre as comidas típicas oferecidas aos participantes da Festa dos Varzealegrenses estão baião-de-dois, mungunzá, torresmo de porco, carne de sol, bolo de milho, etc.

O que parece ser um desejo de todos os participantes da festa, independentemente de idade, é o registro fotográfico e audiovisual. Na XV edição (dezembro de 2012), a personalidade mais disputada para um registro fotográfico foi o vice-prefeito de São Bernardo do Campo, o cantor Frank Aguiar. Bastante conhecido na região Nordeste, o artista é natural do estado do Piauí. Além dele, outras autoridades políticas disputaram a atenção dos varzealegrenses, a exemplo do prefeito recém-eleito, Forquilha Freire, e de seu padrinho político na época, o atual prefeito Arapuá.



Imagem 08: Políticos varzealegrenses presentes a Festa realizada pelos migrantes em SBC. Da esquerda pra direita: Primeira-dama Aliny Teixeira; Prefeito eleito, Forquilha Freire; Presidente da ABCV, Elivandro Moraes; Ex-prefeito, Arapuá; Vice-Prefeito eleito, Pannels Rolim e sua esposa, Érika Freire Araújo
Fonte: Site PMVA, dezembro de 2013

Sobre a presença dos varzealegrenses ao evento, Arapuá destaca que aquela é uma festa que proporciona, acima de tudo, a confraternização e o reencontro de pessoas de Várzea Alegre que moram em São Bernardo do Campo, mas que não conseguem se ver cotidianamente:

Uma coisa que é interessante é que, você indo naquele momento, é um momento, acima de tudo de, de, de entretenimento, mas acima de tudo de confraternização, de reencontro, de abraços né....de enfim... de, de reencontros mesmo. A gente percebe que tem pessoas que moram em São Bernardo, que moram no grande ABC que moram até na grande São Paulo, mas que... passam o ano todo, porque lá todo mundo é muito preenchido por conta de seus trabalhos e termina muitas vezes terminando o ano sem ter visto o conterrâneo então naquele momento é

momento também de congratulação e de abraços né, de reencontro. Então acho que é bacana (Arapuá, entrevista ao autor, janeiro de 2014)

Predomina, nessa e em outras falas de nossos informantes, a noção de uma comunidade varzealegrense existente em São Bernardo do Campo. São comunidades quase sempre pensadas, imaginadas e idealizadas, do ponto de vista das conexões, das interações e das redes de contato que esse grupo de migrantes desenvolve na metrópole. Procurei observar entre os presentes à Festa dos Varzealegrenses em SBC como se dava a interação, os “reencontros” e os “abraços” no contato entre os integrantes dessa “comunidade” que ali se faziam presentes. Foi perceptível a existência de pequenos e médios grupos interagindo entre si, geralmente formado por parentes, colegas de trabalho ou conhecidos do próprio bairro, por exemplo. Mesmo aqueles que se conheciam da origem, mas residiam em bairros distantes ou cidades distintas em São Paulo, possuíam pouca interação entre si. Quase sempre limitada a um aperto de mão, um abraço ou um cumprimento gestual à distância. Os contatos e a interação eram mais fortes entre aqueles que já o traziam essa relação de proximidade tanto do trabalho quanto da vizinhança ou do núcleo familiar. O grupo que me acompanhou, por exemplo, interagiu muito pouco com as outras pessoas da festa. Resumindo-se quase que exclusivamente ao diálogo entre eles mesmos e alguns cumprimentos passageiros/rápidos com conhecidos que aí estavam. Para quem não é de Várzea Alegre essa observação seria mais difícil, uma vez que o conterrâneo saberia identificar que, dentro da “comunidade varzealegrense”, no espaço da festa, existiam várias outras pequenas comunidades, identificadas ou classificadas pela comunidade de origem desses migrantes: o pessoal do sítio Carnaúbas, do Juazeirinho, do Queixada. Algumas dessas comunidades, por serem vizinhas e fazerem limites umas com as outras, permitem uma maior proximidade entre esses migrantes. Essa é uma característica possível de identificar na arquitetura social desenhada no espaço da festa.

Ou seja, os participantes dos grupos com maior interação possuíam laços de amizade, vizinhança, parentesco ou familiar, que antecederiam ao evento. Eram pessoas que já se conheciam e que ali se reencontravam. Trata-se, portanto, de comunidades de proximidade, de redes de amigos e parentes, como também de redes de políticos e empresários. De uma forma geral, a festa reproduz elos sociais já existentes fora daquele ambiente. No sentido de construir novas amizades, o evento parece não ser tão

eficiente. Dito de outro modo, o espaço da festa é, de certa forma, uma representação de redes sociais que existem em outros espaços de sociabilidade dos varzealegrenses. Isso é relevante para o nosso estudo, pois permite conectar esse espaço de sociabilidade com os outros momentos do cotidiano migrante. Evidentemente que há a possibilidade de que pessoas da mesma cidade possam conversar, no entanto, o momento é mais apropriado para reforçar ou reconectar aqueles que, por diversos motivos, estavam distantes, embora residindo no mesmo município.

É possível perceber, ainda, que essas formas de socialização presentes no espaço da festa procuram dar sentido aos elos sociais, às relações de reciprocidade, amizade, o que pode ser entendido na perspectiva de Marcel Mauss (1974) ou G. Simmel (2006). Para organizadores e participantes do evento, o significado da Festa está marcado num discurso que tem como característica comum o “reencontro - encontro”, ou seja, espaço de sociabilidade e atualização da identidade/comunidade varzealegrense. No entanto, as redes acontecem e se mantêm independente da festa. Elas acontecem em outros espaços, enquanto um ritual de marcação dos elos sociais que precisam ser renovados permanentemente. Como vocês devem ter percebido, os migrantes que fazem parte da nossa pesquisa, na condição de interlocutores diretos, não se sentem muito à vontade quando frequentam a Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo. Numa compreensão de Magnani (2003), ali não parece ser o “pedaço” deles. Existem outras maneiras de se divertir, no espaço de morada, na cotidianidade, que parecem mais interessantes viver.

3.3 As festas cotidianas dos migrantes varzealegrenses

Para além da festa analisada acima, essa minha primeira imersão a campo, em dezembro de 2012, oportunizou-me ainda, a chance de acompanhar alguns outros eventos que evidenciam as práticas de sociabilidade, tanto as cotidianas quanto as cíclicas dos migrantes, como as festas do ciclo de vida - nascimento, batizados, aniversários, casamentos. Particpei do aniversário de um migrante que contou com um churrasco na laje, muito comum em aniversários e quando se quer receber bem um visitante, parente, amigo⁶⁴, muita bebida e o famoso “parabéns pra você”.

⁶⁴Sobre as visitas dos parentes, Rigamonte (2001, p. 129-130) observa algo comum ao grupo analisado, especialmente com a realização dos churrascos e dos almoços coletivos: “Os parentes que chegam a São Paulo são recebidos com festa e tornam-se a grande razão das comemorações do período, pois, além da melhoria nas condições de vida, são motivo de orgulho dos familiares”.

A casa desse migrante varzealegrense, aniversariante, esposo da minha tia, 45 anos, é palco para as mais diversas comemorações: festas juninas, festas de fim de ano, comemoração de aniversários de sobrinhos, primos e amigos. Isso porque possui uma laje ampla, protegida do sol e da chuva, com uma churrasqueira, som e cadeiras. Outra característica importante é que esse casal, dono da casa, possui dois jovens, um com idade de 23 e outro de 18 anos, que também gostam de promover as famosas festinhas na laje.

Indagado sobre o barulho que as confraternizações produzem, ele disse que apenas um vizinho “é chato” e que, por umas duas vezes “chamou os homens”. “Chamar os homens” significa denunciar o barulho provocado pelas festas. A polícia esteve no local conversando com o dono da festa, orientou sobre o horário que podiam manter o som ligado e ainda soltou uma piada, de acordo com o informante: “O PM (Policial Militar) disse: ‘olhe, da próxima vez chame ele, pra ele não ficar lhe denunciando’ (risos)”. Mesmo com a implicância desse vizinho, ele disse que as festas continuam e há registros em que amanheceram todos na laje, bebendo e dançando ao ritmo do som. “É melhor ver o povo todo aqui, seguro, dançando, se confraternizando, do que deixar eles aí pelas ruas”, afirma o dono da casa, numa clara referência à violência no bairro.

Dessas festas participam, além do dono da casa, sua esposa e seus filhos, aqueles parentes: irmãos, primos, tios e sobrinhos, que residem na vila ou em bairros próximos. Não identifiquei colegas de trabalho do proprietário da casa. Os filhos convidam e às vezes recebem a visita de amigos do colégio ou colegas da rua ou do trabalho. A esposa do dono da casa também pode chamar suas irmãs, seus irmãos ou uma amiga. Como são festas, comemorações e eventos que se repetem, essas pessoas já sabem que podem participar, que estão convidadas. É interessante registrar aqui que, apenas os vizinhos com os quais se tem maior afinidade participam desses churrascos. O que significa que o vizinho “de parede”, ou seja, da casa ao lado do dono da festa não esteja na festa e o morador da última casa da rua seja um dos primeiros a chegar. Vizinho tem o sentido amplo, pode ser alguém da rua ou do bairro. Tirar a festa do meio da rua e levar para a laje, ou seja, para o interior da casa dos migrantes, também foi uma estratégia deles para

evitar o contato mais direto com a violência, que para eles, nos últimos anos, tem aumentado muito.

Dessa forma, a casa do Sobradinho tornara-se um ponto de concentração e encontros festivos churrascos, almoços, aniversários, festas cotidianas. A esposa de Sobradinho disse que são poucas pessoas que encaram o trabalho na cozinha: “Você é quem menos participa, fica o tempo todo na cozinha preparando as comidas e Sobradinho fica na churrasqueira assando carne enquanto os outros se divertem. Depois ainda tem gente que acha que a gente cobra um valor alto porque queremos tirar proveito”. Justifica. Ou seja, realizar festas em casa pode não ser vantajoso, especialmente em virtude das ocupações que os donos do ambiente assumem durante o momento festivo. Contudo, é interessante notar que, mesmo reconhecendo esses pontos “negativos”, o casal sempre está disposto a realizar as festas sempre celebradas no âmbito familiar como aniversários, churrascos do fim de semana, datas comemorativas, etc. A realização de festas no espaço da casa da família é também identificada no estudo de Caldeira (1984) como na pesquisa de Baptista (2003), dois trabalhos que têm como recorte de análise os espaços urbanos e periféricos (bairros e favelas) com tendência a presença de um discurso sobre violência que, nos discursos dos migrantes varzealegrenses, parece ser mais comum nos dias atuais.

Conversando com os moradores da vila, todos pertencentes praticamente à mesma família, os Leandros, fui informado que até os anos 1990 as confraternizações deles aconteciam no meio da rua e contava com a presença de todos os moradores. “A rua era fechada e todos se divertiam tranquilamente”, confessou um migrante que chegou a São Paulo na década de 1960. Tanto ele, quanto a sua esposa falam desse momento passado com muita saudade e boas lembranças. Mencionaram a existência, nas festas de junho, de um “palhoção montado na rua”, do qual participavam todos os moradores. A rua possuía ainda quatro bares, todos de pessoas amigas e conhecidas. Para que nenhum dos proprietários dos bares ficasse prejudicado com o consumo de bebidas em noites de festa, os moradores decidiram que fariam uma espécie de rodízio, onde saíam em grupos consumindo do primeiro ao quarto e em seguida voltavam novamente, seguindo a sequência inicial. Com o aumento do índice de violência, associado à sensação de insegurança nas ruas, a festa teve que acontecer em espaços privados – dentro das casas.

No período da minha primeira visita, muitos deles estavam ansiosos, para acompanhar o show de gravação de um DVD de uma dupla formada por primos nascidos em Várzea Alegre e que na época tocavam na noite de São Bernardo do Campo. Adeptos do estilo Sertanejo universitário, Tony Reis e Julian, gravaram seu primeiro DVD, uma semana após a minha visita, em 23 de dezembro de 2012⁶⁵. A gravação do DVD aconteceu numa casa de show (RC Show) localizada no centro da cidade de São Bernardo do Campo.

No primeiro semestre de 2014 não pude me deslocar até São Paulo para dar continuidade à pesquisa de campo. Contudo, este grupo migrante formado, em grande medida, por tios, primos e amigos, além de me convidar para os aniversários, churrascos e diversas comemorações, ocorridas especialmente nos finais de semana, fez questão de me manter informado sobre os eventos festivos ocorridos na vila. Eles já tinham conhecimento da minha pesquisa e do meu interesse em registrar tais acontecimentos.

Em 21 de junho de 2014 foi realizada a festa de São João. Aconteceu na laje da casa de Sobradinho, a mesma residência onde comumente ocorrem os churrascos e os aniversários de integrantes dos Leandros. Por decisão dos próprios migrantes, foi uma festa temática, em que homens e mulheres usariam camisa/blusa xadrez e calça jeans⁶⁶. Coube às mulheres preparar as comidas típicas: pamonha, canjica, bolo de milho, pé de moleque, pão de arroz, etc., e aos homens se cotizarem entre si para comprarem as bebidas. Durante a festa, o som que animou a turma foi o forró, chamado de “tradicional”, intercalado com o “forró elétrico” (CHIANCA, 2006), ou como prefere denominar (LIMA, 2011), o forró “eletrônico”. Para além da festa enquanto tema, é importante notar que os hábitos alimentares, assim como a festa, fazem parte do migrante, estão no migrante e o persegue. Perseguir não no sentido pejorativo, mas enquanto uma identidade, enquanto uma linguagem comum. Da mesma forma, a música, ou seja, o forró em especial (PAES, 2009). Estaria esse ritmo musical dialogando com as raízes desse povo. Traduzindo, mesmo que idilicamente e nostalgicamente, uma compreensão da saudade e das memórias vividas no sertão.

Além das comidas e das fantasias, o grupo ainda improvisou uma quadrilha junina, elemento festivo que marca a festa junina no Nordeste, como aponta Chianca

⁶⁵O lançamento do DVD aconteceu em 23 de abril de 2013 e novamente todos foram convidados a participar da festa que ocorreu numa churrascaria em SBC.

⁶⁶Chianca (2007), no artigo “Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa” faz uma breve apresentação desses tipos - masculino e feminino - de *matuto*, *caipira* da quadrilha junina.

(2013, p. 89) “... tanto a quadrilha junina quanto a vestimenta são reconhecidos como metáforas do campo tal qual ele é apreendido na cidade, onde é reinventado por filhos, netos e bisnetos de migrantes.” Os sujeitos praticantes dessa festa enxergam a quadrilha junina no espaço urbano, ou seja, vista da cidade parece mais “amatutada”, as comidas típicas do Nordeste ganham mais sabor e as músicas adquirem mais sentido.



Imagem 09, 10: Grupo improvisa quadrilha junina em evento que marca o São João dos migrantes na Vila Liviero - SP

Fonte: Arquivo próprio grupo, postado em rede social, SP junho de 2014

No final de julho, houve na vila a *Festa Nordestina*. Dessa vez não mais na laje da casa de Sobradinho, nem com a participação das mesmas pessoas da festa junina. Quando se muda o promotor do evento, isso naturalmente interfere na composição dos integrantes. No primeiro caso, era uma festa de caráter mais familiar, do ponto de vista que todos os participantes compunham a mesma família, os Leandros. Exatamente todos possuíam relações de proximidade e parentesco. Já a festa nordestina se diferencia um pouco. Embora tenha uma integrante dos Leandros, Gralhada, participando do evento, este havia sido organizado e ia ser sediado na casa de uma colega de igreja. Ou seja, a festa era privada, promovida por uma pastora baiana, membro da “Igreja Protestante Verdade Bíblica” cujo principal desafio desta festa temática consistia em resgatar as chamadas “brincadeiras de antigamente”.

Valeria uma observação aqui para brevemente dizer o quanto é comum encontrar, entre os migrantes, aqueles que, por algum motivo, passaram a frequentar igrejas evangélicas depois de efetivada a migração. Da família analisada aqui, pelo menos cinco delas deixaram o catolicismo e se converteram ao protestantismo. Geralmente são as mulheres que iniciam essa transição católico-protestante. Nem

sempre os homens seguem o mesmo caminho, embora respeitem a decisão da esposa. Os filhos também não costumam acompanhar as mães, especialmente se já forem adolescentes. Quando criança eles até frequentam as igrejas acompanhados de suas genitoras.

O que o grupo estava classificando de “brincadeiras de antigamente” eram aqueles passatempos que fizeram parte do cotidiano dos migrantes quando estes ainda viviam na origem. Viveram e experimentaram quando criança ou ainda na juventude. Mas, em função de não estarem recordando muitas das “brincadeiras”, a estratégia utilizada pelo grupo para “lembrar” esses divertimentos foi buscar/procurar/pesquisar na internet. Então a festa consistiu em recordar as animações que povoaram o tempo vivido em espaço e tempo diferentes por pessoas, originárias das mais diversas partes da região nordeste: Ceará, Bahia, Pernambuco, Paraíba, que migraram para São Paulo. Viveu-se nessa noite muito em função das lembranças ocorridas num tempo passado, mas em parte, presente na memória que motivaram aquele evento. Com lenços na cabeça, referência à mulher camponesa ou com o chapéu de palha na cabeça dos homens, simbolizando o homem do campo, a quartinha e a palha de milho trouxeram pra o grupo a sensação de se estar (re)vivendo uma noite nordestina. Mas como a região possui ainda uma riqueza no tocante a sua culinária, coube a cada mulher convidada para a festa, a responsabilidade em produzir e levar um prato típico.



Imagem 11: Festa Nordestina, SP junho de 2014
Fonte: Rede social (FACEBOOK) dos próprios migrantes

É possível assinalar que, festas, aliadas as formas de organização da moradia no destino, Vila Liviero, têm, para estes migrantes, um papel importante ao amenizar as

pressões do dia a dia. Chegam a ser, inclusive, classificadas como uma válvula de escape em face da correria cotidiana, além de servir para (re)unir o grupo. Na compreensão de alguns, ela ainda tem o caráter terapêutico, já que, sem elas, algumas doenças comuns da modernidade poderiam se aproximar e abater o grupo migrante:

Olha, eu acho que a gente não tem depressão, não vive triste aqui porque nós estamos sempre reunidos, nos divertindo, dando risada, brincando, porque se não fosse pra gente pegar uma depressão era bem facim. E também porque a gente mora tudo junto aqui. É todo mundo lado a lado. A família toda reunida. Isso ajuda muito também. (Calabaça, 24 anos, SP, 2014)

Nesse sentido, o lazer, traduzido aqui pelos encontros familiares, churrascos na laje, almoços comemorativos, aniversários, etc., assemelham-se a um momento de fuga da cotidianidade do grupo, das pressões, das rotinas do trabalho, das obrigações corriqueiras. Dessa forma, as atitudes aparecem pouco reflexivas face ao momento posto como nos aponta Bueno (2008, p. 50).

Se articularmos os diferentes aspectos da condição do trabalho urbano – salário gasto na sobrevivência, jornada de trabalho longa e, algumas vezes intensa e penível, moradia distante, falta de centros recreativos e culturais, além do acréscimo de trabalho exigido pelas obrigações de ordem pessoal, o lazer pode se tornar um espaço de fuga e é por isso que se encontram numerosas atitudes de passividade face ao lazer.

Não estamos comungando aqui com aquela ideia do caos presente em alguns estudos sobre festas. Até porque os interesses desse grupo, portanto, a sua racionalidade, evidenciam a existência de conflitos entre os membros. As razões para tais atritos, quase sempre confessados em tom de segredo ao pesquisador em momento festivo, podem ser uma fofoca, informação com o sem fundamento que teve origem no Ceará a respeito de algum parente e repercutiu em São Paulo. Algo muito comum ultimamente, em função da velocidade que a informação adquiriu na nossa sociedade. Então, o celular e as redes sociais são responsáveis pelo trânsito diário de informações entre origem e destino e vice-versa. Conversas essas que podem provocar intrigas e afastamentos entre os integrantes do grupo. Mas há, ainda, questões de cunho cotidiano na própria vila que vão distanciando esses moradores. Piadas e fofocas isolam integrantes desse grupo. No entanto, nada parece ser definitivo. Quem hoje está

intrigado de alguém, amanhã poderá sentar-se a mesa com ele. Com poucas exceções, existem aqueles casos onde as queixas perduram por longos períodos de tempo.

Da mesma forma que une o grupo, as reuniões festivas, evidenciam, tornam público esses distanciamentos entre integrantes do grupo. Você tem realmente certeza de que alguém está com raiva ou intrigado de ti, quando, ao convidá-lo para um almoço, um churrasco, ou uma confraternização qualquer, esse convidado não aparece ou nem ao menos justifica a sua ausência. Mas isso também pode ser anunciado através das fofocas e comentários entre integrantes do grupo. Percebi certo estranhamento entre algumas integrantes do grupo, especialmente durante duas viagens a campo. É interessante notar que eles são mais comuns entre as mulheres, ou pelo menos ficam mais evidentes entre elas. No entanto, isso não significa dizer que entre o grupo masculino tais conflitos não existam. Mas vamos aos casos percebidos em campo.

No primeiro deles, em 2013, senti a falta da família de Lamarão Leandro: pai, mãe e filhas, no churrasco na laje, em comemoração ao aniversário do dono da casa Sobradinho Leandro que, a propósito, é sobrinho de Lamarão. Perguntei o motivo da ausência de Lamarão e fui informado de que eles, embora não soubessem explicar a falta dessa família no aniversário, mesmo sendo religiosamente convidada, imaginavam que seria porque, meses antes, haviam realizado outra festinha com o grupo e para isso teriam pedido uma cotização desses participantes. Ficaram sabendo que essa família discordou do valor e se negou a participar. Desde então, não estive mais em nenhum evento desse tipo. Perguntei depois ao próprio Lamarão e a sua esposa Guaribas, o motivo da ausência, por que não participaram da festa na casa do sobrinho. Eles me informaram que não gostavam muito dessas reuniões, preferiam ficar em casa mesmo. Para eles, parecia mais simples evitar comentários ou informar o pesquisador sobre os reais motivos da ausência na festa. Isso poderia soar como fofoca e gerar novos conflitos. Então, o mais simples e sensato era enterrar aquele assunto de vez. Dizer que não gostava dessas festas, embora não entrasse em detalhes sobre esse “não gostar”. Isso também é uma forma de invisibilizar os conflitos e proteger a amizade. Contudo, o fato de Lamarão se negar a participar, juntamente com a família, do churrasco na casa do sobrinho, já demonstra, sinaliza para a existência de um conflito e o distanciamento de uma amizade. Para Mauss, negar-se a receber pode ser motivo para explicitar o conflito.

Outro caso semelhante aconteceu em 2014, quando, durante uma desses “churrascos na laje”, percebi que havia um claro distanciamento entre duas mulheres do grupo, por sinal cunhadas, de nome Bebedouro e Calabaça. Era noite e todos estavam reunidos na casa de Carafbas, esposa de Sobradinho. Conversava com Calabaça quando Bebedouro chegou e me cumprimentou e direcionou o mesmo cumprimento a Calabaça que estava ali comigo. Esta simplesmente ignorou. Percebi na hora aquele distanciamento. Embora tenha sido um tanto constrangedor, tentei demonstrar que nada havia acontecido e procurei dar atenção às duas indistintamente, fingindo não ter percebido. Mas claro que aquilo deixaria qualquer pesquisador curioso.

No dia seguinte, procurei saber de Gralhado, irmã de Carafbas e tia de Calabaça, se Bebedouro e Calabaça estavam intrigadas e o que tinha acontecido entre elas. Fui informado que uma fofoca surgida no Ceará teria sido responsável pelo afastamento entre as duas. E que isso ficara notório durante a realização de um almoço familiar. Tratava-se de um momento simbólico: a reunião anual da Semana Santa de 2014, quando, tradicionalmente, Bebedouro reúne a família e oferece um almoço. Esse é um costume comum na família Leandro, tanto em Várzea Alegre, quanto na Vila Liviero. Geralmente, os mais velhos, pais e/ou avós, convidam os filhos, noras, genros e netos residentes naquela comunidade ou em comunidades vizinhas para o almoço de confraternização. Fiquei sabendo que na Vila Liviero, desde muito tempo, se instituiu uma residência, portanto, a casa de Bebedouro, para celebrarem juntos essa ocasião. Todos se reúnem nessa mesma casa ano a ano. Mas, em 2014, Calabaça havia faltado e, portanto, tornado pública a sua insatisfação para com a cunhada. Naturalmente, tal posicionamento repercutiu negativamente entre os Leandros, gerando novas fofocas e comentários entre os integrantes.

Poderia contar um terceiro caso, esse ocorrido fora da vila, mas envolvendo os mesmos migrantes. Valeria destacar aqui por se tratar de um mal-estar eminentemente masculino. É ainda uma experiência que denota a participação do grupo em reuniões festivas. De acordo com as narrativas, esse fato teria acontecido há aproximadamente cinco anos, mas ainda hoje é motivo de distanciamento entre o grupo familiar formado pelos Leandros. Pacheco, o filho mais velho de Sobradinho, confessou que todos haviam sido convidados a se deslocar até São Bernardo do Campo para um almoço na casa de um primo. Contudo, os mais jovens teriam ido em maior número. Chegando a São Bernardo, na casa desse primo, eles perceberam que não tinha bebida alcoólica na

festa e decidiram comprar num mercadinho ali próximo. Reunidos em pequeno grupo, começaram a beber, foi quando o anfitrião da festa chegou e pediu para que não bebessem, alegando não querer confusão ali.

Cara, nós não íamos provocar confusão nenhuma. Nós sempre bebemos e nunca causamos confusão. Apenas achamos que deveríamos tomar alguma bebida quente. Nem era tanta bebida assim. Ficamos chateados com aquilo. Eles viram em nós uns cachaceiros. Desde esse dia que nunca mais fomos a nenhuma festa promovida por eles (Pacheco, 25 anos, SP, 2014).

Mesmo tendo violado as normas, implícitas do grupo, ou seja, ao adquirir bebida alcóolicas, os jovens compreendem aquele momento como desrespeitoso. Por serem todos conhecidos, familiares convidados para o evento, acreditam que deveriam ser melhor tratados. Com eles ficou ainda a impressão de que seriam “cachaceiros e baderneiros”. Eles se sentiram como uma ameaça à tranquilidade do evento.

As festas cotidianas parecem ser uma marca comum dos Leandros em São Paulo. Em outubro de 2014, aproveitando o retorno de uma viagem ao México⁶⁷ e a conexão que faria em São Paulo, decidi desembarcar e ficar uma semana na Vila Liviero, de 12 a 22 de outubro de 2014. Recepcionado, não apenas como pesquisador, estranho, mas, acima de tudo, como membro do grupo, fui recebido com festa. Os parentes - primos, tios - resolveram fazer um churrasco pra celebrar a minha chegada. Compraram carne, cerveja e me recepcionaram com um saboroso baião de dois com fava - comida tipicamente nordestina. Eu havia comentado via redes sociais que a comida do México não era tão saborosa. O almoço da minha passagem pela Vila tinha: o baião acima mencionado, carne de gado assada - churrasco, macarrão, salada de legumes e verdura, refrigerante e cerveja.

Sobradinho, esposo da minha tia, dono da casa onde se realizava o almoço, estava ansioso para tomar uma das bebidas mais típicas do México: a tequila. Inclusive disse que já havia comentado com os demais que eu traria essa bebida. Ficou feliz quando falei que, de fato, havia comprado um litro de tequila pra ele: “eu sabia que você ia trazer”. Era um dia de domingo quando cheguei. Foi um almoço bastante familiar. Reuniu a parte mais jovem da família e os parentes mais próximos. As tias - Caraiabas,

⁶⁷ Estive no México apresentando um artigo no IX Congreso de La Asociación Latino americana de Sociología Rural sobre as possibilidades de lazer e festa dos Varzealegenses em São Paulo.

que promoveu o almoço, Gralhado, irmã de Caraíbas. Os primos - Pacheco, Amaro e Boqueirão – filhos de Caraíbas e Sobradinho; e Carnaúbas - filha de Gralhado; Ipotí, Calabaça, Capão, Pau D’arco, Fortuna, Caiana, União, Umarí. Praticamente todos queriam saber da minha impressão sobre o México e o que eu estava fazendo lá. Comentei que havia estado no México para participar de um evento da universidade. Que tinha apresentado um trabalho do doutorado sobre a viagem que tínhamos feito à praia no final do ano passado (2013)⁶⁸.

Quando cheguei, todas as mulheres, as minhas tias Gralhado e Caraíbas a; as primas Calabaça, Carnaúbas, e Fortuna, estavam na cozinha. Ocupadas com as atividades como: cozinhar, lavar louça, cortar verduras etc. Isso não é um privilégio apenas dos Leandros da Vila Liviero, em Caldeira (1984, pp. 119-123) encontramos aproximações desse cotidiano aqui apresentado. As tarefas femininas e masculinas, o tempo dentro e fora de casa, a movimentação típica do bairro durante a semana e nos sábados e domingos. Ao dono da casa caberia a missão de cortar a carne para o churrasco, mesmo assim ele havia sido “expulso” da cozinha por falta de espaço. Logo em seguida ele foi convocado para realizar sua tarefa, cortar e salgar as carnes do churrasco. É importante considerar que essa divisão, entre tarefas masculinas e femininas, não parece muito clara na Vila Liviero. Por exemplo, se na hora de preparar a carne para o churrasco, Sobradinho é chamado à cozinha, isso significa dizer que necessariamente aquele não é o ambiente apenas feminino.

O almoço começou a ser servido por volta das duas da tarde. O anfitrião da festa, Sobradinho, chamou a atenção para as pessoas que estavam faltando: “vamos começar a almoçar sem os meninos chegarem?” Tratava-se de dois jovens Pacheco e Pau D’arco e suas respectivas namoradas, Fortuna e Carnaúbas que tinham ido ao supermercado comprar mais cervejas. Mas como todos estavam com fome e eles não atendiam o celular, o almoço foi servido mesmo assim.

Quando cheguei, ofereci uma pequena garrafa de tequila que havia comprado para elas experimentarem. Para tanto, elas decidiram fazer todo um ritual que incluía o tamanho do copo, a mistura do limão e do sal antes de tomarem o primeiro gole. Como só havia comprado uma garrafa de tequila para presentear o dono da casa e por ser bonita essa garrafa, Sobradinho falou que não iria usar a tequila, “era pra guardar na

⁶⁸ Essa viagem será detalhada e analisada enquanto possibilidade de sociabilidade no capítulo imediatamente a seguir.

estante”. No entanto quando todo mundo tomou conhecimento da garrafa de tequila foi inevitável negar e logo tomaram a bebida, bem no estilo mexicano, com limão e sal.

Todo mundo reclamava do calor e da falta de água em São Paulo. “O povo falava do Nordeste, mas o São Paulo tá ficando do mesmo jeito ou pior!⁶⁹”. Havia ainda uma desconfiança da ação dos gestores quanto ao problema de água na metrópole⁷⁰. “A culpa é deles, mas só quem paga é a gente, porque eles desligam a água cedo da noite e a água quando chega é só cloro. A gente fez a nossa parte, nós não pagamos as contas direitinho? Eles deviam fazer o papel deles já que sabiam que isso podia acontecer”. Comentei que havia chovido há poucos dias em Várzea Alegre, um deles disse: “Agora é assim, quando lá tá frio, aqui tá quente. Quem já viu chuva em pleno outubro no Ceará? Bem que Frei Damião disse não foi? Que o sertão ia virar mar⁷¹. São Paulo tá ficando sem futuro”.

A conversa também tomou um cunho jocoso com a chegada de uma jovem, também migrante, com fama de “desbocada”. Suas conversas, quase sempre pornográficas, chamam a atenção, especialmente das mulheres. Dessa vez ela comentava sobre os mitos e verdades sobre o sexo oral. Uma das mulheres, casada e evangélica, tratou logo de dizer que não praticava e que se esse tipo de sexo causava câncer de garganta, desse tipo de câncer ela não morreria. Em resposta a esse posicionamento a jovem retrucou: “Eu também digo que não faço, mas na hora a pessoa nem pensa”. Em seguida tratou de contar suas últimas experiências. Poucas mulheres entravam na conversa confessando suas experiências. Apenas sorriam para demonstrar que estavam gostando do papo.

Do lado masculino, as conversas tinham um teor mais sério. Com exceção das brincadeiras já comuns - que serão tratadas no capítulo a seguir, os homens falavam sobre uma possível viagem à Várzea Alegre – CE, no mês de dezembro. A preocupação

⁶⁹No dia 17 de outubro de 2014 foi registrado um recorde histórico de calor na cidade de São Paulo. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia, foram registrados 37,8° C. A maior temperatura registrada desde 1943, quando a estação de medição havia sido criada. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/10/sp-tem-recorde-historico-de-calor-com-378c-diz-inmet.html> acesso em 18 de outubro de 2014.

⁷⁰Desde o mês de agosto de 2014 que mais de dois milhões de pessoas estavam submetidas ao racionamento em São Paulo. Tratava-se de uma das maiores crises hídricas do Estado. A população passava por semana, dois dias com água nas torneiras e cinco sob o racionamento. Outras informações sobre essa crise em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/08/1498512-sao-paulo-tem-21-milhoes-de-pessoas-sob-acionamento.shtml> acesso em 18 de outubro de 2014.

⁷¹A expressão “O sertão vai virar mar...” é atribuída não a Frei Damião, mas a outro religioso do sertão nordestino Antônio Conselheiro, líder do arraial de Canudos, sertão da Bahia. Ver livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.

era com o tempo de estrada já que planejavam ir de carro próprio ao invés de ônibus ou avião. Para as mulheres era muito perigoso. O trânsito estava muito violento. Outra atividade desenvolvida pelos homens durante o churrasco foi o jogo de dominó.

No rádio, a música que tocava, mais uma vez, incluía hits sertanejos e o forró de “Toca do Vale”, o mesmo que será referenciado no capítulo a seguir, por ter animado a viagem à praia. Suas músicas são sempre classificadas como boas pelos migrantes e seus filhos. O disco parecia ser uma seleção com os melhores sucessos do artista.

Até o início da noite, o calor era de fato insuportável. Tanto que fui tomado pelo cansaço da viagem me veio logo uma forte dor de cabeça. Pedi pra me recolher e logo me ofereceram um comprimido. Descansei por mais ou menos uma hora e voltei a me juntar ao grupo que continuava bebendo e conversando na laje. Já não havia mais tequila mexicana e as cervejas também estavam acabando. Mas não era possível perceber a embriaguês em nenhum deles. Bebiam e conversavam tranquilamente. Um vizinho começou a gritar alto e ouvíamos também a voz de uma mulher. Todos já sabiam do que se tratava. Era uma briga de casal. Ela havia aprontado muito no passado e “agora vive pousando de vítima. Brigam feito cachorro. É todo dia esse movimento” disse uma das mulheres ali presentes. Sabiam inclusive que a mulher tinha ameaçado ir embora na semana seguinte. Ninguém se meteu, nem sequer colou a cabeça pra ver confusão ao lado.

Era tarde e todos começavam a se recolher. Senti que esse domingo estava diferente dos demais finais de semana que tinha presenciado em outras ocasiões. Perguntei pelo movimento característico da rua. Fui informado que, de fato, havia menos movimentação por ali, ultimamente. Que isso era normal. Tinha tempo de maior movimento, intercalado com momentos de calmaria. Mas também não estava tão calmo assim. Um grupo de jovens fazia corrida de motos na rua e provocava muito barulho. Pressionavam a aceleração e produziam um barulho semelhante a um tiro.

Os moradores da Rua Particular I possuem dois equipamentos públicos de lazer que ficam localizados no início e no final da rua. São duas praças. Uma mais antiga, que possui umas árvores grandes, alguns bancos de cimento e uma pequena capela, e outra, construída mais recentemente, onde geralmente os moradores depositavam lixo, móveis velhos e sobras de material de construção, etc. Nessa praça foram colocados playgrounds onde as crianças podiam se divertir, durante o dia, longe dos olhos dos pais. Geralmente quando não estavam na escola ou nos finais de semana. Em 2012, ela

estava novinha e as crianças estavam sempre por lá dia e noite. Em 2013 percebi que durante o dia havia crianças brincando por lá, mas no final da tarde o clima mudava e a noite, já sem iluminação, o local estava servindo para outros fins. Minha tia contou que a pracinha tinha se transformado num ponto de comércio e consumo de droga entre os jovens. Eles costumavam enterrar a droga na grama durante o dia e a noite os consumidores pegavam. Perguntei como era feito o pagamento. Eles não sabiam ao certo, mas disseram que acreditavam que era feito antecipadamente. As mães lamentavam porque a “pracinha” era lugar das crianças brincarem. Quando ela - a praça - foi “tomada” pelos “nóias”, as crianças foram deixando o lugar naturalmente. Era perigoso.

Mas existem outros espaços de sociabilidade, extraordinários, dos Leandros, que se situam fora do espaço de morada, ou seja, da Vila, e que eles aproveitam coletivamente. Trataremos a seguir de uma viagem dos Leandros à uma praia⁷² do litoral paulista. Essa viagem, como parte das estratégias de aproveitamento do tempo livre - fim de semana - será etnograficamente analisada. Nossa análise tem como ponto de referência as categorias de *amizade* e *brincadeira* de John Comerford (1999) e *sociabilidade* e *sociação* de George Simmel (2006). Procuramos apresentar e entender algumas práticas de sociabilidade dos migrantes provenientes do município e Várzea Alegre, no Estado do Ceará, que moram na região de São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo. Observamos o cotidiano do espaço de moradia e etnografamos uma viagem à praia, ocorrida em novembro de 2013, como um evento privilegiado para se compreender as formas de sociabilidade e a construção social da amizade desse grupo de migrantes cearenses em São Paulo. Trata-se de um exercício da observação direta do cotidiano desses migrantes e, no caso da viagem à praia, a descrição do momento da saída, início da manhã, finalizando com a chegada ao mesmo lugar da partida, início da noite. Para melhor nos ajudar na nossa análise, vamos acionar o estudo de Comerford (1999), sobre amizade e brincadeira (COMERFORD, 1999) e o de

⁷² Experiência semelhante foi analisada por Magnani (2003) que classificou o passeio a praia do grupo estudado por ele de “excursão de farofeiros”, talvez por assim serem popularmente conhecidas essas viagens. O autor ainda afirmou ser essa experiência a única forma de lazer que por definição se realiza “fora de casa” e “fora do pedaço”. Outras observações do autor se aproximam das descrições etnográficas que seguem, por exemplo, o momento da saída - ansiedade - e a despedida da praia: “Enquanto aguardam o início da viagem, dançam, tomam umas e outras e conversam animadamente, entusiasmados com a perspectiva de um dia diferente na praia. É preciso aproveitar intensamente cada segundo, pois o tempo disponível é curto: a volta está prevista, como de costume, para as 17 horas do domingo” Magnani, (2003, p. 124).

Simmel (2006) sobre sociabilidade e sociação. O texto de John Comerford (1999) analisa as práticas de sociabilidade de trabalhadores rurais no Rio de Janeiro, privilegiando a construção da amizade e suas reapropriações.

O autor em questão procura dar conta de certas constatações etnográficas, a partir de textos clássicos da literatura americana e europeia⁷³. Comerford justifica o uso desses autores por acreditar que o trabalho deles permite ampliar a análise de Radcliffe-Brown, que enfatiza a importância das relações jocosas para estabelecer, de forma relativamente estável, uma combinação de relações de associação e dissociação entre grupos distintos que mantêm relações sociais fundamentais entre si (relações de aliança) em uma dada estrutura social.

Enquanto desenvolvia sua pesquisa de dissertação de mestrado num assentamento rural situado no estado do Rio de Janeiro, Comerford foi atraído pela frequência com que os assentados classificavam suas interações cotidianas como "brincadeira". Estes indivíduos ainda destacavam esse fato em suas falas para o pesquisador.

Frases como "aqui é todo mundo amigo, todo mundo brinca" ou "aqui é como uma família, todo mundo unido, todo mundo sempre brincando", ou "aqui eu estou como entre irmãos, a gente sempre brinca, eu me sinto bem". Chamou-me também a atenção a recorrência com que, após uma visita ou estadia em que houvesse ocorrido "brincadeiras", os trabalhadores (geralmente o dono ou dona da casa que eu havia visitado ou onde havia me hospedado) se despedissem de mim com a frase "desculpe a brincadeira".

Foram esses comportamentos e essas categorizações de processos interativos que levaram o autor a desenvolver um estudo sobre uma forma de construção social da amizade. Esse tipo de observação nos lembra outro importante trabalho, não citado pelo Comerford, que é a "sociabilidade lúdica", de George Simmel, presente no texto, Sociabilidade - exemplo de sociologia pura ou formal - que trata de categorias sociológicas a partir da análise do comportamento do indivíduo e sua relação com o outro. O autor apresenta as interações entre os indivíduos como se tratasse de um jogo, de um teatro, de algo lúdico e capaz de manter a união entre os indivíduos.

⁷³ Entre os autores mobilizados por Comerford, estão: Radcliffe-Brown sobre as "relações jocosas" (Radcliffe-Brown, 1974a e 1974b); Huizinga (s/d), Bateson (s/d), e Elias (1992), além de acionar uma literatura a respeito de rituais e "performance" (Tambiah 1985, Bauman 1978, Bauman e Sherzer 1974, Goffman 1981).

Simmel destaca com maior atenção os conceitos de sociação e sociabilidade. No primeiro caso, ele entende que os indivíduos são levados a interagir entre si, a estarem juntos por “interesses materiais, impulsos ou finalidades objetivas. Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandade de sangue, em comunidade de culto ou bandos de assaltante, isso é sempre resultado das necessidades e seus interesses específicos” (Simmel, 2006, p. 64).

Para Simmel, essas seriam as formas claras de sociação. Elas estão imbuídas de interesses visíveis e, por isso, motiva a relação entre os homens. No entanto, as formas de sociação, para o referido autor, também podem resultar em processos de sociabilidade. Isso seria capaz porque, para além desses conteúdos específicos, ou seja, por “interesses materiais ou finalidades objetivas” que mobilizam os indivíduos a estarem juntos, há também o prazer de estar se socializando. São os “conteúdos reais” que carregam consigo a “sociação particular”. Seria como se tirássemos de uma totalidade aquilo que vamos configurar numa imagem específica, denominada por ele de “impulso de sociabilidade”, que estaria desvinculada da realidade da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade. A esse processo ele denominou de “sociabilidade” em sentido rigoroso (SIMMEL, 2006).

A sociabilidade dá valor à forma de sociação porque é uma mútua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade. O que Simmel defende é que a sociabilidade é uma forma de sociação, ou seja, de interação social que se fundamenta pelo prazer de se socializar, de estar junto. Aproxima-se de certo modo da reciprocidade, em que o ato de doar não tem uma expectativa material definida de retorno, mas é um ato que afirma os elos sociais de interdependência entre os indivíduos. Em outras palavras, o que está em jogo para Simmel, quando se trata da sociabilidade, são as inter-relações interativas dos indivíduos. Estas, por sua vez, não dependeriam exclusivamente das motivações concretas e objetivas desenvolvidas pelos homens no processo de interação social.

Mas como compreender a sociabilidade de indivíduos e grupos? De que forma ou quais as características que os indivíduos precisam aprimorar/exercer quando estão em interação social? Entre os princípios que regem a sociabilidade estaria uma espécie de ato contratual em que cada indivíduo deve garantir ao outro e receber do outro o máximo de valores sociáveis - alegria, liberação, vivacidade. Estabelecer-se-ia um princípio democrático e, portanto, recíproco de interação que será melhor praticado no

interior de um extrato social, “já que muitas vezes, uma sociabilidade entre membros de diferentes extratos sociais se torna algo contraditório e constrangedor” (Simmel, 2006:69). Tentaremos ler/interpretar nosso material etnográfico mobilizando categorias de Simmel e Comerford.

O nosso esforço é compreender essas interações entre os indivíduos durante o passeio para a praia, à luz do estudo de John Comerford e as suas relações no cotidiano - espaço de moradia - a partir das categorizações sociológicas de George Simmel. Refletiremos sobre os significados dessa(s) prática(s) entre migrantes cuja experiência de vida situa-se entre dois espaços geograficamente distantes, mas emocionalmente próximos. É sua região de origem – município de Várzea Alegre e entorno - e o município onde reside e outros por onde circulam, seja para trabalhar ou para atividades sociais. Como se constroem as conexões sociais entre as localidades e origem e onde moram no Estado de São Paulo. Em que tempos, no tempo ordinário do cotidiano ou no extraordinário expresso em eventuais cíclicos. Os passeios, como práticas de sociabilidade e enquanto formas de aproveitar o tempo livre, extraordinário, tempo do não trabalho, é vivenciado como uma prática de sociabilidade nos termos de Simmel? É uma forma de construção de identidades enquanto migrantes?

3.4 Sociabilidade e sociação migrante na viagem à praia

No dia 30 de novembro de 2013, acompanhei a viagem dos migrantes à praia do Guarujá. Um grupo formado por vinte e cinco pessoas, todas elas migrantes varzealegenses e/ou filhos destes migrantes. Homens, mulheres e crianças, lotaram duas vans e seguiram em direção ao litoral. Numa delas, apenas homens e na outra somente as mulheres. Essa primeira iniciativa em separar o grupo - homens num carro mulher em outro - já denota um desejo dos integrantes em ficar mais a vontade durante a viagem, podendo assim desenvolver estratégias de interação com maior liberdade. Os homens ficam mais à vontade para “brincar” entre si. “Nós, entre a gente, fazemos brincadeiras, mas o povo não fica bravo não, só as mulheres que às vezes ficam”. Essa fala já denota que não se brinca com as mulheres. Esse tipo de interação é mais comum entre os homens, em especial os mais jovens. Os adultos também participam desde que se permitam. É comum nessas ocasiões as pessoas se expressarem em voz alta, não existir uma individualidade ou monopólio da fala. Com o intuito de atribuir sentido

jocosos à conversa eles repetem muito as mesmas frases, que vão se tornando recorrentes ao longo da brincadeira. É comum que esses momentos sejam acompanhados pela ingestão de bebidas alcoólicas e muitas risadas. Tudo isso foi observado por Comerford no estudo sobre forma de construção social da amizade, realizado num assentamento rural no estado do Rio de Janeiro (COMERFORD, 1999).

O dia estava nublado e havia possibilidade de chuva. Ocupando aqueles veículos estavam os maridos e suas esposas, os filhos, sobrinhos, primos e cunhados. Praticamente todos de uma mesma família. Moradores do mesmo bairro. Vizinhos de rua. Pessoas de uma convivência diária.

O passeio à Enseada do Guarujá havia sido planejado com cerca de um mês de antecedência por Sobradinho, marido de Carafbas. Uma espécie de “liderança festiva”. Foi na casa dele, com a ajuda da esposa e da cunhada, que todos os participantes do passeio foram informados pessoalmente sobre a viagem. Antes de sair, jovens brincavam de bola na rua, uma prévia do que ia acontecer na praia. Cada participante do passeio pagou R\$ 45 (quarenta e cinco reais) pela viagem. Esse dinheiro servia para pagar ao aluguel das vans e comprar algumas bebidas como cervejas e refrigerantes, por exemplo, que seriam consumidas pelo grupo durante a viagem e também lá na praia. O pagamento aos motoristas das vans foi feito em dinheiro no momento da partida.

A van com o grupo feminino saiu na frente, era acompanhada pelo olhar dos homens. Quando o veículo entrou na Rodovia Anchieta, ouvi comentário do tipo: “Cuidado com essa van ali da frente, ela vale ouro”. Talvez por isso o motorista mantivera sempre uma distância capaz do grupo masculino não perder a visão do grupo feminino. Os homens começaram a beber, basicamente cerveja e cachaça tão logo deixaram a Vila Liviero. Como já era de se esperar, fui convidado a dividir a bebida com eles. Tomei uma dose de Gin, porque eles faziam questão que “o jornalista”, era assim que me identificavam, “bebesse uma dose com eles”. Foi uma primeira tentativa de interação de parte do grupo não muito familiarizada comigo. Era como se dissesse vamos incluir o “novato” na festa. Essa iniciativa por parte do grupo nos remete ao texto de Comerford (1999, p. 83)

Ainda que a brincadeira seja um gênero de interação que implica a participação de todos os presentes, nem sempre é isso que ocorre. Assim, se a princípio não há distinção entre alguns “encenadores” e em “público” (...) na prática é frequente haver pessoas que, apesar de

presentes, não participam propriamente da *brincadeira*: por exemplo, mulheres mais velhas, homens que sejam conhecidos por não participar de brincadeiras, ou pessoas consideradas “externas” ao grupo, especialmente se forem pessoas vistas como socialmente superiores (...).

O pesquisador estaria entre estas pessoas consideradas pelo grupo como “socialmente superior”, “de fora”, “externo” ao cotidiano do grupo, devendo haver “respeito” para com ele. Na compreensão de Comerford (1999), o pesquisador se enquadra, ainda, naqueles personagens denominados de “ambíguos” que estão ou querem estar próximos, mas guardam uma distância difícil de ser transposta. Ele [O pesquisador] estaria presente no cotidiano “íntimo” dos trabalhadores, mas seria relativamente excluído, principalmente quando não é bem conhecido ou quando o tema da “brincadeira” pode ser “recebido” como ofensa. Por isso, uma expressão como “desculpe a brincadeira”, além de reafirmar essa distância que existe entre o pesquisador e o grupo, denota um cuidado para o que o que está sendo dito não pareça uma ofensa. O “desculpe a brincadeira”, na compreensão de Comerford personifica a “distância respeitosa” entre a “turma” (grupo de amigos) e os “agentes ambíguos”. Tal expressão reafirma a presença de hierarquias e da externalidade do pesquisador e a prudência que se deve ter nessa relação. O tempo estava frio e havia a possibilidade de chuva, mas isso não desanimava os migrantes que animadamente rumavam com destino ao litoral. O que se pode considerar a própria viagem em si como uma festa. O início do ciclo festivo que inclui a preparação, o deslocamento e a própria estadia na praia.

Uma curiosidade era que os jovens, preocupados com as condições climáticas no litoral, acompanhavam pelo telefone celular a previsão do tempo na cidade de Guarujá. O grupo masculino seguia ouvindo as músicas de uma conhecida dupla sertaneja - Jorge e Mateus. É bom considerar que essas duplas que se dizem porta-vozes da música sertaneja atualmente têm fortes inspirações no que foi denominado de música caipira urbana dos anos 1970, 1980. Confusão já mencionada nesse texto, a partir das observações de Martins (1990), os primeiros cantores de “música sertaneja/caipira” que ganharam notoriedade no rádio como Tônico e Tinoco, João Mineiro e Marciano, Tião Carreiro e Pardinho, Milionário e José Rico, Teodoro e Sampaio, entre outros, foram muito escutados pelos pais desses migrantes, que, inclusive, são alguns desses migrantes presentes ao passeio como o caso de Sobradinho, Gralhado, Barreiro, Caiana, Fortuna e Caraíbas. É provável que esse gosto musical tenha relação com essa criação,

essa iniciação entre pais e filhos. Algo que eles carregam dentro de si, como parte da sua cultura musical.

Mas essa interação geracional nem sempre se dá de maneira harmônica. Vejam o que aconteceu no dia anterior a viagem. No momento que compreendia os preparativos para a viagem do dia seguinte, fui informado por Carabas que não aproveitava uma carne frita que estava pronta no fogão para fazer uma farofa porque “os meninos iam brigar com ela”. Ela se referia aos dois filhos jovens de 17 e 23 anos, Pacheco e Amaro que também estavam ansiosos para o passeio. Acredito que isso pode ser pelo fato de eles serem jovens e não quererem ser estigmatizados como “farofeiros”, expressão comum para os migrantes que vão passar finais de semana e veraneios no litoral paulista.

Experiência semelhante foi analisada por Magnani (2003), que classificou o passeio à praia do grupo estudado por ele de “excursão de farofeiros”, talvez por assim serem popularmente conhecidas essas viagens. O autor ainda afirmou ser essa experiência a única forma de lazer que, por definição, que se realiza “fora de casa” e “fora do pedaço”. Outras observações do autor se aproximam das descrições etnográficas que seguem, por exemplo, o momento da saída - ansiedade - e a despedida da praia: “Enquanto aguardam o início da viagem, dançam, tomam umas e outras e conversam animadamente, entusiasmados com a perspectiva de um dia diferente, na praia. É preciso aproveitar intensamente cada segundo, pois o tempo disponível é curto: a volta está prevista, como de costume, para as 17 horas do domingo” Magnani, (2003, p. 124).

Não sei se, exatamente pelo clima, ou pelo percurso de pouco mais de sessenta quilômetros, os mais jovens começaram a dormir no carro pouco antes de chegar a Guarujá. A cinco quilômetros do litoral, um imprevisto: uma das vans apresenta problemas. Numa das poucas vezes que a van masculina ultrapassou a van feminina, o motorista deste outro carro deu sinal de luz e pediu-nos que o outro veículo parasse. O pneu da “van masculina” estava balançando muito. O medo era que a roda se soltasse. Paramos no acostamento. Alguns passageiros desceram, inclusive eu. O motorista tratou logo de buscar uma solução para o problema. Durante a parada, os homens aproveitaram para ir cumprimentar as mulheres que estavam na outra van. Na oportunidade, as mulheres tiveram informações sobre os filhos. (ver imagem abaixo)



Imagem 12,13: Carro apresenta problema durante a viagem à praia, Av. Anchieta, 30 de nov. de 2013

Fonte: próprio autor

Concluído o reparo, o grupo retorna para os seus devidos lugares, mantendo a mesma sistematização anterior. O clima não ajudava. Havia muitas nuvens, vento e estava completamente nublado. Mesmo assim, os migrantes não desanimavam. Seguiam esperançosos por um nada possível dia de sol.

Chegamos à praia por volta de nove horas da manhã. Os homens conduziram um grande isopor com as bebidas. E logo que encontraram um lugar na areia, se reuniram para formar um time e iniciar um jogo de futebol. Poderíamos compreender o “futebol” na praia como a possibilidade de exercitar a “brincadeira” por excelência. Por ser um jogo, onde há uma demarcação dos espaços de cada um durante a ação, onde se pressupõe uma racionalização do espaço que cada um ocupa na disputa, o “jogo de bola” permite aos participantes o exercício de outras interações. É comum os “jogadores” chamarem o adversário de apelidos como “perna de pau”, “bola murcha”, “furão”, “goleiro frangeiro”, sem que os apelidados levem a sério a “provocação”. Isso faz parte da brincadeira. É inerente a arte de brincar em grupo. Relações jocosas são necessárias para a interação. E para os que não fazem parte do grupo, tais brincadeiras e “provocações” entre os membros, expressam um sentimento de união e igualdade de um grupo de amigos.

As mulheres, que nem sempre participam dessas interações masculinas, ficaram observando os homens jogar bola. Algumas reclamavam que não havia sol. Teve quem afirmasse que da próxima vez, em tom de “brincadeira”, mas numa tentativa de manter o pesquisador como parte interativa do grupo, vão alugar um carro e curtir as praias da

Paraíba, lugar onde moro atualmente. Foi mais uma tentativa de inserir o “de fora” no circuito de conversas do grupo.

Em algumas situações as mulheres não só ficam de fora das “brincadeiras” como também reprovam o comportamento dos parceiros. Num determinado momento, ainda na praia, percebi, o entusiasmo de Caiana, sendo condenado pelo olhar repressor da esposa Sereno. Ciumenta e vigilante, ela observava o marido que, com uma garrafa na cabeça, passou a imitar um personagem folclórico varzealegrense que costuma pedir esmolas entre os moradores da cidade. Como conhecia o imitado, pude também identificar uma semelhança entre os dois. Enquanto todos os presentes ali riam e até gargalhavam ao se divertir com a imitação, Sereno não expressava sequer um sinal de aprovação da atitude do marido.

Tanto Simmel (2006), conforme ilustramos acima, quanto Comerford (1999) iluminam a nossa compreensão sobre essa estratégia de interação do grupo permeada pela narração de causos, piadas e anedotas. No caso de Comerford, a análise se volta para a “brincadeira” entre os camponeses, mas por se tratar da análise de um grupo, presente num determinado espaço, acreditamos ser possível atribuir aos migrantes, especialmente quando estes narram fatos, contam “piadas”, imitam conhecidos.

A brincadeira se aproxima de um outro gênero, também típico da sociabilidade amistosa, “informal”, prazerosa, e “não-séria”, que é a narração de anedotas (contar caso, contar história, contar piadas). Mas diferencia-se desse gênero em seus aspectos formais. No tipo de narração de anedotas que tenho em mente aqui, também há um grupo reunido e os temas também podem chegar a “obscenidade”, mas não há provocações interpessoais diretas, há um foco claro no narrador que geralmente é um homem (ou mulher) com prestígio relativamente elevado (e as narrativas bem feitas podem dar prestígio), há uma distinção clara entre o “encenador” e seu “público”, as risadas se concentram em determinados momentos da narrativa, há poucas sobreposição e falas (COMERFORD, 1999, p. 85).

O contexto observado era bem este ilustrado acima por Comerford. Havia uma concentração do público na encenação do membro do grupo. Tal narrativa também atribuída ao narrador como uma espécie de prestígio perante os demais. Implicava na atenção dos presentes. Esse caráter superficial da sociabilidade é destaque no trabalho do Simmel (2006, p.79-80) “É da essência da sociabilidade eliminar a realidade das intenções concretas entre os seres humanos”. Essas relações possuem leis próprias e

desconhecem qualquer finalidade que esteja fora delas. A sociabilidade é tratada enquanto símbolo da vida.

Fui percebendo que, aos poucos, todos queriam conversar comigo de forma reservada. Queriam confessar alguma coisa, seja problemas de trabalho, conflitos familiares, segredos, etc. Enquanto conversava com o grupo formado pelos “mais velhos” e pelas mulheres, que não estavam diretamente associados às “brincadeiras”, um dos meninos que brincavam de bola na areia, Capão, se machucou. Ao dividir uma bola com os colegas, sofreu uma luxação no pé. Coincidentemente, esse jovem estava “brigado” com a “esposa” Calabaça. Por ser um assunto sério, “eles viviam brigando”, evitava-se “brincar” com ele da mesma forma que com os outros. Não dirigia a ele frases como: “ele morre de medo da mulher”, ou ele é “mandado por ela”, embora isso fosse conversado em “segredo” entre os integrantes do grupo. A “brincadeira” também é um exercício de racionalidade. Da mesma forma que as mulheres comentavam comigo o comportamento dela para com ele, elas evitavam tratar do assunto diretamente com ela. Após o acidente, recolhido numa cadeira ao meu lado, passei a interagir com ele com o intuito de distraí-lo e aliviá-lo da dor. A esposa parecia não querer conversa. Quase na mesma hora, ainda ali nas areia da praia, um dos integrantes do grupo, Sereno, chegou pra mim e comentou, em tom confidencial: “nem na hora da agonia do esposo, ela manifestou carinho por ele. O pobre sofre nas mãos dela viu! Também é bem empregado porque ali é homem besta!”. A denominação de “besta” está associada à subordinação que Capão tem para com Calabaça. Sempre muito prestativo, ele se coloca incondicionalmente à disposição dela. Para os amigos e familiares, ela seria menos grosseira com ele se o mesmo a tratasse com mais firmeza.

Mesmo em um universo onde, aparentemente, todos estão em completa sintonia, em que a “brincadeira” permitia uma interação e socialização geral do grupo, é possível a existência do conflito. Isso se dá, em grande medida, em função das assimetrias de pensamento, idade e até mesmo posição social. O casal “brigado”, Capão e Calabaça, foi motivo de comentários. Afirmavam que ele era “muito bobo”. “Cego de paixão” por ela que “não estava nem aí”. Diziam ainda que não sabiam “até onde aquela relação ia se sustentar”. Os conflitos poderiam ser maiores, se o grupo masculino não utilizasse recursos para desenvolver uma atividade arriscada para o momento: a “arte velada da paquera”. Disfarçadamente eles investiam olhares para as meninas de biquíni que passavam pela praia. Claro que era uma paquera cuidadosa, no sentido de que a

namorada ou a esposa não pudesse perceber. Isso não significa dizer que as meninas do grupo também não desejassem os garotos da praia, entretanto as paqueras eram mais externamente visíveis quando se tratava das investidas masculinas.

O grupo havia combinado, ainda na praia, de continuar a festa na casa de um dos integrantes, ao voltar do Guarujá, na Vila Liviero. Todos haviam concordado em participar de um churrasco na laje. Mais uma vez os papéis masculinos e femininos foram bem definidos: aos homens cabia assar a carne e adquirir as bebidas e as mulheres ficaram responsáveis por cozinhar arroz e levar pra casa onde o churrasco ia acontecer. O retorno da praia estava previsto para as quatro da tarde. Como muitos já estavam embriagados, ficaram protelando essa saída. Na volta pra casa, ainda dentro da van do grupo masculino, a diversão continuava.

Por uma questão de respeito às normas do grupo, não pude registrar o que acontecia na van das mulheres. Ainda pedi que uma delas fotografasse o interior do transporte e ouvisse as conversas pra mim, mas ela não atendeu as minhas solicitações. Comentou apenas que no retorno a São Paulo, as mulheres e as crianças haviam dormido bastante. Não revelar o que ocorreu no interior da van pode ser, inclusive, uma forma de proteger o grupo. Omitindo as informações sobre as conversas seria como evitar problemas e conflitos entre os integrantes do grupo.

Já na van masculina o retorno foi bastante movimentado. Muita música alta, todos falando ao mesmo tempo e o motorista pedindo que os passageiros se sentassem já que alguns queriam voltar dançando e bebendo no interior da van. Isso poderia gerar multa e até interrupção da viagem por parte da concessionária que administra a rodovia. Uma das músicas mais tocadas, motivo das mais exaltadas manifestações de alegria do grupo, está abaixo descrita, que tem como compositores a dupla César Menotti e Fabiano⁷⁴. Na van, ela era interpretada por um conhecido cantor de forró nordestino de nome Toca do Vale⁷⁵. Veja o que nos diz um trecho da música

Não era eu, não era eu
 Confundiram o meu carro
 Minha roupa, meu sapato
 Te juro, não era eu.

⁷⁴Cesar Menotte & Fabiano formam uma dupla sertaneja de origem mineira, com bastante popularidade entre os jovens. Em 2004 lançou o primeiro disco e em 2009 a dupla recebeu o Grammy Latino na categoria melhor álbum de música romântica.

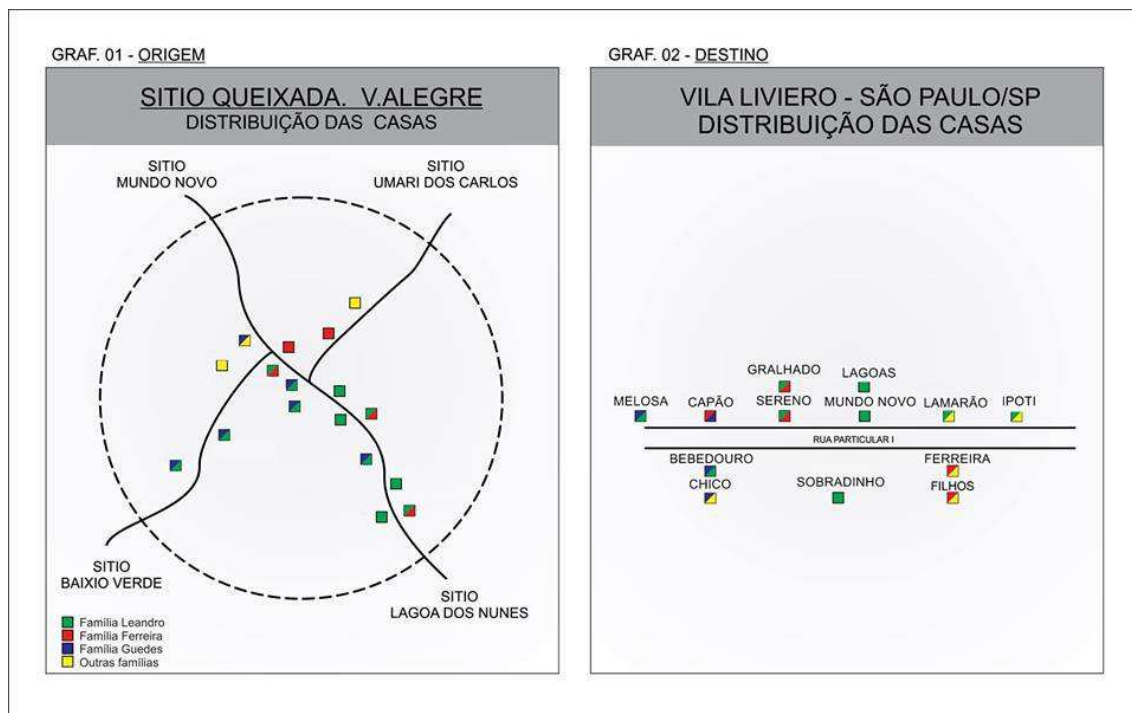
⁷⁵Toca do Vale é o um músico cearense do município de Limoeiro do Norte com passagem por diversas bandas de forró cearense. Tornou-se bastante conhecido no grupo “Brasas do Forró”.

Não era eu, não era eu
Tava em casa apaixonado
Querendo os seus abraços
Só pensando em você
E eu vou negando até morrer.

Vale destacar também que “Toca do Vale”, além de ser um cantor cearense do município de Limoeiro do Norte, sempre se apresenta nas festividades de Várzea Alegre. Na edição da Festa de São Raimundo Nonato, anterior a esse dia da pesquisa em São Paulo, ou seja, em agosto de 2013, ele fez um show exatamente no dia 24/08/13. Cabe lembrar ainda que dois desses migrantes que estavam na van, Caiana e Umarí, estiveram presentes no show de “Toca do Vale” em Várzea Alegre. Essa música foi repetida por inúmeras vezes. Ela também serviu para que as “brincadeiras” continuassem na volta pra casa. E mais uma vez o tema que predominava era “traição”, já que a letra da música insinuava para algo semelhante. A relação entre a terra natal dos migrantes e a música executada no carro também foi estabelecida através de uma expressão muito comum entre as brincadeiras entre os varzealegrenses: “Eita Várzea Alegre Boa!! Só é longe”.

São evidências que nos permitem identificar o quanto o gosto musical desse grupo está associado a complexas conexões entre os espaços e os tempos experimentados pelos migrantes na sua trajetória de vida. É possível, especialmente para os mais jovens, ouvir um funk, enquanto gênero musical mais fortemente presente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, embora não seja privilégio dessas regiões, já que hoje podemos ouvir esses ritmos em qualquer rincão do país, e ao mesmo tempo um forró, estilo musical de origem e predominância nordestina, mas que tem tomado conta de todo o país, inicialmente com Luiz Gonzaga e mais recentemente através de grupos como Aviões do Forró, Garota Safada etc. Voltaremos a esse debate no último capítulo da tese.

Essas músicas animam os deslocamentos para as festas na praia, para os bailes, as casas de shows e viagens a chácaras e se fazem presentes também nos eventos cotidianos e festivos vivenciados na própria vila. Logo que o grupo desembarcou da viagem a praia, houve uma dispersão natural provocada pelo próprio cansaço, mesmo assim, havia o compromisso de que haveria mais diversão na casa de Sobradinho. Poucos compareceram. No entanto isso não significa dizer que o festejar foi encerrado



ou que demoraria a ser retomado. Algumas características da própria moradia desse grupo ajudam no acionamento do migrante para a festa.

3.5 Vila Liviero: espaço das redes de parentesco do Sítio Queixada

O “caráter familiar” existente na Vila Liviero é verificável também entre as formas peculiares de organização dos varzealegrenses. Padrões que se repetem e acontecem no núcleo familiar. Uma delas é a própria forma de moradia⁷⁶. No caso do que estamos denominando de os Leandros, é perceptível uma relação entre como eles moravam na origem e no destino. Observe os gráficos a seguir:

Cadê os gráficos?

Gráfico 01,02: Distribuição das casas/moradias: destino e origem
 Fonte: Elaboração Jurani O. Clementino.

⁷⁶ Uma análise mais aprofundada sobre o espaço da casa e ideologia de família e parentesco pode ser encontrada no texto de Louis HERNES MARCELIN: “*A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo baiano* (1999). Para ele, um “estudo da construção e do uso sociocultural dos modos de habitar dos agentes no meio popular (ou seja na casa), é determinante para apreendermos os sentidos das relações sociais investidas na experiência da família e do parentesco em sua complexidade” Marcelin, (1999, p. 33) Na compreensão dele, o exemplo acima definiria uma *configuração de casas*, ou seja, um conjunto de casas vinculadas por uma ideologia familiar e do parentesco. Existe ainda uma relação inseparável entre a casa e as configurações de casas que se articulam por estruturas de tensão em suas relações simbólicas e sociológicas.

O gráfico 01, que corresponde a uma comunidade rural, Sítio⁷⁷ Queixada - distante 18 km da sede do município de Várzea Alegre - mostra uma distribuição das casas das três famílias mais tradicionais do lugar: os *Leandro*, os *Ferreira* e os *Guedes*. Identificadas, respectivamente, pelas cores verde, vermelho e azul.

As casas não são ligadas umas as outras, ou seja, não há um compartilhamento das paredes, mas elas são próximas umas das outras. Especialmente os Leandros, que ocupam a parte de baixo do gráfico e dividem espaço com os Guedes. Os Ferreiras estão situados mais na parte central, havendo uma distribuição que tende a descer o gráfico em função dos casamentos com os Leandros. Na parte de cima do gráfico estão identificadas aquelas famílias que não estabelecem relações conjugais nem com os Ferreiras, nem com os Guedes, nem com os Leandros. São famílias com menor tradição em migrar para a região estudada, resolvemos identificá-las com a cor amarela. Neste primeiro momento, é importante perceber a distribuição das casas no espaço geográfico. As noções de vizinhança atreladas às relações de parentesco. Embora sejam basicamente três famílias distintas, elas terminaram unidas/juntas no primeiro e particularmente, no segundo momento, ou seja, na Vila Liviero. Isso se dá, em parte, por uma tradição de união/casamentos entre os membros destas famílias. Por isso, uma frase ficou famosa pelas redondezas, direcionada possivelmente para aqueles que eventualmente namoravam com um(a) integrante dessas famílias: “As moças do Queixada só se casam com os rapazes de lá. Besta quem se ilude com elas”.

Estes casamentos/uniões, tão comuns entre moradores do mesmo sítio/localidade, não estavam isentos de conflitos, uma vez que as famílias mais tradicionais, ou seja, as que se destacavam economicamente, não admitiam os casamentos com aqueles membros de famílias menos favorecidas. Isso poderá ser melhor observado no segundo gráfico.

No gráfico 02 destacamos a distribuição das casas na Vila Liviero - São Paulo. Identificamos ainda as uniões/casamentos entre os Leandros e os Ferreiras. Uniões nem sempre festejadas/aprovadas pelos pais⁷⁸. O não consentimento dos casamentos entre

⁷⁷ O que estamos denominando de *sítio* aqui, pode ser compreendido a partir da definição de Woortmann (1990 p. 30), que, em sentido mais amplo, seria uma comunidade de parentesco, um espaço onde se reproduzem socialmente várias famílias de parentes. Sobre a definição de **parentesco**, Marcelin (1999) e Woortmann (1990) comungam com a ideia de um eixo biológico de reprodução das sociedades humanas.

⁷⁸ Há situações em que os pais se negaram a abençoar os noivos. Era comum, após o casamento, quando os noivos voltavam da cidade, os pais receberem os recém-casados sentados na porta de casa. Como parte do ritual eles se ajoelhavam, pediam a benção e em seguida cumprimentavam os convidados. Somente

essas duas famílias, se dava em parte porque os Leandros se sentiam superiores aos Ferreiras. Os primeiros eram conhecidos como criadores de gado e donos de grandes quantidades de terras, os segundos, comerciantes. Essas desavenças, aliadas a outros fatores econômicos e sociais acima discutidos, também estimularam a mobilidade desses varzealegrenses. Ou seja, a migração também acontece por questões afetivas relacionadas a conflitos com cônjuges, pais, mães, irmãos ou outros⁷⁹. Ao migrar, através do estabelecimento de uma rede familiar, eles foram construindo, alugando ou ocupando casas próximas e reconfigurando no destino, a rede de relações de parentesco e de amizade da localidade de origem. Dessa forma, trata-se de mais uma forma associação, como nos diz Simmel (2006), nessa forma de sociação, os laços de proximidade entre parentes e vizinhos que marcavam a sociabilidade no sítio – Queixada. Assim, eles realizam também e reatualizam as atividades festivas como aniversários, comemorações de fim de ano, Natal, realizando partidas de futebol e, acima de tudo, driblando o tempo ausente e a saudade dos parentes distantes.

Para demonstrar o grau de parentesco entre o grupo que reside na vila Liviero, tentaremos, a partir das casas ilustradas no gráfico, identificar seus moradores. No capítulo seis destacaremos também os filhos que tendem a reproduzir os mesmos percursos dos pais. **Melosa**, hoje separada, foi casada com o primo Charneca. **Capão** é irmão de Melosa, casado com a prima Calabaça. **Gralhado** foi casada com Barreiros, hoje são separados. **Fortuna** é prima de Gralhado, Melosa e Charneca, casada com Caiana. **Lagoas** é casado com uma sobrinha, Guaribas, é tio de Fortuna e primo de Gralhado. **Mundo Novo** é irmã de Lagoas, tia de Fortuna e prima de Gralhado, nunca casou, mas tem uma filha que mora com ela. **Lamarão** é primo de Lagoas e Mundo Novo. **Bebedouro** é irmã de Capão, cunhada de Calabaça e foi casada com Varjota que era primo dela. **Sobradinho** é casado com uma prima, Carafbas, cunhado de Gralhado e Bebedouro. Sobrinho de Mundo Novo e Lagoas. **Ferreira** - já falecida - é tia de Caiana e Barreiros. Todos estão interligados por laços de parentesco entre si e formando uma

após esse gesto de respeito, servia-se o jantar oferecido aos convidados e noivos em comemoração ao casamento. Após o jantar, era comum ainda um “samba”, que na verdade era um forró.

⁷⁹ Desenvolvemos melhor este tema no artigo “Sessenta anos depois: a narrativa de um migrante sobre ausência e saudades da família” onde apresentamos um relato da experiência migratória do Sr. Renato Jordão, que migrou aos 17 anos e perdeu o contato com a família por seis décadas. Em 2013 ele retornou de São Paulo para encontrar os familiares que residem em Campina Grande - PB. Pretendemos compreender como Sr. Renato narra sobre a experiência de migrar e as relações com a família. (MENEZES E CLEMENTINO, 2014).

complexa rede familiar. Dessa forma, eles vão assegurando, na cidade, formas de sociabilidade muito próxima do que os pais vivenciaram no sítio de origem.

A rua ilustrada acima, no gráfico 2, possui uma movimentação típica de aglomerados periféricos urbanos (CALDEIRA, 1984) e as características do “pedaço” (MAGNANI, 2003). As crianças se divertem ao ar livre, enquanto os jovens e senhores com idade entre 40 e 50 anos, jogam baralho, jovens bebem cerveja e fumam ou disputam sinuca ou os jogos eletrônicos do bar. Esta parte da vila tem características comuns a de uma favela - é tratada por integrantes da parte alta do bairro como a Favela do Cruzeiro - uma referência à existência de um antigo cruzeiro que existia ainda quando o espaço era inabitado. Num dos bares localizado em frente à casa que me hospedei, toca incessantemente a música de um cantor aparentemente popular - Léo Magalhães. Isso certamente anima os presentes que improvisam cantar junto ao artista. De repente, um rapaz visivelmente embriagado deixa o local e anda cambaleando pela rua com o auxílio de um amigo. Mesmo assim, e talvez por essa aura de um lugar com características próprias, essa parte da Vila Liviero é tão elogiada pelos moradores e por muitos que por ali passam. Veja o que nos diz esse informante:

Eu acho que dos lugares de São Paulo, o melhor é aqui mesmo. O pessoal vem do Ceará, vai visitar uns e outros, mas sempre diz que aqui é muito bom. Ninguém nunca fala que aqui é ruim, mas quem vai a Jacira, ao Centro, a Carapicuíba etc., volta pra cá e diz; ‘não, lá é muito ruim, bom mesmo é aqui onde vocês moram’. Por isso digo que a nossa vila é muito boa.

É possível afirmar que a compreensão do “bom”, ”muito bom” para definir a Vila Liviero como excelente lugar de morada, tem relação com esses laços de parentesco e vizinhança que ali se estabelecem, enquanto que, por exemplo, no Centro de São Paulo ou em Carapicuíba, as residências nem sempre são próximas. Além disso, é comum casos de parentes dos Leandros, primos, sobrinhos, afilhados que moram sozinhos nesses lugares. Estes costumam vir pra vila em dias de folga, feriados e finais de semana. Mas antes dos Leandros se estabelecerem na vila, ou seja, quando chegaram a São Paulo, eles ocuparam outros espaços nada agradáveis ou familiares como nos informa Sobradinho.

Quando cheguei em São Paulo eu fui morar no ‘rato molhado’ (referência a favela). Eu lembro que uma tia da minha esposa veio aqui em São Paulo e eu rezei pra ela não ir na minha casa. Eu tinha vergonha que ela visse o lugar onde eu morava. Mas eu pedi tanto a Deus que ela não fosse lá. Só que não teve jeito. Ela foi. Chegou lá rapaz, ela percebeu que eu tava assim meio sem jeito. Também, um barraco véi pequeno, de palha, pobre... mas ela me falou uma coisa ainda hoje serve de exemplo pra mim: ‘É melhor um barraco de palha da gente do que um palácio dos outros’. E é verdade mesmo. Aquilo me ajudou sabe. Depois não tive tanta vergonha do meu lugar. Era meu. Esse povo mais velho eles falam umas coisas que nos confortam. Acho que é a experiência. Já os mais novo tu sabe como é. Eles falam as coisas sem pensar. Ela sabia o que estava dizendo. Mesmo que ela tivesse vindo a minha situação de pobreza, aquelas palavras me confortavam. Porque aquilo dali era meu.”(Sobradinho, migrante, 45 anos, 2013)

Hoje ele tem orgulho de mostrar sua casa e receber visitantes. Não é mais um “barraco” que envergonhe os familiares. Como praticamente todas as outras casas da vila que são construídas de alvenaria, têm entre três e quatro cômodos, a maioria possui um primeiro andar e quando os filhos vão constituindo família eles vão ampliando as casas. Tais construções lembram as recentes discussões sobre vicinalidade, feitas por Pina-Cabral e Godoi (2014, p. 12), que atribuem ao termo uma oposição à categoria vizinhança. “Vicinalidades não são vizinhanças, zonas territorialmente demarcadas; são processos de aproximação territorial constitutiva”. O conceito de “vicinalidade” entende que os espaços de morada como casas, domicílios, tendas, etc. tendem a se agregar territorialmente segundo lógicas plurais, quer seja de amizade, interesse político, geração, afinidade, e formam conglomerados abertos onde a ação social interage com outras formas instituídas de agrupamentos, sem nelas se dissolverem.

Uma das melhores casas da Rua Particular I é a de Sobradinho. Um primo dele, ao visitar sua casa em São Paulo, chegou a Várzea Alegre, Ceará e, olhando para a residência abandonada que ele construiu no Sítio Queixada (Ver imagem no cap. 2), brincou: “Agora eu vou dizer uma coisa, Sobradinho tem uma casa muito melhor do que essa aí lá em São Paulo, viu. Eu aposto que ele não vem morar aí não”. Além da casa própria, ele tem carro, trabalha numa empresa conceituada no mercado (a Bombril) e com o dinheiro que ganhou de uma causa trabalhista na justiça pretende comprar uma chácara, mas não sabe ainda se em São Paulo ou em Várzea Alegre, para passar os últimos dias de vida.

A gente sabe que essas empresas só querem a gente até certa idade. Eu tô ficando velho e logo logo elas não vão me querer mais. Então tenho que me preparar. Meus filhos já estão quase tudo criado. Podem se virar sozinhos. Só tem um que ainda depende de mim, mas acho que com o que consegui dá pra criá-lo também.

Percebemos ainda que há um esforço no grupo em manter todos os integrantes, seja primo, sobrinho, irmão, afilhado, o mais próximo possível. Trazendo para junto do grupo, dividindo suas casas, alugando cômodos, ou construindo em cima das construções. Deseja-se ter por perto, especialmente aqueles que externam pouco ou quase nenhum conflito entre os demais integrantes. Estes podem ser denominados membros bem aceitos socialmente, que possuem um livre trânsito. Sempre convidados para as festas, presente nos almoços eventuais, semanalmente, ou quase diariamente, aparecem para tomar um café, bater um papo, auxiliam nos trabalhos de reformas de casa ou construção dos famosos puxadinhos, etc.

Acompanhei em campo uma situação que articula uma gratidão silenciosa, por parte de Sobradinho, e ao mesmo tempo o constrangimento vivido por Ipotí Leandro, pretendo locador de um imóvel de Sobradinho. Ipotí havia desistido do acordo firmado previamente. Sobradinho acreditava estar fazendo um bom negócio para o Ipotí. Ele não iria pagar um aluguel muito caro, já que apenas a esposa dele estava trabalhando, o mesmo estava a procura de emprego e, ainda por cima, estaria livre de um contrato de locação onde não se pode fugir das obrigações mensais. Caso ele não pudesse pagar num mês, por conta das dificuldades financeiras, pagaria quando pudesse, sem maiores problemas.

Essa situação envolveu ainda outros membros da família, como por exemplo: Caraíbas, esposa de Sobradinho e tia do Ipotí; Gralhado, irmã de Caraíbas, cunhada de Sobradinho e tia de Ipotí. E, embora tenha acabado de forma aparentemente tranquila, deixou uma lição: negócios com estranhos podem ser melhor resolvidos do que com os parentes próximos. O dono do imóvel a ser alugado diz que estava fazendo aquilo por “gratidão” ao jovem locatário, pois seria ainda uma fora de quitar uma dívida antiga, adquirida no passado com o pai do jovem.

E eu ia fazer um negócio bom com ele. Porque eu não esqueço de quando a gente casou, lá no Ceará, aquela dificuldade toda que você sabe, sem ter onde morar, passando uns apertados grandes. Foi o pai dele rapaz que arrumou uma casinha pra gente morar. Na época a gente

ficou feliz demais. Foi bom demais pra gente. E eu não esqueço não sabe! A pessoa me ajudou eu não esqueço nunca. E agora era a vez de eu ajudar. (...). Mas ele não quis rapaz. Na hora desistiu do negócio. (Sobradinho, São Paulo, outubro de 2014)

Já a tia do jovem, que também é cunhada do locador, havia interferido no negócio, segundo ela com a intenção de ajudar o sobrinho, uma vez que ele se encontrava desempregado e o novo espaço ficaria com um preço mais acessível. Ela alega outras motivações para a desistência do negócio.

Eu não me meto mais. Ele devia se mudar porque a mulher dele tá desempregada e apenas ele tá bancando as despesas da casa. E só de aluguel são mais de 500 reais. Aqui ia ser mais barato. Quase duzentos reais a menos. Já ajudava, mas ele é sossegado demais. E depois acho que a mulher dele não tá muito animada pra mudar. Já vi ela botando uns problemas, dizendo que as coisas não cabem, que é pequeno o espaço, mas eu sei que não é. (Gralhado, São Paulo, outubro de 2014)

Essa situação não teria sido fácil para o jovem que alegou “perder o sono” em virtude da não efetivação do negócio. Para ele, não se pode falhar com pessoas tão “gente boa”. Depois de suas noites sem dormir, ele tomou coragem para conversar com o locador.

Vou ter que ir lá agora falar que não vai dar. E o que acho mais ruim é porque já veio outro cara lá e ele não alugou porque pedi preferência. Não tô com cara de chegar lá e dizer: ‘olha não vai rolar o negócio por isso, por isso e por isso’. É ruim porque eles são muito gente boa, são da família e pode ser que pensem que a gente não vai porque não quer. Mas não é isso. Se as coisas (móveis) coubessem a gente ia tranquilamente. (...) Agora o mais chato é essa situação que foi criada por conta dessa mudança. Mas preciso resolver e vai ser agora. (Ipotí, São Paulo, outubro de 2014)

Alegando pouco espaço para os móveis, o jovem tomou coragem e conversou com o locador. Pediu desculpas e agradeceu a preferência. A tia do jovem, esposa do locador o tranquilizou, embora desconfie do real motivo da desistência.

Ele passou aqui, meio sem jeito, disse que não ia dar certo, porque não cabiam as coisas dele. Não sei que tantas coisas são essas. Ele tava assim meio encabulado, mas eu falei: ‘olha não é porque você pediu preferência que você é obrigado a se mudar não. Você só precisava vir se achasse que dava pra vocês. Mas se for só porque tá achando que a

gente vai ficar chateado, fique tranquilo. Tem nada a ver'. Mas continuo achando que seria um bom negócio, mas acho que a mulher dele é que não tava muito animada pra mudar. Enfim, fazer o quê. O que a gente queria mesmo era ajudar, mas se ele acha que vai é atrapalhar, fica lá, aonde ele tá. (Caraíbas, esposa de Sobradinho, São Paulo, outubro de 2014)

Conforme percebemos nas transcrições acima, essa situação, que possui características de gratidão e, ao mesmo tempo, constrangimento, nos remete à duas perspectivas interessantes: 1) a noção da dádiva: dar, receber, retribuir, e esse caso uma retribuição que aquele que vai receber não necessariamente tem consciência de que é o pagamento por uma ação do passado; 2) remete ainda a uma ética moral camponesa, presente em Woortmann (1990), no clássico texto “Com parente não se neguceia”. Para este autor, a cultura camponesa possui uma ordem moral, hierárquica que está em oposição à ordem econômica, não é propriamente em oposição à ordem econômica, mas sim orientada por regras morais, como as da reciprocidade.

A situação envolveu quatro membros de uma mesma família. Um sobrinho, duas tias e o esposo de uma delas, que também é primo do pretense locatário do imóvel. Para o jovem Ipotí, essas questões de moradia podem ser resolvidas com tranquilidade: “Não vou assinar contrato. Pago até quando puder, se o dono da casa onde eu moro aumentar o valor e eu não puder mais pagar vou embora”. Parece mais fácil negociar com estranhos. Já quando se trata de negócios de cunho familiar, a situação ganha aspectos que ferem uma ordem pré-estabelecida. Qualquer vacilo poderá romper os laços de confiança entre o grupo. E a simples desistência do negócio é motivo para “perder o sono”. Somado a isso, existe ainda o fato de que outras pessoas da rede de relações entram na discussão, gerando novos comentários e repercussões.

3.6 O dia a dia na vila

Na Vila Liviero, a rotina dos Leandros começa cedo. Quatro horas da manhã já tem gente na rua saindo para o trabalho. Podemos dizer que a rotina da vila, de um modo geral, se diferencia de outros bairros mais centrais da cidade de São Paulo. Como já vimos ao longo do texto, existe na vila uma sociabilidade fundamentada em relações de parentesco e vizinhança. Se alguns pesquisadores compreendem o espaço urbano, a vida na cidade, como esse mundo do anonimato, das multidões, do barulho, da poluição

etc., a vila possui um pouco disso, embora nela tenha muito mais fortemente a valorização das relações mais próximas, familiares, como a conversa com o vizinho, o bate-papo no fim de tarde na pracinha, a visita ao parente, etc. Mesmo entre os familiares, tais relações, embora próximas, não devem ser confundidas com excesso de intimidade, como observa Caldeira (1984, p. 120), ao analisar o Jardim das Carmélias: “Trata-se de uma relação social específica que é a de vizinhança”.

As mulheres, especialmente as donas de casa com idade entre quarenta e cinquenta anos, mantêm uma rotina quase que limitada exclusivamente ao espaço da vila. Só deixam esse espaço em ocasiões como ir ao supermercado, na companhia do esposo ou quando necessitam fazer consultas médicas. Isso, de certa forma, impõe uma dependência masculina. Muitas dessas mulheres nessa idade não sabem circular sozinhas no centro de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Caetano, ou Santo André, lugares comumente frequentados pelo grupo. Os jovens (com idade entre 16 e 29 anos), mesmo as mulheres já não possuem essa dependência masculina. Logo cedo são obrigadas a aprender andar sozinhas, seja para a escola, os shoppings e posteriormente para o trabalho. Desses que acordam cedo na vila para trabalhar, observei, entre o grupo, aproximadamente oito jovens, destes quatro são eram mulheres. Alguns atravessam a cidade para chegar ao trabalho.

Mas tem ainda aqueles jovens que, por falta de oportunidades, ainda não estão inseridos no mercado de trabalho. Esses conseguem dormir até mais tarde. Mas isso tem um preço, especialmente na relação com os parentes e vizinhos, que costumam chamar esses jovens de “folgados”, “vida boa”, e, especialmente quando querem agredir verbalmente, denominam de “vagabundos” e/ou “filhinhos de papai”.

As mulheres, donas de casa, embora não estejam no mercado formal, não saiam de casa para trabalhar, não recebam salário pelo seu trabalho, elas mantêm uma rotina muito movimentada. Geralmente são as primeiras a se acordar e as últimas a se recolher. A rotina vai desde o café da manhã ou a quentinha para o filho ou filha que vai passar o dia fora, até levar o filho na escola, fazer o almoço, arrumar a casa, cuidar da roupa suja, pegar o filho na escola. Rotinas essas que se repetem diariamente, com exceção dos finais de semana e feriados que não há necessidade de pegar nem deixar o filho na escola ou preparar a marmita para o filho.

Quando elas não estão envolvidas com essas atividades, geralmente no final da tarde, quando já se tem feito o almoço e pegado o filho na escola, elas ocupam o tempo

vendo televisão. Um canal de TV bastante assistido, especialmente pelas mulheres do grupo analisado é o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. As novelas, chamadas de “mexicanas” fazem sucesso entre as donas de casa. Mas não se pode ignorar que elas mantêm a TV ligada quase que ininterruptamente todo o dia. Mesmo não estando vendo as imagens, elas estão ouvindo os programas. Assim, podemos afirmar que o tempo das mulheres (donas de casa) é regido pelo trabalho doméstico, da mesma forma que observou (CALDEIRA, 1984, p. 127).

O trabalho doméstico tem um ritmo próprio. Ele é regido pelas tarefas mesmas a serem feitas e apesar de ter de se coadunar, a uma série de “horários de relógio” (do trabalho do marido, da escola das crianças) mantém uma certa fluidez, um ritmo irregular.

Mesmo sendo esse trabalho doméstico compreendido como autônomo, no sentido de que essas mulheres não obedecem à ordem externas, é interessante perceber que elas, em sua grande maioria, são extremamente rígidas com o que fazem. Elas organizam seus afazeres de modo a seguir um critério rigoroso e uma rotina quase inflexível. Nesse esforço em demarcar as tarefas por grau de importância e dividir o tempo para executá-las, elas racionalizam o tempo do ritmo de vida do universo doméstico. Ou seja, a rotina das mulheres da Vila Liviero é semelhante a das mulheres estudadas por Caldeira (1984) no Bairro de São Miguel Paulista no início da década de oitenta. Portanto trata-se de um certo “modo de vida” das mulheres e não uma singularidade/especificidade dessas mulheres da Vila Liviero. Especialmente no período da manhã, “é difícil encontrar uma mulher parada dentro de casa; parece que elas não conseguem ficar sem fazer nada, sem se mexer, sem preencher o tempo” Caldeira (1984, pp. 128-129).

Os homens mantêm outra rotina, associada não ao espaço interno da casa, mas quase que especialmente à rua. Quando não estão fora de casa por conta do trabalho, estão na rua, na praça ou em frente a casa, batendo papo com os amigos. E isso é possível identificar em alguns horários específicos. À medida que o dia vai passando e a noite se aproxima, a vila onde moram esses migrantes ganha novos personagens. Por volta das cinco/seis horas da tarde, aqueles que já concluíram sua jornada de trabalho, chegaram em casa e se reúnem na praça localizada no início da rua para bater papo. Acompanhei uma dessas reuniões. Observei e tentei compreender o conteúdo das

conversas. Os assuntos são os mais variados. Neste dia, em especial, um dos varzealegenses narrou a história de uma tentativa de greve frustrada por um dos setores da Empresa Metalúrgica Piratininga em que ele trabalha. Funcionários de apenas um dos setores haviam organizado uma mobilização o que tinha sido “em vão”. Para ele, as reclamações não eram justas e não correspondiam a real situação da empresa para com seus funcionários. Este mesmo trabalhador contou sobre outra mobilização nesta mesma empresa em virtude da não distribuição da cesta básica com todos os funcionários. Determinado número não havia recebido em função da falta não justificada num sábado anterior. Como o número de funcionários era razoavelmente alto, eles se organizaram e ameaçaram só trabalhar mediante a entrega da cesta. O que foi feito em menos de 24 horas.

Mas os assuntos também abrangem memória do passado. Quase sempre lembranças agradáveis. Recordações de quando ainda residiam na zona rural do município de Várzea Alegre, Ceará (a maioria tem a mesma origem). Memórias de meninos que, ao avistarem o clarão de um balão cortando o céu, saíam em disparada para alcançá-lo quando este caísse no chão. As imagens do passado compõem um cenário hoje inexistente na vida deles, ficam apenas no campo do vivido como as partidas de futebol de Várzea, as primeiras namoradas. Seguindo o mesmo ritual de que a memória é um construto social, portanto, ela é sempre parcial, recortada, enquadrada, ela nunca alcança a completude do fato.

Os homens também se preocupam com questões mais atuais e próximas deles. A violência urbana faz parte da conversa. Um amigo se aproxima para reclamar da existência de uma “boca de fumo” vizinho a casa dele. Ele mora próximo a uma “ponte” que liga os municípios de São Paulo e Diadema, ainda na Vila Livieiro. Como estamos tentando demonstrar, há uma rede de interação cotidiano entre os moradores dessa rua da vila. Ali são vivenciadas memórias de espaços e sociabilidades do passado e vivências e dramas do presente, como a angústia do vizinho que fala sobre a “boca de fumo”. A descrição acima também evidencia uma característica próxima às formas sociológicas de interação analisadas por Simmel, ou seja, de que temas sérios são tratados de forma banal. Onde as conversas giram em torno de si mesmas.

Se, na seriedade da vida, os seres humanos conversam a respeito de um tema do qual partilham ou sobre o qual querem se entender, na vida sociável, o discurso se torna um fim em si mesmo (...) como arte de conversar, com suas próprias leis artísticas. Na conversa puramente sociável o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo desenvolvido pelo intercâmbio vivo do discurso enquanto tal (SIMMEL, 2006, pp. 74-75).

Para Simmel, as conversas como formas sociológicas de interação sejam elas voltadas para os mais diversos temas e assuntos possuem o seu significado em si mesmas, no jogo da relação estabelecida por ela entre os indivíduos. Basta-lhes o entreter-se. Para que esse jogo mantenha a sua validade, “o conteúdo não pode receber um peso próprio: logo que a discussão se torna objetiva, não é mais sociável” (Simmel, 2006, p. 75).

Mas com isso podemos afirmar que o conteúdo da conversa sociável seja algo indiferente, desinteressante ou sem conteúdo? Simmel nos diz que não. Esse conteúdo deve ser interessante, cativante e até mesmo significativo. O que é importante observar é que, mesmo com tantas características valorativas, esse conteúdo não pode se tornar a finalidade da conversa. Vejamos:

Superficialmente, duas conversas podem transcorrer da mesma maneira, mas uma conversa só é sociável de acordo com o sentido interno, se o conteúdo, com todo o seu valor e estímulo, encontra sua legitimidade, seu lugar e sua finalidade no jogo funcional da conversa enquanto tal, na forma de troca de ideias, com seu significado específico e auto-regulador (SIMMEL, 2006, p. 76)

Experiência semelhante ao exposto acima, podemos encontrar em Baptista (2003) que, observando o cotidiano da favela jardim Colombo, Zona Sul de São Paulo, não deixa de considerar que há espaços no interior da comunidade onde o lazer é intercalado com a violência⁸⁰. Na vila Liviero, o espaço onde as crianças brincam, onde

⁸⁰Haddad (2003) analisa as práticas de representações do lazer dos moradores de uma favela (Goiti) localizada na zona leste de São Paulo. Ela constata que os moradores têm dificuldades de acesso aos lugares públicos de lazer de outras regiões da cidade. O tempo livre é vivido dentro da favela da seguinte maneira: crianças brincando na rua, meninos jogando futebol, mulheres conversando, homens nos bares, estes lugares estão sempre cheios. Para ela, os adultos são extremamente carentes de lazer. Enquanto os homens frequentam os bares locais, as mulheres dedicam o tempo livre à família e os idosos vão à igreja, as praças e ao mercado. Em suas representações (moradores da favela) o lazer na cidade de São Paulo é associado ao perigo e a violência. É importante destacar que, segundo a autora, sendo esse público estudado constituído por migrantes, “as diversas práticas [de lazer] vividas nas suas cidades de origem, são extremamente valorizadas” Haddad (2003, p. 22). Em Sarti (2011), que analisa as formas de pensar

os mais velhos sentam para conversar no fim de tarde, onde acontecem as festividades de cunho coletivo, as comemorações, etc., transforma-se, em determinados períodos do dia (especialmente a noite) em ambiente para o consumo e venda de drogas. Por isso, existem horários em que o trânsito é seguro nesse local, em contraposição a outros, onde não se deve demorar.

A autora também aponta algo relevante na favela para perceber o cotidiano na Vila Liviero, o que ela vai chamar de *sociabilidade morna* durante a semana e que estaria mais presente no interior das casas ou no ambiente de trabalho. De toda forma, ela considera que existe um constante e intenso fluxo diariamente no interior da favela. No entanto, o momento culminante da sociabilidade estaria nos finais de semana: “Mas é no final de semana que a favela explode de gente” (Baptista, 2003:28). É nessa ocasião que todos se encontram. Todos deixam suas casas e buscam, na rua, alternativas de entretenimento: mutirões, casamentos, batizados, aniversários, jogos de baralho, dominó, bebidas nas mesas de bar, jogos de futebol, pagodes, forrós, funk, etc., são as alternativas fortalecedoras de vínculos/relações de amizade, compadrio, vizinhança. “A favela abre-se aos diversos ritos e festejos que os seus moradores celebram” (Baptista, 2003:28).

Outra observação bastante relevante para meu estudo, no entanto, acredito que é possível avançar mais no que ela sinaliza em seu texto:

[...] percebemos que o uso do tempo livre dos nordestinos na favela, não está associado às inovações da indústria do lazer que existe no urbano. Está vinculado ao modo de vida tradicional do migrante, à sua cultura, às suas tradições, não só porque procuram preservá-la, mas também pela impossibilidade de ter acesso às ofertas de lazer da cidade grande, em função de seu baixo poder aquisitivo (BAPTISTA, 2003, p.28)

Essa observação da autora foi o que me impulsionou a desenvolver essa pesquisa. Tenho acompanhado, como parte do trabalho de campo, eventos festivos como o churrasco na laje, aniversários, chás de bebês e barzinhos. Em todas essas ocasiões existiam referências discursivas, através das falas dos migrantes, ou musicais,

dos pobres, tendo como recorte uma comunidade também da zona leste de São Paulo, homens e mulheres exercem a sua sociabilidade de maneiras diferentes: o espaço da rua é masculino, área de sociabilidade dos homens, uma mulher na rua, sem motivo que justifique essa ausência da casa, não é vista com bons olhos (SARTI, 2011)

através das músicas tocadas, à região de origem do grupo. Era como se eles negassem ou desconhecêssem a riqueza cultural presente no lugar onde eles se encontravam. A razão pela qual eles estavam ali era apenas uma: trabalhar. O resultado desse trabalho - ganhar dinheiro - era o que os mantinha ali.

E então eu fui identificando os espaços onde a sociabilidade é mais comum entre os migrantes nesses bairros populares. Um desses locais pode ser o “buteco”, um lugar, por excelência, masculino. Local de encontro entre amigos no momento do “não trabalho”. Por ser ainda, o “buteco”, lugar de uso de bebidas alcoólicas, e em função de muitos destes migrantes terem se tornados viciados tanto na bebida quanto no jogo - de baralho, e do dominó, por exemplo - houve uma espécie de condenação a esses locais de sociabilidade.

Para muitos familiares que não migraram e que estabelecem contato com o lugar de destino de seus migrantes, tomar conhecimento de que um parente vive pelos bares significa atestar o fracasso desse migrante que “enche a cara de cachaça” nos dias de folga. Isso é motivo ainda de preocupação dos pais quanto ao futuro do filho. O alcoólatra paga um alto preço - econômico, moral e social - por não reconhecer que aquele lugar para onde migrara é, por excelência, lugar de trabalho. O “buteco”, espaço onde se dá o consumo de bebidas e o uso de jogos - baralho, sinuca, dominó etc. - vai assim se transformando. O lugar de sociabilidade cede espaço para o lugar condenado. Outro ponto a ser considerado em oposição a esse espaço “satânico” para os “migrantes desviados” que se tornaram alheios à sua principal missão no espaço de destino, são as igrejas, especialmente as evangélicas. Os homens são levados quase sempre através de influências de suas mulheres. A religiosidade e o espaço de acolhimento e sociabilidade vão substituir a bebida. É uma tentativa de esquecer os problemas cotidianos, amenizar os sofrimentos e as privações diárias.

No que se refere às questões da religiosidade, foi possível identificar a presença das religiões evangélicas entre os membros, tanto da parte dos homens, quanto da parte das mulheres - embora mais fortemente entre as mulheres. Geralmente são elas que chegam primeiro até as igrejas e se responsabilizam em levar seus esposos. Em especial, uma das entrevistadas sempre fazia questão de externar a sua fé e a sua relação com a igreja e seu grupo religioso. “Jesus é maravilhoso, ele faz coisas impressionantes na vida da gente. Hoje a minha vida é outra, tudo o que sou devo ao meu senhor”. Não ficou muito claro que “coisas impressionantes” foram essas. Sabe-se que o esposo dela,

embora não frequente a igreja e fosse assíduo frequentador de festas noturnas e bebedeiras, hoje é mais comportado. Mas isso pode se atribuir também a própria idade e a responsabilidade enquanto pai de família. O casal tem dois filhos adolescentes. O que pude perceber é que, em função da contínua “pregação” dessa mulher, ouvi desabafos do tipo: “ninguém aguenta conversar com ela porque ela não fala outra coisa que não seja sobre a igreja, só da igreja e quer que a gente seja crente também”. Em função disso as pessoas têm evitado perguntar qualquer coisa sobre a religião dela e/ou, até mesmo, ficar conversando por um longo período de tempo.

A presença de bebida alcoólica entre os integrantes do grupo analisado é comum, especialmente nos finais de semana e durante a realização de almoços, churrascos, confraternizações, etc. Ela se faz ainda mais presente entre os jovens, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino. Os mais velhos também consomem, mas não se entregam ou seguem o ritmo dos mais novos, que geralmente viram a noite tomando cerveja, vodca, whisky, caipirinhas e outras bebidas similares. As mães dos jovens se preocupam porque muitos deles acabam perdendo um pouco a noção da bebida e chegam a “apagar”. Certamente elas têm medo que isso se torne um vício incontrolável futuramente. No período da pesquisa não foi possível identificar nenhuma pessoa completamente dependente da bebida, daqueles que necessitam do álcool diariamente para sobreviver. Esses momentos de encontros são marcados, em grande medida, por contar piadas, anedotas e “tiração de onda” especialmente entre os jovens integrantes do grupo. Por “tiração de onda”, no contexto em questão, entende-se brincar, zombar, explorar jocosamente as características pejorativas de algum(ns) integrantes do grupo.

Para Simmel, contar piadas, anedotas e histórias, resulta do conjunto desse contexto. “Porque a conversa, em primeiro lugar se dá em uma base que está para além de toda a intimidade individual, situando-se além daquele elemento puramente pessoal que não se quer incluir na categoria da sociabilidade” (Simmel, 2006:77). A conversa (ou a história) com objetivo socializante carrega consigo características particulares em que o narrador se torna invisível:

A história mais requintada, mais sociável, é aquela na qual o narrador esconde sua personalidade; a história perfeitamente contada se mantém no feliz ponto de equilíbrio da ética sociável, no qual tanto o individual

subjetivo como o conteúdo objetivo se dissolvem totalmente em prol da forma pura de sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 77).

A sociabilidade, em Simmel, também pode ser entendida como forma lúdica para a solução dos problemas éticos. Mas o desafio que se impõe para o indivíduo é que este se adeque a um contexto comum e vivo para ele e que os aspectos e os valores relevantes se voltem para o indivíduo a partir do contexto. Nesse sentido, a sociabilidade transfere todas essas exigências em seu caráter sério e até mesmo trágico em muitos sentidos, para o plano do jogo simbólico de seu reino de sombras, no qual não há atritos, exatamente porque as sombras não podem colidir umas com as outras.

A sociabilidade enquanto forma lúdica poderia resultar no que Simmel vai chamar de “miniatura de ideal de sociedade” ou em “liberdade de associação”, a partir do momento em que grupos se formam e se separam e quando a conversa surgida por impulso ou oportunidade se desenvolve, aprofunda-se e ameniza-se, e termina numa reunião social (SIMMEL, 2006). Convergências e divergências coexistem sem necessariamente serem fenômenos rigorosos proporcionados pela realidade interna. Elas obedecem às próprias leis formais de um jogo em que a graça fecha-se em si mesma. Revela esteticamente a mesma proporção que a seriedade da realidade exige em termos éticos.

Da mesma forma que aponta Baptista (2003) sobre os nordestinos moradores da Favela Jardim Colombo – SP, na Vila Liviero, percebi que existem aqueles migrantes que não gostam de usufruir do lazer no interior da vila/rua lugar de moradia. Assustando-se com a violência e o barulho, esses vivem realizando um roteiro único que compreende o percurso casa-trabalho. É possível afirmar que eles desenvolvem pouca convivência comunitária. Vivem em função tão somente do tempo do trabalho ou suas práticas de sociabilidade ocorrem em outros espaços.

No capítulo IV, etnografamos a experiência da família de Sobradinho vivenciando o festejar em Várzea Alegre, Ceará. São viagens feitas com o planejamento de pelo menos um ano de antecedência. O que significa que, concluído o período de férias em Várzea Alegre, outra viagem de volta, no ano seguinte, já começa a ser planejada. Conforme estamos defendendo ao longo dos capítulos dessa tese, a festa acompanha as pessoas cuja trajetória de vida é marcada por deslocamentos, mobilidades. É isso que procuramos evidenciar ao acompanhar esses deslocamentos dos

migrantes à Várzea Alegre. Além disso, destacamos a festa do Padroeiro São Raimundo Nonato como um tempo de festa privilegiado ao retorno dos migrantes varzealegenses que residem em São Paulo. Ao mesmo tempo, essa festa possui uma pluralidade de sentidos, inclusive de afirmação política.

CAPÍTULO IV – A FESTA VOLTA COM O MIGRANTE

Conforme estamos defendendo ao longo dos capítulos dessa tese, a festa acompanha as pessoas cuja trajetória de vida é marcada por deslocamentos, mobilidades. Neste capítulo, para evidenciar essa afirmação, decidimos acompanhar esses deslocamentos dos migrantes à Várzea Alegre, tomando os Leandros e, especialmente, a família de Sobradinho como referência para compreender de que forma o festejar é vivido no lugar de nascimento deles. São experiências que acontecem de forma extraordinária – uma vez ao ano. Tem um planejamento que envolve tempo e dinheiro. Pode ser agendada/planejada de forma a contemplar a festa do padroeiro, tema/objeto de trabalhos como Pires (2012), Lima (2012) e Silva (2000), o aniversário dos pais, as festas dos santos juninos Rigamonte (2001); Chianca, (2006, 2013); Lima, (2002, 2008); Menezes, et al. (1990) ou as “festas do calendário” e fechamento de ciclos (CALDEIRA, 1984), como as festas de Natal e Ano Novo. Mas dependem ainda do tempo de folga/férias dos integrantes da família. Isso torna-se cada dia mais difícil, já que os filhos de Sobradinho estão entrando no mercado de trabalho e muito dificilmente coincide o período de férias para todos os membros da família. A análise a seguir contempla o período que vai do final de dezembro de 2013 ao início de janeiro de 2014. Com destaque para as festividades do Natal, Ano Novo e os almoços e reuniões em família. A festa do padroeiro de Várzea Alegre é mencionada em função da relevância que ela tem para os varzealegrenses e por se encontrar viva na memória dos migrantes enquanto foco de atração para os retornos. Festas enquanto possibilidades de renovação, reposição das energias consumidas na cidade, no ambiente de trabalho, na rotina da metrópole (MENEZES, et al., 1990). Festas enquanto estratégia de convivência familiar na origem. Possibilidades de reencontrar amigos e saborear comidas típicas.

4.1 A celebração da chegada

Em dezembro de 2013, depois de três dias na estrada, a família do Sr. Sobradinho Leandro chegou à Várzea Alegre, Ceará, para as festividades do fim de ano. É interessante destacar que, da mesma forma que Menezes et al. (1990), observou que nas áreas rurais é comum referir-se ao tempo enquanto uma categoria que se constrói a partir de formas específicas, acontecimentos do ano. Por exemplo, é comum perguntar aos Leandros quando um parente: filho, tio, irmão etc, vem de São Paulo e ter como

resposta “no São João”, ao invés de junho ou “no fim do ano” e não dezembro. Foi no fim do ano que Sobradinho e família chegaram a Várzea Alegre. Reclamaram da viagem feita em carro próprio, geralmente realizada em dois dias, mas que, por conta das condições das estradas, da quantidade de acidentes, das chuvas em praticamente todo o percurso, tiveram que parar várias vezes. Uma dessas paradas demorou cinco horas em função do mal tempo. Os membros da família, tanto em Várzea Alegre quanto na Vila Liviero, já estavam preocupados. Em função de algumas regiões sem acesso à rede de cobertura de operadoras de celular, eles passavam horas sem dar notícias. Isso fazia com que pais e irmão ficassem temerosos. A saída de São Paulo aconteceu na madrugada de sexta-feira 20 de dezembro de 2013 e a chegada a Várzea Alegre aconteceu na tarde do domingo 22 de dezembro de 2013.

O almoço já estava pronto. Mataram galinha e prepararam uma comida especial para a ocasião, tão logo chegaram os filhos de Sobradinho. Dois jovens com idade de 17 e 23 anos. Pacheco e Amaro foram assistir a um jogo de futebol, que fazia parte de um campeonato que acontecia no sítio vizinho. Após a competição, eles se dirigiram na companhia de primos, em motos e em um carro, para um bar em outro sítio, distante uns seis quilômetros da casa dos avós. Lá foram recepcionados por Cajazeiras, Atoleiro, Barragem, Cachoeira, que são tios deles e por vários primos como Medeiros, Peri-Peri, Aba da Serra entre outros. Eles também foram reconhecidos e cumprimentados por conhecidos de outros varzealegenses que moravam na Vila Liviero – SP, como o garçom do bar, Varzante, que é irmão de Caldeirão, esposa de um primo deles de nome Ipotí. Os dois moram na Vila Liviero. Ipotí é o sobrinho de Caraíbas. A mãe de Varzante, Betânia, se encontrava no bar e tratou de servi-los. Ao chegar a mesa onde os meninos sentaram, tratou logo de perguntar pela filha, se ela estava bem. Quando eles tinham chegado. Até quando ficavam. E disse ainda que ia fazer um almoço para eles, ou seja para toda a família de Sobradinho. É bom lembrar que essa senhora, naquele mesmo ano, havia passado cerca de um mês em São Paulo. Nesse período participou de festas na casa de Sobradinho. Aqui identificamos, mais uma vez, a noção de dádiva de Marcel Mauss. Essa noção de dádiva é facilmente observada entre os membros dos Leandros e no contexto de suas relações. Quando alguém frequenta a casa deles, sendo bem recebida, este se sente na obrigação de retribuir da mesma forma. Betânia já havia convidado Sobradinho e família para visitá-la quando estivessem no Ceará. Essa era a oportunidade de retribuir a atenção recebida quando esteve na Vila.

Por volta de meia noite estes jovens retornam à casa dos avós maternos. Seu São Caetano, 93 anos e dona Rosário, 87 anos, são os pais de Caraíbas e moram no sítio Queixada, da mesma forma que os pais de Sobradinho, São Nicolau (já falecido) e Muquém, que são sobrinhos de São Caetano. Caraíbas e Sobradinho são primos. Os meninos preferem ficar hospedados na companhia da mãe. Já Sobradinho fica entre a casa dos pais e a casa do sogro.

No dia seguinte, sentados embaixo da sombra de um pé de laranja plantado em frente à casa de Carrapateira Leandro, irmão mais velho de Caraíbas, Pacheco, Amaro e Sobradinho já estavam combinando um churrasco. Foi possível identificar a realização de churrasco tanto na Vila Liviero – SP, quanto no Sítio Queixada – Várzea Alegre – CE. O churrasco carrega muitos elementos simbólicos no cotidiano dos migrantes como nos apontou Silva (2012), ao analisar as formas de sociabilidade dos trabalhadores migrantes de Princesa Isabel – PB, no corte da cana no interior de São Paulo.

O churrasco do sábado pode ser tanto visto como rito assinalando a passagem do trabalho para o lazer; quanto, meio de restaurar as forças perdidas no trabalho, pela força da carne, cujo acesso só é possível pela venda da força de trabalho do migrante. O churrasco é, finalmente, o espaço no qual embriagar-se é permitido, abrindo, assim, possibilidade de sair dos limites do dado e sonhar o “novo” (SILVA, 2012, p. 175).

É como se a festa da carne, simbolizada pela realização do churrasco, em um contexto em que carne é algo caro, significasse uma ruptura com o cotidiano daquela comunidade. Aquele momento que se vive nos períodos de retorno, deve ser visto e compreendido como tempo de fartura. O período de escassez, ou como eles mesmos costumam definir na linguagem popular, “tempo de vacas magras”, ficou no passado. As festas agora precisam ser celebradas com a ingestão de muita comida. O churrasco, realizado na casa dos familiares, permite ainda que esse filho que estava ausente exagere na bebida sem ser condenado por isso.

Sempre que chegava alguém e cumprimentava-os, perguntava pelos parentes distantes. Como tinha sido a viagem, etc. Fui convidado, na condição de primo e integrante da família, para ir com eles ao aeroporto de Juazeiro do Norte, um município distante aproximadamente noventa quilômetros de Várzea Alegre. O objetivo da viagem era buscar (Fortuna) a namorada do filho mais velho de Sobradinho. Ele tem 23 anos e

veio com os pais de carro. Como não cabia mais ninguém no veículo, ela comprou passagem de avião chegando, portanto, dois dias após o namorado. Os pais de Fortuna nasceram em Várzea Alegre e seus avós continuam residindo ali. Era uma oportunidade de essa jovem revê-los. Além disso, estando no Ceará significava, acima de tudo, um esforço em monitorar o comportamento do namorado.

Caraíbas, a esposa de Sobradinho, aproveitou para contar situações que envolviam conflitos familiares na Vila Liviero. Uma delas ocorrido durante as festividades de fim de ano. Nos últimos dois anos os festejos de Natal e Ano aconteceram na casa deles. No ano passado estipularam uma quota para cada casal de cinquenta reais. Esse dinheiro servia, como costumeiramente, para comprar bebidas e os ingredientes para um jantar. Todos concordaram em pagar essa quantia e participar da confraternização, exceto uma prima dele. De todas as famílias da rua apenas essa se negou a participar da comemoração. Os motivos não foram totalmente esclarecidos, mas acredita-se que foi pelo fato da esposa de Sobradinho não ser uma pessoa que costuma ir de casa em casa. Desde então, as duas se comunicam diplomaticamente. Mantêm contato apenas formal.

Essa conversa se deu por causa de uma brincadeira. Sentindo a ausência de Sobradinho e sua esposa, a sobrinha deles que havia ficado em São Paulo, disse que ia proibi-los de viajar durante o mês de dezembro. O motivo era porque eles viajando não tinha um lugar para as festas.

Nos termos de Comerford (2014), “Onde está a ‘comunidade’? Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o ‘rural’ e o ‘urbano’”. No Sítio Queixada é comum ouvir relatos de vida constantemente associados aos deslocamentos de seus moradores. Qualquer história de vida por ali, ou seja, no Sítio Queixada, vai mencionar deslocamentos da família e dos indivíduos pelo Brasil. Desde aqueles que se mudam pra cidade para estudar, ou pra outros estados para cursar faculdade. Famílias que migraram para cidades médias do próprio estado ou da própria região até aqueles jovens que vivem pelo mundo comercializando “crediário” (diversos produtos de uso doméstico como panelas, roupas, utensílios para casa etc) pelos estados vizinhos.

Há ainda famílias que saíram e se estabeleceram em outras regiões como a região Norte do país e que deixaram a zona rural para “residir na rua”, como preferem denominar a sede do município. Jovens que migram e retornam para casar ou que

mantêm por muitos anos esse entre-mundo (rural/urbano) nunca estando completamente residindo lá nem cá. Alimentando essa ideia de mobilidade. E há os casos mais comuns e corriqueiros que aqui estão sendo analisados, que são aqueles deslocamentos para grandes metrópoles, como é o caso de São Paulo. Pessoas que constroem família, casa, levam parentes, mantêm um laço afetivo e social com os familiares que ficaram em Várzea Alegre, mas que permanecem em São Paulo durante trinta, quarenta, cinquenta anos seguidos. Retornando sempre em ocasiões especiais, nas festas, comemorações, enterros, batizados, celebrações religiosas e outros eventos demarcados do ciclo de vida ou do tempo dos lugares.

O sítio possui aproximadamente sessenta casas. Três famílias se destacam: os Leandros, os Ferreiras e os Guedes. Elas se destacam por serem mais numerosas e por possuírem certo status: terra, gado, automóveis. Por morarem próximos, uma vez que as casas mantêm uma distância pequena uma das outras, é possível identificar o que John Comerford (2014) presenciou na Zona da Mata mineira. Cada família possui um conhecimento considerável não só sobre os seus parentes, mas sobre os parentes dos outros. “Num universo com essas características, as pessoas não só estão atentas ao que fazem os outros, mas também às suas próprias ações, que certamente serão contadas por outros, senão pelos próprios agentes, nas próximas conversas”. Comerford, (2014 p. 10).

Residem na comunidade do Sítio Queixada aproximadamente 150 pessoas, entre crianças, jovens, adultos e idosos. Todos se conhecem e possuem algum tipo de relação entre si. Quando não fazem parte da mesma família, são amigos, compadres, colegas. Tais confraternizações de cunho familiar são comuns em períodos como Natal, Final de Ano, Agosto, Festa do Padroeiro, que são também períodos de retornos dos “Filhos-Ausentes”.

4.2 A viagem a Juazeiro do Norte

Dois dias depois da chegada da família de seu Sobradinho a Várzea Alegre, junta-se a eles a namorada do Pacheco. Eram cinco horas da manhã do dia 24 de dezembro de 2013, quando, após acordar, tomar café, eles pegam o carro e seguem com direção ao aeroporto de Juazeiro do Norte para buscar Fortuna. Fui convidado a acompanhá-los. Além de Pacheco, filho mais velho, que dirigia o carro, estavam no

veículo, o Amaro e o próprio Sobradinho. Resolvemos ir por uma estrada nova e desconhecida. Falaram que era ruim, que tinha muitas curvas serras e abismos. Imediatamente a via foi comparada a estrada de Santos, a mesma que percorremos no dia que fomos à praia. Ao chegarmos ao “ponto crítico”, eles riram dos “abismos”. Estes eram muito pequenos comparados ao que eles conhecem rodando pelo país a fora. “Ah, os barrancos que falam são esses aí? Isso aqui é fichinha, imagina se vissem os que a gente encontra por aí”.

No meio do caminho decidimos que devíamos fazer uma festa de confraternização para a véspera do Natal. Falei que meu irmão tinha um porco, que poderíamos comprar e fazer um churrasco. A decisão foi tomada de última hora. Liguei para o meu irmão pra ver se ele ainda estava em casa. Ia pedir para ele mesmo abater o animal e adiantar nosso trabalho. Decidimos também comprar refrigerante, cervejas e outras bebidas num desses supermercados que vende no atacado na cidade de Juazeiro. A ideia era reunir todos os parentes. Todo mundo devia ser convidado. “A gente trabalha tanto, fica o ano todo longe de todo mundo, nessas horas a gente não tem que economizar não. É pra isso que a gente trabalha”, concluiu Sobradinho. Perceba que mais uma vez o churrasco está associado a uma festa que sugere abundância (SILVA, 2012). Momento de reestabelecer as forças perdidas durante as duras rotinas de trabalho desempenhadas anualmente.

Tínhamos menos de dez horas para organizar tudo isso. Atrasamos um pouco a viagem e quando estávamos a uns trinta quilômetros o celular tocou, era Fortuna, que já havia desembarcado no aeroporto de Juazeiro do Norte. Mesmo assim, não adiantamos o passo. Ela devia esperar: “ela não sai do canto, porque ela não conhece nada por aqui. Não tem perigo da gente chegar lá e ela não estar”, disse Sobradinho.

No percurso entre os dois municípios, falamos sobre vários assuntos. Entre eles o sofrimento vivido pelos migrantes varzealegrenses quando retornavam à cidade natal. As cansativas viagens de ônibus, os deslocamentos de avião sem ninguém esperando nos aeroportos, etc. Olhando pra mim, Sobradinho perguntou: “Você também já sofreu muito pra estudar não foi?” Disse que tínhamos trajetórias semelhantes com objetivos diferentes e que só não tinha passado fome no início de minha jornada rumo à universidade. Na oportunidade Sobradinho também falou que a esposa dele, minha tia, ainda possuía uma intrigada por conta dessa minha luta. Uma referência a um caso ocorrido ainda nos anos 1990, quando a mulher de um tio meu, irmão dela, destratou-

me. O caso envolveu meu tio, Baixio dos Primos e a esposa dele, Lagoas. Eu residia no sítio e precisava vir estudar na cidade. Meu tio tinha um comércio e me convidou para ajudá-lo durante o período que não estivesse na escola. Poucas semanas depois de chegar a Várzea Alegre, fui tomado por uma crise de febre, dor de cabeça e ânsia de vômito. Isso me deixou acamado. Meus pais só ficaram sabendo que eu estava doente depois que um primo meu passou por lá e me viu deitado numa rede e “tremendo de febre”. Chegando ao sítio ele comunicou aos meus pais que foram até a cidade me ver. Levaram-me até o hospital e depois me conduziram até o sítio. Não retornei mais para a casa de meu tio e a esposa dele foi “acusada” pela família de não cuidar de um doente. Teria ela dito que “quem tiver seus doentes que cuide”. Caraiabas sempre foi uma tia protetora, ainda hoje ela é assim com os familiares, especialmente os sobrinhos que visitam ou moram na Vila Liviero. Quando ela soube do ocorrido, ligou pra casa do irmão e discutiu com a cunhada. Durante muitos anos não se falaram. Por isso a referência de Sobradinho.

Com uns quarenta minutos de atraso, chegamos ao aeroporto, depois de andarmos um pouco perdidos por algumas ruas estreitas de Juazeiro. O acesso ao portão de embarque e desembarque tinha sido interditado em função de uma reforma. Quando chegamos já vimos a jovem de longe que também nos viu. Levantou e veio em nossa direção. Do aeroporto seguimos direto para uma rede de supermercado para comprar os produtos da festa.

4.3 Os produtos para a festa – churrasco

Depois dos cumprimentos formais no aeroporto, seguimos em direção a uma rede de supermercados que comercializava produtos em atacado, localizada entre as cidades de Juazeiro do Norte e Crato. Por ser uma rede conhecida em todo o país, eles tinham base dos produtos que eram comercializados ali, bem como os valores cobrados. Entramos na loja e nos deparamos com a sessão de bebidas. Dez fardos de cervejas foram colocados num carrinho, além de quatro fardos de refrigerante. A pergunta que sempre vinha à cabeça deles era: “Será que é suficiente? Devíamos levar mais?” Havia um certo temor em passar vergonha caso os produtos comprados não fossem suficientes. “É melhor sobrar hoje do que faltar, mesmo porque a gente não vai voltar agora e pode ir consumindo, fazendo churrasco outra hora”, disse Pacheco.

Assim fomos completando o carrinho com bebidas e carnes. Como Sobradinho já possuía uma vasta experiência nos tipos de carne ideal para churrasco, coube a ele escolher as peças. Foram compradas cinco peças que pesavam em torno de vinte quilos. Além dessa carne comprada no supermercado, um porco iria ser abatido para complementar a carne que iria ser assada. Dirigimo-nos ao caixa e brincamos de apostar um valor aproximado para a conta. Quem iria chegar mais perto do valor de todos aqueles produtos. Um chutou que daria aproximadamente seiscentos reais. O segundo disse que seria algo em torno de seiscentos e cinquenta e o terceiro fechou as apostas dizendo que tudo aquilo seria uns setecentos reais.

Naturalmente que a aposta não tinha nenhum valor, com exceção de um sentido de interação e descontração entre os participantes, como nos ensina Simmel (2006), trata-se de uma cena de sociabilidade lúdica. Quando tudo foi calculado pela funcionária do caixa, o valor final da conta ultrapassava os oitocentos reais, ficou por algo em torno de oitocentos e trinta reais. Esse valor foi rateado entre nós três.

De volta à cidade de Várzea Alegre, entramos em contato mais uma vez com meu irmão pra saber se ele havia abatido o porco. Já passava das onze horas da manhã. Fomos informados que ele acabara de chegar em casa e que ainda não tivera tempo para matar o animal. A ideia era comprar o suíno pelo valor equivalente e também quitar pelos serviços de tratamento do porco. Eu sabia que ele não iria concordar com isso. Mesmo assim estávamos decididos a negociar. Conforme já previa, meu irmão se negou a receber qualquer quantia pelo porco, era como se estivesse oferecendo a carne do suíno como presente aos parentes (primos, irmão e tios) que estavam ausentes.

Na zona rural de Várzea Alegre é comum encontrar criadores de porcos enquanto uma atividade doméstica. Não é comum encontrá-los soltos, o animal é mantido preso em chiqueiros geralmente construídos nos terreiros das casas ou em quintais afastados da residência. O processo de engorda de um porco para o abate dura quase um ano. Meu irmão cria para o próprio consumo da família quanto para o comércio. Tenho seis irmãos, três homens e três mulheres nas idades de 25 a 40 anos. Dois dos três homens têm uma pequena criação de porcos. Antônio, 27 anos, era o dono do animal que falamos em compra. O porco é um animal que se alimenta com base em restos de comida, legumes, frutas, milho e ração. Toda a sobra de comida (lavagem) da casa de meus pais é direcionada para alimentar os porcos de Antônio. Por não ser suficiente ele ainda dispõe de milho jogado geralmente pela manhã para os animais

comer. Como observou (DANTAS, 2009, p. 151), o comércio de animais domésticos, como o porco, é comum entre os moradores da região do Seridó do Rio Grande do Norte. Esse comércio se dá basicamente da seguinte forma:

A negociação do porco é feita muito antes do dia do abate, quando a criadora o oferece ao marchante. A transação está apalavrada ou acertada quando é formalizado entre ambos o preço a ser pago pelo quilo do animal, a forma de venda, o dia e o local do abate e a data de pagamento. Em geral o acordo é firmado no chiqueiro e após o marchante certificar-se de que o animal está conforme o que foi descrito pela criadora no momento da oferta, em relação à estimativa de peso, à qualidade da carne e às condições de saúde.

Dessa forma também acontece na zona rural de Várzea Alegre – CE, inclusive o meu irmão Antônio costuma comercializar esse tipo de animal com os marchantes da comunidade em que mora. Mas, por uma questão de ser o animal usado para uma confraternização familiar, reunir pessoas que “passam o ano fora”, ele preferiu não cobrar valor algum pelo porco. Nesse momento não é apenas o aspecto econômico que predomina, já que o abate do porco se constitui num momento de convívio e interação, social. Momento de reunir família e amigos. Momento de festa.

4.3.1 Os preparativos para o abate do porco

Chegamos em casa e pedimos para que o animal fosse abatido. Um amigo de meu irmão, de nome Bacupari, que sempre está presente à casa de meu pai, se dispôs a ajudar na matança do porco e assim ficou definido. Seria Vanderley o nosso marchante, pessoa especializada na compra e abate de animais como porco, gado, ovelha no mercado local. Para Dantas (2009) e Cavignac e Dantas (2005, p. 68), “O marchante assume um lugar de destaque na matança do porco. Geralmente é alguém de confiança da família, por ser acostumado a matar esses e outros animais domésticos”. De fato, Bacupari é conhecido na região por sua habilidade em matar animais de pequeno porte como ovelhas, porco e bodes. Diz que não gosta de matar boi porque pra ele esse animal carrega uma simbologia religiosa. “Não me sinto bem”.

Para a matança do porco “não tenho problema nenhum em matar”, existe todo um “preparo”, ou seja, toda uma série de providências a serem tomadas. A primeira delas diz respeito aos instrumentos usados no abate. As facas são “amoladas”, quer

dizer, tornadas mais cortantes, afiadas. Água é fervida para tirar o pelo, ou “despelar”. Há ainda a possibilidade de se tirar o pelo do porco com o fogo, usando a palha de coco. Estendem-se tábuas para colocar sobre elas o animal depois de abatido. O local onde esse trabalho vai ser realizado também é importante. Nesse caso específico foi aproveitado a sombra de um frondoso pé de castanhola plantado no oitão da casa de meus pais. Tomadas essas providências, o marchante e seu ajudante, que pode ser também o dono do animal, vão ao chiqueiro, laçam o porco e o amarraram. Enquanto um deles sustenta o animal, o outro com golpes de machado na cabeça mata-o. Em seguida, com a ponta da faca, efetua a sangria, que consiste em enfiar a faca no pescoço atingindo o coração do animal que aos poucos foi desfalecendo. Esse golpe fatal serve também para que escoe todo o sangue do animal. Ao contrário do que observou (DANTAS, 2009), onde o chouriço é uma prática comum naquela região Potiguar, entre os Leandros essa não é uma atividade rotineira. As novas gerações quase nem conhecem a existência dessa iguaria. Certos de que o animal já não tem mais vida, o marchante e os ajudantes colocam o animal sobre duas tábuas de madeira e, com a água fervente, iniciam a “pelação”.

Havia todo um cuidado, por parte do marchante, em não jogar muita água fervente sobre a pele do porco, isso poderia “encruar”. Caso isso ocorresse, os pelos do porco não se soltariam facilmente e comprometiam a qualidade da carne. Após retirar todo o pelo, o porco foi lavado com água e iniciou o processo de abertura para a retirada das vísceras, do coração, fígado, etc. É um trabalho delicado e bastante cuidadoso, especialmente quando vão “despregar” o fel do fígado, pois qualquer corte irregular poderia estourá-lo e comprometer o sabor da carne. Feito tudo isso, o corpo do porco é desmembrado da cabeça e fatiado em pedaços, estas fatias são salgadas e preparadas para o churrasco.



Imagem 14 (mosaico): Abate do porco - Várzea Alegre- CE
 Fonte: Próprio autor, Dezembro de 2013

Já passava das três da tarde quando este trabalho foi finalizado. Com praticamente todo o material para a realização de um churrasco pronto, restava agora convidar todos os familiares próximos a se fazerem presente a casa de meus pais, escolhida entre as três mais próximas para sediar a confraternização natalina.

4.4 Reunindo a família – o convite de última hora

O convite para o churrasco/festa, mesmo sendo de última hora, obedece a determinados valores familiares. Quando dirigido aos parentes, pais, filhos, irmãos, cunhados, tios, afilhados, vizinhos e amigos, segue enquanto parte dos comprometimentos solidários existentes entre eles. É como se fosse uma espécie de obrigação (DANTAS, 2009; CAVIGNAC E DANTAS, 2005). Participam da festa aqueles que comumente o convidam para eventos semelhantes. Alguém que prestou algum serviço, favor para a família. Os compadres com os quais se mantém boa relação. O dono da casa, ou seja, o dono da festa é o principal responsável pelos convites. Mas os filhos também possuem autoridade suficiente para isso. E assim estabelecemos que, para efeito de validação do convite, eu na qualidade de filho do dono da casa (local da festa) deveria formalizar o convite passando de casa em casa. Comigo deveria estar

ainda Pacheco, filho de Sobradinho. Talvez o fato de morarmos fora dali, agregue o que Bourdieu denominou de “capital social”, o que validaria e legitimava o convite. Montamos uma moto e fomos, eu e Pacheco, peregrinar pelas casas dos familiares e amigos próximos residentes ali, convidando para a confraternização. Além desse convite formalizado presencialmente, tinha também outros feitos através de ligações telefônicas.

Como na véspera de natal faz parte da tradição dos moradores daquela região cearense a confecção de uma espécie de bolo caseiro, encontramos em muitas casas, as mulheres finalizando os tradicionais pães-de-ló. Trata-se de uma iguaria feita à base de ovo, rapadura, goma e condimentos a exemplo de canela em pó. Ninguém, de imediato, recusou o convite, mesmo sendo feito a poucos instantes da festa. É comum nas festividades realizadas nessas comunidades que o convite seja feito com no mínimo uma semana de antecedência. Talvez o fato da festa ser organizada por “pessoas de fora” os convidados de última hora tenham relativizado o convite. Aqui, é bom salientar que, embora sejam filhos naturais daquela comunidade, esses varzealegrenses ganham atenção especial por residirem fora. Suas visitas representam uma ruptura no tempo e nas relações cotidianas da comunidade. Embora eu, Sobradinho, minha tia e meus primos sejamos da comunidade, quando estamos lá somos considerados “de fora”, porque não residimos com eles no dia a dia. Para além disso, tivemos o cuidado de, na hora de convidar os parentes, dizer que havíamos decidido fazer a confraternização na manhã daquele mesmo dia.

Na maioria das casas pelas quais Eu e o Pacheco passávamos, por exemplo, estávamos andando pela primeira vez desde que havíamos retornado de Campina Grande e São Paulo, respectivamente. Isso exigia de nós que não nos limitássemos apenas a fazer o convite e voltar de forma imediata. Soaria deselegante agir dessa maneira. Para os códigos locais, chegar a casa de um vizinho e não tomar um café, um chá, um suco ou pelo menos um copo de água, representa um desrespeito. Pergunta logo se aquele visitante veio “buscar fogo”; “pra que tanta pressa?”; vai tirar o pai da força?”, expressões sempre associadas à pressa. Então o ideal seria sentar um pouco, conversar alguma coisa, nessas ocasiões não falta assunto, aceitar um pouco de chá, café, ou suco e só depois pedir licença e sair. Para evitar posteriores fofocas e o risco do convidado não comparecer, estabelecemos que deveríamos parar uns quinze minutos em cada uma delas, conversar sobre as coisas do cotidiano, ouvir deles quais as novidades, falar sobre

nós mesmos e somente em seguida propor a confraternização através dos convites. Mas para que a festa seja completa é preciso uma atração musical: um som tocando, um grupo se apresentando, um violeiro fazendo versos improvisados, etc. Nesse caso particular a seresta, embora desagradando aos jovens, foi a única opção.

4.4.1 A atração musical

Como disse Silva (2012), não se faz churrasco sem música. Contudo, era praticamente improvável conseguir assim do dia pra noite uma atração que reunisse o gosto musical de todos os presentes àquela confraternização. Enquanto fazíamos os convites de casa em casa, minha irmã articulava o contato com uma dupla de jovens seresteiros para tocar a noite. Depois foi que percebemos que apenas um som que tocasse forró teria resolvido essa parte musical da festa. Sabíamos que a dupla ia participar de uma festa num sítio vizinho naquela mesma noite. Decidimos que, mesmo assim, deveríamos ligar porque, dependendo do horário que a festa acabasse por lá, eles podiam vir animar a nossa. O contato foi feito via telefone, porque eles residem em outra comunidade, distante uns oito quilômetros de onde estávamos. Coincidentemente, a dupla de seresteiro havia sido informada que a festa programada não iria acontecer. A razão se dava em função de ser a véspera de natal, momento onde as famílias preferem ficar em casa a ir para bares ou outros espaços de sociabilidade. Nesse sentido ficou certo que eles deveriam chegar por volta de sete horas da noite.

Os meninos seresteiros pediram que providenciássemos uma caixa de som, porque eles vinham de moto do sítio onde residiam e não podiam trazer todos os equipamentos necessários. Uma de minhas irmãs, que é evangélica, disse que poderia tomar emprestado a caixa de som da igreja. Para isso ela teve que entrar em contato com o pastor. Ao falar o motivo do empréstimo destacou a existência de uma confraternização familiar com a realização de uma seresta e logo foi recomendada a não usar a caixa para tocar músicas de forró. Para essa congregação o forró está associado ao pecado. Não é frequentado pelos seus seguidores. E condenado são todos aqueles que o praticam. O fato de não ter permissão para tocar forró na confraternização vai gerar um problema posterior, uma vez que é a tônica desse ritmo musical que mais atrai esses jovens. Mesmo sabendo disso, me dirigi até a igreja e peguei a caixa de som.

Por volta da sete horas da noite os convidados começaram a chegar. A pé ou sobre motocicletas foram se aproximando e sentando em cadeiras espalhadas pela

calçada e parte do terreiro. Recepcionados por mim, pelo meu primo ou pelo meu pai, eles iam pouco a pouco se enturmando. Algo em torno de trinta a quarenta pessoas se fizeram presentes. Os homens mais velhos, com idades entre 35 e 70 anos, formavam um grupo; as crianças, de idade entre quatro e oito anos, iam se enturmando umas com as outras e brincando pelo terreiro; os jovens, homens, preferiram ficar próximo ao lugar onde estariam os seresteiros; já as jovens, meninas, ficaram divididas entre a lateral da casa, também chamado de alpendre ou oitão, e o espaço ocupado pelos jovens, homens. Ali estes podiam interagir mais livremente entre si e desenvolver as paqueras. Enquanto as mulheres casadas, donas de casa, de todas as idades, por ser um hábito daquele lugar, dirigiam-se ao interior da casa a fim de cumprimentar as que ali estavam. Até que tudo esteja pronto - alimentação, bebidas, sobremesa, etc. - e seja servido, as mulheres, especialmente a dona da casa, suas filhas e noras não largam a cozinha. Somente quando todos estão servidos é que elas se juntam ao grupo para conversar.

As bebidas são servidas pelas mulheres e as carnes assadas pelos homens, que pode ser o próprio churrasqueiro ou um ajudante. Caso a confraternização tenha uma janta para os convidados, a comida é posta à mesa pelas mulheres, assim como os pratos e talheres e a dona da casa avisa ao esposo que vai chamar os convidados para se servir.

Quando a maioria dos convidados chegou, a churrasqueira já estava acesa e as carnes para o churrasco já haviam sido preparadas, ou seja, cortadas em fatias e salgadas. Enquanto a carne assava e os convidados esperavam as bebidas serem servidas, conversavam entre si. Os temas eram os mais variados. Quase sempre relacionados ao cotidiano deles. Trabalho na roça ou a criação de animais. Conversava-se também sobre a possibilidade de inverno no ano vindouro e sobre os “filhos-ausentes” (PIRES, 2011), ou nos termos comuns aos Leandros, “o povo de São Paulo”. No mesmo dia da confraternização que reunião os Leandros no Ceará, outra festa acontecia na casa vizinha.

4.5 A festa vizinha

A casa onde acontecia a festa era tão próxima que ouvíamos o som e o barulho provocados pela conversa das pessoas. Para animar aquela confraternização foi colocado um som de um particular. Bastante potente o aparelho sonoro despertou o interesse dos jovens em trocar a seresta por musicas de forró executadas pelo som. Queriam colocar o CD de Toca do Vale, o mesmo cantor que fez a alegria do grupo

quando voltava da praia em São Paulo. Praticamente todas as pessoas que estavam na festa vizinha também foram convidadas a participar da confraternização com a gente. Embora a festa deles tivesse sido agendada com mais tempo, eles se comprometeram em “dar uma passadinha lá em casa”. Esse é um termo bastante usado quando não se quer fazer desfeita com o vizinho, parente ou amigo. Significa que, mesmo não podendo ir e aproveitar a festa toda, far-se-ão presentes em algum momento. Como se visitassem a festa “pra não dizer que não fui”. Visita essa passageira que deve demorar coisa de alguns minutos. Geralmente chega-se, cumprimenta-se “o(s) dono(s) da festa”, que quase sempre é também o dono da casa, saúda-se os presentes e diz-se que veio, mas que não vai poder se demorar. Estes são alguns rituais comuns que podem ser entendidos enquanto padrões de ações correspondentes aos padrões de representações coletivas (COMERFORD, 2014). Entre os que estavam na festa vizinha e vieram pra nossa casa estava Antônio Marcos, o dono do aparelho de som da outra festa. Iniciamos uma conversa com ele na tentativa de articular o forró, mas logo percebemos que não seria legal. Era como se a gente quisesse acabar uma festa para iniciar outra. Pegando o som, muito potente que estava lá e acabando a seresta com os jovens. Mesmo que parte dos jovens não estivesse muito atenta às músicas executadas na seresta, era visível o interesse dos mais velhos, principalmente quando a dupla de seresteiros tocava as composições de “Os Nonatos⁸¹”. Embora os jovens tenham um gosto musical bastante eclético, que os fazem ouvir o forró, o sertanejo e até o funk, eles denotam suas preferências pelos forrós atuais e pelas bandas que executam esse estilo musical no momento: como “Aviões do Forró” e “Garota Safada”, por exemplo. Por serem “Os Nonatos” muito mais repentistas, cantadores de viola, do que mesmo forrozeiros, isso causa uma estranheza aos ouvidos da juventude, habituada com outros sons.

⁸¹ Trata-se de uma dupla de repentistas formada por Nonato Neto (paraibano) e Nonato Costa (cearense). Suas composições ficaram populares ao serem executadas por grupos de forró bastante conhecidos no país como Aviões do Forró, Garota Safada e pelo cantor Vicente Nery.



Imagem 15 (mosaico): Almoço em família - Várzea Alegre- CE
 Fonte: Próprio autor, Dezembro de 2013

Por volta de uma hora da madrugada, após os tradicionais cumprimentos, seguidos dos desejos de um FELIZ NATAL, todos, especialmente os jovens, se sentaram ao lado dos seresteiros e passaram a cantar as músicas com a dupla. Eles também começaram a pedir sucessos atuais ou recentes de duplas sertanejas, a exemplo de Jorge e Mateus, Bruno e Marrone e Zezé de Camargo e Luciano. A confraternização que havia sido iniciada por volta de sete horas da noite, se estendeu até as três horas da manhã. Os primeiros a se retirar foram as crianças, seguido das mulheres, os mais velhos e por fim os jovens. Considerando o tempo dedicado às festas, podemos arriscar dizer que os jovens aproveitam bastante o período de férias no sertão do Ceará.

Por isso, é bom considerar que a visita à terra natal, especialmente para a festa, coloca o migrante na condição de supervalorização do tempo, como nos indicou Menezes et al. (1990, p. 12): “... usando o princípio do não-trabalho, [o migrante] faz com que cada minuto do seu tempo e toda a energia do seu corpo sejam utilizadas para usufruir da festa, da música, da dança, do convívio com parentes e amigos, da

bebida...”. Voltar, retornar à metrópole, significa se submeter às regras do trabalho. Uma rotina que não é desejada quando se está festando.

É comum ouvir expressões do tipo: “Quando tô aqui, não gosto nem de lembrar da vida de lá”; “Quero aproveitar cada minuto dessa viagem”; “Dormir pra quê, quero é me divertir”, entre outras expressões que reforçam essa tese de supervalorização do tempo na origem. A “vida de lá” é essa vida regrada pela rotina do trabalho, do horário a ser cumprido e sujeito a punição. A “vida aqui” é uma intensa festa. Um festejar contínuo: em casa com a família, nos bares com os amigos, no jogo de bola com os colegas, na noite com as namoradas. Por isso “cada minuto” tem uma preciosidade e um valor inestimável. Até dormir, que pressupõe um descansar, seria perda de tempo “dormir pra que?”. Mesmo com todo esse esforço despendido durante o ato de festejar, o migrante - especialmente os jovens - compreende essa experiência e a vivência como proveitosa para “recarregar as baterias”. A festa em Várzea Alegre, com a família, amigos, parentes, proporciona disposição para encarar a rotina na cidade grande.

Além dos eventos festivos vividos no âmbito familiar pelos migrantes varzealegrenses que moram em São Paulo, ocasiões como a “festa do padroeiro” e a tradicional “festa de agosto” também atraem esse público a cada ano. É difícil para o migrante diferenciar as duas festas, já que ambas acontecem no mesmo período, entre 21 e 31 de agosto. Há quem aposte nas categorias “sagrado” e “profano” para separar os dois momentos festivos. O que não compreendemos como sendo uma forma apropriada para tal. A separação do que seria classificado pelos dirigentes da igreja como *Espaço do Sagrado* (culto religioso, novenas, romarias, missas) em oposição ao *Espaço do Profano* (bailes, bebedeiras, prostituição) não é algo simples, como apontam diversos estudos no campo da sociologia e da antropologia.

Esteil (1996) e Prado (2007) acreditam que estes dois universos estão interligados. Os bailes, por exemplo, aproximam o brincante do sentido original da própria festa, acontecimentos de uma sociedade secular onde não há *violação* do sagrado. Fonseca (1999) percebe em Durkheim uma preocupação em indicar fortes laços entre a religião e a festa, ou seja, entre os ritos representativos e as recreações coletivas. Nesse sentido Durkheim (1996, p. 417) procura estabelecer uma relação entre a ritualização religiosa e o ato de festejar.

É por isso que a ideia mesma de uma cerimônia religiosa de certa importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda

festa, mesma que puramente laica por suas origens, tem certos traços de cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso.

Como vimos em Durkheim, o próprio ato de festejar já pode ser considerado enquanto uma experiência religiosa, pois une os indivíduos, coloca-os num “estado de delírio” que, por sua vez, está associado à experiência religiosa. Pires (2013, p. 30), ao analisar a festa de São Sebastião no município de Catingueira (PB), afirma que o sagrado e o profano não estão separados como polos opostos e excludentes: “*Farrar*, no sentido de beber, namorar, dançar e se divertir a tarde inteira não impede que o turista ou o morador da cidade vá a igreja durante a noite, pague sua promessa ou apenas participe da novena”. Por isso, apresentaremos a seguir os dois momentos festivos (festa do padroeiro e festa de agosto), por considerarmos que existem fortes relações com nossa pesquisa (pontos de atração dos migrantes), mas não temos a pretensão de classificá-los em categorias fechadas. Preferimos acreditar que existem imbricações entre ambos que são difíceis de separar.

4.6 A(s) festa(s) de agosto e são Raimundo

Os filhos de Várzea Alegre atribuem considerável importância a um dos seus vários eventos festivos: a denominada *Festa de Agosto*. É comum ao “filho-ausente” o desejo de retornar à sua terra natal durante esse período de dez dias. Essas são características identificadas, entre outros trabalhos, nos estudos realizados por Pires (2012), quando analisa os retornos dos “Filhos-Ausente” para a festa de São Sebastião no município de Caatingueira – PB. A mesma característica está presente em Silva (2000), ao analisar a volta dos migrantes de São Sebastião de Lagoa de Roça - PB para a festa do padroeiro e na etnografia de Rosani Cristina Rigamonte (2001) no município de Piripá, sertão da Bahia. Da mesma forma que identificado pelos autores acima citados, existe no varzealegrense um desejo que estar nele, que é esse desejo de retornar no período da festa. Pires (2012) propõe uma explicação possível para se compreender a cidade de Caatingueira, em qualquer período do ano, a partir da volta dos “Filhos-Ausentes” para a festa do padroeiro. Entendendo a festa, seria possível compreender a cidade. A festa de São Sebastião da Caatingueira é tratada como um meio privilegiado de acesso ao universo catingueirense. Já Rigamonte (2001, p. 12-13) mostra que há uma

conexão muito forte que une sertão e metrópole. Estes “não são dois polos separados: diferentemente do que ocorria nos processos migratórios de décadas anteriores, quando a ruptura entre ambos era maior, atualmente são pontos de um mesmo circuito”. Isso seria importante para se compreender as práticas sociais e culturais que transitam por um e outro. Da mesma forma, identificando essa relação entre os dois pólos, Silva (2000, p. 25) considera o período de festas importantíssimo para o retorno dos migrantes. “Primeiro percebemos que os migrantes de Lagoa de Roça residentes no Rio de Janeiro só poderiam ser encontrados na cidade em duas épocas: São João e Festa do Padroeiro.

Esses eventos, além de trazer de volta os migrantes, aquecem a economia dos municípios. Várzea Alegre, por exemplo, tem a fama de “cidade que promove boas festas”, por isso atrai visitantes de vários lugares do país. Alguns pontos de comércio da cidade se destacam na venda de roupas e sapatos, a comercialização de pequenos animais e legumes, especialmente por aqueles moradores que residem na zona rural do município. Todo mundo dá um jeito de se fazer presente ao evento.

Várzea Alegre é um município do interior do Ceará onde pessoas ainda mantêm a tradição de acompanhar as festividades religiosas alusivas ao santo padroeiro e, para isso, acumulam energia e dinheiro durante todo o ano. Até a metade do século passado, 1950, a população de Várzea Alegre vivia concentrada na zona rural. Os poucos mais de vinte mil habitantes eram quase completamente analfabetos e praticantes da religião católica, como nos apresenta Clementino (2013, p. 41).

No início da segunda metade do século XX, Várzea Alegre era apenas um pontinho perdido na região sul do estado do Ceará. Na zona urbana do município, viviam pouco mais de três mil habitantes. Setenta e cinco por cento da população do município (aproximadamente 24 mil habitantes) estava situada na zona rural. Quase oitenta por cento da população era analfabeta. Quase noventa e nove por cento era católica. As construções formavam pequenas ruas centrais que davam sempre na igreja matriz. A cidade também não possuía energia elétrica, apenas um gerador particular que fornecia de forma precária a “iluminação pública”. As luzes ficavam acesas apenas até as dez horas da noite. Quando o sistema era desativado, as crianças, jovens e adolescentes que insistiam em permanecer acordados, entretinham-se com brincadeiras tipicamente rurais.

A igreja matriz foi oficialmente criada em novembro de 1863 e o primeiro vigário foi Benedito de Sousa Rego, empossado em março de 1864. Algumas polêmicas

envolvendo os membros da igreja marcaram o início do século XX. Entre elas estão o suicídio do Padre José Gonçalves Pereira e a venda de todo o patrimônio de São Raimundo pelo padre José Alves de Lima (BEZERRA, 2013). A decisão do padre em vender o patrimônio da igreja, chegando a ameaçar de excomunhão aqueles que se colocassem contra, renderam versos popularmente conhecidos na cidade e por vezes cantados pelos moradores. Tal iniciativa teria sido responsável ainda, segundo o poeta, pelo surgimento dos primeiros evangélicos no município.

Nosso mundo está perdido
 Valei-me meu Santo Antônio
 Se assim acontecer
 Fica o lugar tristonho
 O tempo tudo descobre
 São Raimundo fica pobre
 Se vender o patrimônio

Nosso mundo está perdido
 Só por causa do dinheiro
 Os homens que ordenam
 São os mais interesseiros
 Já querem tomar a pulso
 Querem deixar sem recurso
 Nosso santo padroeiro

[...]

É certo que protestante
 Nesta terra ainda não tem
 Por causa desses abusos
 Aparecem mais de cem
 E se o orgulho aumentar
 E alguém quiser virar
 Chame que eu viro também

[...]

(BEZERRA, 2013, pp. 36-38)

Com a igreja matriz prestes a ruir, no final dos anos vinte, o padre José Ferreira Lobo decide demolir o templo e reconstruí-lo novamente. O trabalho de reconstrução envolveu toda a comunidade católica e também mobilizou os fazendeiros que habitavam a zona rural. Estes enviaram seus homens para ajudar a erguer o prédio. Na imagem a seguir acompanhamos um registro importante da história religiosa do município. Todas essas pessoas que aparecem ao lado ou na frente da igreja, acompanhavam o último dia de novena do padroeiro da cidade no longínquo ano de 1918. A imagem também possui

sua importância histórica por ser um dos poucos registros dessa antiga construção. Apenas os mais velhos, pessoas que hoje possuem mais de oitenta anos, conseguem narrar as histórias desse tempo.



Imagem 16: Antiga Matriz de São Raimundo. Registro de 1918
 Fonte: Reprodução do próprio autor a partir de um quadro que existe na Secretaria de Cultura

Mas em 1932, desanimado com os efeitos causados pela seca, o padre José Ferreira Lobo deixa a cidade e a obra de reconstrução da igreja foi paralisada. Os trabalhos só seriam retomados e a obra finalmente concluída em 1939, com a chegada (em 1935) de um novo padre ao município. Tratava-se do religioso vanguardista José Otávio de Andrade. A história desse padre entrou para os causos pitorescos de Várzea Alegre. Está inscrita entre os contrastes do município.

Meu amigo eu sou da terra
 Que o padre era casado
 Enviuvou duas vezes
 E depois foi ordenado.
 Ainda ontem rezava missa
 E os filhos já estão criados⁸²

José Otávio de Andrade nasceu em maio de 1896 no município de Arneiroz – CE. Não desejava ser padre, queria casar e ter filhos, mas atendendo aos desejos do pai foi encaminhado ao seminário em Fortaleza, aos 17 anos. Quatro anos após formou-se padre, no entanto retornou à sua cidade para casar. Oito anos depois do casamento ficou

⁸² Música “Contrastes de Várzea Alegre”. A música faz menção ainda a outro caso pitoresco no campo religioso varzealegrense: trata-se dos versos: “São Brás lá é São Raimundo; e se festeja com muito zelo”. O que se sabe é que durante muitos anos, ainda na antiga capela da cidade, o santo que ocupava o altar era São Brás, embora os fiéis acreditassem e rogassem por São Raimundo. A visita do Bispo da região teria esclarecido o equívoco e, aí sim, substituído a imagem do santo. Ver Clementino (2013, p. 55-56).

viúvo e com sete filhos pra criar. Diante das dificuldades em criar os filhos sozinhos, casa-se pela segunda vez e, aos 34 anos de idade, fica viúvo novamente. Retorna para o seminário em 1934. Concluída a formação de padre, celebra o casamento de uma de suas filhas, batizou seus netos, assistiu à ordenação de um dos filhos e veio a falecer em dezembro de 1972 (BEZERRA, 2013).

Padre Otávio também ficara conhecido no município por realizar casamentos proibidos, geralmente feitos às pressas e durante a madrugada, conforme destaca Clementino (2010), ao narrar o matrimônio escondido dos avós maternos, realizado em 1948.

Conhecedores dessa valiosa informação os dois resolveram então tramar uma fuga e organizar um casamento antes do raiar do dia. Para isso tinham que contar com o apoio de pessoas confiáveis. Essas seriam os padrinhos e se encarregariam de facilitar a saída de casa à surdina, madrugada adentro. Cavalos e mulas foram selados. Portas abertas silenciosamente e passos matreiros ensaiados até que o perigo já não os atingia. Dezoito quilômetros de cavalgada até a cidade e tudo estava resolvido. Depois de casada, recebida a benção do padre, pai nenhum desmancharia casamento de filha⁸³.

O referido padre ficou à frente dos trabalhos da Igreja Matriz de Várzea Alegre, entre 1935 e 1969. Afastou-se por problemas de saúde e faleceu em dezembro de 1972 na cidade de Recife. Três anos antes da morte de padre Otávio, chega a Várzea Alegre o Padre José Mota Mendes. Ao longo desses 45 anos à frente da igreja, o padre tem sido responsável pela propagação e transformação da conhecida Festa de São Raimundo. É no mês de agosto que a cidade se prepara para viver a sua maior expressividade de fé. De 21 a 31 deste mês Várzea Alegre se torna o centro das atenções da região, já que realiza a quarta maior festa religiosa do interior do Estado do Ceará. A cidade fica dividida entre eventos religiosos e sociais.

⁸³ Texto originalmente publicado no portal www.paraibaonline.com.br em agosto de 2010. Sobre a experiência de namoros e casamentos na estrutura familiar camponesa/migrante, ver Menezes (2006, p.106) que, ao analisar as memórias de mulheres camponesas migrantes do agreste paraibano, percebeu que “A recorrência de fugas entre as mulheres entrevistadas foi uma surpresa para nós, sabíamos que ocorria, mas não com tanta frequência e que remete a décadas do início do século XX”.

4.6.1 A festa de São Raimundo

Logo nos primeiros dias do mês de agosto pode-se notar que a população cria muita expectativa em relação à festa do seu padroeiro, São Raimundo Nonato⁸⁴. Na Igreja Matriz, localizada no centro da cidade, são realizados os eventos religiosos. Cabe ao administrador da igreja, ou seja, ao pároco local a responsabilidade de, junto com sua equipe, planejar, divulgar e executar todas as atividades relativas ao santo padroeiro, durante os 10 dias de festividade. A igreja, que é muito bem cuidada, recebe um tratamento mais especial ainda nesse período festivo.

Nos últimos anos, a Matriz de São Raimundo recebeu piso de cerâmica, aparelhos de ar-condicionado, vitrôs temáticos em toda a sua estrutura, além de um sistema de vídeo que transmite pelo site da paróquia as principais celebrações que ocorrem no seu interior. A proposta é levar, através da internet, a festa para aqueles varzealegenses que não residem no município.

Em Julho de 2014, durante uma de minhas viagens a Várzea Alegre, como parte da minha pesquisa, mas também para visitar meus familiares, estive na igreja para conversar com o Padre. Na oportunidade ele estava trocando todos os bancos “velhos” do interior da igreja por outros novos. Havia escutado antes, por uma devota de São Raimundo, que o padre “Era inteligente. Ele estava pedindo que cada família comprasse um dos bancos e nele (na madeira) seria desenhado o nome da família”. Perguntei quanto custava e ela falou que algo em torno de mil e quatrocentos reais. Momentos depois, passei na igreja e confirmei a informação com o próprio religioso: os bancos de um metro e meio custavam 1.375,00 e os menores algo próximo a 1.100,00. A notícia desse “zelo” do padre para com a igreja da cidade também foi destaque no principal site de notícias do município. A reportagem também destaca os valores dos últimos investimentos do religioso na igreja:

Os equipamentos empregados na igreja chamam a atenção pelo requinte, elegância e perfeição e objetivam atrair o público para a Festa de São Raimundo Nonato, de 21 a 31 de agosto. Nos últimos dois anos (2012 e 2013) foram investidos cerca de cem mil reais em vitrais com imagens de santos católicos em portas de vidro e portas em madeira

⁸⁴ As descrições etnográficas a seguir contaram com a presença do pesquisador em campo e com o apoio do radialista Nonato Alves Bezerra, que produziu em 2013 um vídeo documentário sobre as referidas festas realizadas em Várzea Alegre. (Festa do Padroeiro São Raimundo Nonato e Festa de agosto. Viva Vídeo, 2013, tempo aproximado, 2h 20min).

trabalhada, centrais de ar-condicionado, TVs e site com sistema de transmissão das missas pela internet⁸⁵.

Ao todo, foram adquiridos 80 novos bancos para a igreja e um altar de mármore, Além disso, todo este investimento, de acordo com o padre que está há 45 anos a frente da igreja, não tem outro objetivo, senão evangelizar e dar a melhor assistência possível aos fiéis de São Raimundo Nonato. Em 2014, a novidade foi a instalação de banheiros modernos no intuito de oferecer maior comodidade aos fiéis que visitam a paróquia e que participam das celebrações. Tudo para que os devotos de São Raimundo possam ser recebidos com aconchego, conforto e carinho. Os pontos altos da festa de São Raimundo Nonato em Várzea Alegre são a solenidade de abertura e o seu encerramento. Nos dois extremos ocorrem dois atos gigantescos que dão a dimensão da fé da nossa gente.

As providências começam um mês antes do início da festa e envolvem moradores que iniciam algumas ações para que os festejos ocorram. Uma dessas figuras chama-se Seu “Zé Luzia”, um senhor que vive na comunidade de Boa Vista, na Sede Rural do município. O seu trabalho na roça e o seu ofício diário fizeram com que ele tomasse para si uma das mais importantes tarefas dentro das festividades religiosas de agosto: escolher e cortar o “pau da bandeira”⁸⁶.

Mantendo a rotina do homem do campo, ainda bem cedo Seu “Zé Luzia” escolhe as ferramentas que utiliza em seu trabalho habitual na roça e começa a sua caminhada mata adentro. São horas caminhando a pé por trilhas que ele conhece bem. Outros moradores se juntam a ele na empreitada e vão em busca de um dos principais símbolos da festa de São Raimundo Nonato. Seu “Zé Luzia” já tem bastante experiência na escolha da árvore ideal, o que facilita o trabalho. Ele também sabe que deve ser uma árvore com uma altura considerável. A árvore escolhida deve ter em média 30 metros e altura, em cuja ponta mais fina, será colocada a bandeira com as cores do manto de São Raimundo, verde e vermelho. Depois de escolhida, o agricultor utiliza o machado para

⁸⁵ “**Matriz de São Raimundo ganha novos bancos e altar**” Disponível em <<http://varzeaalegre.com/portal/matriz-de-sao-raimundo-nonato-ganha-novos-bancos-e-altar/>> acesso em 07 de agosto de 2014

⁸⁶Ao “pau da bandeira” cabe a função de, simbolicamente, oficializar a abertura dos festejos ao padroeiro. É com esse mastro hasteado em frente à igreja matriz que se iniciam os Festejos a São Raimundo Nonato em Várzea Alegre.

derrubar a árvore. O trabalho pode levar algum tempo. Aos poucos, a árvore vai cedendo e todos esperam que ela caísse a qualquer momento. Com a madeira ao chão, é só fazer alguns ajustes, cortar os galhos e deixá-la ali mesmo para secar.

Em 21 de agosto, um novo ritual acontece. É um momento de extrema significação religiosa e profana. Centenas de pessoas fiéis realizam agora o traslado do pau da bandeira até a zona urbana do município. O mastro será fixado na praça da Igreja Matriz. O percurso é de nove quilômetros. Seu “Zé Luzia” comanda o ritual. Com o tronco suspenso nos ombros dos moradores da região, eles iniciam o percurso até a cidade. Pelo caminho, mais moradores vão aparecendo e engrossando o cortejo. O tronco é pesado, por isso há um revezamento entre os voluntários. Somado ao revezamento existem ainda as tradicionais paradas para um breve descanso. Nessas paradas acontece a socialização de bebidas como água, refrigerante e cachaça. Os mais dispostos não abrem mão de uma cachacinha para “torná-los mais dispostos”. Alguns desses chegarão ao destino embriagados.



Imagem 17: Fiéis conduzem o pau da bandeira, agosto de 2013

Fonte: página do facebook PMVA

O traslado do “pau da bandeira” é um acontecimento festivo. Uma banda de música acompanha todo o trajeto executando o hino do município alternado pelo hino de São Raimundo. A ordem para o início da “festa” do ritual de carregamento é dada pelo padre. Quanto mais se aproximam do centro da cidade, mais gente vai engrossando o cortejo e aderindo à festa de hasteamento do pau bandeira. Outra multidão espera

ansiosa pela chegada do mastro em frente à igreja matriz. Cada distrito é representado com uma bandeira afixada na Praça da Matriz.

O trabalho de hasteamento parece difícil e arriscado. Homens puxam cordas amarradas no topo do pau, enquanto outros suspendem a sua base utilizando, além das mãos, forquilhas como apoio. A multidão não cede e acompanha com entusiasmo e apreensão. Um membro da igreja orienta os homens que estão envolvidos com o hasteamento do pau da bandeira como devem fazer: “mais pra direita”, “mais pra esquerda”, “cuidado!” Ao mesmo tempo conclama a multidão para entoar cânticos religiosos e aplaudir o santo Padroeiro. Sob aplausos e gritos de euforia, a tarefa é cumprida. A bandeira com as cores do santo padroeiro está lá no alto e a festa de São Raimundo Nonato está aberta oficialmente.



Imagem 18: Solenidade de abertura da Festa de São Raimundo Nonato, 2013
Fonte: página Várzea Alegre no Facebook

O que se segue nos próximos dez dias são novenas, celebradas todas as nove noites, missas, salvas que acontecem pela manhã e ao meio dia, caminhadas diariamente com a imagem do santo por diversos bairros da cidade. Durante toda a semana, os fiéis de são Raimundo participam de celebrações das mais diversas. Sobre esse momento, o jornal Diário do Nordeste (2009, apud, BEZERRA 2013, p 48) destaca:

Os fiéis participam de duas caminhadas, diariamente, pela madrugada e no fim da tarde, em direção aos bairros. Em cada lugar os moradores improvisaram capela para receber a imagem do santo. Entre os participantes, houve muitos pagadores de promessas. Eles usavam

roupas brancas e vermelhas, as cores das vestes de São Raimundo Nonato, considerado o padroeiro das grávidas⁸⁷.

Para quem não pode ir à igreja ou não reside no município, existe a possibilidade de acompanhar a programação religiosa através do rádio ou pela internet. Em 31 de agosto, dia dedicado ao santo, ocorrem celebrações pela manhã. Já no final da tarde, uma imensa procissão toma as ruas da cidade. Especialmente nesse dia, é comum encontrar os “pagadores de promessas”, pessoas que se submetem a algum tipo de sacrifício - realizar o percurso descalço, de joelho, com uma pedra na cabeça, vestido com o manto semelhante ao do santo, etc. - como forma de agradecer uma graça alcançada através do santo. Estes momentos são geralmente vividos juntamente aos familiares e amigos. Muitos estão ali simplesmente para agradecer por mais uma festa em homenagem a São Raimundo Nonato.

4.6.2 A festa de agosto

Se você perguntar às pessoas comuns que participam dos festejos no mês de agosto em Várzea Alegre, poucos saberão diferenciar esses dois eventos que acontecem concomitantemente na cidade. Mas há um esforço, principalmente da igreja católica, em afirmar que paralela à festa de São Raimundo, momento por excelência de religiosidade, ocorre também a Festa de Agosto, um segundo momento que consiste na experimentação do festejar não religioso, do mundano, da bebedeira e da reunião profana. Também não é possível afirmar que são públicos diferentes que vivenciam esses dois momentos. O fato é que, durante esses dez dias, acontecem em outras partes da cidade diversos eventos. Cabe destacar o parque de diversões, muito utilizado por famílias, geralmente os pais levam seus filhos para brincar nos equipamentos disponíveis e as tradicionais barracas, onde são comercializadas bebidas e comidas. Este espaço é frequentado quase que somente por jovens e adultos. É o lugar da paquera, do xaveco e da exposição pública da roupa, do calçado(a), do namorado novo(a), do

⁸⁷São Raimundo Nonato nasceu na Espanha em 1.204. Recebeu o nome de Nonato “non natus”, isto é, não nascido. Sua mãe morreu antes de dar a luz. Ele fora extraído do corpo inerte de sua mãe e por isso invocado padroeiro das parturientes e parteiras. Este fato de São Raimundo cuidaria das grávidas, certamente rendeu a Várzea Alegre o título de cidade dos “Raimundos e Raimundas”. Isso porque não é raro encontrar exemplos de famílias que homenageiam o santo padroeiro, dando-lhes o nome dele aos seus filhos.

reencontro de amigos, da confraternização dos colegas de trabalho, do reviver dos migrantes que geralmente ao deixarem o município levam consigo as boas lembranças vividas nas barracas da Festa de Agosto. Nas barracas acontece ainda a apresentação, ao vivo, de artistas locais.

O horário de maior movimento nesses espaços das barracas possui uma relação direta com a celebração religiosa, com o momento de exaltação do santo lá na igreja matriz. Somente após o término da novena, por volta de oito e meia da noite, é que as barracas têm sua completa lotação. Por isso não tem como afirmar que aquele público, profano é diferente do outro público, religioso. Há ainda outra relação entre o funcionamento das barracas, festa pública e de rua, com o funcionamento dos clubes, lugar das festas privadas. Por volta de meia noite quase não se encontra grandes movimentações nas barracas, inclusive as apresentações ao vivo tem hora para encerrar. A ideia é permitir que todos os espaços festivos sejam experimentados, sem conflito, pelos promotores desse evento. Aos poucos, as barracas vão sendo esvaziadas e as pessoas seguem para os shows de artistas e bandas conhecidas que acontecem nos clubes.

Além das opções de diversão que estão disponíveis durante os nove dias nas barracas e, mais fortemente, nos finais de semana nos clubes privados, a prefeitura patrocina, nos últimos três dias de festa, a apresentação de artistas no Parque Cívico São Raimundo Nonato. Em 2013, entre outras atrações, passaram pelo palco montado nessa área, “Aviões do Forró”, o cantor “Caninana” e as bandas “Bonde do Brasil”, “Forró 100%,” e “Forró do Bom”.

Há ainda, dentro dessa programação laica desenvolvida no mês de agosto em Várzea Alegre, um espaço reservado na festa para a divulgação da cultura local. Criado em 2004, o “Barracão Cultural” é estrategicamente montado na Avenida Luiz Afonso Diniz, mesmo espaço onde estão dispostas as barracas. No barracão é possível encontrar peças de artesanato produzidas por artesãos do município, comidas típicas, homenagens a artistas locais, e acompanhar a apresentação de grupos musicais e artísticos formados por alunos de escolas de todos os distritos do município. O “Barracão Cultural” é uma iniciativa da Prefeitura Municipal, um de seus idealizadores menciona alguns dos objetivos do espaço.

O Barracão Cultural ele, cada ano traz um... um... um pouco da história de um segmento é, agrícola ou cultural, qualquer um que seja, já trabalhamos o assunto arroz, terra do arroz, já criemos... já trabalhamos Padre Vieira, já trabalhamos Zé Clementino, enfim... então em agosto, aquele filho de Várzea Alegre que tá aqui, ele vai no barracão e vive um pouco da nossa cultura. Isso engrandece, isso chama a atenção para que ele né... principalmente as novas gerações. Então eu sempre fiz muito com essa preocupação e a festa lá dos varzealegenses, ela tem também essa preocupação, mas eu não vejo como uma... uma forma, vamos dizer assim, de tornar ela uma identidade ou com... com... com alguma característica da Festa de São Raimundo.

Em 2013, o tema escolhido para ser trabalhado no Barracão foi a musicalidade do povo varzealegrense. Com o slogan “Várzea Canta e Encanta”, foram retratados os principais ícones da música da nossa cidade.



Imagem 19: Público visita o Barracão Cultural durante a festa do padroeiro, agosto de 2013

Fonte: página do facebook PMVA

Na edição de 2013, o Barracão destacou a importância do compositor Zé Clementino, que mais uma vez tem a parceria com Luiz Gonzaga reforçada pela mídia regional.

No final dos anos de 1950, o baião que era o ritmo da moda, passa a ser substituído pelo "Iê, Iê, Iê", e pela Bossa Nova. O cantor e sanfoneiro, Luís Gonzaga, que durante a década havia feito muito sucesso com as composições de Humberto Teixeira e Zé Dantas, entra em crise. Na época, Gonzaga pensava que era o fim de sua carreira artística e até gravou a música, "A hora do Adeus". O destino quis que em 1965, o Rei do Baião se encontrasse com o funcionário público dos Correios,

José Clementino, de Várzea Alegre. (DIÁRIO DO NORDESTE, versão online)⁸⁸.

Outras personalidades também foram homenageadas. Entre elas, os sanfoneiros Pedro Sousa e Chico de Amadeu, Expedito do Pandeiro e Geraldo Teté. A Banda de Música Maestro José Ribeiro também foi homenageada pelos seus 100 anos de existência e pela sua contribuição para a Barragem cultura musical varzealegrense. Os seus antigos membros e fundadores foram lembrados numa exposição de instrumentos e fotos da época e os integrantes atuais receberam o reconhecimento do seu trabalho, através de uma Menção Honrosa oferecida pela Prefeitura Municipal.

O “Barracão Cultural” também serve de cenário para o lançamento de livros. Os escritores varzealegrenses fazem questão de apresentar suas obras neste espaço. Em 2013, algumas publicações foram lançadas. O médico Sávio Pinheiro lançou a trilogia “Dedo de Prosa, Punhado de Versos”; “Marco do Miolo do Pinheiro” e “Estrela Dalva”. Nessa mesma oportunidade, lancei a biografia do compositor Zé Clementino. Trata-se do livro “Zé Clementino – O matuto que devolveu o trono ao rei”, editado através do selo Latus da EDUEPB e que narra a história do compositor varzealegrense, sua relação com o Rei do Baião, Luiz Gonzaga, sua vida boemia nos bares de Várzea alegre e sua relação umbilical com a “terra dos contrastes”.



Imagem 20: Solenidade de lançamento do livro “Zé Clementino: o ‘matuto’ que devolveu o trono ao Rei”, Agosto de 2013

Fonte: Jornal Várzea Alegre

⁸⁸ “Barracão Cultural agita Várzea Alegre”, disponível em <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/barracao-cultural-agita-varzea-alegre-1.413134> acesso, 22 de julho de 2014.

Sobre esse lançamento valem algumas considerações que denotam os conflitos existentes, mas nem sempre visíveis, no espaço da festa. Comuniquei com antecedência de pelo menos dois meses que desejaria lançar o livro no Barracão Cultural durante a Festa de Agosto, por ser a terra de Zé Clementino e por este local estar homenageando o biografado. O Secretário de Cultura gostou da ideia e, ele mesmo, definiu a data do lançamento, sábado, 24 de agosto de 2013. Para o lançamento convidei toda a família Clementino e, em especial, o irmão mais novo e parceiro de Zé, o músico Barragem Clementino. Paulo reside em Fortaleza e pediu que a sobrinha dele conversasse com os organizadores do barracão para providenciarem um som para que ele pudesse interpretar algumas das composições de Zé. Isso teria sido informado à comissão, que garantiu “ele pode usar a estrutura de som que existe no palco”. Barragem só chegou a Várzea Alegre duas horas antes do lançamento do livro e foi imediatamente ao barracão ver se o som era compatível com os instrumentos que ele desejaria usar. Chegando lá viu que não tinha condições de fazer a apresentação porque nada do que haviam prometido tinha sido providenciado. No momento estava um assessor do secretário no local, chamaram então o secretário e nada pode ser feito: o som estava montado para outras apresentações. Irritado, Barragem disse que a cidade não respeitava a memória de Zé Clementino, que tudo o que eles faziam era de má vontade e que, por ele, o livro não seria lançado no barracão.

Barragem não só se negou a se apresentar naquele espaço, como também sugeriu que eu não lançasse o livro ali. “Eu não piso mais aqui nesse barracão”. Depois que Barragem saiu do local, bastante irritado, a sobrinha dele, responsável pela articulação, veio conversar comigo sobre o problema e perguntar se eu “topava” fazer o lançamento numa barraca da família, onde se apresentava um sobrinho de Barragem e que lá podiam “fazer a festa dos Clementino”. Expliquei pra ela que o livro podia ser apresentado lá na barraca também, mas que antes deveria ser lançado no Barracão Cultural, por um motivo óbvio: toda a divulgação feita em emissora de rádio, TV, jornais impressos, redes sociais, etc., já havia noticiado o lançamento no Barracão Cultural. Não havia mais tempo hábil para fazer essa mudança e informar o público. Ela concordou com a minha argumentação e prometeu que, embora nenhum dos Clementinos fosse subir ao palco, ou seja, não teria a fala de nenhum irmão, primo ou parente do Zé Clementino durante o lançamento do livro no Barracão, todos eles, com exceção de Barragem, estariam ali prestigiando o momento. Em silêncio, como forma

de protesto. E que após o lançamento iríamos para a barraca da família Clementino onde faríamos outro lançamento. E assim foi feito. No Barracão ninguém da família Clementino se manifestou. Quando fomos para o “segundo lançamento” da noite o próprio Barragem fez um longo agradecimento ao microfone e me convidou pra cantar com ele e o sobrinho, no palco, uma composição de Zé.



Imagem 21: Segundo lançamento do livro sobre Zé Clementino, Agosto de 2013
Fonte: arquivo próprio autor

Isso nos leva a crer que a festa não está isenta de uma racionalidade própria, de uma lógica funcional que a rege e a organiza. Racionalidade esta que inclui preferências partidárias e ideológicas, ao mesmo tempo em que desclassifica os desafetos ou inimigos políticos. É interessante notar ainda que “os clementinos” fazem parte da oposição partidária do atual governo. Por isso boa parte dos desabafos de Barragem , quando se negou a participar do lançamento no espaço criado pelo governo municipal, foi no sentido de dizer que o “Zé Clementino era apartidário. Ele gostava de Várzea Alegre”. Para ele, se não fosse a oposição que estivesse no poder, todo aquele desconforto teria sido evitado. Ou seja, isso nos leva a pensar que a festa, aparentemente de todos, democrática, etc., tem um dono. Mas conforme veremos a seguir, a(s) festa(s) em Várzea Alegre possui mais de um dono.

4.6.3 O(s) dono(s) da(s) festa(s)

Há quem diga que são duas festas, uma do padroeiro São Raimundo Nonato e outra do mês em que é realizada, agosto. O fato é que as pessoas não sabem muito diferenciar uma da outra. É muito comum ouvir entre os migrantes a expressão: “Vou pra festa de agosto”, que, não necessariamente, significa frequentar apenas as barracas e os clubes. Muitas vezes, participar da “festa de agosto” é assistir a missas e novenas, ou seja, estar presente no espaço religioso do evento. Ou pode significar ainda ir à missa e depois às barracas, quiosques e clubes. Não necessariamente um espaço vai obrigatoriamente excluir outro. O fato é que, tanto a festa do Padroeiro São Raimundo Nonato, quanto a festa de agosto, parece possuir um único dono: O padre local. É ele e não o padroeiro que possui o controle sobre praticamente tudo. Ao santo prestam-se homenagens e são oferecidos donativos arrecadados em todas as comunidades do município. Arrecadações feitas por grupos, as comissões. São elas que ajudam na realização da festa religiosa numa experiência semelhante à analisada por Lanna (1995, p. 175), em São Bento, município do estado do Rio Grande do Norte. “Em São Bento, as comissões arrecadam geralmente ovos, frangos e cocos das pessoas mais pobres. (...). Os fazendeiros mais ricos dão novilhos, bodes ou carneiros; políticos e remediados dão dinheiro...”. Em Várzea Alegre também se nota essa diferenciação nos donativos entre aqueles mais pobres, que geralmente doam ovos, galinhas, pequenas quantidades de legumes ou quantias mínimas em dinheiro, e os financeiramente mais privilegiados, que em geral doam ao padroeiro grande quantidade de dinheiro, animais e prêmios para serem sorteados em bingos pela igreja.

Não queremos aqui apenas apontar as semelhanças entre as características da festa analisada por Lanna (1995) e a festa do padroeiro de Várzea Alegre, até porque elas possuem várias diferenças, influenciadas talvez pelo contexto geográfico e pela distância temporal em que o mesmo fez a pesquisa. A diferença mais sintomática talvez esteja no fim destinado aos donativos arrecadados pela igreja, também chamados de “esmolas”. Não há em Várzea Alegre, durante a festa do padroeiro, a realização de leilões com a soma dos donativos arrecadados por todo o município (LANNA, 1995) e, em grande medida, enviados por “Filhos–Ausentes” bem sucedidos - comerciantes, empresários e políticos (PIRES, 2012). Todo o material arrecadado é comercializado pelo pároco local. Cabe a ele encontrar um comprador para os mais variados tipos de produtos. Ao final do último dia festa, ou seja, no dia 31 de agosto, o religioso usa o

programa de rádio, transmitido pela emissora local, para “prestar conta” de tudo o que foi arrecadado. Tal exposição de custos e da renda final é sempre motivo de desconfiança por parte da população que questiona o real destino do dinheiro. Expressões do tipo: “esse ano o padre lavou a égua”, sugerem que parte daquele dinheiro poderá ser usado para outros fins, que não zelar da igreja, por se tratar esse dinheiro de uma propriedade de santo, como nos lembra Lanna (1995).

Em Várzea Alegre, as pessoas sabem que o padre possui um controle sobre a festa de uma forma geral, e que esse poder religioso ultrapassa, inclusive, o espaço do sagrado. Em 2013, enquanto estive em campo, escutei um representante da atual administração pública local proferir a seguinte expressão, em tom de protesto ao monopólio do poder da autoridade religiosa: “Aquele ‘bode velho’ não vai terminar a missa não!!”. Esse desabafo, que saiu de forma tão espontânea, era pelo fato de as apresentações culturais só serem iniciadas após a celebração religiosa desenvolvida na Igreja Matriz. O que estava previamente acordado entre poder público e igreja era que as missas deviam ser encerradas em até oito e meia da noite para assim terem início as apresentações culturais. Neste dia, já se aproximava das nove da noite, mas o padre não encerrava/concluía a celebração, atrasando toda a programação cultural da festa. Isso nos remete à ideia de que existem outros donos da festa. Ou que pelo menos há uma disputa entre autoridades políticas, na figura da Prefeitura Municipal e suas secretarias e o poder religioso, representado pela igreja, especialmente pelo padre, no comando da(s) festas(s).

Embora expressões pejorativas, e até de certo modo agressivas, ao pároco local, seja algo comum entre os varzealegrenses, durante a festa e em outras ocasiões ao longo do ano, elas costumam aparecer em rodas de amigos ou no espaço da casa, entre conhecidos ou pessoas de confiança. Evita-se que essas manifestações de revolta cheguem até o padre. É como se o povo de Várzea Alegre, embora reconhecesse e discordasse dos excessos da liderança religiosa, considerasse aquilo perfeitamente legítimo, inquestionável publicamente. Assim, segue-se uma espécie de “revolta velada” sobre os preços cobrados por casamentos, batizados e celebrações de missas. Mesmo com esses “exageros”, o padre ainda é aquela figura extremamente respeitada por pobres e ricos que costuma receber visita de políticos e presentes de pessoas simples.

O programa de rádio onde o religioso faz a prestação de contas com os fiéis sobre todo o material arrecadado na festa é transmitido em dois horários diários: as

cinco da manhã com a “Alvorada” e ao meio dia com a “Salva”. Ao longo de nove dias o padre aproveita para divulgar, de maneira individual, as “esmolas” ofertadas pelos devotos. A rapidez com que os nomes são lidos e dependendo da oferta dada ao santo geram piadas um tanto quanto desagradáveis. Ex: “Fulano de tal, um porco”; “Fulana de tal, uma galinha”, etc. Mas, no geral, as pessoas se sentem privilegiadas ao ouvirem seus nomes mencionados na emissora de rádio local e, ao mesmo tempo, isso estimula a realização de doações de maior valor.

Até mais ou menos uns dez anos atrás era o próprio padre que saía em comitiva pelas comunidades, coletando as doações dos devotos. Isso agregava valor tanto a quem doava, quanto a quem recebia. O padre sustentava a imagem de homem presente, cuidadoso e amigo dos católicos. Os devotos sentiam-se prestigiados em receber o santo padre em suas casas. Com o passar do tempo os problemas de saúde do religioso, associado aos esforços que aquelas viagens exigiam, fez com que o padre transferisse essa missão para as comissões que representam legalmente a igreja em cada comunidade. O religioso sugeriu ainda que os devotos poderiam se deslocar até a cidade levando sua doação e entregando-a na secretaria paroquial. O fato é que, aparentemente, a ausência do religioso nas comunidades pouco interferiu no montante final arrecadado durante a festa. Embora a festa tenha essa figura que se assemelha ao dono, o proprietário, aquele que coordena e manda no evento, é importante salientar que, da mesma forma do município potiguar analisado por Marcos Lanna (1995), a festa do padroeiro de Várzea Alegre pode ser percebida como uma “celebração comunal”, uma vez que as comissões de cada distrito se unem para arrecadar, em todas as casas das comunidades, as doações ao santo. Para além dessa compreensão, a festa também possui uma espécie de dono, incorporado na figura do pároco local. O envolvimento da comunidade na realização do evento, não diminui, mas pelo contrário, só demonstra o quanto o religioso possui influência sobre os devotos do padroeiro. Influência esta que ultrapassa os limites do município, e, como era de se esperar, atinge a “comunidade” formada pelos varzealegenses em São Paulo. Especialmente os que habitam a região do ABC paulista (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul).

4.7 A relação dos migrantes com as festas

A festa, assim como as experiências culturais, caminha junto com o migrante. Este pode ser destituído da terra, que apesar de cultivá-la, nem sempre lhe pertence, do convívio com seus familiares. Mas no matulão do migrante vão diversos elementos que compõem a sua vida, a sua cultura, os seus hábitos cotidianos, como bem lembrou Gonzaga na música “Pau de Arara⁸⁹”.

Quando eu vim do sertão,
 Seu môço, do meu Bodocó
 A malota era um saco
 E o cadeado era um nó
 Só trazia a coragem e a cara
 Viajando num pau-de-arara
 Eu penei, mas aqui cheguei (bis)
 Trouxe um triângulo, no matolão
 Trouxe um gonguê, no matolão
 Trouxe um zabumba dentro do matolão
 Xóte, maracatu e baião
 Tudo isso eu trouxe no meu matolão

A composição destaca as experiências culturais, o xote, maracatu e baião são considerados ritmos musicais inerentes ao povo migrante nordestino que foram conduzidos, levados por eles, nesse ato de deslocar-se. O “matolão” pode ser compreendido como o próprio migrante em si que conduz junto com ele as suas experiências de vida, seus saberes, costumes, etc. No caso da migração entre Várzea Alegre e a região do ABC paulista, pelo que nos informaram os próprios migrantes, não era uma prática realizada apenas pelas pessoas oriundas das famílias mais pobres e menos tradicionais do município cearense. Havia registros de migrantes pertencentes a famílias tradicionais da cidade. É importante dizer que o grupo aqui analisado não pode ser classificado como pertencente à estas famílias mais tradicionais de Várzea Alegre. Em sua maioria, são migrantes filhos de pequenos agricultores rurais.

Contudo, como forma de demonstrar esse sentimento de pertença ao município cearense, os varzealegenses que habitam São Paulo, teriam contribuído para a formação de grupos de voluntários que passaram a desenvolver atividades festivas, para arrecadarem fundos que seriam destinados, por exemplo, à reconstrução da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato, em Várzea Alegre. A torre da Igreja desabou no início dos anos 1980, depois de uma forte chuva. As razões para a queda foram infiltrações e desgaste provocado pelo tempo. Os varzealegenses em São Paulo logo se uniram pra

⁸⁹ Composição: Guio de Moraes e Luiz Gonzaga. RCA Victor, 1952.

ajudar na reconstrução da torre. Como retribuição a esse gesto “patriota”, “de amor à terra natal” e “devoção ao Santo Padroeiro”, bem como forma de gratidão aos varzealegrenses que residiam em São Paulo, o Padre organizou um mutirão, responsável por conduzir uma imagem do santo padroeiro até São Paulo. “Foi exatamente quando levaram esse santo pra lá. Foram muitos, acho que três ou quatro ônibus lotados pra lá, pra ficar uma semana lá. Fazendo a festa. Em 1982. No mês de agosto⁹⁰. Com essa comitiva toda. Quatro ônibus lotados da Itapemirim. E foram e levaram São Raimundo que hoje está lá naquela capelinha da Igreja ali de Ferrazópolis”.

Em torno desse fato, é possível traçar uma correlação social mais vigorosa entre os núcleos sociais de varzealegrenses em São Bernardo e outras cidades do Estado, e entre São Bernardo e Várzea Alegre, propriamente dita. O processo de deslocamento populacional entre Várzea Alegre e outras regiões do Brasil, na segunda metade do século XX, foi fortemente facilitado pela criação de uma empresa de ônibus que, posteriormente, se tornaria conhecida em todo o Nordeste. Trata-se da Auto Viação Varzealegrense, fundada no final dos anos 1940.



Imagem 22: Fotografia da empresa Viação Varzealegrense, datada dos anos 1960
Fonte: blog memoria varzealegrense

Pelos relatos de migrantes que participaram desses deslocamentos nesse período, essa não era a única viação que transportava o varzealegrense para São Paulo. Veja o que diz esse informante que foi pra São Paulo pela primeira vez em 1968.

⁹⁰ Há uma imprecisão quanto à data desse acontecimento. Alguns informantes dizem que foi em outubro de 1982.

Aqui tinha a Viação Caririense, Auto Viação Caririense e Auto Viação Varzealegrense, que viajavam daqui pra São Paulo. Era uma loucura, você pegava com dezoito anos, com poucas condições financeiras, com pouco estudo na época e pegava o ônibus e ia pra São Bernardo. É coisa de muita coragem. O cabra com dezoito anos. A mãe e o pai sentiam muito porque de uma cidadezinha que nem Várzea Alegre pra ir pra um lugar grande como São Bernardo do Campo, mas a gente ia e chegando lá a gente ia começando tudo isso. O Varzealegrense chegava, arrumava um emprego, arrumava um cantinho pra ficar. Você chegava, depois a gente já ia dando um apoio pra você arrumar um emprego. Ficando responsável pelos outros. (SÃO SCOME, 63 anos, Várzea Alegre – CE, janeiro de 2014)

O empresário idealizador da Auto Viação Varzealegrense, Chagas Bezerra, costumava realizar viagens a bordo de um caminhão “pau de arara”, entre Várzea Alegre e São Paulo, no início dos anos 1940. Eram longas e difíceis viagens, que podiam demorar de 20 a 30 dias. Diante dos desafios apresentados pelas estradas e, em função das prolongadas demoras, o caminhoneiro tinha por hábito despedir-se da esposa com a palavra “Adeus” e não, um “até logo”. Era como se cada viagem fosse a última.

Com a aquisição dos primeiros ônibus da frota, no início dos anos 1950, os principais destinos, realizados pela empresa eram, além de algumas cidades do Ceará, estados como Piauí, Pernambuco e principalmente São Paulo. A Auto Viação Varzealegrense percorria as seguintes linhas: Crato-Teresina, Crato-Florianópolis, Crato-Rio de Janeiro e São Paulo, Crato-Iguatu, Crato- Juazeiro, Crato-Várzea Alegre. Além do transporte de passageiros, a empresa ficou conhecida também no transporte de mercadorias, pois ao retornar de suas demoradas viagens ao Sul do país, o empresário preparava o veículo para o transporte de algodão de Várzea Alegre para Campina Grande-PB.



Imagem 23: Desembarque de varzealegrenses, vindos de São Paulo pela empresa Viação Itapemirim, datada do final dos anos 1970

Fonte: blog Memória varzealegrense

Os deslocamentos da população varzealegrense para São Paulo e sua fixação na região do ABC Paulista entre os anos 1950-1980 irá permitir a esses migrantes o contato com uma conjuntura política e econômica capaz de contribuir para o desenvolvimento de uma consciência coletiva, fora de suas raízes, havendo a necessidade de se buscar, na música, na dança, e outras manifestações culturais os laços que deveriam unir esse povo. Nos relatos dos migrantes, a política em Várzea Alegre é representada como clientelista, de dependência e de “votos de cabresto”. É possível perceber isso, especialmente no que se refere à política, quando ouvimos as narrativas de ex-metalúrgicos, colhidas por Eduardo Coutinho para o filme *Peões*, especialmente entre aqueles varzealegrenses que se envolveram nos movimentos grevistas dos anos setenta. “Toda vida estive do lado do trabalhador. Sou esquerda até morrer⁹¹”; “Se eu tivesse aqui hoje o que eu sabia era pegar uma foice e ir pra roça. Não sabia nada de militância. Eu ia votar, hoje eu ainda tava votando no que meu chefe político mandasse né. O voto chamado voto de cabresto não é⁹²”.

A experiência do deslocamento permitiu a esses informantes varzealegrenses uma espécie de libertação das forças políticas locais e o despertar de uma consciência de luta pelos direitos. Ao mesmo tempo em que sair de Várzea Alegre permitia ao migrante essa ampliação dos horizontes sociais e políticos, colocando-o em contato e envolvimento com esses movimentos coletivos, que o libertava da opressão de uma política coronelista na origem, razões semelhantes, de exploração do trabalho, levava-o a luta em São Paulo. “Era sofrimento. A gente era tratado como escravo. Eu cansei de largar uma máquina, pra não bater na cara de um chefe. Ir pro banheiro, chorar dentro do banheiro. Cansei de fazer isso aí⁹³”. O informante confessa que tal experiência de exploração era comum não apenas numa empresa, mas em várias metalúrgicas da região do ABC. Eles se submetiam a exploração com medo de perder o emprego. O único jeito teria sido se unir, participar das reuniões dos sindicatos e participar das greves.

Se os que estavam na região do ABC lutavam por melhores condições de trabalho, os que permaneciam em Várzea Alegre desejam participar daqueles movimentos. Ou seja, o desejo de fazer parte da luta estimulava novos deslocamentos

⁹¹ Zé Pretinho, ex-metalúrgico aposentado, relato feito para o filme “*Peões*”, 2002.

⁹² Bezerra, ex-metalúrgico aposentado, relato feito para o filme “*Peões*”, 2002.

⁹³ Zacarias, ex-metalúrgico aposentado, relato feito para o filme “*Peões*”, 2002.

como afirma essa varzealegrense que fez parte da direção do sindicato dos metalúrgicos do ABC.

Eu ficava muito emocionada na época da greve, assim na época da greve de setenta e nove a gente não tinha televisão, mas eu escutava no rádio e eu achava aquilo tão bonito, alguém lutando pra conseguir alguma coisa né. Que até, naquele tempo, lutar, brigar pelos seus direitos, era proibido não é. E a gente só via os poderosos mandar nos mais fracos e ninguém podia fazer nada, nem dizer nada. Quando eu ouvi aquilo eu ficava pensando: meu Deus, será que um dia eu vou tá nesse lugar e participar dessas lutas também? E aí em oitenta e um eu fui pra São Paulo. Eu fiquei como metalúrgica lá de oitenta e cinco a noventa e quatro. E voltei e lá em noventa e oito⁹⁴.

São Paulo aparece nesse depoimento como um lugar de aprender a lutar. Comerford (1999) analisa os múltiplos sentidos/significados do termo “luta” para os trabalhadores rurais da região de Santa Maria da Vitória e Coribe, no oeste da Bahia. No contexto que estamos apresentando, podemos entender a “luta” enquanto a busca por direitos. Mas luta, nas narrativas dos migrantes, também aparece com o sentido de descrever situações de sofrimento, de exploração, bem como de busca de melhor condição de vida, etc.

Ambiente de transgressão das normas e regras estabelecidas. Experiências que levam à novas formas de organização e mobilização. Sem perder de vista a terra natal. “Eu sempre vinha. Nesses trinta e quatro anos, acho que eu vim umas trinta e umas viagens. Sempre fui um eterno apaixonado por Várzea Alegre”.

A festa do padroeiro de Várzea Alegre chegou a ser realizada em São Bernardo do Campo pelos próprios varzealegrenses. Especialmente para aqueles que não podiam se deslocar até o Ceará e acompanhar o evento, como diz esse ex-presidente da Associação Beneficente dos varzealegrenses. “Na minha época, eu organizava a festa de São Raimundo lá. Só que essa é no começo de agosto, aqui começa dia vinte e um. Até pra lembrar, pra quem não podia vir pra festa aqui”. Na religiosidade, na política e na cultura, foi se construindo um movimento de conexão e aproximação entre Várzea Alegre e SBC capaz de gerar decretos, como destaca esse migrante. “Dentre essas relações de cidadania, construída cotidianamente, nas comunidades, e junto ao poder

⁹⁴ Socorro, ex-funcionária da Volkswagen do Brasil, relato feito para o filme “Peões”, 2002.

público do município, São Bernardo e Várzea Alegre assinam um decreto de co-irmandade, onde ambas se reconhecem na condição de cidades-irmãs”.

Essa integração se configura, também, com as trocas de gentilezas e dádivas simbólicas, como títulos de cidadão, são-bernardense e varzealegrense, ofertados à figuras públicas dos dois municípios. Em 2008 a comunidade varzealegrense elegeu para vereador em SBC um dos seus filhos, o cidadão Matias Fiuza (PT), com 5.098 votos na 3ª maior votação do partido, sendo o 6º mais votado entre os 470 candidatos da cidade de São Bernardo do Campo. O comerciante, formado em direito, foi metalúrgico na região do ABC e lançou-se candidato pela primeira vez em 2004 ao legislativo de São Bernardo do Campo. É apresentado na página da câmara municipal como “Líder comunitário de movimentos sindicais, políticos sociais e culturais, participou ativamente da criação da Associação Cultural Beneficente Várzea Alegrense em São Bernardo do Campo”. Na última eleição, Matias Fiuza ficou na suplência de vereador e em julho de 2015 voltou a assumir uma cadeira na Câmara pelo Partido dos Trabalhadores.

Muitos desses varzealegrenses na condição de “Filhos-Ausentes” também cooperam com os lucros da igreja, ofertando as “esmolas” do Santo Padroeiro. Algumas dessas ajudas são um tanto quanto generosas. Há ainda aqueles casos em que o varzealegrense, devoto de São Raimundo, não pode vir até a cidade acompanhar a festa, mas deposita na conta da igreja a sua esmola. Todos os dias, ao meio dia, o padre repete um ritual, transmitido pela emissora de rádio local, que inclui uma breve oração chamada de “Salva” e a leitura das contribuições doadas pelos fiéis. É possível ouvir donativos que vão desde um, dois, a 500 (quinhentos reais). Até o final dos anos 1990 era comum esmolas como: galinhas, patos, sacos de arroz, quarta de feijão, porcos, etc. Hoje, inclusive o próprio religioso recomenda que as “esmolas” sejam doadas em dinheiro, para facilitar a vida da comissão organizadora. Somado a isso, é promovido, há uns 20 anos, um bingo que premia os vencedores com motocicletas. A comunidade religiosa é envolvida na comercialização das cartelas e toda a renda é revertida para a igreja.

Os organizadores desses eventos sabem da força e da importância dos “Filhos-Ausentes” que se fazem presentes a essas festas. E se preparam para receber esse visitante temporário. Quando estes “festeiros” não são acolhidos nas casas de familiares, amigos ou conhecidos na cidade, eles costumam alugar quartos de hotéis, pousadas e

casas que são colocadas à disposição nesse período. A programação religiosa também dedica parte de seu ritual para “acolher” o visitante. O padre, todas as noites, cumprimenta durante a novena, especialmente o “varzealegrense que está de volta a sua terra”. Deseja a ele boa acolhida, “boas festas” e um “excelente retorno”.

As festas acima descritas, bem como a presença do varzealegrense em SBC, demarcam algumas estruturas de poder político, econômico, simbólico e também reafirmam alianças sociais - entre os próprios migrantes com seus conterrâneos no destino e na origem -, políticas - com a inserção do migrante em espaços de poder político, especialmente em São Paulo-, e religiosas - a festa do padroeiro que acontece em São Paulo e em Várzea Alegre, conectando esses dois mundos: do trabalho e da festa. Festas que marcam temporalidades: tempo de vida, de diversão em oposição ao tempo de trabalho, de solidão, de anonimato. O que é muito comum nestes eventos, além das demarcações das temporalidades, são as ritualizações de passagem do tempo que apontam momentos históricos e memórias de seu povo. O migrante tem no período de realização das festas um marco histórico que faz referência à acontecimentos: casamentos, batizados, falecimentos, despedidas, etc.

Se os eventos festivos, especialmente os realizados no mês de agosto em Várzea Alegre, atraem os migrantes que retornam para viver a festa na origem, reencontrar a família e aproveitar ao máximo o tempo do livre, a Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo também reúne um público específico que busca anualmente se fazer presente: são as autoridades políticas do executivo e legislativo, além de empresários que fazem esse percurso inverso até a cidade paulista.

No capítulo seguinte procuramos analisar a festa e suas apropriações políticas e midiáticas. Entendemos que a “comunidade” varzealegrense em São Bernardo do Campo possui uma representativa força eleitoral, quer seja no município paulista, quer seja na cidade cearense. Os políticos percebem isso e, de certa forma, se apropriam desse espaço, da festa, com seus discursos. Da mesma forma, a mídia, com um discurso ideológico, procura reforçar as “ações” e as presenças desses gestores públicos e apresentam ainda uma festa com características de resgate da tradição e manutenção de uma identidade.

CAPÍTULO V – FESTA, POLÍTICA E MÍDIA

Neste capítulo tratamos de entender, a partir dos discursos midiáticos e políticos realizados durante e depois da festa dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo, como este lugar de “reencontros”, “confraternização” e sociabilidade pode ser utilizado enquanto espaço de projeção pessoal, especialmente do sujeito na condição de político. Para nos ajudar nessa análise, recorreremos a trabalhos como Chaves (2003), que no texto “Festas da Política”, analisa, através de uma pesquisa etnográfica realizada no município de Buritis – MG, como a política efetivamente se faz a partir de alguns valores centrais que, encontrados no interior do país, compõem o repertório geral da sociabilidade no Brasil. Recorreremos ainda a Palmeira e Heredia (2010), especificamente ao texto “Política ambígua”, que estuda o esquema de funcionamento da política em cidades pequenas, especialmente de famílias oriundas de comunidades rurais, sítios, onde o voto não costuma ser praticado de maneira individual. Faremos referência também aos textos já citados longo da tese, como os trabalhos de Lima (2008, 2011), no campo da antropologia política. Por fim, no contexto da sociabilidade, articulamos a experiência de campo com o trabalho, também já referenciado, de Simmel (2006). São discursos tomados para análise a partir das intencionalidades de seus emissores, pessoas políticas e canais de comunicação, sites e blogs. Como a festa, realizada tão distante do lugar de origem dos varzealegrenses, pode conectar esses dois municípios e, ao mesmo tempo, ser espaço para presença de grupos políticos, discursos e palco “campo” para se “conseguir” voto.

5.1 Política na Festa dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo

A Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo apresenta-se como um espaço democrático, ou seja, ambiente em que todos os interessados, seja migrante varzealegrense ou não, pode participar. É o lugar da confraternização por excelência. Não está proibido o acesso de pessoas comuns nem de autoridades políticas, sejam elas do município paulista ou cearense. Como visto no capítulo anterior, essas autoridades ganham, inclusive, destaque no espaço da festa. São vistas com outros olhos e recebem mais atenção. Sobre a questão política⁹⁵, valeria destacar que, enquanto as autoridades

⁹⁵ Procuramos entender aqui a política no campo da antropologia defendida por Kuschnir (2009, *apud* LIMA 2012, p.11) que compreende a antropologia da política enquanto esse esforço de explicar como os

políticas presentes na festa reforçam um discurso de “comunidade varzealegrense”, o que se analisa é que essa festa demarca, ainda que negada pelos seus promotores ao serem interrogados, um campo de disputa do poder local. É perceptível isso quando se analisa a presença de diversas autoridades da política local dos dois municípios. Eles tentam evidenciar a relação de pertencimento dos varzealegrenses em SBC e de sua importância na construção da cidade. Os políticos mantêm uma matriz discursiva que permite a construção de uma “comunidade imaginada”. Festa como o “lugar do encontro”, da “terra da inclusão”, das “relações desinteressadas entre os dois municípios”, da “irmandade”, do “bom acolhimento” desses migrantes, entre outros.

A força política nas urnas desses migrantes varzealegrenses em São Bernardo do Campo é também considerada forte pelos políticos paulistanos. Esses eleitores “de fora” têm condições de oferecer votos capazes de assegurar a vitória de políticos locais. Dessa forma, migrantes e políticos vão tecendo uma rede que liga quase três mil quilômetros que separam a pequena cidade cearense do gigante na produção industrial Paulista. Nos últimos dois anos, quatro políticos paulistas - entre vereadores e ex-vereadores de SBC - tiveram cidadania concedida pela Câmara de vereadores de Várzea Alegre - CE.

Sobre esses momentos em que articulação política e festa parecem se amalgamarem e tomarem uma só forma, gostaria de mencionar o que aconteceu comigo, em 2013, quando participei pelo segundo ano consecutivo, daquele evento na condição de pesquisador e, ainda, enquanto escritor/biógrafo. Aproveitei que estava lançando uma biografia sobre o compositor Zé Clementino, filho de Várzea Alegre, e levei alguns exemplares para divulgar durante o evento. Cheguei por volta de meio dia e minha presença já era esperada. Haviam disponibilizado uma área para o lançamento de livros. Além do meu trabalho, havia ainda outra escritora varzealegrense apresentando a segunda edição de uma pesquisa sobre o município. Linda Lemos dividiu a mesa dos autores varzealegrenses comigo.

Mais uma vez fui acompanhado por um primo, uma prima e uma tia. Quando chegamos, aproximadamente umas 12hs e 30min, percebemos que o ambiente estava praticamente lotado e mesmo assim as pessoas continuavam chegando. Fui reconhecido por algumas delas em função da repercussão que o livro sobre Zé havia ganhado desde agosto de 2013, quando este foi lançado em Várzea Alegre. Na oportunidade, fui

convidado a participar da gravação de um DVD sobre a festa e nele divulgava a biografia. Uma jovem olhou pra mim, perguntou se podia fazer uma foto comigo e em seguida me apresentou às amigas como sendo “o escritor do DVD da festa”. Disse que me reconheceu na hora.

Isso, de certo modo, evidencia a relação de poder que, enquanto pesquisador, adquiri ao lançar um livro e ao aparecer num vídeo documentário divulgado entre aqueles migrantes varzealegrenses. Além disso, fui recebido com certa distinção, se comparado aos demais. Ao me apresentar como o autor do livro sobre Zé Clementino, ouvi frases como “Ah é o rapaz de Campina Grande que vai lançar o livro”, ou seja, eu não era mais o pesquisador. Agora predominava a identidade do escritor. Para entrar no espaço onde estava sendo realizado o evento, o participante pagava uma quantia de cinco reais. Tanto eu quanto os meus familiares tivemos o acesso liberado, isento de qualquer obrigação. Pois, para os organizadores, eu estava contribuindo com aquela festa ao me colocar como divulgador da cultura varzealegrense.

Outro fato que evidenciou a minha posição de prestígio naquele espaço, se deu quando, num determinado momento do evento, as autoridades políticas, empresários e promotores da festa foram convidados a se fazerem presentes no palco. Um pouco surpreso, embora lisonjeado, fui chamado a compor aquele grupo de autoridades que ali se faziam presentes. O locutor fazia referência a um importante escritor que havia biografado a vida do compositor parceiro de Luiz Gonzaga. O empresário, ex-prefeito de Várzea Alegre, destacou a minha luta como estudante, já o atual vice-prefeito da cidade cearense citou meu nome como “uma grande promessa” do município. Ou seja, a posição que você vai ocupar naquele espaço tem relação direta com o poder que a você é atribuído. É provável que o pesquisador tivesse menos importância do que o escritor, como de fato aconteceu.

O palco que ocupamos era o mesmo onde se apresentava um grupo musical (banda de forró) oriundo do município de São Bernardo, mas que, segundo os organizadores, possuía entre seus integrantes músicos de Várzea Alegre. Estes faziam parte da segunda ou terceira geração de migrantes oriundos de Várzea Alegre, filhos ou netos dos primeiros migrantes. O número de pessoas nessa situação, que possuem pais ou mães oriundos do município cearense, também é bastante comum. Especialmente no bairro de Ferrazópolis, local onde teria sido iniciada a festa.

A segunda atração (banda de forró) a se apresentar no palco da festa tinha sido trazida pela administração do município cearense. O grupo percorreu quase três mil quilômetros para se apresentar pela primeira vez para os seus conterrâneos distantes. Tratava-se do grupo musical “Toca e Toquinho” formado pelo pai (vocalista) filho (tecladista) e uma cantora contratada. É bom destacar que esse grupo está presente em praticamente todas as edições da Festa em São Bernardo do Campo embora, ao se apresentar na cidade de origem (Várzea Alegre), ocupa espaços de menos destaque. É difícil, por exemplo, vê-los no palco principal da tradicional “Festa de Agosto” ou mesmo nas festividades de fim de ano.

Sobre esse grupo valem algumas observações. Não se trata de uma atração de sucesso em Várzea Alegre. Quase não está presente em ocasiões especiais da Prefeitura, por exemplo, naquela localidade. Costuma se apresentar em bares e pequenos restaurantes da cidade. É provável que outros grupos musicais tenham até mais destaque do que esse. Que outros cantores da noite possuam mais prestígio local do que o “Toca e Toquinho”. Então por que eles são convidados a fazer parte da programação da Festa dos Varzealegreses em SBC? Uma primeira resposta pode estar associada a esse apoio dos políticos. Bem, se eles têm o apoio dos políticos por que não estão presentes nos eventos realizados em Várzea Alegre? Talvez afirmar que eles não participam desses eventos locais seria exagero, mas ali eles têm menos prestígio. Por exemplo, no ano de 2014, a grande atração da “festa de agosto”, ou seja, da festividade profana ao padroeiro de Várzea Alegre, foi o cantor sertanejo Leonardo. Quem contratou o artista foi a prefeitura e o espaço da festa ficou lotado de gente. Naquele mesmo ano, em dezembro, durante a festa da virada do ano, quando o governo municipal alegou falta de dinheiro para o evento, as atrações consideradas de grande público não estiveram presentes, como bandas de forró e duplas sertanejas. Então foi possível acompanhar o grupo “Toca e Toquinho” se apresentando no palco principal da festa. Perguntei para um dos migrantes varzealegreses que participavam daquele momento o que ele achava do grupo se apresentando ali. Ele respondeu que “a prefeitura estava quebrada”. Então ninguém parece disposto a percorrer quase três mil quilômetros para participar de uma festa em Várzea Alegre e ver atrações como “Toca e Toquinho” se apresentar. No entanto, quando a festa é em São Bernardo do Campo, essa atração não parece ser muito questionada.

É provável que seja pelo fato de ser mais comum encontrar os “artistas nacionais” em clubes ou festas realizadas na metrópole. Ou porque seja divertido e, até certo ponto, nostálgico acompanhar a apresentação do grupo naquele espaço. Ele remete às lembranças dos bares da periferia de Várzea Alegre. Existiria, portanto, uma sintonia entre as memórias do passado na origem revitalizadas no destino com a apresentação do grupo. Ao mesmo tempo haveria, por parte do grupo, uma espécie de propagação de seu trabalho para além das fronteiras da cidade. Antônio Valério da Silva, “Toca”, tem 67 anos, é empresário do grupo e também vocalista e compositor. Embora não possua tradição no cenário político local, ele foi candidato a vereador em 2012 pelo PMDB⁹⁶ e formava a mesma coligação do candidato eleito para prefeito.

Para o grupo musical de “Toca”, a Festa dos Varzealegenses em São Bernardo do Campo, com base na carpintaria e mediações políticas, torna-se um importante espaço para projeção (momentânea) de seu trabalho e de ampliação de sua arte. Ao mesmo tempo, esses gestores do município de Várzea Alegre - (o que está saindo e o que está chegando - o grupo representa elementos originais da cultura varzealegrense. É importante chamar atenção para a maneira como o grupo chega até a festa. Ou seja, são as relações de poder político que colocam em destaque aquele grupo e não outro. São esses laços políticos estabelecidos em Várzea Alegre que permitem uma apresentação de “Toca e Toquinho” em São Paulo. E a festa como espaço de circulação de autoridades políticas dos dois municípios (V.A. e SBC) já é percebida e sentida por quem frequenta.

5.2 “Aquele festa transformou-se num palanque político”

Por não estar proibido o acesso de qualquer varzealegrense no espaço da festa, e por também não ser vetada a divulgação e lançamentos de produtos, livros, ações, realizações empresariais, etc., durante a realização da festa, esta se torna um palco importante para a política dos dois municípios - Várzea Alegre e São Bernardo do Campo. Embora esteja sempre apresentada como esse lugar social de reunião de amigos, ambiente para (re)encontrar pessoas: conterrâneos varzealegenses, “a festa, lugar do lúdico, domínio social auto-referenciado, dimensiona um espaço político

⁹⁶ O candidato “Toca” conseguiu 199 votos. Ele fez parte da *Coligação Avançar Ainda Mais*, composta pelos partidos **PDT / PT / PMDB / PTN / PPS / PSB / PV / PSD / PC do B.**

presentificado e celebrado como união primordial e necessária entre pessoas”. (Chaves, 2003, p. 66).

O que pudemos perceber, tanto na construção, quanto na execução da Festa de dezembro de 2013 e dezembro de 2014, foi a presença marcante dos políticos das duas cidades, cearense e paulista. O momento festivo surge enquanto ambiente privilegiado para discursos e exposição de ações governamentais e/ou propostas de campanhas. Um campo de disputa de prestígio e autopromoção política. Momento de comunicação entre as ações políticas implementadas pelos gestores sãobernadenses e varzealegrenses. Espaço de aparições públicas que podem, ao mesmo tempo, agradar e provocar sentimentos afetivos nos varzealegrenses, como desagradar e causar sentimento de repulsa, antipatia e negação para com a festa e seus políticos conforme os depoimentos: “Nossa é muito bom quando ele, (o prefeito), mostra aquelas praças tudo verde, sabe! A gente fica feliz em saber que tem alguém cuidando de nossa cidade”, ou ainda, “Aquela festa transformou-se num palanque político de ‘fulano de tal’. Hoje não presta não, mas já foi muito boa”. Veja que a primeira análise do político [prefeito de Várzea Alegre] na festa se dá de maneira positiva. É bom ver o gestor, de sua terra natal apresentando as melhorias, as mudanças realizadas pela administração. Isso talvez aconteça por ser a festa, enquanto promessa de igualdade, um lapso passageiro, transcurso extraordinário que apenas suspende a realidade cotidiana (CHAVES, 2003). O varzealegrense se identifica com a pessoa política e com suas ações na cidade natal. Gostar de ver aquilo contado por alguém tão importante da sua terra, também pode passar essa ideia de “igualdade”, “proximidade”. Mas isso é passageiro. Logo, logo ele volta a sua rotina, Várzea Alegre continuará distante e apenas um sonho. Um desejo.

A festa ambienta uma anti-estrutura. Ela cria um plano totalizador de aparente indistinção e no qual todos são partícipes, pois a festa é inclusiva: é espetáculo em que todos são atores. Encontro marcado com o transitório, fugaz momento sem destinação, a festa realiza-se em si mesma, é ato social que celebra a reunião (CHAVES, 2003 p.70).

A festa também, enquanto essa ruptura do cotidiano, pode ser considerada um ponto forte e importante para a construção de perfis políticos e espaço de conquista de simpatizantes e seguidores políticos, possíveis geradores de votos “... cria idealmente

um domínio marcado pelo desinteresse e pela gratuidade.(...) apresenta-se como todo coletivo onde comungam seres humanos investidos tão só dessa condição”. (CHAVES 2003, p. 67). Assim, a política ou o político, presente no espaço da festa, preserva a noção moderna de interesse, de instrumentalidade e de seus correlatos. A racionalidade meticulosa dá espaço para o acionamento dos sentidos.

Procurar o sentido nativo da política na festa requer suspender a noção de ação orientada pela adequação meio-fins, própria da racionalidade instrumental e de um modelo associativo estabelecido segundo a determinação racional dos indivíduos – através do contrato –, noções que, conexas, configuram o ideário político moderno. Na modernidade o domínio público passou a ser definido em termos econômicos, uma vez que a racionalidade instrumental legitima a política como âmbito de representação e luta de interesses (CHAVES 2003, p. 68).

O segundo informante, ao não ver com bons olhos a presença das autoridades políticas no ambiente da festa, parece perceber esse espaço de disputas, lutas e interesses existente na festa. Para ela, o evento perdeu a sua originalidade a partir do momento em que os políticos se apropriaram da festa, transferindo inclusive o lugar da sua realização. “Aquela festa virou um palanque do prefeito”. Essa afirmação nos alerta para compreender os vários significados existentes no festejar. “Indica o inusitado caminho a ser percorrido para buscar o sentido da política encarnado na festa. Conferindo-lhe validade, é preciso ir à festa”. Chaves (2003, p. 65).

Sobre a estranheza da frase enunciada pela nossa informante de que ali é um “palanque político” tem suas razões, a de que estranheza não seria, portanto, um privilégio apenas do etnógrafo. Festas e política constituem um enigma compartilhado, como nos ensina (CHAVES, 2003). O esforço de construção de um perfil político, geralmente associado ao bom governante, zelador do bem comum, é um fato recorrente durante a realização da festa. E tem uma razão. É possível afirmar que tais autoridades políticas percebem a força que os varzealegrenses que residem em outras localidades exercem sobre as pessoas que estão na sua localidade de origem ainda exerce em seu lugar de origem, mesmo estando ausente há tanto tempo, ou ainda sem perspectiva de retorno.

Esses varzealegrenses que hoje se encontram em São Paulo em sua maioria têm origem nas comunidades rurais. Os políticos conhecem o esquema de funcionamento da política em cidades pequenas, especialmente de famílias oriundas de comunidades rurais, sítios, onde o voto não costuma ser praticado de maneira individual.

A ligação estabelecida por um chefe de família automaticamente compromete o conjunto do grupo doméstico que se encontra sob sua autoridade. Por isso, o voto não é individual. Isso é reconhecido no depoimento de um desses chefes: “Na minha casa o deputado X tem 5 votos.” É reconhecido ainda por parentes e vizinhos, e até pelos próprios candidatos, que assim o formulam: “O candidato tal tem os votos de fulano” – a expressão “votos de fulano” referindo-se aos votos da família de determinado chefe de família (PALMEIRA E HEREDIA, 2010, p. 113).

Este esquema de autoridade pode ser encontrado em diversas famílias tidas como “tradicionais” de Várzea Alegre, em que um chefe daquela família se compromete com os votos de todos para um determinado candidato. É o caso, por exemplo, dos Leandros da Vila Liviero. Antes de efetivamente migrarem, a autoridade do pai e do avô eram sagradas: “O que papai dizia, tava dito. A palavra falada valia muito mais que a escrita”. Eles pertencem a uma comunidade de origem (sítio) onde os moradores estão interligados por diversos tipos de relações, especialmente familiares, que pressupõem o favor, a troca de bens materiais e a circulação de bens simbólicos, como apontam Palmeira e Heredia (2010, p. 116).

Na vida cotidiana, as pessoas ligam-se entre si por meio de trocas de bens diversos que tanto confirmam laços pré-existentes quanto criam novas relações sociais. Essas trocas supõem uma reciprocidade, segundo a qual os que dão também recebem. Assim se relacionam parentes e vizinhos. É a retribuição que garante a continuidade de uma relação estabelecida nas bases de uma troca entre iguais

Essas relações se estabelecem no interior do sítio, mas também para fora dele. E nesse esforço em adquirir serviços de saúde, emprego na prefeitura, acesso à justiça, aquisição de documentos, crédito bancário, acesso à aposentadoria, emprego nas secretarias para um filho, etc., levam os chefes de família a ultrapassar os limites e as relações dessa comunidade para com ela mesmo. Expandindo para fora dela. Chegando até essas autoridades de “fora da comunidade”. Gerando com elas dívidas, favores,

compromissos morais. Em todos os casos, essa ajuda, pressupõe uma retribuição. Para algumas dessas dívidas apenas o voto, enquanto possuidor de um valor inestimável para o político, pode sanar a dívida gerada nessas relações externas. É bom destacar que o termo “ajuda” possui sentido diferente para as relações que se estabelecem no sítio e para fora dele.

No caso da ajuda entre parentes e/ou vizinhos, ela é parte de um sistema contínuo de troca, isto é, quem dá ajuda em outro momento a recebe, garantindo-se desse modo a continuidade da relação. No caso da ajuda oferecida pelos membros do grupo doméstico, ela é retribuída com o trabalho do chefe de família e, portanto, não apaga a dívida permanente que os membros do grupo doméstico têm para com o chefe de família responsável pelo sustento da mesma. No caso de se receber uma ajuda de um político, esta tem um significado diferente. O voto, e aqui se encontra o paradoxo, embora permita a retribuição, não permite o restabelecimento do equilíbrio da relação entre parceiros como uma relação entre iguais que intercambiam bens do mesmo tipo (PALMEIRA E HEREDIA 2010, p. 117).

É recorrente ainda, em tempos de política, os candidatos a cargos no legislativo e executivo municipais visitarem as comunidades rurais ou os sítios de Várzea Alegre, em busca de votos. Essas visitas denotam a existência ou não de prestígio de certos membros das localidades visitadas. Algo muito semelhante ao que observou Palmeira e Heredia (2010, p. 117)

A frequência dessas visitas e a variedade de candidatos que procuram um chefe de família expõem seu prestígio aos olhos da comunidade, gerando uma certa disputa entre os pais de família, que contabilizam o número de visitas de candidatos recebido. Por sua vez, a falta de prestígio é expressa na formulação ouvida com tanta assiduidade: “Ninguém veio na minha casa.” O prestígio, contudo, ainda pode ser revelado pelo número de consultas recebidas de vizinhos e parentes sobre em que candidato votar, e ainda pela designação feita a alguém da comunidade para convocar as pessoas para uma reunião com o candidato que chegará ao local para este fim. Este último caso é expresso pela fala de um delegado sindical a quem se atribuiu uma incumbência desse tipo: “Esta noite vou testar meu prestígio”

Quando o varzealegrense, migrante, não gosta de ser cumprimentado pelo político na festa em São Paulo, por não gostar de ser reconhecido por quem não lhe conhece, isso nos leva a crer que, antes da migração se efetivar, ele poderia pertencer a uma família que não tinha prestígio político. Residia naquela casa onde o político não passava/frequentava. Estar em São Paulo, de certa forma, também elimina certos estereótipos existentes nos pequenos municípios da região Nordeste que costumam ser

tachadas como pertencentes ao partido ou candidato A ou B. Já que, quando moradores de comunidades rurais de Várzea Alegre, estes migrantes podem ser reconhecidos como pertencentes a determinados partidos. Na festa dos Varzealegrense em SBC, o político varzealegrense pode até reconhecer algumas famílias que ali se fazem presentes, mas quase não tem tempo para atribuir a cada uma delas suas simpatias partidárias. O discurso precisa ser elaborado de forma homogênea, atingindo indistintamente a todos.

Nesse sentido, “pedir voto” através da exposição de suas ações no desenrolar da festa evidencia o conhecimento que os políticos têm de que essas pessoas ainda possuem contato direto e contínuo com os parentes que ficaram na origem, podendo estes atuarem na condição de mediadores políticos em Várzea Alegre. De que forma? Elogiando o trabalho desenvolvido por determinada gestão (ou no caso especial de determinado gestor), sugerindo que o familiar vote nele, validando um discurso que foi plantado durante aquele encontro.

O ritual da festa é bem emblemático nesse sentido. Podemos afirmar que a festa só tem oficialmente o seu início após os discursos das autoridades presentes ao evento. Os primeiros a falar são os que estão mais diretamente envolvidos com a organização da festa - Presidente da Associação -, seguido das autoridades políticas - deputados, vereadores, prefeitos e/ou seus representantes dos dois municípios -, por fim os empresários - que geralmente são convidados por exercerem importância no desenvolvimento econômico, especialmente de Várzea Alegre – CE⁹⁷. Cabe ao presidente da Associação Beneficente dos Varzealegrenses apresentar as ações desenvolvidas por ele junto aos migrantes. Trata-se também de um exercício de autopromoção, porque isso lhes rende certo prestígio junto à comunidade dos varzealegrenses e abre portas para o campo político eleitoral. Ex-presidentes da Associação podem facilmente lançar-se como candidato a vereador em São Bernardo do Campo ou Várzea Alegre, ou ainda, retornar a terra natal e integrar a gestão atual, como é possível observar no discurso a seguir.

Tive o convite de Forquilha pra exercer a secretaria de obras de várzea alegre e aceitei com todo o prazer, porque eu sempre tive vontade de ajudar o pessoal de Várzea Alegre. E hoje eu quero, como secretário de obras, ajudando a Forquilha, fazer um bom trabalho, um excelente

⁹⁷ Em 2013 e 2014 subiu ao palco da festa um empresário do ramo de produção de peças de motos que estava transferindo sua empresa de São Paulo para Várzea Alegre.

trabalho como eu sempre fiz em São Bernardo do Campo. E muito obrigado a vocês todos⁹⁸.

Essa fala/discursiva reforça o que o mesmo informante já havia me confessado em outra oportunidade. Quando o entrevistei no seu local de trabalho, a Secretaria de Obras da Prefeitura de Várzea Alegre – CE.

Eu inclusive fui convidado, mas no ano que eu vim embora, eu preferi vir pra cá, voltar pra casa. (...) Inclusive eu me acho até privilegiado por ter conseguido voltar né. (...). Hoje eu tenho dois filhos lá, casados e eu vim pra Várzea Alegre porque eu recebi um convite pra ser vereador lá, mas eu preferi vir pra Várzea Alegre. Aí vim, em 2001 eu voltei pra Várzea Alegre. E sempre que posso visito meus filhos lá, meus irmãos. Mas desde 2001 que eu tô morando em Várzea Alegre. (São Cosme, Várzea Alegre – CE. jan/2014, entrevista ao próprio autor)

São Cosme morou por trinta anos em São Bernardo do Campo. Diz que foi um dos primeiros varzealegrenses a chegar naquela região. Todos os anos visitava seus familiares e amigos. Em São Paulo casou e constituiu família. Foi o primeiro presidente da Associação Beneficente dos Varzealegrenses em SBC. Orgulha-se em dizer que ajudou muita gente que, como ele, chagava sem apoio à região do ABC. Diz que, em trinta anos morando em SBC, veio trinta vezes a Várzea Alegre. Em 2001, metalúrgico aposentado, decidiu retornar à terra natal. Naquele momento, voltar para Várzea Alegre seria mais importante do que se lançar como candidato a qualquer cargo político em São Bernardo do Campo. Na compreensão dele, esse retorno tão desejado não parece ser um privilégio de todos os varzealegrenses que residem em São Bernardo do Campo, porque ali vão constituindo família e, pouco a pouco, inviabilizando o projeto sempre presente de retornar ao lugar de origem. É importante notar ainda que esse retorno é sempre um projeto bastante custoso para a maioria dos migrantes. Voltar na condição de vitorioso, que talvez seja o caso de São Cosme, que retorna a sua cidade para empreender vida política, depois de estruturar a família, está aposentado por uma grande empresa, parece confortável, contudo voltar na condição de derrotado, sem construir nenhuma base econômica no destino e perdendo as referências da origem, esse sim é um grande

⁹⁸ Discurso proferido em 2013, durante a festa, pelo Fundador presidente da Associação, São Cosme, que disputou em 2012 uma cadeira no legislativo varzealegrense. Ficou na primeira suplência. Segundo seu depoimento, o mesmo já havia recusado, por diversas vezes, disputar o mesmo cargo em São Bernardo do Campo. Atualmente ele atua como secretário municipal em Várzea Alegre.

desafio para o retorno dos migrantes. Por isso muitos deles vão adiando esse sonho constante de voltar à terra natal. Além disso, constituir família fora do lugar de origem aparece enquanto um empecilho para o retorno. Filhos e netos vão construindo e fixando raízes nesses lugares e adiando esse projeto de voltar a residir no lugar de origem.

Mas retomando aos discursos políticos de autoridades presentes na festa, podemos notar um esforço em atribuir a São Bernardo do Campo o título de cidade acolhedora e democrática, “cidade de todos os povos” como destaca esse deputado paulista, presente a festa, que naquele momento era o líder do governo na Assembleia Legislativa.

Quero saudar a todos e parabenizar a associação por mais um ano fazer esse evento cultural, acima de tudo, nessa parte se destaca a cultura cearense, a cultura varzealegrense. Vamos manter essa chama viva, porque São Bernardo é a cidade de todos os povos. Do cearense, dos pernambucanos, dos gaúchos... aqui é a terra das oportunidades⁹⁹

Veja que São Bernardo do Campo surge como o oposto de Várzea Alegre e de várias outras cidades espalhadas pelo Nordeste brasileiro: a “terra das oportunidades” que aparece no discurso do deputado que se contrapõe “a terra da falta de oportunidades”, no caso Várzea Alegre. É como se em São Paulo esses migrantes encontrassem trabalho e possibilidades de vida negadas pela sua terra natal. Mas os discursos não reforçam essa ideia de oposição entre as duas cidades, mas sim de união, de cooperação entre esses municípios.

O referido deputado também mencionou a sua presença na XV edição da Festa dos varzealegrenses, através da sua página na internet, e reforçou a origem da festa, sua relação com a cultura nordestina, a presença destes migrantes cearenses em São Bernardo do Campo e a criação da Associação que promove o evento:

A Associação Beneficente Cultural Varzealegrense foi fundada por moradores de São Bernardo do Campo, naturais da Cidade de Várzea Alegre, Estado do Ceará, que aqui se estabeleceram para trabalhar nos diversos segmentos tais como: indústria, comércio, entre outros. Sua missão tem como escopo manter viva a cultura daquele município com a música (forró), comidas típicas (baião de dois, mungunzá, tapioca, bolo de arroz). “Os eventos são importantes para manter a cultura deles

⁹⁹O. M – Deputado Estadual, líder do governador da Assembleia legislativa de São Paulo, (SBC- SP, 01, dezembro de 2013).

e servem para aproximar os amigos que mesmo residindo próximos, em decorrência de suas ocupações acabam quase nunca se encontrando uns com os outros”, comentou o deputado Orlando Morando. Toda a renda obtida com a comercialização dos alimentos no evento será revertida aos associados e não associados que necessitem pagar por algum tratamento médico ou cirúrgico de urgência ou para pagar passagens de regresso à cidade natal¹⁰⁰.

Atualmente não parecem comum esses financiamentos de passagens de volta para os migrantes que não conseguem emprego ou dinheiro para retornar a terra natal, como afirma o deputado. Mas isso foi citado numa das entrevistas com o fundador e primeiro presidente da associação, o que pareceu é que essa era uma realidade dos anos 1960-1980 do século passado:

É que naquela época chegava muitos varzealegrenses. Era diariamente chegava varzealegrenses lá, então a gente tinha que procurar apoiar porque eles chegavam não tinham família lá, a gente organizava um lugar pra eles ficarem¹⁰¹. E a gente estava sempre à disposição deles... de fazer também esse trajeto que era penoso de mandar alguém de volta porque pedia alguma coisa e a gente entrava em contato com a Secretaria de Ação Social de São Bernardo pra arrumar uma passagem, essas coisas. A finalidade era essa, e fazer um encontro porque ali no Grande ABC tinha cara, teve cara que foi comigo, eu fazia 15 anos que não via ele. E isso serviu pra gente fazer esses novos encontros¹⁰².

A Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo, na perspectiva do campo político, parece ser esse lugar repleto de mensagens com sentidos e intencionalidades aos quais menciona Chaves (2003) quando analisa a festa política no município mineiro de Buritis.

(...) eficaz na medida em que veicula mensagens dotadas de sentido. Acontecimento, ela dá lugar à conjunção de representações e práticas. A festa é uma unidade que restaura o sentido de totalidade simbólica, patenteando como acontecer no tempo a impressionante capacidade criadora do social. Tomar a festa como rito, lugar comum antropológico, representa um reconhecimento teórico do dizer e fazer

¹⁰⁰ “O. M. participa da festa da Associação beneficente cultural varzealegrense”, disponível em <http://www.orlandomorando.com.br/?noticia=759> acessado em 08 de junho de 2015

¹⁰¹ A existência de uma rede influenciando o processo migratório está presente em diversos trabalhos sobre o tema, já discutidos anteriormente no capítulo II desta tese. Entre os autores que tratam do tema podemos citar: Menezes (1985; 2002), Fontes (2008), Luz (1988), Sarti (2011), Durhan (1978), Dornelas (2001), Fusco (2001), Costa (2001).

¹⁰² São Cosme, entrevista concedida ao autor em Várzea Alegre – CE, em 08 de janeiro de 2014.

nativo da política, sintetizados na festa. Totalidade cheia de significados. Subverte o sentido mais tradicional/moderno de política. Celebra uma comunhão, uma confraternização, sustentada pela emoção e inscrita num tempo definido (CHAVES, 2003, p. 66).

No palco da festa, as mensagens vão reforçar o discurso de “irmandade” entre os varzealegrenses e os sãobernadenses. Nesse caso valeria refletir um pouco essa categoria nativa de “irmandade” já ela aparece comumente na literatura entre os integrantes do próprio grupo, enquanto uma estratégia de se fechar em si e estabelecer a diferença com o os outros, como apontou Menezes (2002). O discurso de “irmandade” no espaço da festa dos varzealegrenses ganha outra conotação, ele abrange tanto os laços de origem demarcando as identidades, como observou Menezes (2002, p. 161) com os trabalhadores cortadores de cana nos alojamentos da zona da mata pernambucana o que lhes diferenciavam em relação aos chefes da usina, contudo, no caso dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo, esse é um discurso que procura ser construído também com o exógeno: os filhos de Várzea Alegre em relação aos filhos de São Bernardo do Campo. É um discurso que esconde interesses e ideologias de ambos os lados. A expressão “irmão-varzealegrense”, usada por empresários e políticos sãobernadenses, especialmente no espaço da festa, esconde, muitas vezes, situações de dominação e opressão: garante a manutenção de uma mão de obra não questionadora de seus direitos, assegura votos em eleições para os mais diversos cargos tendo o migrante varzealegrense enquanto cabo eleitoral junto à comunidade de migrantes.

Essa noção de comunidade de irmãos ou “irmandade” recorrente nos discursos, seja na festa ou fora dela, no lugar de moradia dos varzealegrenses, pode atuar enquanto “veículo de controle social do comportamento dos indivíduos”, especialmente quando se dá entre a própria comunidade migrante, isso também foi observado por Menezes, (2002, p. 161). É possível identificar esse “controle social do comportamento”, especialmente quando um tenta orientar o outro: “deixa de jogar baralho irmão, pensa na tua família!”; quando o vizinho, seja amigo ou parente, pede pra que ele envie remessas de dinheiro pra família que ficou na origem; quando o conterrâneo precisa de indicação para encontrar o primeiro emprego, etc. No caso das relações com os de fora, com o exógeno, essa noção assegura a cordialidade entre os grupos, evitando o conflito mais direto. Nesse sentido a categoria irmão, dentro dessa concepção mais ampla,

facilita a vida do migrante fora do seu lugar de origem. Aliar-se com o filho de São Paulo, não se configurando apenas como um grupo fechado, pode representar uma das várias estratégias de aceitação, assimilação, de inclusão do grupo no local de destino. Tomá-lo como irmão, ou seja, *desencapsular*, termo oposto ao criado por (MAYER, 1962, *apud* MENEZES, 2002, p. 161) pode ser compreendido enquanto uma estratégia migrante para a sobrevivência do grupo. Naturalmente que os laços de irmandade entre os próprios varzealegrenses se evidenciam de maneira mais clara, especialmente no lugar de moradia.

Mas na festa esse discurso de “irmão varzealegrense” é algo recorrente. O representante político partidário se utiliza dessa expressão para tecer elogios aos migrantes de Várzea Alegre, considerados “trabalhador, humilde e festeiro que ajudou a construir essa cidade e que merece todo o respeito e gratidão”, como destaca o representante da Câmara de Vereadores de São Bernardo do Campo.

Venho aqui saudar cada um de vocês, me sinto orgulhoso de ser um cidadão varzealegrense. Eu e a querida amiga deputada Maria do Carmo, tivemos a honra de ser homenageados como cidadãos varzealegrenses. Essa festa aqui é uma festa que não pode deixar acabar. Sempre a gente tem que incentivar cada vez mais. Porque é um momento importante pra comunidade varzealegrense. (...). É a comunidade que ajudou a construir essa cidade. Portanto, é uma comunidade que merece todo nosso reconhecimento. E eu tive a honra e a grata satisfação de fazer o projeto **“Várzea Alegre, a cidade irmã de São Bernardo”**¹⁰³.

O título de povo festeiro, referenciado no discurso acima, reforça aquela ideia presente na própria construção da cidade como a “cidade mais feliz do Brasil”. Ela é considerada mais feliz exatamente por realizar “grandes e conhecidas” festas, como carnaval, festa do padroeiro, etc., na região onde fica localizada. Vale destacar que esse vereador apresenta-se como o legítimo defensor dos direitos da comunidade varzealegrense junto ao poder público de São Bernardo do Campo. E, não por acaso, ele é eleito com a ajuda expressiva desse grupo migrante presente naquela cidade. Além disso, a Associação Beneficente dos Varzealegrenses, promotora da festa, também presta apoio a esse político. É uma faixa estampada na entrada do local da festa, com uma foto e uma frase, que saúdam os participantes daquela edição da festa.

¹⁰³A. C. S. - Representante da Câmara de Vereadores de São Bernardo do Campo (SBC, SP, 01 de dezembro de 2013)



Imagem 24: Banner do Vereador saudando os varzealegrenses na chegada a Festa
Fonte: próprio autor – 01 de dezembro de 2013

Ao varzealegrense se atribui, ainda, com base no relato desse político, a responsabilidade por “construir” São Bernardo do Campo. Ou seja, o migrante varzealegrense tem disposição para o trabalho. Vale destacar que a imagem do nordestino como “trabalhador” é recorrente na literatura sobre migração. Fontes (2008) já havia destacado a maneira como esses atributos são mobilizados pelos migrantes nordestinos em seus relatos para o enfrentamento da própria trajetória de migração. Menezes, Thibes e Junior (2015) verificam isso nos depoimentos de migrantes nordestinos na região do ABC ao investigarem as histórias de família articuladas com as histórias de trabalho a partir dos relatos de homens e mulheres migrantes no ABC Paulista, principalmente oriundos do estado da Paraíba. É recorrente nesses depoimentos referências que associam o nordestino ao do macho viril, corajoso e disposto ao trabalho pesado, bem como, em alguns casos, até mesmo rude e afeito à violência. Esta última, considerada muitas vezes “um elemento importante da nova identidade urbano-industrial a do migrante nordestino quando é convertida em disposição física para o trabalho”¹⁰⁴.

Os políticos também não se esquecem de destacar a importância do evento para a divulgação e a promoção da cultura cearense. É nesse contexto que Lima (2008, p.

¹⁰⁴ - Ver artigo: Histórias de família e Histórias de trabalho: relatos de homens e mulheres migrantes no ABC Paulista. XI RAM, 2015.

144) observa o São João de Campina Grande: “O espaço da festa configura-se como um importante ambiente de comunicação e passa a ser amplamente utilizado pelos políticos locais como uma maneira de construir seus perfis políticos na conquista da simpatia do público”. Por isso, é tão marcante a presença das autoridades discursando no palco, circulando entre as mesas, cumprimentando os desconhecidos, ocupando todos os espaços da festa, tentando seduzir os migrantes através da comunicação direta com eles pode render elogios e críticas. “Ele [Arapuá] é muito simpático, chega aqui cumprimenta todo mundo. Achei ele muito humilde”. Ou ainda, “Uma coisa é ele [Arapuá] me cumprimentar aqui, outra coisa é ele cruzar comigo em Várzea Alegre e fingir que não me conhece. Eu não gosto disso”. Essas impressões sobre o “corpo a corpo” dos políticos na festa tanto reforçam esse processo de construção de um perfil político durante a festa, como também coloca em xeque esse comportamento. Na medida em que, para alguns, esse político aparece como “simpático”, “humilde”, “atencioso”, para outros não passa de um “teatro”, um jogo de cena, uma “encenação”. Dificilmente ele agiria assim ao ver o migrante em sua cidade natal. Tudo não passaria de uma “farsa”.

Mas não é possível negar que os agentes políticos utilizam fartamente o espaço privilegiado da festa para essa conexão direta com o público eleitor. Tal comunicação procura evidenciar, através dos vários discursos, oratória, imagens, espetacularização, etc., sustentar a sua identidade e relação afetiva com a festa e com seus participantes. Entrevistei o ex-prefeito de Várzea Alegre em 2014 e gravei o discurso dele na Festa dos Varzealegenses em 2013. Usarei, a título de análise, trechos das falas desses dois momentos. “Esse é um momento de confraternização, um momento de alegria, a oportunidade para relembrar o nosso torrão amado”. É dessa forma que o então prefeito de Várzea Alegre, presente ao evento em 2013, compreende aquele momento. “O objetivo maior dessa festa é exatamente a presença, a confraternização, o entretenimento de nosso povo. O resgate dos nossos costumes (aplaudido). Pra ir abraçar a galera que às vezes morando nessa grande metrópole, às vezes (...). então esse é um momento de confraternização”¹⁰⁵.

¹⁰⁵ *Arapuá* - Prefeito de Várzea Alegre CE – (SBC, SP, 01 de dezembro de 2013)

Ou seja, a festa é o momento da não criticidade ou reflexão sobre as ações dos governos, seja em São Paulo ou em Várzea Alegre, mas o ambiente ideal para “entreter-se” para “confraternizar-se”. Festa compreendida pelo viés da pura e simples diversão por parte do público. Para o político, é no ato de relembrar o passado, vivido naquele “torrão amado”, bem como no resgate da cultura, dos costumes, etc., que os varzealegrenses presentes a festa se constituem enquanto atores sociais. E dessa forma, explorando a memória, a saudade e a nostalgia do passado, a festa vai se legitimando enquanto um ambiente privilegiado para se fortalecer o perfil de um bom gestor.

5.3 “Vocês também são importantes no processo eleitoral”: a construção de perfis políticos no espaço da festa

Após a Festa dos Varzealegrenses ter saído do bairro de Ferrazópolis e migrado para o centro da cidade no ano de 2006, ela vive um novo momento. Deixou a periferia, o pedaço, o espaço popular e entra nos meandros do poder político de São Bernardo do Campo. Atualmente ela é realizada na Associação dos Funcionários Públicos do Município de São Bernardo. Nesse processo de mudança de espaço/local, um nome também se destacou. Tratava-se, naquele momento, do então prefeito de Várzea Alegre e empresário, Arapuá, que governou o município cearense por dois mandatos, entre 2004 e 2012. Foi durante sua gestão como Prefeito de Várzea Alegre que a festa teria ganhado um “ambiente digno” para receber as famílias com conforto e segurança.

Bem, eu na verdade, o meu primeiro ano, foi o meu primeiro ano da gestão, 2004. Não tinha ido ainda até então. (...). Então lá, quando a gente percebeu, quando a gente voltou prá, prá ajudar na realização do evento, eu percebi que o local era muito desconfortável... é, senhores e senhoras já de idades avançadas, não tinham um espaço, digamos tranquilo, pra sentar, pra se acomodar, enfim... era um negócio muito apertado, imprensado. E aí a gente já no primeiro ano, eu sugeri ao presidente que, alugasse um espaço maior que a gente, o município bancaria, faria uma parceria e a gente fez isso no segundo ano, já foi num local maior, no terceiro já foi naquele espaço que você teve presente que é a Associação dos Funcionários Públicos do Município de São Bernardo e daí por diante a gente já começou a ter uma parceria com o município de São Bernardo e eles sempre fazem uma cessão daquele espaço e a gente entra com uma estrutura de som, telão, de mesas, enfim... filmagens e aí junta, o esforço da gestão pública do município de Várzea Alegre com a Associação dos varzealegrenses (Arapuá, 2014, entrevista ao próprio autor)

Esse discurso, além de ser um exercício de autopromoção que enaltece a própria figura do político em questão, enquanto indivíduo organizado, vaidoso e comprometido com o seu povo - mesmo estando esse povo ausente do município -, atribui ainda, ao atual estado da festa, enquanto um presente/dádiva do gestor, que durante os oito anos de administração acionou todos os esforços políticos necessários para realizá-la.

A festa representa neste sentido um âmbito privilegiado por propiciar o convívio concreto e multívoco entre o político e o eleitor. A relação personalista – óculos analíticos – preenche-se dos valores e do sentido atribuídos pelos sujeitos sociais, com toda a sua ambiguidade (CHAVES, 2003, p.67).

Dessa forma, a festa assume uma expressão, não mais organizada pelas redes de amigos e parentes e vizinhos de organização popular, mas surge agora enquanto expressão de um administrador e sua gestão. É o prefeito que a profissionaliza, que a leva para um ambiente frequentável, confortável, convidativo, familiar... Que a tira da rua, lugar da desordem, da sujeira, do descaso e consegue inseri-la num espaço digno e mais, insere a festa de caráter popular no calendário de eventos do município de São Bernardo do Campo. Não podemos negar que a transferência do endereço da festa, da periferia para o centro, vai permitir o melhor acesso, especialmente, dos políticos e de suas comitivas compostas por empresários.

Assim podemos dizer que a festa é reinventada enquanto resultado de uma ação empreendedora e criativa de um idealizador, o prefeito de Várzea Alegre, agindo em São Bernardo do Campo, aliado às “particularidades” do povo varzealegrense, tido como “festeiro e feliz por natureza”. Dessa forma, o filho de Várzea Alegre vai sendo apresentado a todos os frequentadores da festa, que podem ser ou não conterrâneos. Mas por que deslocar um evento tradicional, realizado num espaço comum dos migrantes, “o pedaço”, e levá-lo para os salões do poder político local? É possível responder a essa pergunta recorrendo à possibilidade de demarcação de território político de um gestor ou de sua gestão. “A festa tinha crescido e precisava de um espaço que a comportasse”. Mas por que não escolher um ambiente no interior do próprio “pedaço”? Em outras palavras por que não realizá-la no bairro de Ferrazópolis?

Para os participantes do evento, em sua maioria migrantes, talvez não fizesse tanto sentido mudar o lugar da festa: “lá era no meio da rua, mas era bom. Mil vezes melhor” (Migrante varzealegrense, 34 anos) Perspectiva da festa não como um espaço repleto de normas e regras, embora elas existam, mas como aquele discurso de um ambiente onde todos podem se expressar da melhor maneira possível. Ali se legitima o prazer e o ócio. Aquela ideia religiosa de festa, presente em Durkheim, de encontro do homem consigo mesmo, com seu estado de natureza, com sua essência. Perspectiva também destacada por Chaves (2003, p. 70). “Em seus qualificativos as festas em tudo lembram o imaginário estado de natureza, pois que parecem restaurar as suas qualidades perdidas: a liberdade e a igualdade”.

Certamente porque aquele era um lugar de pertencimento, de história, de vida desses migrantes. Já para os gestores, incluir a festa nos salões nobres do poder, levá-la para o centro da cidade, poderia deixar claro o seguinte recado: “a gente se importa com vocês; aqui terão prestígio e notoriedade”. A festa deixa o seu “amadorismo”, que podemos entender enquanto uma festa organizada por redes de amigos, colegas de trabalho, conterrâneos varzealegrenses, cujo interesse era o divertimento ou “sociabilidade e sociação”, nos termos de Simmel (2006) e não propriamente os usos políticos desse espaço e ritual.

A festa passa a ser “institucionalizada”, divulgada e frequentada pelos mais diferentes públicos e classes. Transforma-se em atração turística e cenário de performance dos políticos. Entra para o calendário de eventos. Em troca, os políticos envolvidos nessa transição também amealhariam ônus pessoal e político que jamais serão esquecidos.

Em dezembro de 2013, último ano da gestão do prefeito de Várzea Alegre, Arapuá, o seu discurso durante a festa dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo evidencia esse “apadrinhamento” político do evento. Ou seja, a festa serve enquanto instrumento e dispositivo de legitimação de uma autoridade, de uma figura pública, agora considerada o “guardião”, o “padrinho” e o “pai” da festa. E para que o evento tenha continuidade, para que ele não desapareça, ninguém melhor do que o seu aliado político, ou seja, o seu sucessor eleito, um empresário do ramo de títulos de capitalização para continuar dando o mesmo apoio. “Temos que continuar apoiando os

nostros irmãos varzealegrenses de São Bernardo”. O novo prefeito de Várzea Alegre, que recebeu o apoio de Arapuá, promete manter a mesma política de apoio ao evento.

Quero dizer do meu prazer em estar aqui como prefeito desse povo varzealegrense. As pessoas que fazem com que a gente se sintam em casa. Tô me sentindo cada vez que venho mais apaixonado. Não podemos deixar esse evento de lado. Temos que apoiar. *(Pede uma salva de palmas para Arapuá)*¹⁰⁶

O presidente da Câmara de Vereadores de Várzea Alegre, líder do governo naquela casa, presente ao evento no ano de 2012, reforça a importância do gestor para o município: “Podemos dizer que em oito anos Várzea Alegre teve uma transformação total. (...) Várzea Alegre hoje se desenvolveu e se desenvolve a cada dia com essa administração. (...) O que Arapuá fez foi trazer progresso pra Várzea Alegre”¹⁰⁷. Tais discursos motivam comentários do tipo “os varzealegrenses de São Bernardo devem muito a Arapuá”; “Arapuá foi um grande administrador do município”; “Essa festa era uma antes e outra após a administração de Arapuá”.

Portanto, é possível afirmar que, aproveitando esse espaço ritualizado de veneração da figura pública de um político, são acionadas as estratégias de continuidade daquele poder e de legitimação de um nome e de uma gestão. A festa, enquanto essa “ruptura do cotidiano” pode ser considerada um ponto forte e importante para a construção de perfis políticos e espaço de conquista de simpatizantes e seguidores políticos, possíveis geradores de votos.

(...) cria idealmente um domínio marcado pelo desinteresse e pela gratuidade. Nela organiza-se um espaço coletivo indiferenciado em que a noção de pessoa perde o sentido de papel social, papéis que são discriminadores do cotidiano. A festa, avesso do mundo cotidiano, apresenta-se como todo coletivo onde comungam seres humanos investidos tão só dessa condição (CHAVES 2003, p. 67).

¹⁰⁶ *Forquilha* - Prefeito eleito de Várzea Alegre CE, para o mandato 2014- 2018 (SBC, SP, 01 de dezembro de 2013)

¹⁰⁷ *Alto da Prefeitura* - Presidente da Câmara de Vereadores de Várzea Alegre CE, (SBC, SP, Dezembro de 2012)

A política presente no espaço da festa preserva a noção moderna de interesse, de instrumentalidade e de seus correlatos. A racionalidade meticulosa dá espaço para o acionamento dos sentidos

Procurar o sentido nativo da política na festa requer suspender a noção de ação orientada pela adequação meio-fins, própria da racionalidade instrumental e de um modelo associativo estabelecido segundo a determinação racional dos indivíduos – através do contrato –, noções que, conexas, configuram o ideário político moderno. Na modernidade o domínio público passou a ser definido em termos econômicos, uma vez que a racionalidade instrumental legitima a política como âmbito de representação e luta de interesses. (CHAVES 2003, p. 68)

É no espaço da festa que o sucessor ao governo municipal é apresentado aos “filhos-ausentes”. Em 2012, durante a 15ª edição da Festa dos Varzealegrenses o então prefeito de Várzea Alegre, Arapuá, fez o seguinte discurso reforçando a ideia de “prestação de contas” de um gestor público para com os parentes dos migrantes: “*Estamos lá cuidando bem dos familiares de vocês*”. Em 2012, Arapuá cumpria o seu último ano de mandato frente à prefeitura de Várzea Alegre. Havia eleito o seu sucessor, Forquilha, um empresário do ramo de títulos de capitalização “bingos”¹⁰⁸. O discurso encerra um ciclo, ao mesmo tempo em que abre um novo tempo. Para ele, tempo de continuidades e de melhorias.

Transcrevo e procuro analisar aqui parte de seu último discurso na festa na condição de Prefeito de Várzea Alegre. “*Boa tarde! É a despedida como prefeito, mas no ano que vem vou tar aqui como cidadão. Quero iniciar saudando e abraçando todos os irmãos aqui de São Bernardo, nome de Toninho da Lanchonete que hoje representa aqui o Legislativo, mas representa também esse grande prefeito Luiz Marinho que transformou em quatro anos São Bernardo e continuará, graças à sabedoria do povo na hora de votar agora em 2012*”. Nesse mesmo ano, a Associação Beneficente dos Varzealegrenses em São Bernardo, mudava sua diretoria. Arapuá aproveitou para saudar o antigo e o recém-eleito presidente e, claro, não poderia deixar de se dirigir ao presidente da Câmara de Vereadores de Várzea Alegre. “*Quero fazer uma saudação muito especial de gratidão a Elivandro que de forma, digamos, com muita habilidade,*

¹⁰⁸O empresário **Forquilha** - Eleito Prefeito de Várzea Alegre, CE, recebeu durante a sua campanha as mais diversas críticas por ser dono de uma rede de jogos, denominada de jogo do bicho.

conduziu a Associação dos Varzealegrenses durante essa trajetória. Abraço meu amigo Nenê e desejar a ele boa sorte e dizer que como líder político, como cidadão, estarei à disposição e certamente Forquilha estará apoiando os eventos futuros que virão a partir do ano que vem. Quero abraçar meu vereador e parceiro Alto da Prefeitura, fazer uma saudação também especial a este rapaz jovem, empreendedor que compôs a chapa de Forquilha como vice-prefeito, o Panielas, que nos ajudou a alavancar essa vitória lá em Várzea Alegre. Abraçar meu irmão, amigo, companheiro, Forquilha que tem a missão de continuar o trabalho de desenvolvimento, de progresso e, acima de tudo, de respeito ao povo da nossa amada Várzea Alegre e estará a partir do dia primeiro, guindo o destino da nossa terra. Quero abraçá-lo. Quero dizer que abraçando todos eles, abraço também aos conterrâneos varzealegrenses que aqui estão.

Perceba que um grupo considerável de autoridades políticas varzealegrenses se faz presente no espaço da festa nesse momento. Ex-prefeito, vereador, atual prefeito e seu vice são apresentados como responsáveis por uma missão importante “o progresso de Várzea Alegre”, terra “amada”. Os valores afetivos são acionados exatamente no lugar onde as emoções afloram que é o momento da festa. Várzea Alegre é apresentada como uma figura feminina, um lugar que precisa de todo o cuidado do mundo. Valoriza-se nesse momento as memórias guardadas pelos varzealegrenses que ali já não residem, mas que mantêm na memória um carinho somado ao desejo de voltar.

Após as saudações iniciais, Arapuá inicia um processo de retomada da memória, do período em que a festa era realizada em lugar “desconfortável”, quase inóspito, para o momento atual, quando acontece em espaço amplo e “aconchegante”. É importante notar as intencionalidades do discurso que, à medida que está cumprimentando os conterrâneos, vai se autopromovendo. Ele recorre à história da festa para legitimar as suas ações enquanto gestor. *“Meus amados e amigos conterrâneos, em 2005 me recordo, fazendo ainda a Festa dos Varzealegrenses lá em São Bernardo, aqui em São Bernardo, Lá em Ferrozópolis, com menas (sic) gente, num local menos confortável do que aqui a Associação, mas o calor humano, a energia do irmão varzealegrense estava lá presente. E eu quero dizer que a partir daquele dia, a partir daquele momento, a gente fez um compromisso com a Associação de estar presente todos anos. E oito anos de gestão, tenho certeza que é uma vida. Eu entrei em 2005, estou entregando agora em 2012, mas são oito anos de administração onde a cada final de ano fiz questão de estar*

aqui junto com os meus irmãos varzealegrenses para abraçar, para confraternizar, mas acima de tudo, para prestar conta (meu amigo Batata). Para dizer ao povo da nossa terra, que aqui mora, que estamos lá fazendo o dever de casa. Que estamos lá cuidando bem dos familiares de vocês. (aplausos). Que estamos lá investindo no desenvolvimento, investindo na saúde, investindo na educação.

Prevalece aqui a atribuição do cuidar do outro enquanto missão importante para um gestor que ficou no poder por oito anos consecutivos. A confraternização, o festejar dos varzealegrenses que vivem fora de sua terra natal é uma oportunidade ímpar de dizer aos Filhos-Ausentes que seus familiares estão sendo bem cuidados. Na condição de autoridade maior daquele município, este político percorre a distância que separa o pequeno município cearense daquele gigante da economia brasileira, que está fazendo o “dever de casa”. E, sob aplausos, ele deixa claro que “esse dever de casa” inclui investimentos em setores primordiais como a saúde e a educação. Valeria acionar novamente aquela impressão do varzealegrense que diz: “Nossa, é muito bom ver ele (o prefeito) mostrando aquelas fotos das praças verdes, das ruas asfaltadas, da cidade limpa e bem cuidada”. Talvez seja porque “A festa enquanto promessa de igualdade é o que é enquanto acontecer no tempo: um lapso passageiro, transcurso extraordinário que apenas suspende a realidade cotidiana”. O varzealegrense se identifica com a pessoa política e com suas ações na cidade natal. Gostar de ver aquilo contado por alguém tão importante da sua terra também pode passar essa ideia de “igualdade”, “proximidade”. Mas isso é passageiro. Logo, logo ele volta a sua rotina, Várzea Alegre continuará distante e apenas um sonho. Um desejo.

Embora seja aplaudido e isso signifique uma forma de reconhecimento pelos varzealegrenses presentes à festa por suas ações enquanto prefeito, é importante considerar que aquele público reunido ali, naquele espaço festivo, não conhece aquela Várzea Alegre do discurso político. Parecem duas Várzea Alegre: uma vivida e outra sonhada. A que expulsou eles de lá, ou seja, aquela das poucas oportunidades, da seca e da opressão; e a Várzea Alegre dos sonhos e desejos, que após a migração apareceu reificada no campo da saudade. Parece-nos que é desta Várzea Alegre dos sonhos e dos desejos que trata o prefeito quando diz “estamos cuidando da saúde e da educação”; ou quando afirma: “Estamos fazendo o dever de casa”.

Dessa forma, o gestor municipal vai à festa com a missão de apresentar uma construção imagética e ideológica da cidade para enaltecer as qualidades de sua gestão, obviamente a gestão que aqueles varzealegrenses que deixaram a terra natal há vinte, trinta anos, desconhecem. Apresenta ainda um empresário que, atraído por generosos incentivos fiscais, mão de obra barata e possibilidades de lucro, decidiu transferir sua empresa de São Paulo e instalá-la num terreno doado pela prefeitura em Várzea Alegre. *O desenvolvimento de Várzea Alegre se deu de forma tão majestosa que temos hoje, a oportunidade de ter aqui no palanque, um parceiro, industrial, chamado Hélio, industrial da área de fabricação de peças de motos, que eu quero aqui pedir uma salva de palmas pra ele. (aplausos). Porque, não adianta prefeito, Forquilha, meu amigo T. que aqui representa Marinho, não adianta o prefeito fazer boa saúde, fazer boa educação, fazer boa segurança, fazer boa assistência social se não der oportunidade de trabalho ao seu povo.*

Na festa, tudo vira festa. O empresário, apresentado pelo político no palco da festa, é casado com uma varzealegrense da família Leandro. Vários de seus funcionários em São Paulo são migrantes varzealegrenses. A explicação para a mudança da empresa de São Paulo para o Ceará é omitida nesse discurso. Dizer que já não era economicamente viável manter a empresa funcionando na capital paulista, ali, no espaço da festa, não fazia sentido. A empresa em questão já havia sido transferida da capital para uma cidade do interior de São Paulo (Birigui), mesmo assim, os altos impostos, custo de produção e despesas com funcionários levaram a fazer um acordo com a prefeitura de Várzea Alegre. Para que a empresa se instalasse na cidade cearense, diversos incentivos fiscais foram oferecidos, bem como a doação de um terreno para as futuras instalações da fábrica. Mantendo a lógica do homem cuidadoso prevalece o discurso de que são as oportunidades de trabalho que estão sendo criadas que vão fazer a diferença para o varzealegrense que ainda não migrou.

Nessa parte do discurso, que faz uma retrospectiva de suas ações enquanto prefeito de Várzea Alegre, os participantes da festa passam a acompanhar um resumo do que foram feitos nos últimos oito anos pela administração de Arapuá. *E no momento que eu, de forma persistente, desde 2005, botei os projetos de grande vulto, de infraestrutura urbana como prioridade, como foi mais de quarenta mil metros de asfalto, como foi a primeira e a segunda etapa da Lagoa de São Raimundo Nonato que deu novo aspecto a Várzea Alegre, como foi a Escola Profissionalizante que hoje educa*

e profissionaliza jovens de minha amada terra, como foi escolas das comunidades das Serras dos Cavalos que antigamente pra ir tinha que ir de jumento ou de cavalo, hoje vai de carro, vai de moto, vai do que quiser e ao invés de casa de taipa hoje tem escola digna pra quem quiser naquela comunidade estudar. Todas as obras concretas que foram feitas: grandes praças, grandes escolas e de infraestrutura. Nada se compara a condição digna que um prefeito dá ao seu povo de ter um trabalho para no final do mês o 'cabra' botar o dinheiro no bolso, chegar no (sic) mercantil e pagar a feira e levar o que comer pra casa pra sua família, pra seu filho e sua filha. E nisso, eu tive a preocupação, que a maioria dos prefeitos não conseguem (sic) realizar esses sonhos. De levar a indústria pra o interior.

“Fazer do dever de casa”, na perspectiva desse gestor, inclui ainda desenvolver obras de infraestrutura, criar escolas, abrir estradas, oferecer trabalho que gera dignidade ao seu povo. É como se ele dissesse aos varzealegrenses presentes ali na festa: as razões que fizeram muitos de vocês migrarem - falta de emprego, acesso à saúde, dificuldades financeiras, etc. - não existem mais. Isso vai ampliando nos Filho-Ausentes aquele desejo de voltar à sua terra natal. “Sabe, eu penso em voltar sim. Quero fazer um curso técnico de enfermagem e vou voltar pra procurar um emprego lá” (Maria Ferreira, 40 anos). “Eu até tentei, voltei, montei uma lanchonete, mas não deu certo. Ali é difícil demais”. (A. Soares, 35 anos). Veja que nem sempre a realidade corresponde aos discursos. Essas dificuldades também são enumeradas pelo discurso do gestor quando afirma que inúmeras são as dificuldades de se implantar, nos municípios do interior, indústrias que possibilitem a geração de emprego e renda. Mesmo assim ele teria conseguido atrair pelo menos cinco delas. Vale destacar que uma das empresas citadas pelo gestor, a Ópion, pertence a ele mesmo e se destaca na fabricação de camisetas e bonés. *Porque a indústria no interior é complicado. Porque Várzea Alegre fica a 470km de Fortaleza. Onde tá o cais, onde tá os grandes aeroportos, e isso é difícil para o deslocamento da mercadoria e para a aquisição da matéria-prima. Todo custo fica oneroso. Mas nós conseguimos. Conseguimos **Ressol do Brasil** que hoje é **Confoplast**. Conseguimos **Essencial Brindes**. Conseguimos **Ópion** e conseguimos agora a **GVS**. O município fez uma doação de um terreno que, se Deus quiser, teremos o orgulho de daqui no máximo dois anos a gente tá inaugurando esse grande galpão, gerando no mínimo 200 empregos, para dar oportunidade a 200 varzealegrenses. E Várzea Alegre tem crescido por essas iniciativas.*

Depois de enumerar as suas ações enquanto prefeito de Várzea Alegre, Arapuá atribui ao seu sucessor a garantia de continuidade. É na figura de seu substituto frente ao governo de Várzea Alegre que ele garante a manutenção de seus projetos (ainda inacabados) e de novas realizações, podendo este novo gestor contar com o seu apoio nessa jornada que estava para ser iniciada. *E eu tenho plena convicção que Forquilha, pela sensibilidade que tem, pelo amor que tem a Várzea Alegre, juntamente com Panelas (vice), com o meu apoio de forma direta e indireta, fará também uma grande gestão, preocupada com isso: preocupada em fazer o povo ter condições de viver dignamente. Eu disse e repito: a cada ano que venho, venho pra tomar uma com os amigos, venho pra visitar os conterrâneos, mas venho também pra **prestar contas**. E hoje a gente está encerrando o mandato, entregando agora em dezembro mais de 20 obras importantes pra Várzea Alegre e deixando aproximadamente 16 obras em andamento para Forquilha continuar em 2013. Obras essas que estão inclusas três creches, uma na Varjota, uma no Riachinho, uma na Vazante [bairros]. Creches que darão a condição digna da criança de zero a três anos ter conforto e ter educação adequada para se formarem cidadãos e deixar a oportunidade de seus pais irem trabalhar sabendo que seu filho tá bem entregue, de forma confortável. Mas além das creches tem muito mais, tem praça Pedro Souza, tem asfalto, tem calçamento, tem açude do São Caetano, tem muita obra, não vou dizer todas senão a gente passa a tarde toda.*

Mas o que predomina repetidamente nesse discurso é a ideia de “prestação de contas” associado à perspectiva do cuidado. Praças, creches, asfaltamento de vias urbanas, construção de açudes são diferentes maneiras de dizer “estamos cuidando de Várzea Alegre”. O que significa dizer que a cidade está sob boas mãos. Que podem ficar tranquilos porque, se antes havia sofrimento, tristeza e dificuldades expulsando os moradores, hoje têm facilidades que permitem dignidade aos conterrâneos daqueles migrantes.

O prefeito diz não querer tomar o tempo da festa dos varzealegrenses. Não seria interessante passar “a tarde inteira” narrando sua prestação de conta aos Filhos-Ausentes. Ao mesmo tempo que percebe a importância de sua presença e daquele discurso é como se ele soubesse que precisava ser breve, mas mesmo na brevidade algumas coisas importantes precisavam ser ditas. Não somente ditas, mas reforçadas, como o discurso sempre presente de que a Várzea Alegre de ontem não é a mesma de

hoje. *Mas eu só quero dizer uma coisa, foram oito anos de transformação. E eu tenho a alegria hoje de vir aqui de forma muito humilde que não fiz nada mais nada menos (cita nome de algumas pessoas presentes) nada mais do que a minha obrigação. O povo de Várzea Alegre me deu a confiança em 2004, me elegendo prefeito junto com Tibúrcio, me deu novamente a confiança em 2008 e me elegeu mais uma vez prefeito de Várzea Alegre, juntamente com T. (T. B, vice-prefeito), então eu fiz simplesmente a minha obrigação de gestor público. E é com essa sensação de dever cumprido que venho aqui também agradecer a confiança de vocês que são varzealegrenses, mas que moram aqui em São Bernardo. Porque vocês também são importantes no processo eleitoral. Porque vocês também nos dão energia e força pra gente conquistar as eleições lá em Várzea Alegre.*

Perceba que a festa em São Bernardo do Campo, é um espaço não só de agradecer, mas acima de tudo de pedir votos. Distante quase três mil quilômetros de Várzea Alegre, essa rede que se estabelece entre origem e destino faz com que os políticos aproveitem aquele momento para dar um recado aos eleitores que moram na cidade cearense, recado esse mediado pelos seus parentes distantes. Esse relacionar-se na festa tem uma importância simbólica significativa para o político, ao mesmo tempo em que complexifica o momento em si. “A festa é uma imagem concreta do todo social e nela presentifica-se a pessoa política, cuja ambiguidade significativa a festa reduplica”. (CHAVES, 2003, p. 65)

A premiação com o Selo Unicef¹⁰⁹, pela segunda vez durante os seus oito anos de gestão, reforça ou serve como forma de explicar as melhorias ocorridas na cidade nos últimos anos. Tais prêmios também amenizam, de acordo com seu entendimento, aquele momento não como sendo de autopromoção política e pessoal, “não estou aqui me gabando”. *E eu quero dizer que o trabalho que fiz, deu a oportunidade de entre 184 municípios que tem o Estado do Ceará, não é um, não é dois, não é três, são 184 cidades que tem o Estado do Ceará, apenas 34 conseguiram o selo verde pelas práticas de respeito ambientais. Várzea Alegre tá ai entre os 34. Estarei terça-feira em*

¹⁰⁹ O Selo UNICEF Município Aprovado é uma iniciativa para melhorar as condições de vida das crianças e dos adolescentes no Semiárido e na Amazônia Legal Brasileira, áreas que concentram o maior número de meninos e meninas em situação de vulnerabilidade. A primeira experiência do Selo UNICEF ocorreu no Ceará, em 1999, onde foram realizadas três edições estaduais. Em 2005, o Selo foi ampliado para todo o Semiárido e, em 2009, para a Amazônia Legal Brasileira Material disponível em http://www.unicef.org/brazil/pt/where_9763.htm Acesso em 15 de abril de 2016.

Fortaleza recebendo o prêmio (aplausos). Mas o maior instituto, a maior entidade que reconhece as melhores gestões públicas do Brasil e do mundo chama-se Unicef, são poucos municípios que conseguem ser Unicef. Várzea Alegre fez agora, com muito orgulho, 142 anos de Emancipação Política, sabem quantos selos Unicef Várzea Alegre tem? Apenas dois. Conseguídos por Arapuá: um em 2006 e outro agora em 2012 que estarei recebendo agora na próxima semana. (aplausos). Durante os oito anos de gestão, cumprindo o dever de casa, conseguimos receber, por sete anos consecutivos, o título dos melhores trinta prefeitos do estado. E isso tudo eu queria dizer a vocês, mais uma vez, não é meu perfil de estar aqui me gabando, estou aqui dizendo a vocês porque estou prestando contas. Então tenho que dizer que fomos merecedores pelo trabalho, pelos resultados, acima de tudo. Em 2011, quando peguei Várzea Alegre, Várzea Alegre tinha uma mortalidade infantil (volta a citar nomes de pessoas presentes, convida uma liderança do PMDB para subir ao palanque). Nós tivemos em 2011 uma mortalidade infantil de sete (nesse momento o locutor fala algo no ouvido de Zé Hélder) de sete crianças a cada mil nascidas (cita o nome de duas outras autoridades políticas e convida uma delas a fazer parte do palanque). Em 2004, a cada mil crianças que nasciam em Várzea Alegre, morriam 26. E pra gente que não perdeu o filho, ou a filha, ou o sobrinho, ou a sobrinha, isso não é nada. Mas é um desprezo a questão dos pré-natais, a questão da assistência à saúde básica, que é obrigação do prefeito. E de 26 nós baixamos pra 7.2 e tivemos o privilégio de receber comenda do governo do Estado porque tivemos a menor mortalidade infantil do Estado do Ceará de 2011 pra 2012. (aplausos). Resultado do trabalho. Dedicção e respeito à família varzealegrense. E aí, irmãos varzealegrenses, prestando contas, porque o ano que vem eu vou tá aqui como cidadão, eu quero dizer que os avanços foram muitos.

Também não basta falar sobre as melhorias realizadas durante a sua gestão naquele município, é preciso provar que elas de fato aconteceram. Para isso o gestor aciona as premiações recebidas, como o selo Unicef e a comenda do governo do estado pelo trabalho desenvolvido no combate à mortalidade infantil. Uma prestação de contas requer documentação necessária a título de validar os investimentos realizados. Para isso, além das já mencionadas premiações, há a exposição de fotografias e vídeos das melhorias feitas em Várzea Alegre. Nesse esforço em convencer e agradar o público, o político cede espaço para o cidadão. No início do discurso predominava a figura do

prefeito, do gestor, do administrador de Várzea Alegre, já parte final são as qualidades do cidadão, do irmão, que se sobressaem. O político apela agora para os valores familiares, numa conexão direta com o próprio discurso da festa, que preza pela “confraternização”, pela reunião dos “irmãos varzealegrenses”, etc.

Já na parte final do discurso Arapuá convida seu substituto à frente da Prefeitura de Várzea Alegre, Forquilha, e o vice-prefeito eleito Panelas. Ele ainda menciona o caso de um jovem, deficiente físico, estudante de escola pública, chamado Ricardo Oliveira, que se tornou conhecido em todo o país, depois de receber das mãos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a medalha de ouro nas Olimpíadas de Matemática no ano de 2008. Ricardo Oliveira foi destaque no programa *Fantástico*¹¹⁰ da Rede Globo e após a repercussão pela conquista do prêmio, o jovem que morava na zona rural recebeu da prefeitura uma casa pra morar na cidade e continuar os estudos. *Ricardo Oliveira, que não sabia nem o que era uma escola, hoje é um orgulho varzealegrense porque Arapuá e a Secretaria de Educação deram a oportunidade do menino estudar e foi tetracampeão nas Olimpíadas de Matemática. Um jovem paraplégico que concorria com mais de dezessete milhões de crianças normais e deu ao povo de Várzea Alegre e do Brasil o orgulho e, acima de tudo, o exemplo (cita outro conhecido presente no público) de que não basta ser rico e ter saúde, o importante é ter força de vontade. E ele sem saúde e pobre, vindo lá da vacaria, conseguiu ser tetracampeão das Olimpíadas de Matemática, concorrendo com crianças normais de todo o país. Então a nossa gestão, meu amigo Forquilha, que quero convidar aqui pra frente meu amigo Panelas, deu a Várzea Alegre a oportunidade de vivenciar momentos de glória, de sucessos, de vitórias e quando a gente escolheu você Forquilha e você Panelas pra continuar esse trabalho, a gente escolheu porque a gente confia em vocês. E eu tenho plena convicção de que a continuidade do avanço, do progresso de Várzea Alegre será dada novamente a partir do dia primeiro de janeiro de 2013, porque sei do seu amor e da sua capacidade à Várzea Alegre, sei do seu amor Panelas e da sua capacidade para Várzea Alegre e tenho plena convicção de que nós teremos muitas vitórias no futuro, e*

¹¹⁰O Fantástico exibiu uma reportagem sobre a premiação e contou a história de vida de Ricardo Oliveira em março de 2008. Ricardo vive numa cadeira de rodas e, de acordo com a reportagem do Fantástico: “ele nasceu com uma doença neurológica que atrofia a medula espinhal e causa fraqueza nos músculos”. Material disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL334233-5604,00-CAMPEAO+DE+MATEMATICA+LUTA+CONTRA+DOENCA+PARA+ESTUDAR.html> acesso em 14 de maio de 2015

essas vitórias não serão deles dois e nem minha, é a vitória do povo da nossa amada e queria ‘Terra de Papai Raimundo’¹¹¹. Meu muito obrigado. Que Deus abençoe sempre a família varzealegrense, independente de onde estiver. Obrigado!’ .

A ideia de progresso associada aos diversos sentidos, símbolos e significados que a palavra “cuidar” pode sugerir, são mobilizados para garantir o sucesso daquele ator político (gestor municipal) no ambiente da festa migrante. O sucesso nas urnas não significa uma vitória pessoal ou individual, mas uma conquista coletiva do povo de Várzea Alegre. Terra onde todos são irmãos porque possuem um único pai: “Papai Raimundo”. Valores familiares tão importantes para o migrante que muitas vezes tem nesse apoio familiar a possibilidade de efetivar a migração. Missão que não acabaria com o seu mandato, teria continuidade com o gestor seguinte: afilhado político dele. Manter-se-á a continuidade de um trabalho rumo ao progresso e ao desenvolvimento da terra de origem do migrante. Este não precisa se preocupar com o familiar nessa terra “alegre” e “próspera”. O mercado com as empresas a serem instaladas estão garantindo o emprego - pois a falta dele faz com que o filho de Várzea Alegre migre, se ausente, torne-se um retirante - as ações na área de saúde e educação estão proporcionando qualidade de vida aos conterrâneos (sem isso não se pode ter dignidade), são essas “vitórias” e esses “avanços” que precisam ser compartilhados, divulgados, propagados naquele ambiente festivo.

Um ano depois, Forquilha vem à festa na condição de prefeito do município e, repetindo o gesto de seu antecessor e padrinho político, agradece o apoio dos varzealegrenses em solo estrangeiro. Na oportunidade ele reafirmar o seu compromisso com a festa e com o povo de Várzea Alegre. Portanto, de maneira resumida, temos numa edição da festa a campanha lançada, na outra o candidato eleito tem sua pré-posses. Tudo isso com a mediação e o apadrinhamento da liderança política e o prestígio junto à comunidade varzealegrense em São Bernardo do Campo, adquiridos por Arapuá. Esforço de aproximação com o público eleitor que pode ser compreendido na mesma perspectiva de Lima (2008, p. 166) ao analisar a relação entre festa e política no contexto do São João de Campina Grande.

¹¹¹Trata-se de Raimundo Duarte Bezerra, considerado um dos fundadores da cidade de Várzea Alegre, por isso o hino do município se refere a “terra de Papai Raimundo” e seus moradores costumam fazer essa referência também para dizer que são de Várzea Alegre. Existe uma confusão quando se refere a “Papai Raimundo” pois é comum atribuir esse termo ao padroeiro São Raimundo Nonato.

O que se busca, ao que tudo indica, é dessacralizar a ideia da política como uma instância separada da sociedade e nada mais propício e promissor para construção do perfil político do prefeito que o ambiente da festa, enquanto possibilidade de proximidade com o povo – seus eleitores.

Dessa forma, o prefeito e sua comitiva, formada por vice-prefeito, secretários, representante da câmara municipal e empresários, cumprimentam os participantes da festa, sugerem mudanças e tentam construir e sustentar uma imagem de um líder democrático, sensível aos apelos do povo, aberto às críticas e elogios.

A realização da Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo, tomando por base o exposto anteriormente, permite uma variedade de sentidos e múltiplas apropriações. É um evento que se propõe, durante um único dia, reunir os migrantes de Várzea Alegre, num tom de confraternização, mas é ainda, acima de tudo, um momento propício para a exposição pública de autoridades políticas locais dos dois municípios brasileiros e de disputa de poder local. No momento em que a Festa dos Varzealegrenses passa a ser “patrocinada” pelas prefeituras de São Bernardo do Campo e de Várzea Alegre, ela adquire novos contornos e conquista ares de festa institucionalizada. Sinaliza para um instrumento de comunicação direta entre as ações e proposições políticas e seu público eleitor. O palco torna-se grande palanque onde se alternam políticos com seus discursos que orientam para suas ações administrativas.

É importante perceber tais questões considerando o que nos alerta Lima (2008, p. 188) “A festa é uma dádiva para o povo e este em retribuição delega o seu amor, felicidade e admiração àqueles que assumem a paternidade do evento”. E evidentemente os políticos compreendem muito bem o que está dito acima. Eles acreditam e apostam num retorno, político, social e econômico de tal empreendimento. Não por acaso, seguindo o ritual de “festa familiar”, o prefeito de Várzea Alegre, na companhia de sua esposa, a primeira dama do município, cumpre durante todo o dia de realização da festa, uma maratona de visitas aos conterrâneos e lideranças varzealegrenses residentes em São Bernardo. Durante a festa, desfilam por entre as mesas, cumprimentando a todos com simpatia.

Ao promover a festa em um novo espaço (simbólico), as autoridades políticas dos dois municípios inauguram uma nova fase desse evento, o que vai desencadear

posicionamentos favoráveis e contra. Vale destacar ainda que em 2013, durante a realização da nossa pesquisa, foi possível perceber o pagamento de uma taxa para o acesso ao ambiente da festa no valor de cinco reais.

5.4 “A dor de vocês é a minha dor”: os discursos que conectam a política com a festa.

A internet, em especial as redes sociais, tem contribuído bastante para a divulgação da Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo. Além da comunicação interpessoal - chamado por eles de “boca a boca” - podemos dizer que são estes meios de comunicação modernos as principais formas de propagação do evento junto ao seu público. Foi, portanto, a partir da popularização da internet, que a festa ganhou mais destaque e notoriedade perante o seu público. Evidentemente que ela surge num momento anterior e possui um público resultante, em grande medida, desses contatos proporcionados pelas redes dos migrantes amigos, vizinhos, colegas de trabalho, etc. Mas a mídia tem exercido um papel importante na construção de uma ideia de festa “tradicional” e permitido que a festa chegasse ao conhecimento de outras pessoas.

Dessa forma o evento vai reunindo pessoas que moram em São Paulo e região, como é o caso desse informante que residia em Campos dos Goitacazes, município carioca: “Eu não moro aqui em São Paulo, vim do Rio de Janeiro só pra festa” (Emílio, 25 anos). Ele ainda é um jovem de pouco mais de vinte anos, e certamente aproveita a festa para se divertir e paquerar. Já esse casal afirma que costuma frequentar a confraternização dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo: “Nós, eu e meu esposo, somos de Várzea Alegre, mas moramos no interior de São Paulo, em Birigui, mas não perdemos uma edição da festa. É bom demais” (Maria, 30 anos). Um grupo de jovens varzealegrenses, que reside no centro de São Paulo, encontrou uma forma de aproveitar a festa sem se preocupar com a volta pra casa: “A gente alugou um ônibus e viemos do centro de São Paulo aqui pra São Bernardo acompanhar a festa” (Paulo, 28 anos). Essas impressões, aliadas às imagens e vídeos divulgados nas redes sociais, têm garantido a propagação do evento e garantido a presença, a cada ano, de novos foliões.

Os portais de notícias dos dois municípios, além das emissoras de rádio, em especial do município de Várzea Alegre, também destacam a realização da festa.

Tratam o momento como “oportunidade de confraternização dos varzealegrenses em São Paulo e mensuram o sucesso do evento em virtude do número de pessoas que dele participam ou das autoridades que ali se fizeram presentes. É bom lembrar que a presença dos políticos é sempre apontada em destaque nas notícias veiculadas pelos sites e blogs que tratam do evento. A festa, enquanto “confraternização dos varzealegrenses”, surge em segundo plano. Autoridades de Várzea Alegre e São Bernardo são sempre mencionadas nos textos que também destacam a relação entre os dois municípios. Conforme esse trecho publicado na versão online do Diário do Nordeste sobre a XVII edição da festa: “O ex-prefeito de Várzea Alegre, Arapuá, também esteve na festa e quando falou ao público, destacou que o povo de Várzea Alegre é único pela alegria, tradição, hospitalidade, sendo que a festa representa a união da cidade cearense com a cidade paulista de São Bernardo”¹¹².

Os discursos da mídia sobre o evento seguem intencionalidades semelhantes ao que aponta (LIMA, 2008, p 191) a respeito da “construção” da Festa Junina na Cidade de Campina Grande. As estratégias buscam transmitir um discurso que visa determinado fim. “Nunca é uma linguagem aleatória, desprovida de sentidos e interesses, pelo contrário, ela é um poderoso instrumento de criações imaginárias”. Tais estratégias midiáticas estariam, dessa forma, auxiliando na construção de um perfil para a festa, sempre na perspectiva de sucesso¹¹³.

Todos os anos uma comitiva formada por autoridades políticas de Várzea Alegre dirige-se ao evento em São Bernardo do Campo e essas informações vão integrar o conteúdo das notícias dos portais de notícias, sejam eles institucionais (da própria prefeitura), ou relativamente “independentes”, como os blogs e redes sociais.

¹¹² Com o título: “[Realizado o XVII Encontro dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo](http://blogs.diariodonordeste.com.br/centrosul/cidades/realizado-o-xvii-encontro-dos-varzealegrenses-em-sao-bernardo-do-campo/)” a reportagem encontra-se na versão online do Diário do Nordeste, disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/centrosul/cidades/realizado-o-xvii-encontro-dos-varzealegrenses-em-sao-bernardo-do-campo/> Acessado em 15 de maio de 2015.

¹¹³ Em 2013, o site da Prefeitura Municipal de Várzea Alegre deu o seguinte título para a notícia sobre a festa em São Bernardo do Campo : “**Festa dos varzealegrenses foi sucesso de público em São Paulo**” a reportagem encontra-se disponível em: <http://www.varzeaalegre.ce.gov.br/portal/festa-dos-varzealegrenses-foi-sucesso-de-publico-em-sao-paulo/> Acessado em 8 de junho de 2015



Imagem 25: Comitiva de autoridades de Várzea Alegre, embarcando no aeroporto de Juazeiro do Norte para a Festa dos Varzealgrensens em São Bernardo do Campo, dezembro de 2013

Fonte: Site oficial da Prefeitura de Várzea Alegre

Em 2013, essa comitiva acima, formada pelo prefeito recém-eleito da cidade de Várzea Alegre (de vermelho), a primeira-dama (de vestido, à frente) e alguns secretários esteve no evento e foi destaque em vários canais de notícias online. O blog “pé no chão informativo”, administrado por um filho de Várzea Alegre ligado à administração, destacou a seguinte informação:

O Prefeito Forquilha (PSD) embarcou na manhã desta sexta-feira, 29, para o município de São Bernardo do Campo, em São Paulo. Ele estava acompanhado de uma comitiva de oito pessoas, entre as quais a primeira-dama, (...), que participará da XVI Festa da Associação Beneficente Cultural Varzealegrense, no domingo, dia 1º de dezembro, na Associação dos Funcionários Públicos de S.B.C., localizado à rua 21 de outubro, no Centro de São Bernardo do Campo – São Paulo.

Um fato interessante é que a profusão de imagens e notícias sobre essa festa tornou-se mais comum a partir do momento em que ela passa a acontecer na Associação dos Funcionários públicos de São Bernardo do Campo. Isso pode ser entendido a partir de dois eixos: primeiro, porque nos últimos anos a popularização da internet e a criação de páginas e perfis nas redes sociais facilitou esse diálogo de todos com todos na emissão das informações e, segundo, porque a presença dos políticos na festa deu maior visibilidade ao evento, sendo essa presença facilitada com a transferência da festa da

periferia para o centro da cidade. Nesse sentido, recorreremos mais uma vez à interpretação de Lima (2008, p. 192): “... é inquestionável a afirmação de que a mídia surge como um excelente colaborador para instituir a festa com os seus múltiplos discursos e atenção para a cobertura diária do evento”.

Os blogs também são excelentes espaços de manifestações contrárias à situação, ou seja, ao atual governo de Várzea Alegre, especialmente a respeito do comportamento desses gestores na Festa de São Bernardo do Campo. Veja o que diz essa publicação se referindo aos discursos do prefeito Arapuá, proferidos na festa em relação ao seu antecessor, J. E. N. “No entanto, quando J. foi participar da Festa de Varzealegenses em São Bernardo do Campo, em 1997, em momento algum levou telão, provocou conterrâneos, fez comparações. E como ele tinha o que comparar! ¹¹⁴”. Para a oposição, o prefeito de Várzea Alegre estava, de maneira equivocada, utilizando o espaço da festa em São Bernardo do Campo para incitar os conterrâneos sobre os “desmandos” da administração que o antecedeu.

De uma maneira geral, tem sido os portais de notícias (sites e blogs) que mais destacam o evento. Eles também abrem espaço para que autoridades políticas se manifestem e, de certa forma, consigam atingir o maior número de pessoas. Veja o que publicou o site Várzea Alegre ponto com, quando o presidente do Partido Trabalhista Nacional (PTN), de São Bernardo do Campo – São Paulo, Eduardo Alves da Silva, visitou a cidade de Várzea Alegre, no início de 2016.

Paraibano e empresário do ramo de restaurante, “Eduardo Chabocão” também é político, tendo concorrido a uma vaga de vereador na cidade de São Bernardo do Campo nas eleições do ano de 2012, ocasião em que recebeu 1.950 votos. Faltaram 400 votos para que conseguisse se eleger.

Na suplência da Câmara, não se afastou da política, montando uma base de trabalho naquela cidade paulista.

Nas eleições de 2016, “Eduardo Chabocão” tem pretensões de mais uma vez concorrer a uma vaga na Câmara Municipal de São Bernardo. Costurando sua possível candidatura, ele vem mantendo contatos com a comunidade.

Varzealegenses que moram em São Bernardo do Campo, que são próximos ao político, articularam sua visita à cidade de Várzea Alegre. O objetivo do grupo é fazer funcionar o projeto que existe

¹¹⁴ Com o título: “[Algumas](http://vazeaalegrereal.blogspot.com.br/2011/02/algumas-verdades-sobre-o-carnaval-de.html) verdades sobre o carnaval de Várzea Alegre” a postagem questionava a informação do então prefeito Arapuá, de que teria sido o carnaval uma criação dele e de sua equipe. Texto na íntegra encontra-se disponível em: <http://vazeaalegrereal.blogspot.com.br/2011/02/algumas-verdades-sobre-o-carnaval-de.html> Acessado em 15 de maio de 2015

desde 2011, quando Várzea Alegre e São Bernardo do Campo, assinaram termo de parceria que configura as duas cidades como coirmãs¹¹⁵.

Associado a esse material publicado no site local, estava uma entrevista em áudio, feita com o político que disse ter vindo a Várzea Alegre visitar alguns conhecidos. Ele estava com cerca de 40 visitas pra fazer na cidade. O presidente do PTN disse ainda que estava se colocando a “disposição do povo de Várzea Alegre” porque, como filho de São Bernardo, ele conhecia os trâmites, “os caminhos” que facilitaria a vida dos varzealegrenses naquela cidade paulista. “Na sua rádio, me coloco a disposição. A dor de vocês é a minha dor, a preocupação de vocês é a minha preocupação”. Eduardo Alves da Silva, também disse que ouviu, ao chegar à cidade cearense, as pessoas dizerem: “Lá em São Bernardo tem outra Várzea Alegre”. Na verdade o presidente do PTN de São Bernardo do Campo estava a procura de votos para chegar a Câmara de Vereadores e os migrantes varzealegrenses podem ajudá-lo nessa empreitada. Mas porque vir até Várzea Alegre? É conquistando a simpatia dos varzealegrenses no Ceará que ele aposta nos votos dos que em São Bernardo do Campo residem. E ele tinha muito o que fazer em Várzea Alegre. “Quando o pessoal em São Bernardo soube que vinha pra cá era todo mundo dizendo: vai na casa de meu pai, vai na casa da minha mãe”. Eduardo também já esteve na festa do varzealegrenses em São Bernardo e em sua entrevista disse que ficou “surpreso com a aceitação que eles tiveram por mim”. São esses interesses que envolvem um discurso de “irmandade, comunidade, união” entre os dois municípios que vão conectando e, ao esmo tempo, aproximando Várzea Alegre de São Bernardo. E isso tem se tornado cada vez mais comum.

Eduardo Alves da Silva, ou “Eduardo Chabocão” como é popularmente conhecido, não foi o único a visitar Várzea Alegre nesse início de ano, como também noticiou o site Várzea Alegre Ponto Com.

Nesse início de 2016, Várzea Alegre está recebendo a visita do Vereador de São Bernardo do Campo por quatro mandatos ‘Toninho da Lanchonete’. O parlamentar veio ao município com o intuito de rever amigos e a terra que, segundo ele, aprendeu a admirar e a gostar. Procurado por nossa reportagem, o vereador relembrou algumas ações e feitos que o ligam a Várzea Alegre, citando, como exemplo, o

¹¹⁵ Disponível em: <http://varzeaalegre.com/portal/presidente-do-ptn-de-sao-bernardo-visita-varzea-alegre/> Acessado em 12 de fevereiro de 2016

projeto de lei de sua autoria que reconhece São Bernardo do Campo, como cidade irmã de Várzea Alegre¹¹⁶.

É sempre importante destacar que 2016 é um ano de eleições municipais. Dessa forma fica mais fácil entender essas visitas “familiares” e “desinteressadas” de políticos de São Bernardo do Campo a Várzea Alegre. Na entrevista concedida a uma emissora de rádio e disponibilizada ao referido site, Toninho da Lanchonete fala do apoio dado aos varzealegenses em São Bernardo do Campo desde o início dos anos 1980. Antes mesmo de assumir uma cadeira na câmara de vereadores da cidade. E que, ao assumir uma vaga no legislativo, sua primeira iniciativa foi criar um projeto que tornasse a cidade de Várzea Alegre irmã da cidade de São Bernardo. “Era um reconhecimento de toda a comunidade varzealegrense que estava lá pelo trabalho que ela sempre teve junto com a cidade de São Bernardo”. Sobre esse discurso de irmandade, já refletimos no início desse capítulo. Mas seus esforços em reconhecer essa importância do filho de Várzea Alegre que reside em São Bernardo não teriam parado por aí.

Logo em seguida, a gente fez um outro projeto também, colocando o dia de São Raimundo Nonato, nos festejos do aniversário de São Bernardo pelo santo devoto de Várzea Alegre. Fizemos também o dia da comunidade varzealegrense que a gente comemora todo o mês de agosto com uma sessão solene na câmara municipal e nesse dia a gente reconhece, a cada ano, a gente reconhece as pessoas que muito fizeram pela nossa cidade¹¹⁷.

Os discursos que evocam as categorias irmandade, comunidade, gratidão e reconhecimento, vão permear as narrativas, sejam elas feitas por políticos ou pelos veículos de comunicação que falam sobre essa relação entre Várzea Alegre e São Bernardo do Campo. E isso se torna mais comum em tempos de festa. A própria visita de um político de São Paulo à cidade cearense já soa como um momento festivo: de celebração, de recepção, de agradecimento por “ajudar”, “auxiliar”, o filho, o parente que para lá migrou. É, portanto, valendo-se dessas vantagens, evidenciadas particularmente no momento da festa e ou festivo, que esses discursos são elaborados e massificados. Evidentemente que isso só tende a ser ampliado, especialmente nos meses

¹¹⁶ Disponível em: <http://varzeaalegre.com/portal/2016/01/19/vereador-toninho-da-lanchonete-visita-varzea-alegre/> Acessado em 12 de fevereiro de 2016

¹¹⁷ Trecho da entrevista concedida à Rádio Cultura de Várzea Alegre, em 19 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://varzeaalegre.com/portal/2016/01/19/vereador-toninho-da-lanchonete-visita-varzea-alegre/> Acessado em 12 de fevereiro de 2016

que seguem, já que 2016 é um ano eleitoral. Portanto, ainda há muito o que se discutir e refletir sobre as conexões existentes entre esses dois municípios brasileiros, aparentemente tão distantes e objetivamente tão próximos.

Se Várzea Alegre está tão próxima de São Paulo, como demonstramos através dessas conexões entre autoridades políticas, como os jovens com idade entre 15 e 29 anos (IBGE, 2010), filhos de migrantes, reatualizam os laços de pertencimento com a comunidade de origem dos pais? Muitos estudos no campo da migração ignoram essa segunda geração de migrantes ou apontam um certo desligamento com o território de origem dos pais. Para entender essa dinâmica que mais uma vez conecta São Paulo e Várzea Alegre, acompanhamos os jovens em dois momentos: o primeiro deles no sertão e posteriormente na metrópole. Essa é uma discussão que iniciaremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO VI – JUVENTUDE E SOCIABILIDADE: OS ELOS DE PERTENCIMENTO E O LAZER DOS FILHOS DE MIGRANTES ARTICULANDO A METRÓPOLE E O SERTÃO. (UM RELATO ETNOGRÁFICO)

Autores como Magnani (1990, 2003, 2012), Baptista (2003), Rigamonte (2001, 2008), Silva (2000), Pires (2013), Paes (2009), Lima (2012), Menezes et al. (1990), Evelyn (1988), entre outros pesquisadores, têm dedicado grande esforço em compreender e interpretar a festa ou o retorno dos migrantes em tempo de festa, tomando como interlocutores uma primeira geração de migrantes. Seja ela [a festa] realizada no destino Magnani (1990, 2003, 2012); Baptista (2003); Rigamonte (2001,2008); Paes (2009); Evelyn (1988) ou na origem, incluindo os retornos nesse período Rigamonte (2001, 2008); Lima (2002); Pires (2013); Menezes et al. (1990). Tais discussões apresentadas por esses pesquisadores praticamente não fazem referência aos filhos dos migrantes, ou seja, ao que estamos denominando aqui de uma segunda geração: como se divertem, que se relacionam com o lugar de origem dos pais e reatualizam os elos sociais.

Sentimos em toda a bibliografia utilizada nessa pesquisa uma ausência de um debate que pudesse contemplar uma segunda geração de migrantes e sua relação com o território de origem dos pais. Chianca (2006) é quem avança um pouco mais quando identifica na quadrilha junina em bairros periféricos de Natal - RN, organizada especialmente pelos jovens, esse elo de identificação com o lugar de origem dos pais. No caso dos varzealegrenses, especialmente os membros da família Leandro, percebemos, ao longo de nosso trabalho, que as festas, os passeios, os retornos dos pais e dos jovens filhos dos varzealegrenses reatualizam permanentemente esses elos. Qual o sentido de um deslocamento anual entre São Paulo e Várzea Alegre, esperado ansiosamente pelos jovens em momentos de festa, por exemplo? Não são apenas as presenças dos avós que atraem o retorno deles, embora isso seja importante do ponto de vista das relações e dos afetos familiares. O interessante é que o período escolhido é quase sempre os momentos favoráveis às festas: dezembro, agosto, junho.

Antes de pretendermos concluir esse trabalho, gostaríamos de, mesmo deixando em aberto, iniciar um debate que consideramos importante e presente ao longo de nossa

pesquisa de campo: como os jovens¹¹⁸, integrantes de uma segunda geração de migrantes varzealegrenses, muitos deles já nascidos em São Paulo, vivenciam e articulam a sociabilidade entre o sertão e a metrópole? Os mais variados estudos sobre o tema demonstram um distanciamento entre a segunda geração dos migrantes, ou seja, os filhos destes, que muitas vezes nem conhecem o lugar de nascimento dos pais. Percebemos que os jovens, filhos de varzealegrenses parecem ter uma maneira especial de vivenciar o tempo livre ou de articular os espaços que envolvem trabalho e lazer em São Paulo. Embora eles conheçam a Festa dos Varzealegrenses em São Bernardo do Campo, tendo inclusive participado de edições que antecederam o desenvolvimento da nossa pesquisa, preferem outras formas de lazer, quase sempre vivenciadas em família. Entre as possibilidades de diversão, tem a própria viagem à praia, descrita anteriormente no capítulo 3, as festas em clubes, os retornos com os pais para o interior do Ceará e os churrascos e aniversários festejados na laje. Para uma pesquisa posterior valeria um estudo mais aprofundado sobre a sociabilidade e pertencimento destes jovens com o lugar de origem dos pais.

O que foi possível perceber, entretanto, e o que tentaremos demonstrar nesse último capítulo da tese, é que as festas, os passeios e os retornos desse grupo reatualizam permanentemente os elos entre São Paulo e Várzea Alegre. E dessa forma, retornando, ouvindo música, conhecendo os artistas e as tendências musicais e locais turísticos da região de nascimento dos pais, eles vão construindo os elos de pertencimento que os manterão ligados a esse território. Possivelmente, as festas e as experiências de sociabilidades vão sendo construídas dentre deles, ao longo da infância e juventude, durante os sucessivos retornos dos pais ao município cearense.

Acompanhamos um desses retornos à Várzea Alegre, ocorrido no final de 2013 e início de 2014, quando Amaro, 18 anos; Pacheco, 23 anos; e Fortuna¹¹⁹, 17 anos, retornaram para passar o final de ano com a família no Ceará. Procuramos entender como são vividas essas experiências de lazer que articulam o lugar de origem dos pais e a experiência na metrópole. Durante dez dias acompanhamos e etnografamos para nossa

¹¹⁸ Estamos denominando de jovens, os filhos dos migrantes varzealegrenses, em sua maioria nascidos em São Paulo, com idade entre 15 e 29 anos, conforme definição etária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

¹¹⁹ Fortuna é prima e namorada do Pacheco. Os pais dela, Melosa e Medeiros, também são primos e moram em São Paulo desde que a filha tinha seis meses. Eles não vieram nessa viagem mencionada acima. Fortuna viajou para o Ceará, sozinha de avião porque o carro que trazia os pais do Pacheco já estava lotado. Mencionamos a chegada dela ao Ceará no capítulo 4, quando tratamos da viagem a Juazeiro do Norte.

análise alguns momentos vividos por estes três jovens. Todos estavam conscientes da minha condição de pesquisador¹²⁰, vivenciando as experiências juntamente com eles, e prontamente concordaram em ajudar no trabalho. Para além dessa viagem ao Ceará que incluiu turismo rural, religioso, festas em família e iniciação sexual de um jovem, acompanhamos ainda a sociabilidade destes e de outros jovens integrantes do grupo na metrópole, entre São Paulo, capital e o município de São Bernardo do Campo.

Nesse segundo momento utilizamos duas metodologias possíveis para entender os eventos vividos por eles: em “A ida à chácara” e “Festa dos Leandros”. Analisamos o comportamento e a sociabilidade do grupo de jovens com base em conversas de uma rede social¹²¹, o whatsapp. Os estudos etnógrafos que tomam a internet como campo de análise ainda são poucos e realizados, em grande medida, fora do Brasil. Apostamos em experiências como as pesquisas realizadas pela professora titular do Departamento de Sociologia da University of Surrey, no Reino Unido, Christine Hine, sobre metodologia de pesquisas na internet, com um foco particular na etnografia. A autora já publicou livros importantes sobre o tema como *Virtual ethnography* (2000), *Virtual methods* (2005) e o mais recente *Ethnography for the internet* (2015). Em 2015 ela esteve no Brasil e falou a relevância das pesquisas etnográficas na internet.

Existem agora tantos modos de agregar e visualizar dados on-line que parece quase inaceitável que os etnógrafos não os utilizem. Esses métodos não são, afinal, alheios à tradição da etnografia, que tem com frequência mesclado um rico e evocativo relato a um mapa ou um diagrama para colocar a narrativa em um contexto. Quando a etnografia possui um componente on-line, grande parte dos dados tem origem digital, portanto, isso irá tornar muitas vezes possível explorar padrões nos dados por meio do uso de ferramentas preexistentes ou pelo desenvolvimento de uma solução específica. (HINE, 2015, p. 171)¹²²

A pesquisadora também não deseja diferenciar a etnografia envolvendo a internet de outras formas de etnografia. Mas assegura que aplicar uma abordagem etnográfica à internet exige alguns tipos específicos de criatividade, de modo a ser capaz de detalhar os modos pelos quais as atividades on-line produzem

¹²⁰ Para compreender melhor a relação familiar entre pesquisador e pesquisados, questões éticas e metodológicas, ver artigo de Verônica Sales Pereira: *Família, mentiras e um gravador*. In. Revista Plural: sociologia USP. S. Paulo, 7: 21-38, 1º sem. 2000.

¹²¹ Social Networks, são websites de compartilhamento que, através dos aplicativos para sistemas operacionais usados em smartphones, acabaram se tornando muito populares no cotidiano das pessoas.

¹²² *Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios*. In. Revista MATRIZES: V.9 - Nº 2 jul./dez. 2015 São Paulo – Brasil, p. 167-173.

sentido. “Os etnógrafos são pessoas flexíveis que desenvolvem seus métodos em resposta aos contextos em que se encontram e cada estudo é, por isso, único em sua abordagem” Hine (2015, p. 170). É importante refletir sobre como a internet produz sentido. Em nosso caso, como as ações dos jovens, mediadas pela internet, produzem sentido e se tornam padrões de representações coletivas daquele grupo. O grupo em questão é formado por aproximadamente 15 jovens, homens e mulheres, filhos de varzealegenses que moram em São Paulo, especificamente na Vila Liviero.

O segundo evento trata-se da “Festa sertaneja” com o pesquisador recorrendo aos dados da etnografia virtual, feita com dados fornecidos pelo grupo do whatsapp, e ainda com a presença do pesquisador em campo, ou seja, em São Paulo. Esses últimos eventos analisados na metrópole, aconteceram entre abril e junho de 2015. Em todos eles os jovens estavam conscientes da presença do pesquisador, tendo em diversos momentos, muitos deles dito em tom de brincadeira quando praticavam algo que julgavam importante para o observador: “Eita que essa aí vai para a pesquisa hem”. Iniciaremos a seguir a nossa observação, a partir de uma visita a um balneário, um açude, localizado na zona rural do município de Várzea Alegre – CE.

6.1 No balneário

No dia 30 de dezembro de 2013, durante uma viagem a um balneário do município de Várzea Alegre, um dos poucos que não secaram em virtude da longa estiagem que vinha ocorrendo há, pelo menos, dois anos, o grupo falou muito sobre as histórias do passado. Os exemplos próximos de casamentos não abençoados pelos pais de noivos e noivas, as filhas que eram negadas aos pedidos de casamento, a predileção dos pais por determinados filhos em detrimento de outros. Em função do ambiente em que todos se encontravam e a ocasião - distante de muitas pessoas conhecidas - assuntos que certamente não seriam tocados entre os familiares são colocados em pauta. Principalmente os conflitos internos entre mães, filhos e irmãos. Conflitos oriundos, principalmente, em função dessas escolhas de determinados pais por alguns de seus filhos, desconsiderando a importância de outros.

Um caso mencionado tinha a família de Caraíbas, esposa de Sobradinho e mãe de Pacheco, 23 anos, Amaro, 17 anos, e Boqueirão, 8 anos, como personagens centrais. Caraíbas tem nove irmãos: seis homens e três mulheres. Hoje apenas ela e a irmã Gralhado moram longe de casa. Ao casarem, se mudaram para São Paulo juntamente

com os maridos. Gralhado, embora separada, continua residindo em São Paulo, especificamente na Vila Livieiro com a filha Carnaúba, de 25 anos. Ela e Caraíbas são vizinhas e mantêm uma relação de proximidade, compadrio e ajuda mútua. Amaro, segundo filho de Caraíbas e Sobradinho, é afilhado de Gralhado. Unha de Gato, irmã de Caraíbas, também migrou no final dos anos 1990 para São Paulo. Chegou a morar por quase cinco anos, mas retornou, e como não casou, vive hoje na companhia dos pais. É ela quem acompanha e cuida dos pais já em idade bastante avançada: São Caetano, 93 anos, e Rosário, 88 anos. Os outros irmãos moram no sítio¹²³ dos pais, na zona rural de Várzea Alegre, com exceção de um que, no momento, trabalha como taxista na sede do município.

Em tom de desabafo, Unha de Gato disse que testemunha as preferências da mãe para com um dos filhos. Entre os argumentos para justificar esse tratamento diferenciado estava ajuda financeira, certos mimos e cuidados que não era possível perceber para com os demais. No entanto, este “filho querido” não reconhece o carinho dos pais, tendo inclusive se intrigado com o seu genitor e deixado de frequentar a casa paterna. Unha de Gato não ofereceu elementos suficientes para entendermos os reais motivos que levaram esse corte nas relações entre pai e filho. Disse apenas que esse “filho querido” não dirige a palavra a pelo menos seis de seus nove irmãos. Mas uma situação recente teria causado mais problema entre os membros da família: por ser este irmão agricultor, teria este precisado recentemente de um documento do pai para conseguir a aposentadoria pelo INSS, o mesmo teria mandado negado.

Cuidadosa, Rosário tratou de conseguir o documento junto ao esposo. Acompanhando as injustiças proporcionadas por este filho ao seu pai, Unha de Gato teria dito em tom irônico para a mãe: *“Ah ele vai querer alguma coisa que vem de pai. Pensei que não precisaria já que ele ignora e não dirige uma só palavra ao mesmo”*. Essa observação teria despertado o ódio da mãe que disse em tom ameaçador: *“Deixe pra falar dele quando ele falar de você”*. É importante considerar que os jovens acompanham com interesse e curiosidade todas essas discussões que envolvem o universo familiar deles. Os assuntos tratados ali dizem respeito aos seus tios (irmãos da sua mãe) e de seus avós maternos. Mesmo morando distante, eles acompanham esses

¹²³ A referência à categoria sítio, enquanto lugar de residência, morada, pode ser entendida enquanto esse território de parentesco, onde as relações se dão por uma combinação de parentesco (descendência, filiação e aliança matrimonial). Ver: WORTMANN, Klaas. *Com parente não se negueira: o campesinato como ordem moral*. Anuário Antropológico: UNB – 1990.

conflitos através das conversas dos pais. Também não podemos negar que existe uma conexão que interliga fortemente esses dois espaços de pertencimento dos varzealegrenses. Laços esses que vão ser reconhecidos e disseminados pelos familiares que ficam nos lugares de origem dessas famílias, semelhante ao que nos apresentou Comerford (2014, p. 17) em estudo sobre a Zona da Mata mineira.

Em qualquer localidade rural dessa região, as pessoas sabem dizer exatamente em qual bairro de São Paulo ou do Rio de Janeiro estão quase todos os parentes ou parentes de vizinhos (muitas vezes, o conhecimento que algumas pessoas da região têm dessas grandes cidades se limita à rodoviária e a tais bairros, mesmo quando já moraram lá). Nesses lugares, muitas vezes se estabelecem não apenas uma família ou parentela, mas conjuntos inteiros de famílias e parentelas (com toda a ambiguidade que é constitutiva dos arranjos sociais nos córregos) que também convivem “na roça”. Há lugares nos bairros de grandes cidades que não apenas são “purinhos” de gente de uma dada comunidade rural, como se costuma dizer na região, como também podem ser associados, até certo ponto, a uma configuração de alguns nomes de famílias.

Além dos contatos feitos via celular, o trânsito de pessoas entre esses dois centros é muito comum. Por diversas vezes encontrei moradores dessa comunidade visitando parentes em São Paulo, participando de uma confraternização do grupo, participando do cotidiano daquelas pessoas na cidade grande. Da mesma forma acompanhei o grupo em especial aqui analisado visitando os familiares durante as férias em Várzea Alegre, revivendo e “revigorando as energias” para retornar a São Paulo e encarar a “difícil rotina”. Em situações como essas, especialmente dos que retornam para viver momentos de férias no Ceará: “o tempo parece voar”. Como se os doze meses vividos na metrópole fossem intermináveis, enquanto que os dias de férias com a família, os parentes em Várzea Alegre, passassem num “pisar de olhos”. Esses reencontros são sempre regados a boas conversas. Assuntos que muitas vezes se prolongam por horas, como também observa Comerford (2014, p. 17), “Quando as pessoas vêm e vão entre os vários lugares que fazem parte dessas extensas redes, e têm oportunidade de encontrar parentes, antigos vizinhos, velhos conhecidos, e conversar muito”. Estes contatos favorecem, conforme estamos defendendo, a criação de uma complexa rede entre esses dois espaços, que aproxima e estreita os contatos entre os que ficaram e os que migraram.

Essa ligação entre pessoas espalhadas por toda uma rede de lugares “rurais” e “urbanos” não parece ser efêmera ou temporária, sem que tampouco seja permanente ou fixa. A conformação dessas configurações em que parentes e quase parentes se concentram em dadas localidades e ao mesmo tempo se dispersam, para em algum tempo se reconcentrarem em alguma localidade e se redispersarem em novas, atravessando limites “rurais” e “urbanos”, não parece ser um fenômeno recente. Na memória dos moradores dessa região, remonta pelo menos ao tempo de seus avós, que de qualquer modo é o mais longe que chegam as memórias cultivadas nas famílias. (COMERFORD, 2014. p.19).

Laços esses e redes essas que fazem circular, entre outras coisas, as conversas e fofocas em torno dos que foram embora. Fornecendo também as informações necessárias sobre os conflitos familiares que estamos mencionando aqui.

As pessoas sabem bastante a respeito do que aconteceu e está acontecendo com os parentes e parentes de vizinhos e amigos que moram longe, e gostam de comentar a respeito do sucesso ou insucesso dos que se foram, as razões morais disso, a sorte ou falta de sorte, refletir sobre o destino. Basta observar algum grande almoço de fim de semana em uma casa na roça, em época de férias, juntando a gente da roça com os parentes e amigos da cidade. Esses parentes e amigos que moram longe, quando vêm à roça, se encarregam de contar bastante sobre sua vida na cidade ou em outro lugar qualquer, bem como da vida dos parentes, vizinhos e amigos que estão na cidade, e que em muitos casos são os parentes de seus vizinhos, compadres e amigos que moram na roça e estão ansiosos por saber notícias e opiniões sobre o que se passa com eles. (COMERFORD, 2014, p.22).

As intrigas entre famílias também já foram objeto de pesquisa no campo da antropologia pela pesquisadora Ana Cláudia Marques¹²⁴. Em seu trabalho de tese sobre “brigas de família” no sertão nordestino ela faz um estudo que compreende esses conflitos por diferentes ângulos: moral, jurídica, política e familiar. Tudo isso articulado com a sociedade nacional. Duas categorias nativas são fundamentais em seu trabalho: *intrigas e questões* que resultam em um estado permanentemente tenso das relações. A “questão” estaria associada à fase do conflito em que as vinganças posteriormente acontecem. Dessa forma, nesse estado, as ameaças são ativas e frequentes, paira o

¹²⁴Ver: MARQUES, Ana Cláudia. 2002. *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 352 pp.

antagonismo; no caso da "intriga" nasceria da relação estabelecida pelo conflito, sendo tendencialmente eterna.

A questão, em sentido mais estrito, alude a uma causa debatida, ao desentendimento concretamente e aos seus motivos. Por vezes, significa o primeiro desentendimento, inaugural nas narrativas, quando se fala em questão de limite ou de animais. Enquanto em outras circunstâncias, o termo diz respeito ao total da narrativa, quando se quer referir à questão dos Encarnados e Livramentos. A *intriga* seria o que se segue ao desentendimento; a situação de latência, alguém chegou a dizer (MARQUES, 2002, p. 134).

Embora apareçam como assuntos que emergem enquanto novidade (*intrigas* e *questões* na família Leandro) são do conhecimento público, inclusive dos jovens que, de uma forma geral, ficam sabendo através dos pais, tios e amigos. Contudo, detalhes e pormenores sobre esses conflitos familiares ainda são desconhecidos. O interessante é que eles (os jovens) pouco interferem nos assuntos. Possivelmente por ser aquele um espaço de socialização familiar uma forma de trabalho de memória em que o passado é permanentemente lembrado como forma de conectar com o presente e com o futuro. Os jovens apenas escutam, são expectadores, mas ao mesmo tempo eles estão incorporando a memória familiar e provavelmente isso será repassado de modo transformado para as novas gerações e assim se perpetua a família e a memória sobre os eventos, intrigas e dádivas da família.

Nesse esforço de conectar tempos e espaços e reatualizar permanentemente estes dois universos, metrópole-sertão, o que também foi pauta das conversas às margens do açude, enquanto o grupo esperava um peixe frito, foi o casal que estava brigado na praia do litoral paulista. O referido caso já fora mencionado no cap. 3 quando acompanhamos a viagem à praia dos varzealegrenses. Eles consideravam o menino bastante “gente boa” que amava a esposa de forma incondicional, mas que ela seria uma garota complicada e que costuma criar intrigas com as pessoas que estão ao lado dele, seja irmãos, parentes e amigos, só para prejudicá-lo. Tal conversa, sempre retomada em espaços de sociabilidade pode ser uma linguagem comum do grupo para expressar a expectativa de valores sobre o comportamento de homens e mulheres numa relação conjugal. É muitas vezes através dos casos “desvio” que se fala sobre as regras e expectativas sociais, os valores morais. São os valores morais da família que estão sendo violados, por exemplo, quando se comenta o comportamento ainda do irmão de Unha de gato para com seus

pais: as intrigas, a incompreensão, etc. No caso do jovem na praia com sua esposa, este foi considerado paciente e de bom coração. E que aquela união tinha um final previsível. “Aquele casamento ali não vai muito longe não”.

6.2 Na cantoria

O passeio à terra de origem dos pais possibilitou ainda aos jovens, solteiros ou namorando, que eles acompanhassem uma cantoria realizada no sítio dos avós. Para Sautchuk (2009), o termo *cantoria* designa o gênero poético-musical a situação de sua apresentação e o campo social formado pelos cantadores e seus expectadores/ouvintes. Esses eventos que poderíamos chamar de festivos, já que estão sempre associados a comemorações, são recorrentes em algumas comunidades rurais de Várzea Alegre - CE.

Para a realização da chamada cantoria se faz necessário uma dupla de cantadores, já que sua prática consiste num diálogo poético em que as estrofes devem ser compostas no momento da apresentação. Essas estrofes seguem rígidas regras de métrica e rima (SAUTCHUK, 2009). O antropólogo João Miguel Manzollito Sautchuk defendeu em 2009 uma importante tese de doutorado intitulada *A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino*, que trata sobre o tema das cantorias, cantadores, repentes, etc. O estudo aborda o repente ou a cantoria enquanto uma modalidade de poesia cantada e improvisada comum na região Nordeste do Brasil, especialmente nos estados de Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

Nesse sentido, podemos afirmar que a realização das chamadas cantorias, consiste na apresentação de violeiros e repentistas interagindo entre si, improvisando versos, cantando canções. Dessa forma eles promovem a diversão de um público formado por jovens e adultos. Tal manifestação cultural é bastante impulsionada pelos programas de rádio que existem diariamente naquela região. Em Várzea Alegre se escuta muitos programas de violeiros transmitidos por emissoras de rádio de Cajazeiras-PB¹²⁵. Na emissora local existe um programa diário, às seis da manhã, realizado por poetas varzealegrenses. Esses programas noticiam as cantorias que foram realizadas e as que ainda serão, ou seja, as agendas dos poetas. Os cantadores que realizam os programas também aproveitam o espaço para pedir que amigos realizem novas cantorias

¹²⁵ O professor Luiz Custódio da Silva realizou um estudo importante sobre programas de rádio e cantorias no Estado da Paraíba. Ver: SILVA, Luiz Custódio da. *A influência do rádio na dinâmica cultural das cantorias no estado da Paraíba*. (Dissertação de Mestrado). Recife; Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras e Ciências Humanas. 1983.

em lugares onde se faz comumente esse tipo de evento. Na região essas cantorias que reúnem dois cantadores improvisando entre si são denominadas de cantoria de pé-de-parede.

Os lugares e as motivações para a realização de uma cantoria de pé-de-parede são variadas, como aponta Sautchuk (2009, p. 115).

O pé-de-parede com uma dupla de cantadores é o modo de apresentação de por excelência da cantoria. O lugar de apresentação pode variar bastante. Ele pode acontecer ao ar livre ou um recinto fechado; em casas, fazendas, clubes, teatros, bares ou restaurantes. Pode ser realizado para comemorações (como aniversários e festejos de datas religiosas) ou como um evento em si. Há quem convide uma dupla para cantar simplesmente por ligações com os poetas ou admiração pela cantoria e quem o faça por apurar dinheiro com a venda de ingressos e/ou de comidas e bebidas. Há também cantorias em que são os poetas que se oferecem.

Entre os elementos apontados acima pelo autor, é interessante destacar que o pai de Sobradinho Leandro, São Nicolau, era bastante conhecido pelos violeiros da região. Tendo muitas vezes contratado estes para realizar cantorias no alpendre de sua casa em comemoração pela passagem de aniversários de filhos, retornos destes, quase sempre nos meses de agosto e dezembro, etc. São Nicolau, era uma figura de presença constante em festivais de violeiros e promovia animadas e disputadas cantorias na comunidade rural do Sítio Queixada. Duelos entre Moacir Laurentino¹²⁶, Zé Cardoso¹²⁷, Zé viola¹²⁸, Valdir Teles¹²⁹, Sebastião da Silva¹³⁰ entre outros, aconteciam anualmente naquela casa plantada no sopé da chapada daquela comunidade rural do distrito de Canindezinho, Várzea Alegre, Ceará.

¹²⁶ MOACIR LAURENTINO nasceu na zona rural de Paulista, Pernambuco. Filho do poeta Avelino Laurentino da Silva e canta profissionalmente desde 1966. Foi parceiro de Sebastião da Silva.

¹²⁷ ZÉ CARDOSO nasceu em Encanto, Rio Grande do Norte. Tem mais de 30 anos de carreira e é um dos mais premiados repentistas nordestinos. Atualmente apresenta uma programa de rádio de grande audiência na cidade de em Limoeiro do Norte - CE.

¹²⁸ ZÉ VIOLA nasceu no sítio Juazeiro, município de Bocaína, Piauí, em 1964. Trabalhou na roça com os pais e aos 18 anos mudou-se para São Paulo. Influenciado pelo irmão mais velho, que também foi cantador, iniciou os primeiros versos ainda no roçado.

¹²⁹ VALDIR TELES é natural de São José do Egito, Estado do Pernambuco. Presença frequentes nos festivais de violeiros, conta com inúmeras participações em diversos festivais de televisão, em programas de rádio e outros veículos de mídia.

¹³⁰ SEBASTIÃO DA SILVA nasceu no dia 06 de janeiro de 1945 no Sítio Camará do município de Pilõezinhos no Brejo Paraibano. Começou a cantar no final dos anos 50. Passou 31 anos de sua carreira ao lado do poeta Moacir Laurentino, com quem tem vários trabalhos gravados.

Com a morte de São Nicolau, em agosto de 2010, o poeta Zé Viola mantém contato constante com os familiares e sempre que pode visita à casa do amigo. Nesse sentido, as cantorias de pé-de-parede entram no ciclo de programação dos retornos dos migrantes. Na verdade elas, na comunidade estudada, eram programadas com o objetivo de reunir os moradores da localidade nos meses em que os filhos de São Nicolau estavam visitando a casa do pai. Na oportunidade, todos se reuniam na calçada ou se espalhavam em cadeiras dispersas no terreiro de chão batido. Os mais velhos ficavam bem pertinho dos cantadores e eram quem mais contribuía com dinheiro. Pediam canções ou ofereciam motes aos cantadores, sempre recompensados com valores em dinheiro depositados numa pequena bandeja. A cada pedido depositavam uma quantia em dinheiro na bandeja que ficava num banquinho em frente aos poetas.

É bom salientar que muitos cantadores atualmente preferem fechar os contratos por cachês e não mais pela bandeja, como era feito anteriormente. De acordo com Sautchuk (2009, p. 117), essa prática de colocar o dinheiro na bandeja é antiga e faz parte da cultura da viola no interior do Nordeste desde o século XIX. Mas essa prática também traz alguns constrangimentos por parte do público e dos cantadores: pagar pouco por um *mote*, uma *canção* ou um *desafio* pedido aos cantadores (em público) pode ser entendido como desvalorização do trabalho deles, já não ter o que pagar, ou seja, não possuir um valor suficiente ao esperado para colocar na bandeja, faz com que muita gente não participe das cantorias. Colocar dinheiro na bandeja é um ato público, portanto integra essa relação comunicativa entre plateia e cantadores. Uma paga de bom valor serve de status diante de todos (SAUTCHUCK, 2009). Os aposentados são quem mais contribuem com a cantoria, muitas vezes nem pedem nada, apenas colaboram, pois é uma forma de ajudar o dono da casa.

A bandeja, apesar de ser uma função comunicativa entre público e poetas, tem desvantagem para os repentistas. Não permite ao cantador saber, de antemão, quanto vai ganhar. Em algumas situações o cantador teme que o pagamento na bandeja seja ridicularizado e comparado a esmola [...] (SAUTCHUCK, 2009, p. 118).

Mesmo sendo pela bandeja, o contratante da cantoria já sabe em média o valor que seria bom para ele (enquanto contratante) e para os cantadores (enquanto contratados). Os jovens participam muito mais como ouvintes distantes, aqueles que

ficam no final do terreiro, ou na lateral da casa, eles acham que colocar dinheiro na bandeja não é um bom investimento. Consideram prejuízo. E ficar próximo aos cantadores pode ser um risco, já que em determinado momento da festa eles convidam os presentes (em verso) a ajudar. Os nomes dos que se fazem presentes ali geralmente são sussurrados ao ouvido dos cantadores pelo dono ou por algum filho do dono da casa. Todo o rendimento da bandeja é dividido em partes iguais entre os poetas.



Imagem 26,27: Cantoria de pé de parede – Várzea Alegre - CE
Fonte: Próprio autor, Janeiro de 2014

Os preparativos para a realização da cantoria acontecem meses antes. Quando o dono da casa acerta a data com os cantadores, este trata de iniciar os convites: tantos dos familiares próximos, que de certa forma já se sentem convidados a participar por ser na casa de uma pessoa querida, quanto daqueles com os quais possui relações comerciais e de compadrio: o padrinho de um filho, o dono do mercadinho onde comumente faz a feira, um vereador com quem tem proximidade, etc. Também se divulga através das emissoras de rádio local e do programa de rádio feito pelos poetas ou dos quais o(s) cantor(es) participa(m). Um jantar, com o abate de galinhas, porcos e ovelhas, é preparado para os cantadores e os convidados, geralmente aqueles parentes mais próximos ou convidados de fora, da cidade ou de outros sítios. É uma espécie de confraternização entre todos. Oportunidade também de conhecer de perto os cantadores, trocar ideias e ouvir histórias de outros lugares e eventos pelos quais os cantadores passaram. São eles (os cantadores/violeiros) quem mais contam histórias. Para a comunidade, os poetas são pessoas muito inteligentes, com dons especiais e inexplicáveis. Depois do jantar todos se recolhem para a calçada ou alpendre da casa e continuam a conversar sentados nas cadeiras. Os moradores da comunidade vão

chegando para a cantoria e são recebidos pelo dono da casa, por seus filhos mais velhos e pela esposa.

As cantorias na casa de São Nicolau começavam entre oito e nove horas da noite. Dependendo do público e da disposição dos cantadores ela podia amanhecer o dia. Mas essa também não é mais uma prática comum entre os cantadores, que geralmente fecham os contratos pelo tempo de duração de uma cantoria: algo em torno de quatro, cinco horas. Essa delimitação do tempo faz parte de um esforço de regulamentação do trabalho dos cantadores por parte da Associação de Repentistas, Poetas e Folcloristas do Brasil (ARPF¹³¹), fundada nos anos 1970 (SAUTCHUCK, 2009).

Sempre que Sobradinho retorna com a família para Várzea Alegre, o poeta Zé Viola faz uma visita e o convida a ir a alguma cantoria realizada nas proximidades. Com sua companhia inseparável, a viola, o poeta também aproveita para cantar canções e relembrar o tempo das cantorias organizadas por São Nicolau. Estas cantorias podem ser consideradas como uma das estratégias de entretenimento e diversão utilizadas pelos moradores dessas comunidades rurais que, comumente, escolhem o período de retorno de seus parentes para realizar tais eventos. Nela (na cantoria) está contido ainda o sentido de sociabilidade através dos laços de proximidade dos participantes. Podemos sugerir que a cantoria, enquanto manifestação cultural de uma região que se propagou por todo o território nacional, especialmente onde existe uma forte concentração de migrantes, como é o caso de São Paulo, é uma experiência que vai sendo reatualizada pelos filhos durante esses retornos à terra de origem dos pais. Mas a juventude é bastante curiosa e vivencia outras experiências durante esses retornos que extrapolam o ambiente familiar, a casa dos pais e avós, mas que ainda dialogam com essa rede de contato estabelecida pelos laços de parentesco - primos, tios - e ou de amizade. É isso que procuramos demonstrar durante um passeio na região do Cariri do estado do Ceará.

¹³¹ A Associação dos Repentistas, Poetas e Folcloristas do Brasil tem sede em São Paulo. Contudo, em 1974, foi fundada em Campina Grande a ARPN (Associação de Repentistas e Poetas do Nordeste). Essa associação contribuiu para consolidar os congressos de cantadores, divulgar a cantoria e debater sobre a profissão (SAUTCHUCK, 2009).

6.3 “Se eu pudesse, eu comprava uma floresta daquelas pra mim”

O período de férias dos jovens em Várzea Alegre foi marcado ainda por um passeio ao Cariri cearense. Trata-se de uma microrregião localizada no sul do estado do Ceará, dividida em oito municípios. Os mais populosos e desenvolvidos economicamente são Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Hoje estes três municípios formam um importante centro de atração turística e mercadológica no sul do estado do Ceará. Além do turismo religioso, a região possui ainda áreas de preservação ambiental, chalés no meio da mata, clima agradável e uma noite com barzinhos bastante movimentados. Tudo isso figurava como novidade para os jovens filhos de varzealegrenses nascidos em São Paulo. Eles desconheciam, em certa medida, as possibilidades turísticas da terra dos pais. O passeio foi planejado dois dias antes e deveria durar um dia e meio. Teria início no sábado pela manhã e terminaria no início da tarde do domingo.

Contando com o apoio de uma prima, Riacho do Meio, que reside no Crato e se dispôs a apresentar os pontos turísticos da região Cariri, iniciamos o percurso pelas Colinas do Horto. Local de intensa peregrinação de fiéis e centro nacional de destino dos romeiros do Padre Cícero Romão Batista, o “Padim Ciço”.



Imagem 28 (mosaico): Passeio turístico ao horto: Juazeiro do Norte - CE
Fonte: Próprio autor, Janeiro de 2014

Juazeiro do Norte é sempre sinônimo de turismo e festa. Recebe anualmente milhares de romeiros vindos, principalmente, de todos os estados nordestinos. É conhecida como a “capital da fé”. Tem toda uma história associada à religiosidade e à figura do Padre Cícero Romão Batista¹³². Os jovens se mostraram interessados pela história do padre fundador da cidade e pela quantidade de romeiros visitando o local. Registraram o momento em fotografias e sentiram interesse em conhecer uma famosa igreja que não é concluída nunca. A Igreja do Horto, cuja torre já finalizada, podia ser vista ao longe. Antes de nos dirigirmos a esse santuário em construção, visitamos todos os espaços abertos ao público localizados ali próximos à estátua.

Combinamos de encontrar Riacho do Meio lá no alto do Horto, próximo à estátua do Padre Cícero. Era ela quem ia nos levar a outros lugares turísticos do Cariri cearense. Já que embora tenha nascido em Várzea Alegre, hoje ela mora e trabalha no Crato. Após um lanche breve, já que os meninos não haviam tomado café da manhã, saímos da lanchonete e encontramos Riacho do Meio bem em frente.

Depois de cumprir uma espécie de roteiro turístico religioso, que incluiu visita ao museu do Padre Cícero, que fica no centro de Juazeiro do Norte, fomos almoçar numa chácara localizada no vizinho município de Barbalha. Descansamos no final da tarde e à noite fomos jantar em um restaurante que vendia “baião de dois” na cidade do Crato. Do restaurante fomos a um barzinho e permanecemos até, por volta de meia noite. Voltamos pra casa e agendamos para a manhã seguinte um passeio à Chapada do Araripe.

Iniciamos a trilha pela Chapada do Araripe, por volta das nove e meia da manhã do domingo, 05 de janeiro de 2014. O objetivo era percorrer, a pé, três quilômetros pela floresta e chegar a um lugar que tem um mirante com vista privilegiada das cidades de Crato e Juazeiro. Seguimos lentamente até adquirir ritmo. Para quem vive o tempo todo numa cidade como São Paulo, a floresta calma e a relação direta com a natureza fizeram com que Amaro, em tom de espanto e admiração, dissesse: “Se eu pudesse, eu comprava uma floresta dessa pra mim”.

¹³² Para compreender melhor a relação do Padre Cícero Romão Batista com a cidade de Juazeiro do Norte, ver a biografia escrita pelo jornalista Lira Neto: *Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão*, São Paulo. Companhia das letras. 2009, 556 p.

A caminhada durou aproximadamente duas horas. Depois desse programa, fomos para um clube chamado Arajara Park¹³³, localizado no município de Barbalha. A caminho do balneário, em pleno calor cearense, Amaro perguntou se ia chover. Falei que muito dificilmente porque aquela região, embora haja uma maior presença de chuva do que no sertão, era pobre de precipitações chuvosas, especialmente naquele período. A pergunta na verdade teria sido em função das vezes que em São Paulo eles vão a lugares para se divertir e a presença da chuva atrapalha os planos. Também especularam sobre o preço dos ingressos. Disseram que podia ser algo em torno de setenta reais. Eu falei que no máximo era trinta reais. Na verdade eles estavam comparando com os valores que são cobrados lá em São Paulo. Algo em torno de setenta e cinco reais para ter acesso a um balneário semelhante ao que íamos. Chegando ao local, eles ficaram surpresos com o valor dos ingressos: trinta reais por pessoa. Estava bastante lotado.



Imagem 29 (mosaico): Passeio turístico à Chapada do Araripe - Crato - CE
 Fonte: Próprio autor, Janeiro de 2014

Durante esse período que estivemos nas cidades do Crato e do Juazeiro do Norte, por ser uma região com ampla cobertura de sinal de celular, uma das maiores reclamações aos jovens, feito especialmente por Riacho do Meio, foi ao fato deles

¹³³ O **Arajara Park** foi inaugurado em 21 de Abril de 2002. Fica localizado no pé-de-Serra da Chapada do Araripe, distante 14 km de Barbalha ou Crato.

estarem sempre conectados às redes sociais. A todo momento eles enviavam mensagens de texto e imagens. Também publicavam as fotos feitas durante os passeios no Facebook. Se tais atitudes podem provocar certo desconforto para os que estão ali presentes: não interação, falta de diálogo e atenção para com estes, não podemos negar que são estratégias bem comuns usadas atualmente pelos jovens e formas de se conectar e interagir com os ausentes. Assim eles vão compartilhando e conectando tempos e espaços distintos.

A viagem ao Cariri contou ainda com a presença dos jovens a um passeio ao Shopping Center de Juazeiro do Norte que não teve grande representatividade para eles, porque “são tudo a mesma coisa” (Fortuna, 18 anos). Mas ir ao shopping foi uma decisão tomada por um dos jovens que havia marcado um encontro com uma menina lá. Uma jovem que ele conheceu em Várzea Alegre. Esse encontro ocorreu na praça de alimentação do shopping e suas implicações é o que tentaremos demonstrar a seguir.

6.4 A maioria e a iniciação sexual como parte do ritual de passagem

Nas sociedades tradicionais e modernas os ritos de passagem, entendidos como aqueles momentos de transição por diferentes faixas etárias sugerem comportamentos sociais e criam interação entre indivíduos. São ações distintas das ações da vida cotidiana e são realizadas em determinado tempo e espaço. Evidenciam regras de conduta, reforçam sentimento de pertença, estão ligados a momentos fundamentais como nascimentos, casamentos, iniciação, morte. Para Meira (2009, p. 189), “Os ritos de passagem são exemplificações de comportamentos rituais, ações que adquirem especial significado dentro de tradições de aquisição de plenos direitos e deveres correlatos”. São fases transitórias, passageiras, efêmeras. Expressam essa continuidade da vida social. São etapas a serem cumpridas, conquistas, momentos que carregam uma importância bem maior do que a sua duração em si (MEIRA, 2009).

No caso da nossa sociedade, a idade dos 18 anos representa simbolicamente a passagem da adolescência para a vida adulta. O filho passa a assumir publicamente e judicialmente as responsabilidades pelos seus atos, antes responsabilidade compartilhada pelos pais. Essa é uma compreensão bastante comum nas famílias brasileiras. Mencionarei aqui um caso ocorrido por um dos jovens, filho de migrante varzealegrense, que em 31 de dezembro de 2013 completara 18 anos. Este também era o período de realização da pesquisa de campo e trataremos esse momento enquanto um

rito de passagem por retratar a conclusão de um ciclo e, conseqüentemente o início de um novo tempo¹³⁴. É exatamente nesse dia que o jovem faz aniversário. Ele não somente completava mais um ano, como também entrava na fase de maioridade nos termos jurídicos. O aniversário em si não teve grandes comemorações. O dia transcorreu como um dia comum. Almoço na casa da vó, descanso na rede e a noite uma programação coletiva na cidade para acompanhar a virada de ano.

Trata-se de um rapaz vaidoso. Gosta de roupas de marca, sapatos “descolados”, tem cuidado com os cabelos que mantém sempre muito bem penteados e possui um respeito, às vezes contido, pelos pais. Ansiava pela chagada dos 18 anos, mas de certa forma temia esse momento. Todos lembraram que a partir daquele dia ele ia ter que conseguir um emprego, ganhar seu próprio dinheiro e responder pelos seus atos. Para esse grupo, ou seja, para os Leandros, fazer 18 anos significa um ritual de passagem que atribui ao indivíduo certas responsabilidades sociais de cunho jurídico e moral. “Adeus tempo bom!” (Serrote, 38 anos, primo). É uma expressão que pode significar: a partir de hoje você vai ter que buscar seu próprio caminho, com maturidade e respeito ao próximo. Mesmo ouvindo aquelas provocações de primos, irmão e amigos, o jovem levava tudo na esportiva como se as brincadeiras não o afetassem e tudo aquilo não passasse de “zueira”. Mas isso foi reforçado pelo pai dele que, logo cedo, quando o filho tomou-lhe a benção, tratou de dizer: “Cuidado com os seus atos, porque a partir de hoje você já é maior de idade e terá que responder por suas ações. Até ontem eu era o responsável legal por você, mas com dezoito anos você passa a ser dono de si. Tenha muito cuidado e sempre pode contar comigo”. A todas essas orientações de pai, ele ouviu em silêncio e depois lhe agradeceu com um abraço.

Com o cair da noite, fui com ele e o irmão mais velho para a cidade. Quando estávamos saindo, percebi que o jovem chorava no banco de trás do veículo. Procurei saber o motivo das lágrimas, mas tive como resposta um ríspido “nada não”. Também não quis insistir e prosseguimos. Chegando a cidade, decorrido algum tempo, voltei a perguntar sobre o choro no carro. Ele explicou que gostava muito dos pais e que sentia pelo fato deles se divertirem muito pouco nessas viagens de férias. Enquanto eles, os jovens iam pra cidade, faziam os passeios todos pelas festas, etc., seus pais ficavam no

¹³⁴ A fim de preservar a identidade dele, não citaremos nem pseudônimo. Limitar-nos-emos a tratá-lo genericamente como “rapaz ou jovem”

sítio e aquilo o deixava entristecido. Tentei explicar que são duas gerações que vivem situações diferentes e gostos distintos. Quem garante que eles gostariam de estar naquela festa com tantos jovens. Pra eles, muitas vezes é melhor ficar na tranquilidade do sítio do que estarem naquele ambiente movimentado e barulhento. Além disso, confessou que gostaria de ter mais abertura para conversar com o pai, que não conseguia expressar tudo que sentia por ele. “Eu gosto muito de meu pai sabe, mas eu não consigo conversar sobre as coisas do dia a dia com ele. E isso era uma coisa que eu queria muito. Às vezes acho ele caladão. Ele trabalha muito, vive de casa pra o trabalho. E não sei bem o que passa na cabeça dele. Sinto falta disso.”

Bem, o fato é que aquele estilo jovem do rapaz chamava a atenção das meninas, em sua maioria adolescentes e, aproveitando-se desse ponto favorável, ele passou a “ficar”, namorar sem compromisso, com algumas delas. Entre primas, conhecidas e amigas das primas, o jovem deve ter beijado, naquela noite, umas cinco meninas. Tudo sem o menor compromisso. Mas uma delas, que não era prima e nem morava em Várzea Alegre, despertou o interesse dele. E foi com essa que ele terminou a noite. Trocaram telefone e mantiveram contato. Quando estivemos em Juazeiro do Norte e Crato, conforme descrito acima, eles se encontraram rapidamente no Shopping e marcaram um encontro em Várzea Alegre no final de semana seguinte. O que todos imaginávamos era que com essa garota “desconhecida” ele estava querendo “algo mais”. Esse algo a mais pode ser entendido enquanto o desejo de iniciação sexual.

Mesmo tendo tios e amigos que residem na zona urbana e que podiam muito bem hospedá-los por uma final de semana, o rapaz decidiu alugar o quarto de uma pousada num posto de gasolina que fica na entrada da cidade. Dez dias após sua maioridade, ele estava decidido a experimentar a vida sexual. Escolhera para isso uma desconhecida. O fato é que, após reservar o local do encontro, ele ligou pra ela e ficou combinado que os dois se encontrariam diretamente na pousada e passariam sábado e domingo juntos.

Essa informação da reserva de uma pousada para um encontro com uma menina de Juazeiro do Norte começou a circular entre os parentes mais próximos que começaram a brincar com a situação. Em tom de ironias davam dica para que ele tivesse um bom desempenho na cama com a parceira. Eu já estava a caminho da Paraíba quando recebi uma mensagem, via celular, enviado pelo irmão mais velho do rapaz, com uma foto anexada à seguinte informação: “Tô tão orgulhoso... virou homenzinho”.

Na foto os dois deitados na cama, como se a imagem representasse o pós-sexo. Ela deitada de costas para um lado e ele ao lado.

Algumas considerações são interessantes notar nesse momento de intimidade do jovem e na forma que ele articulou a sua iniciação sexual: a primeira é o fato de torná-la pública. Se antes, a iniciação se dava através de uma iniciativa do pai que conduzia o filho até os “cabarés”, e lá eles conheciam as mulheres, e os pais de orgulhavam disso, nesse caso especial, o jovem, com o auxílio do irmão, foi quem organizou tudo. Talvez não fosse ético que todos ficassem sabendo que ele ia ter a primeira relação sexual com uma garota do círculo familiar e, por isso, ele tenha “escolhido” uma menina de uma cidade vizinha, com quem dificilmente encontraria. Em segundo lugar, a propagação da notícia em tom de brincadeira, boato, especialmente, entre os homens da família, dava ao jovem um certo status, enchia-o de orgulho. Mas é bom considerar que ele era um jovem que estava com 18 anos de idade, faz parte de uma geração que inicia a vida sexual muito cedo, isso também podia depor contra ele, já que não é comum para um jovem de sua época chegar à maioridade sem ter começado sua vida sexual. E por último, é importante perceber que, além das fofocas em virtude de seu encontro com a garota na pousada, teve ainda o registro fotográfico feito por ele como prova de que tudo tinha dado certo. Nesse caso era interessante pra ele também expor, de certa forma, a sua intimidade, mesmo que seja através de uma fotografia desfocada ou com péssimo enquadramento.

São estas experiências vividas na terra de origem dos pais que conectam o sertão à metrópole e reatualizam os laços de pertencimento, uma espécie de rede que vai dando continuidade e garantia às futuras gerações do não desligamento desse espaço de pertencimento dos pais. Experiências, muitas delas, semelhantes às vivenciadas pelos pais: o banho de açude, a visita ao santo padroeiro, a iniciação sexual e outras, fazem parte também das memórias afetivas da primeira geração de varzealegrenses. Contudo a metrópole é também lugar de vida, trabalho e lazer desses jovens. É na cidade de São Paulo que eles passam a maior parte do tempo. E precisam aproveitar esse tempo através de experiências de lazer. Quase sempre vividas em grupo: amigos, primos, irmãos, colegas de trabalho. Eles também compartilham essas experiências com os que moram em Várzea Alegre e utilizam para isso as mais diferentes ferramentas tecnológicas. É o que pretendemos demonstrar a seguir com um passeio a uma chácara no Município de São Bernardo do Campo.

6.5 O passeio à chácara em São Bernardo do Campo

As redes sociais, para além da auto-exposição, têm sido uma aliada desses jovens na organização de passeios e na mediação do lazer, especialmente na metrópole. Elas auxiliam na mediação dos desses jovens com os familiares em Várzea Alegre, Ceará. É bom lembrar que para que estas redes sociais funcionem se faz necessário de uma mídia digital para facilitar esse processo de interatividade. Depois do Facebook e do Twitter, ferramentas bastante utilizadas pelo grupo para manter contato entre si e entre os que permanecem na origem, outro exemplo recente desse tipo de mídia, que tem tomado grandes proporções no processo comunicativo é o WhatsApp. Trata-se de um aplicativo que surgiu como uma alternativa de envio de mensagens, e que já conta com mais de 1.000.000 (um milhão) de downloads. O nome WhatsApp, é um trocadilho com What's Up em inglês, que significa “E aí? E é uma mídia que permite o compartilhamento de mensagens por smartphone, sem a necessidade de pagar por elas. O aplicativo integrou não só mensagem de texto, como a possibilidade do envio de mídias como fotos, vídeos e mensagens de voz. Essa facilidade está à mão dos consumidores de mídia atual, e que, com a o advento da internet 3g e 4g, podem registrar e fotografar o factual e compartilhar com os amigos que fazem parte dessa rede.

Tomaremos como análise o material mensagens de texto - enviado pelos jovens através de um grupo criado no WhatsApp, grupo do qual faço parte -, para demonstrar as estratégias utilizadas pelos jovens na organização de um passeio a uma chácara para um show de música sertaneja em São Bernardo do Campo e para uma festa junina “Arraial dos Leandros”, ocorrido na Vila Liviero. Não pedi para fazer parte do grupo, mas eles justificaram a minha inserção por estarem ali sempre falando de festas e por entenderem que esse seria um assunto que certamente me interessaria. Utilizarei as mensagens digitais como material etnográfico. Procurei intervir o mínimo possível. Permaneci mais na condição de observador, tendo por algumas vezes demonstrado interesse na conversa.

Tentarei demonstrar inicialmente a mobilização dos jovens nas providências necessárias para o passeio a uma chácara situada em Riacho Grande, próximo a São Bernardo do Campo. Desse passeio estava prevista a participação de pelo menos 15

jovens, todos filhos migrantes varzealegrenses, com relações familiares, quer seja primo ou irmão. Em sua maioria, casais de namorados ou maridos e esposas. A organização do evento se deu dois dias antes da viagem, quando se iniciam as primeiras postagens na rede social.

Os participantes do passeio são: Capão e Calabaça, primos entre si e casados; Pacheco e Fortuna, primos e namorados; Pau D'arco e Carnaúba - primos e noivos; Amaro, irmão do Pacheco, primo da Calabaça e da Carnaúba; Buenos Aires prima do Pacheco, da Carnaúba, da Calabaça e do Amaro; Serra dos Cavalos, Sobrinho do Capão, primo do Pacheco, do Amaro, da Carnaúba e da Buenos Aires, Brejo, amigo de todos, cunhado de Serra dos Cavalos, marido de Muquém; Muquém, irmã de Serra dos Cavalos, esposa do Brejo, sobrinha do Capão, prima do Pacheco, da Carnaúba, do Amaro e de Buenos Aires; Ipotí, primo da Carnaúba, da Calabaça, do Pacheco, do Amaro, do Capão, de Serra dos Cavalos, de Muquém, esposo de Caldeirão; Caldeirão, esposa do Ipotí, amiga de todos; Gato do Mato, esposo de Socorro, cunhado de Buenos Aires, amigo de todos; e Socorro, esposa de Gato do Mato, irmã de Buenos Aires, prima do Pacheco, do Amaro, da Carnaúba, e da Calabaça.

O primeiro contato entre os jovens para a organização do passeio acontece três dias antes da viagem. A postagem no grupo sugeria a possibilidade de os jovens passarem o final de semana numa chácara em São Bernardo do Campo. Brejo vai se tornar o principal articulador do passeio. É ele que posta a mensagem no grupo avisando que um amigo colocou o local, a chácara, à disposição dele para o final de semana e gostaria de saber quem tinha interesse em participar. O destino é uma chácara de um amigo de nome "Ricardinho". É importante destacar ainda que não é um final de semana qualquer, trata-se de um final de semana que tem um feriado, 21 de abril, isso permite maior tranquilidade ao grupo de jovens que trabalham e/ou estudam. Gracejos e brincadeiras jocosas permeiam o contato entre os participantes do grupo. Um dos jovens publica uma foto com várias mulheres, todas com as mãos levantadas, vestidas apenas de biquíni e sutiã, como se estivessem confirmando presença ao evento.



Imagem 30: Foto “provocativa” postada no grupo pelos meninos
 Fonte: Rede social da família Leandro, Abril de 2015

As mulheres respondem no mesmo tom e ainda provocam com os seguintes dizeres na imagem: “Não se preocupem meninas nós também vamos”.



Imagem 31: Imagem postada pelas meninas, em resposta à provocação da postagem anterior.
 Fonte: rede social da Família Leandro, abril de 2015

Em tom ainda mais provocador, uma das meninas, Muquém, posta a imagem de seis homens tomando banho completamente pelados. Uns jogando água nos outros. Em seguida diz: “Bora pra chácara, contar piadas e dar muitas risadas. Minha confirmação”. Podemos arriscar que essas interações são necessárias e fundamentais para a constituição do grupo e para a sua permanência. Se tudo fosse levado a sério a vida não teria tanta graça. Por isso as brincadeiras, enquanto estratégia de interação e comunicação entre os jovens, também aparecem como fundamentais. Ao mesmo tempo

em que pode gerar um conflito entre os membros, serve também para minimizá-lo, já que não se leva a sério uma brincadeira (COMERFORD, 1999).

Conforme notamos, pela própria identificação dos participantes, este é um passeio que remete à presença marcante de casais, seja de namorados ou de marido e mulher. De forma que foi escrito um nome masculino seguido de outro feminino, obedecendo exatamente ao grau de relacionamento dos participantes. Com exceção de Serra dos Cavalos, Buenos Aires e Amaro, os demais integrantes são namorados ou casados. Esses relacionamentos são importantes para a formação do grupo para o passeio, mas também carrega um perigo iminente: os comuns e corriqueiros desentendimentos entre os casais. Ou seja, eles mantêm em São Paulo os elos de sociabilidade comuns da comunidade rural de origem dos pais, o Sítio Queixada. E acionam esses laços na hora de articular os eventos. Chianca (2006, p. 97) percebe essa relação também nos bairros formados por migrantes na cidade de Natal, especialmente quando se trata de organizar grupos de danças: “[...] a sociabilidade cotidiana, é o elemento que possibilita a formação desses grupos de dança nos bairros...”.

Nesse processo de sociabilização dos jovens existe a possibilidade diária e constante de conflito entre os membros do grupo. Especialmente para aqueles que são casados ou namorados. Entre as razões para isso estaria, principalmente, o ciúme e as brincadeiras de mau gosto. Mas os jovens sabem de antemão o que pode e o que não pode ser dito sob o risco de ofender alguém. As mensagens são sempre pensadas sobre a perspectiva de agredir ou não o outro. Há ainda a preocupação quanto à desistência. Por isso até mesmo na hora de brincar funciona uma racionalidade. Prevalece um código padrão de comportamento.

No primeiro dia de organização do passeio, podemos perceber que houve uma espécie de inovação permitida pela presença das novas tecnologias comunicacionais na forma como os jovens interagiram. Em virtude do trabalho ou da escola, seria praticamente impossível reunir todos num mesmo espaço para deliberar sobre as providências a serem tomadas para a ida à chácara. O recurso das redes sociais ajudara profundamente os integrantes do grupo nas tomadas de decisão e no diálogo e opiniões sobre o que levar, os valores, etc. Outra coisa a ser observada diz respeito aos papéis assumidos no grupo por cada um dos jovens participantes. Tratando especificamente da

seleção dos materiais a serem comprados, percebemos claramente que as mulheres, personalizada mais fortemente pela presença de Carnaúba e Muquém, tomaram a dianteira dos itens relacionados à limpeza, higiene, alimentação, vestimenta. Já os homens, aqui liderados pelo Brejo e o Pacheco, mantiveram a imagem do dono de casa, do gestor, que tomou nota dos itens da feira e se responsabilizou de ir ao mercado comprar o material sugerido pelas mulheres. Coube a ele ainda decidir sobre o valor que tocava para cada um deles e sobre as bebidas alcoólicas a serem compradas. Foi missão masculina a aquisição da chácara para o passeio. Mas independente do sexo, masculino ou feminino, na hora das brincadeiras, ironias, etc., todos eles assumiam a mesma força discursiva, quer seja verbalizando suas posições sobre tais assuntos ou provocando com a publicação de imagens provocativas.

Os jovens, dentro desses preparativos para o passeio, ainda se perguntam sobre a música que vai tocar na chácara: “E vai rolar um Toca do Vale na chácara?” Um cinco pessoas respondem positivamente. Toca do Vale, conforme vem sendo apontado ao longo do texto, é um cantor muito popular no Ceará e sempre presente na festa do padroeiro de Várzea Alegre. Durante todo o período de realização da pesquisa, ouvia referência ao nome desse artista e também escutei diversas de suas músicas, sempre apreciadas pelos jovens seja no som dos carros ou nos eventos, como os aniversários e churrascos na laje.

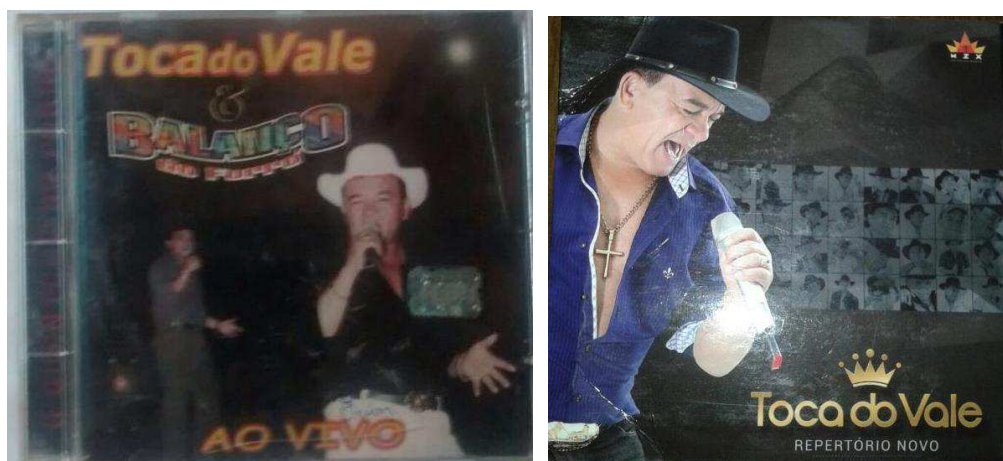


Imagem 32,33: Capas de dois CD's do cantor Toca do Vale
Fonte: Rede social da Família Leandro, Abril de 2015

No dia seguinte, sexta-feira, percebo que algo de errado aconteceu e que não querem comentar no grupo. Não se falou mais com tanta ansiedade e entusiasmo sobre

o passeio, embora estivesse na hora, ou seja, no dia dele acontecer. No sábado o silêncio permaneceu. Surgiram algumas fotos do grupo num local muito parecido com uma chácara. Como se de fato eles estivessem viajado.



Imagem 34: Jovens postam foto de passeio
Fonte: Rede social da Família Leandro, Abril de 2015

Esses jovens que ilustram a foto acima, além de formarem todos uma mesma família, os Leandros, como descrevemos anteriormente, moram todos na Vila Liviero. Os acontecimentos cotidianos deles: festas, passeios, confraternizações, aniversários, idas a shoppings, etc., conforme temos tentado demonstrar, são acontecimentos sempre pensados no plano familiar e de suas relações. É comum o Pacheco acender a churrasqueira e convidar o Brejo ou o próprio Pau D'arco, se estes estiverem de folga, para tomar cerveja juntos. As meninas, na condição de namorada ou amiga, também se fazem presentes. A proximidade da moradia, ou seja, residir na mesma rua, é um ponto facilitador desse contato e dessas articulações entre o grupo. E quando esse contato não pode acontecer pessoalmente, como é o que estamos tentando mostrar nessa parte do texto, são as mediações proporcionadas pelas redes sociais e dos aplicativos de celular que são acionadas. O fato deste grupo de jovens morar na mesma rua, como demonstra

o gráfico abaixo sobre a localização da casa dos pais, é um fator determinante na hora de viajar, já que todos podem se reunir num mesmo local para sair juntos.

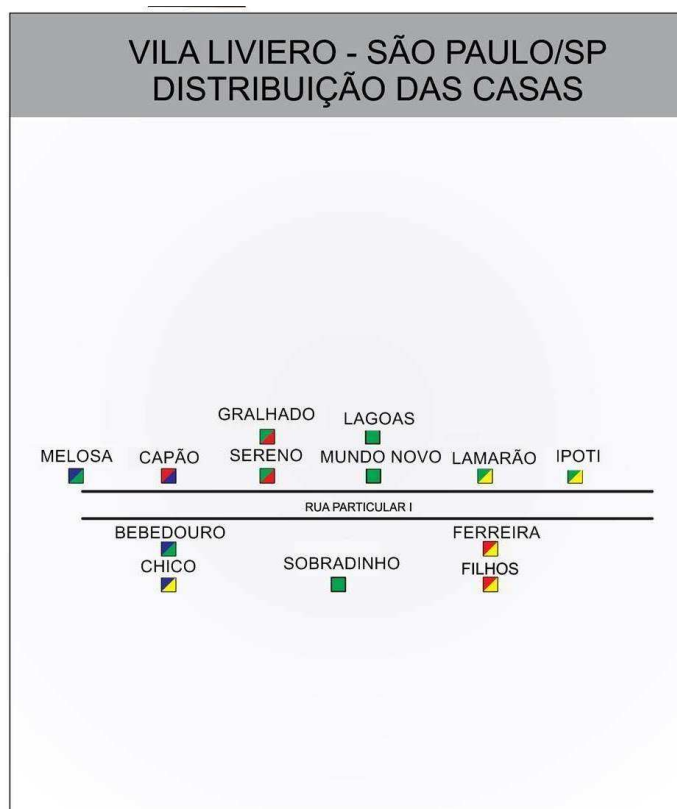


Gráfico 03: Distribuição das casas dos pais dos jovens na Vila Liviero
Fonte: Elaboração Jurani O.Clementino.

Para demonstrar o grau de parentesco entre o grupo que reside na vila, tentaremos, a partir das casas ilustradas no gráfico, identificar seus moradores e filhos. Melosa, hoje separada, foi casada com o primo Charneca, eles são os pais da Fortuna que namora o Pacheco que também é seu primo. Capão é irmão de Melosa, casado com a prima Calabaça e tio de Fortuna. Gralhado é a mãe da Carnaúba, namorada do Pau D'arco. Sereno é prima de Melosa e Charneca, irmã de Sobradinho, tia do Pacheco e do Amaro, e mãe do Umari de da União. Lagoas é casado com uma sobrinha, Guaribas, é irmão de Mundo Novo (que nunca casou, mas tem uma filha, que mora com ela), tio de Sobradinho, primo de Gralhado e pai de duas meninas: Buenos Aires e Socorro. Lamarão é tio de Sobradinho, possui dois filhos, uma menina e um menino, os dois já se casaram com primos e foram morar na cidade de Campinas - SP. Bebedouro foi casada com um primo dela, hoje está separada. É irmã de Melosa, Capão e Chico, mãe de

Muquém e Serra dos Cavalos. **Sobradinho** é o pai de Pacheco e Amaro, casado com uma prima Caraíbas, cunhado de Gralhado e Bebedouro, tio de Muquém e Serra dos Cavalos. **Ferreira** (já falecida) é tia de Carnaúba e Pau D'arco. Em síntese, todos, em maior ou menor grau, estão ligados por laços de parentesco entre si e formam uma complexa rede familiar. Dessa forma eles vão assegurando, na cidade, formas de sociabilidade muito próximas do que os pais vivenciaram no sítio de origem.

É ainda no contexto dessas relações que eles vão vivenciando e publicizando as suas experiências de lazer no contexto da moradia ou fora dela. Após postarem essa imagem acima, os jovens publicaram, no início da noite do sábado, a imagem deles assistindo ao jogo do Palmeiras. Uma semana depois, desembarquei em São Paulo com uma coleção de dúvidas: como teria sido o passeio à chácara? Por que não vi muita repercussão nas redes sociais? O que eles acharam da chácara? Teria acontecido algum imprevisto com o grupo?

E para a minha surpresa, a viagem à chácara, como haviam programado, não acontecera. Contudo, por decisão do Brejo, os integrantes do grupo não ficaram sabendo via rede social. Ele achou melhor comunicar pessoalmente ou através de uma ligação telefônica. O motivo do passeio não ter acontecido foi que a chácara prometida pelo amigo de Brejo, que nas conversas aparece com o nome de “Ricardinho”, havia sido alugada a outras pessoas. O grupo de jovens só teria sido informado sobre o aluguel do espaço a sexta-feira, véspera do feriado. Outras providências deveriam ser tomadas pelo grupo, uma vez que todos já haviam colaborado com a quantia de R\$ 50,00 (Cinquenta reais). Alguns mantimentos como verdura, legumes, frutas, etc., também já haviam sido comprados. Brejo entendeu que, além de reembolsar cada membro que havia colaborado com o passeio, deveria ter uma conversa em particular com cada um, explicar a situação, pedir desculpas e ver a possibilidade de uma programação emergencial para aquele dia. Nessa conversa ficou definido que eles iriam passar o sábado num clube, também localizado em São Bernardo do Campo. Estabeleceram ainda que, do dinheiro que já havia sido arrecadado, ele (Brejo) ficaria com R\$ 50,00 (Cinquenta reais), não mais por pessoa, mas por casal, para pagar as bebidas consumidas no clube. Foi desse passeio ao clube que surgiram as imagens postadas no grupo sem nenhuma menção direta ao lugar onde eles estavam. Ou seja, todas as imagens levavam a crer que eles, de fato, estavam na chácara.

Quem me confessou em tom de segredo sobre o fim do tão esperado passeio foi a Carnaúba. Esse imprevisto trouxe várias lições ao grupo, a mais importante, inclusive que foi pauta entre os jovens, foi a de que em situações como essa era melhor alugarem um espaço (chácara) a ficarem dependendo dos outros. “Mesmo que a gente gaste um pouco mais, compensa, porque não ficamos dependendo de ninguém. Imagina, a gente fez toda uma mobilização e na hora foi tudo por água abaixo. E mesmo a gente criou toda uma expectativa pra na hora acontecer isso. Não, nunca mais” (Carnaúba, São Paulo, 2015). Carnaúba só me confessou que fim teve o passeio à chácara porque falei pra ela que havia achado estranho o silêncio seguido de nenhuma repercussão do passeio nas redes sociais: vídeos, comentários, áudios, fotos, etc. Situações festivas como essa inevitavelmente serviriam como uma espécie de vitrine para a juventude em tempos de fácil acesso às tecnologias. Mas por que não se usou o mesmo meio de comunicação para noticiar o fim do passeio? Para pedir desculpas ao grupo pelo imprevisto da chácara?

É importante destacar ainda que foram as redes sociais, especialmente o uso do aplicativo WhatsApp, fundamentais na hora de mobilizar o grupo, definir as providências em virtude do pouco tempo que teriam até o dia do passeio (menos de três dias), mas quando tudo foi “por água abaixo” eles não recorreram ao aplicativo para divulgar a notícia. Nessa hora o grupo (na figura de seu representante – o Brejo) preferiu uma conversa pessoal e de preferência, em particular com cada uma dos jovens que se preparavam para o passeio. Isso pode ter acontecido em função, entre outras coisas, de existirem pessoas no grupo acompanhando a conversa que, não necessariamente, participaria desse passeio. Nesse sentido o aplicativo era importante para propagar a estes (de fora) o sucesso na mobilização do grupo, na organização do passeio e na sua realização em si. Como, no final de todo o processo, ocorreu o imprevisto, não interessaria ao grupo propagar o insucesso da empreitada, o fracasso do passeio e a frustração das expectativas. Além disso, parece interessante notar que, as relações pessoais, frente a frente, ainda se constituem como algo importante para o grupo de jovens, mesmo em meio às facilidades decorrentes da proliferação de tecnologias comunicacionais modernas. Um pedido de desculpas feito pessoalmente, nessa perspectiva, valeria muito mais do que algo coletivo, como fora feito inicialmente o convite para o final de semana na chácara.

6.6 Sexta sertaneja na estância alto da serra – SBC

Conforme haviam prometido o Pacheco, Amaro e Brejo, durante o período que estivesse em São Paulo, aconteceria uma nova programação para que eu pudesse participar, já que não pude acompanhar o “fim de semana na chácara”. E assim, cumprindo o prometido, organizaram uma viagem a uma festa a uma casa de show, Estância Alto da Serra, localizada numa área de Mata Atlântica, no município de São Bernardo do Campo. Ao todo, 14 jovens foram ao evento organizado uma semana antes.

Como não era a primeira vez que o grupo participava de um show nesse local, praticamente todos já sabiam detalhes sobre a casa de show e me informaram ser um ambiente muito “bacana”, que eu ia gostar. Organizado com uma semana de antecedência, dessa vez sob a liderança do Pacheco, o custo individual com o aluguel da van foi de R\$ 12,00 (doze reais). Eles ficaram sabendo que os aniversariantes do mês tinham direito a dois acompanhantes “vips” e os amigos do grupo, num total de até cinco pessoas, recebiam um desconto de cinquenta por cento do valor do ingresso para a festa. Isso viabilizaria, a baixo custo, o acesso de todos, já que no grupo existiam três aniversariantes: Pacheco, Calabaça e Buenos Aires, que depois decidiu não ir. Dois dias antes, o Pacheco ligou para a casa de show e informou o nome dos aniversariantes e seus acompanhantes.

Sáímos da vila às nove e meia da noite, mas antes mesmo de embarcarmos na van com destino a festa, começaram a beberdeira. Na verdade, cinco integrantes do grupo, inclusive o pesquisador, haviam contribuído com o valor de R\$ 10,00 (dez reais) para uma espécie de “esquentar”, uma beberdeira que antecedeu a viagem. Enquanto as mulheres se arrumavam, os homens bebiam cerveja. Todas as cervejas compradas tinham que ser consumidas antes de entrar na casa de show que não permitia o acesso de nenhum tipo de bebida. Chegamos pouco depois das dez da noite. Fica relativamente perto, algo em torno de trinta quilômetros. Fazia frio. Após deixar a gente no local, a van retornou para casa: o motorista combinou de buscar o grupo as quatro e meia da madrugada, mas se colocou à disposição do grupo, caso desejasse retornar mais cedo. Bastava apenas ligar.

Chegando a bilheteria, o Pacheco tratou de identificar cada membro do grupo conferindo o nome deles na lista, passada anteriormente via telefone. Os que não se enquadraram como “acompanhantes vip” pagaram meia entrada na festa. Lá dentro

ainda tinha pouca gente, nenhum grupo musical se apresentava no palco. Apenas um som tocava músicas no estilo “sertanejo universitário”. Enquanto decidíamos onde nos acomodar, as meninas começaram uma sessão de fotos ao lado de uma fonte iluminada. Inicialmente sozinhas, logo em seguida em dupla, casal e por fim todo o grupo. Após encontrarem um lugar para ficarem, próximo ao salão e ao lado do palco, os homens se organizaram para comprar as bebidas. Dessa vez cada um deles contribuiu com o valor de R\$ 20,00 (vinte reais). Aos poucos a casa foi ficando lotada por um público quase que exclusivamente jovem. Animados, os jovens começaram a dançar entre si. Praticamente não houve interação entre outros participantes da festa que não fossem pertencentes ao grupo. No palco da casa de show se revezaram dois grupos, todos no estilo sertanejo. Enquanto fui ao banheiro, a assessoria de eventos da casa, responsável pela publicidade dos eventos, convidou o grupo para um registro fotográfico. Ao retornar, fui tomado pela seguinte frase do Pacheco em tom de lamento: “mas Jurani, perdeu de sair na foto com a gente, o cara passou agorinha e fez uma foto com todos nós”. Falei que realmente tinha sido uma pena, porque gostaria de ter feito uma foto oficial com eles. A imagem (abaixo) foi postada na semana seguinte na página da internet da casa de show e repercutida via redes sociais.



Imagem 35: Jovens na Festa Sertaneja realizada em São Bernardo do Campo
Fonte: Rede social da Família Leandro, Maio de 2015

Por volta de meia noite os jovens sentiram a falta de um casal que fazia parte do grupo. Jatobá e sua esposa desapareceram. O Pacheco foi consultado, inclusive por mim, sobre o paradeiro deles. Fomos informados que haviam brigado e desistido da festa, ido embora. Mas qual teria sido o motivo da briga. A culpa foi atribuída à esposa

dele, tida como “muito ciumenta”. O fato, segundo Pacheco, é que enquanto ele e Jatobá aguardavam na fila para comprar bebidas, ela tinha implicado com o Jatobá, dizendo que ele havia paquerado uma menina que passava no salão. Revoltado com a acusação “injusta”, Romário decidiu abandonar o evento e tomar o rumo de casa. Mas o que ninguém sabia, ou podia imaginar, era a forma como eles retornaram pra casa. Nenhum dos dois atendia ao telefone e isso preocupava o grupo.

Era quase manhã, quando já estávamos retornando da festa, que o Pacheco consegue falar com o Jatobá. Segundo ele, tinha retornado a pé pra casa. Ele é colega de trabalho do Pacheco, veio com a esposa do estado Piauí. Moram em São Bernardo do Campo, mas foram de moto até a Vila Liviero para se juntar ao grupo. Mesmo assim, ainda era um trecho muito longo para ser feito a pé, alguns falavam em vinte e cinco, trinta quilômetros. Somado a isso teria a questão de violência, e a Estância Alto da Serra está localizada numa área rural. Mas Jatobá sustentou a tese de que havia retornado pra casa a pé com a seguinte justificativa: “Pra ela aprender. Um amigo me ligou dizendo que ia me encontrar, mas eu disse que não fosse porque ele ia dar a viagem perdida. Ela chegou em casa com os pés na carne viva, mas foi bem feito pra ela aprender. Eu não fiz nada mano!! Ela veio dizer que eu tava paquerando as mulheres lá. Tá louco!!”

Essa explicação foi dada no dia seguinte, quando ele esteve novamente na Vila para pegar a moto que havia deixado lá no dia anterior. Jatobá chegou sem a esposa que “havia deixado em casa, ela agora vai aprender”. Ele tinha vindo ainda para festejar o aniversário do Pacheco que aconteceu no domingo e foi comemorado no sábado. É bom destacar que a comemoração do aniversário do Pacheco só ia acontecer no domingo, dia três de maio, no entanto ele resolveu antecipar a festa em função da minha presença, já que no domingo pela manhã eu retornava à Paraíba. Foi uma reunião familiar, com a presença apenas de amigos e familiares. Houve um jantar, seguido de um churrasco na laje que durou até a madrugada do domingo. À meia noite, após cantar os parabéns, tive que me ausentar. O aniversariante já estava embriagado e seus amigos formavam um coro para acompanhar as músicas que tocavam no som.

Festas como a detalhada acima, de certa forma, fazem parte da programação do grupo. Eles gostam do estilo sertanejo universitário, mas a Estância Alto da Serra é uma casa com fama de promover grandes eventos e levar boas atrações. Inúmeros artistas de renome nacional como Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, Jorge e Mateus, Henrique e Juliano, Gustavo Lima, Michel Teló, entre outros, já passaram pelo palco da

casa de show. Tudo isso está registrado em fotografias expostas para o público. Além disso, as imagens expostas evidenciam as presenças de outros famosos ao local, apresentadores de TV, atores, promotores de eventos, etc. Em outubro de 2014, durante o show do cantor sertanejo Eduardo Costa e do vocalista da banda Garota Safada, Wesley Safadão, os jovens estiveram na mesma casa de show e foram novamente fotografados pela equipe de publicidade do espaço.



Imagem 36: Jovens na festa que reuniu Eduardo Costa e Wesley Safadão na Estância Alto da Serra

Fonte: Rede social da Família Leandro, junho de 2015

Dessa experiência de campo, foi possível perceber pouca ou quase nenhuma interação desse grupo de jovens com outros participantes da festa que não fosse os integrantes do próprio grupo. Há uma espécie de limitação interativa que praticamente não ultrapassa os limites daquele universo fechado do grupo. A presença deles ali evidencia ainda um gosto pela música denominada “sertanejo universitário” como também por espaços de identidade comum: universo jovem. O ambiente em si possui peculiaridades que associam dois universos tidos como opostos, como se fosse o litoral e o sertão, o Ceará e São Paulo, o progresso e o atraso: a Estância Alto da Serra consegue transmitir um ar de rústico, arcaico geralmente associado ao rural, aliado ao requinte e luxo, quase sempre atribuídos ao urbano. Reúne ainda muita gente bonita. As danças do grupo se aproximam muito mais do forró nordestino do que mesmo do sertanejo universitário. Comparado à maneira de dançar do jovem paulista, são claras as

diferenças. O casal pouco ou quase não dança coladinho. Já no caso da dança que o grupo utiliza, o homem pouco se desgruda da mulher.

É bom ainda destacar que a briga entre casal (mencionada acima), da forma como ela foi evidenciada, especialmente no discurso do marido, reforça pejorativamente o perfil masculino machista do nordestino, aquele tipo bruto que não tem modos carinhosos de tratar a mulher. Embora, da forma como ela foi narrada, transpareça isso, esse não é o tratamento que Capão dar a Calabaça, por exemplo. Pelo contrário, ela parece muito mais ríspida na relação do que ele. Mas para Jatobá, a mulher é sempre apresentada como a culpada pelos conflitos, por isso, é ela que “vai pagar por isso”, que merece o castigo de andar quilômetros a pé, no frio, de madrugada, descalço porque não dá pra andar por longos períodos em cima de um salto alto. É ela quem deve ser punida. Enquanto esse casal se desgasta por ciúmes, outro casal formado por Brejo e Muquém é pauta de comentários do tipo “não estão nem aí um pra o outro”. Por inexistir interação entre eles, “ela nem parece ser mulher dele”. E nesse segundo caso, o Brejo deixava até mais evidente o seu desejo pelas meninas que passavam ao lado da gente. Possivelmente a Muquém percebia mas, mesmo assim, não tomava nenhuma atitude no sentido de recriminar o marido.

Eventos como passeios e festas sempre evidenciam as lideranças, quase sempre compostas por um ou dois participantes do grupo na organização do evento em si e nas providências a serem tomadas: transporte, ingresso, quota pra aquisição de bebida, etc. Nos casos acima se destacam o Brejo e a Carnaúba, para o passeio à chácara, e o Pacheco, para a festa na Estância e para o seu próprio aniversário, já que ele mesmo tratou de comprar a carne, as bebidas e os refrigerantes para a festa.

6.7 “Arraial dos Leandros – 2015”

Foi, mais uma vez, contando com o apoio das redes sociais, que o grupo organizou uma festa de caráter familiar, reunindo vizinhos, parentes e amigos para festejar o São João 2015 na Vila Liviero. Tratou-se do “Arraiá dos Leandros”. A ideia era promover um encontro “caipira” onde todos os participantes estivessem vestindo roupa xadrez e chapéu de palha. A ideia inicial foi do Pacheco, que logo após uma noite regada a muita tequila, em sete de junho, postou nas redes sociais “Boa noite, consegui

o alvará para que possa ser realizado o arraial 2015”. E logo em seguida completa: “todo mundo de xadrez”. Após esse aviso, os membros do grupo já começaram a dizer que iam providenciar a blusa da forma como foi sugerido (ver imagem). Para reforçar a orientação, eles postaram ainda uma foto ilustrando como deveriam ir.



Imagem 37,38: Ilustração da roupa que deveriam vestir e família modelo para a ocasião
Fonte: Rede social da Família Leandro, Junho de 2015

Mas eles precisavam saber o dia. Quando seria realizado o Arraial dos Leandros e o que precisava ser comprado para a festa. Qual a contribuição por pessoa para a festa. O organizador do encontro junino informou que “as mulheres trazem um prato típico e refrigerante... e os homens fazem churrasco e as bebidas”. Foi decidido ainda que os homens podiam contribuir com R\$ 50,00 (cinquenta reais) para um “esquentá”. A imagem abaixo esclarece os valores para os homens, as roupas a serem vestidas e o que as mulheres deviam providenciar para a festa.

Arraial dos Leandro
Dia 20/06/15. Todos trajados a caráter!

Muié : Prato típico + Refrigerante !
Homi : Churrasco + bebidas que tenha álcool
Obs: Homens 35\$ para o churrasco já incluso a bebida
Quem for comparecer trazer dinheiro até dia 19/06/

Imagem 39: “Cartaz” promocional com ilustração das roupas, valores, data e providências a serem tomadas pelo grupo para o “Arraial dos Leandros”

Fonte: Rede social da Família Leandro, Junho de 2015.

Na imagem acima, destaque para o casal típico que representa o “caipira” na concepção do grupo. Chapéu na cabeça, roupas coloridas, maquiagem pesada e maneira desengonçada de dançar. Seria uma referência ao matuto. É a representação imagética e ideológica que se consagrou na literatura, no cinema e constituiu o imaginário popular, como sendo aquele indivíduo rude, ignorante, rural. Sobre esses tipos estereotipados, Chianca (2013, p. 148-151) vai falar dos “Chicos e Jecas”. Uma referência aos personagens de Maurício de Souza e Monteiro Lobato, respectivamente, que vão povoar o imaginário citadino e ajudar na construção de um “tipo ideal” de indivíduo rural, “reforçando sobremaneira essa imagem dominante de caipira”.

No entanto, no caso especial do “Arraial dos Leandros”, no tocante às vestimentas, “todo mundo de xadrez”, tem outra observação importante que surge quando as primeiras imagens da festa são publicadas via redes sociais. Analisando as roupas que utilizaram para tal ocasião, vamos perceber que as referências estão mais próximas do cowboy americano analisados no texto “O Campo na Cidade: esportes country e ruralidade estetizada” (PAULA, 1999), do que mesmo do “caipira” do interior de São Paulo ou o “matuto” sertanejo. O cartaz de divulgação da festa traz uma tabela de contribuição para os homens inferior ao sugerido anteriormente: agora a quota masculina é de R\$ 30,00 (trinta reais), devendo ser entregue até a véspera da festa (19/06). Como as mulheres iriam levar, além do “prato típico”, o refrigerante, a observação era de que, aos homens, caberia, além do “Churrasco”, a aquisição de bebidas “com álcool”.

Onde conseguir as roupas “caipiras”, adequadas para a festa? Aqueles que não possuem camisas com estampas em xadrez deveriam providenciar. Carnaúba publica uma informação importante: “Então galera, tem um bazar ali perto do 24hs (mercadinho) que aluga roupas caipiras, tem até dos noivos”. Pacheco diz que as pessoas podem improvisar na vestimenta, porque a ideia é curtir, se divertir e viver o momento, “só bagunçar”. Carnaúba sugere que não tenha noivos porque ela tem vergonha. Como a proposta é “bagunçar” mesmo, Pau D’arco diz que vai colocar um chapéu, “pintar os dentes de preto, levar a bota da firma e um litro de 51 na mão”. Esse bagunçar pode ser entendido como “ficar a vontade”, não necessariamente seguir um

padrão, mas ousar nas roupas, nos acessórios, etc., fale mais desse bagunçar recuperando as ideias de festa como transgressão.

Conforme haviam planejado, a festa aconteceu na data definida (20 de junho, 2015). Houve pouco comentário via rede social durante a semana que antecedeu ao “Arraial dos Leandros”, mas o cartaz promocional circulou pela internet, promovendo o encontro. Na noite do arraial vídeos, fotos e áudios foram compartilhados, tanto no grupo da família do WhatsApp, quanto nas páginas do facebook de cada um dos jovens participantes do arraial. Foi um evento transmitido quase que em tempo real para aqueles que não puderam participar. Gerando, de certa forma, o desejo dos ausentes em estarem presentes.



Imagem 40,41: Família Leandro reunida e expõem trajes ditos “caipiras”
Fonte: Rede social da Família Leandro, Junho de 2015

Tão importante quanto as comidas típicas, as bebidas e as vestimentas para o sucesso do “Arraial dos Leandros”, são também as músicas que animam a festa. Não se pode conceber festa sem música. “A música atravessa toda a construção da ideia de festa; em outras palavras, falar em festa já significa, automaticamente, dinâmica de um ir e vir contínuo; ela é um incessante movimento de escuta de sons de músicas” Lima (2008, p. 220). O que nos chama a atenção é que aqueles ritmos que notadamente marcam o período junino, imortalizados pela figura do Rei do Baião, Luiz Gonzaga, quase não aparecem no “Arraial dos Leandros”. Por exemplo, nenhum disco, CD, ou MP3 com o forró de Gonzaga são executados. As variações do ritmo forró, como o xote, o xaxado e o baião não são, portanto, “a grande vedete” desse arraial, como parece

ser no São João de Campina Grande, analisado por Lima (2008) ou nas festas organizadas pelos migrantes na cidade de natal estudados por Chianca (2006).

O ritmo/estilo musical predominante no arraial aqui em destaque é, quase que unicamente, o sertanejo e/ou o forró estilizado. A compreensão que eles têm sobre a música sertaneja é a mesma que possuem os divulgadores/promotores/empresários dos artistas desse estilo. O que, para Martins (1990, p. 13), não passa de um equívoco.

Os divulgadores da música sertaneja, que são, geralmente, também, os seus manipuladores, costumam insistir na ideia de que se trata da música brasileira mais genuína. Supõem e, sobretudo, querem fazer supor que se trata de música autêntica, originada do que existe de mais puro na sociedade brasileira, que seria o mundo rural. O engano é completo. Essas ideias encerram uma boa dose de mistificação ideológica, na tentativa de fazer passar como pular e autêntico o que é puramente industrial e inautêntico.

Nesse sentido, Martins (1990) compreende a música sertaneja como sendo a música da “vulgaridade do cotidiano”. Observando o conteúdo das composições, é possível entender melhor o que observa José de Souza Martins. Tanto as músicas sertanejas quanto, mais fortemente, o “forró estilizado” possuem letras que remetem comumente a amores impossíveis, apologia à bebidas, festas, ao sexo e a infidelidade. Um artista/cantor que aparece praticamente em todas as festas realizadas pelo grupo é o já mencionado forrozeiro Toca do Vale.

Balada Boa (Munhoz e Mariano, interpretada por Toca do Vale) ¹³⁵

Meu Deus do céu
 Aonde é que eu tô
 Alguém me explica, me ajuda, por favor
 Bebi demais na noite passada
 Eu só me lembro do começo da balada
 Alguém do lado, aqui na mesma cama,
 Nem sei quem é mas tá dizendo que me ama
 Cabeça tonta, cheirando cerveja
 O som no carro só com moda sertaneja
 Cadê meu carro? Cadê meu celular? Que casa é essa? Onde é que eu vim parar?
 (...)

Uma dupla sertaneja de bastante sucesso, no momento de realização da pesquisa, portanto, no período do arraial, tratava-se de Henrique e Juliano. Classificado como seguidores de um estilo chamado “sertanejo universitário”, suas músicas remetem à

¹³⁵ Disponível em <http://letras.mus.br/munhoz-mariano/balada-boa/> acessado 23 de junho de 2015.

amores impossíveis, perdas amorosas, paixões e bebidas. Na composição a seguir a perda de um amor fez com que o indivíduo deixe de acreditar na possibilidade de um amor verdadeiro e o coloca em contato permanente com a bebida.

Até você voltar (Henrique e Juliano)¹³⁶

(...)

De todos nossos planos, nossos filhos, nosso apartamento,
Da nossa lua de mel, do nosso casamento,
Como pude acreditar nesse seu juramento?
E agora estou sozinho outra vez.

De copo sempre cheio, coração vazio,
Tô me tornando um cara solitário e frio,
Vai ser difícil eu me apaixonar de novo,
E a culpa é sua.
(...).

Na composição a seguir, executada durante o “Arraial dos Leandros”, uma espécie de “romantismo” predomina toda a letra. O que seria, ou deveria ser, a festa da celebração da saudade, da vida no campo, das memórias do universo agrícola, que marcam comumente os festejos juninos, temos uma supervalorização de outros sentimentos “vulgares”, das paixões e de amores incompreendidos.

Dois vezes você (Bruno e Marrone)¹³⁷

Se a saudade não doesse assim
Nem tão grande fosse a solidão
Se eu pudesse gostar só de mim
Te expulsava do meu coração
Se eu pudesse não ser como sou
E aprendesse como te odiar
Mas só sei sentir amor
Você sabe que ganhou
Mas não vou me entregar

Todos os meus sonhos são teus
Pois comigo você sempre está
Mesmo quando eu penso em Deus
Eu só sei te lembrar, te lembrar
E se fosse preciso escolher
Em te amar ou poder te esquecer
Sei que o meu coração pediria
Dois vezes você

¹³⁶ Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/henrique-e-juliano/ate-voce-voltar.html#ixzz3dtBwvaO0>> acessado 23 de junho de 2015.

¹³⁷ Disponível em <<http://www.vagalume.com.br/bruno-e-marrone/duas-vezes-voce.html#ixzz3dtBM8U00>> acessado 23 de junho de 2015.

(...)

O amor, ou a ausência dele, são a tônica predominante nas músicas que embalam as festas dos “Leandros”. As letras falam de paixões não correspondidas, relações impossíveis, dores de amor, como a composição a seguir, interpretada por Zé Ramalho e Chitãozinho e Chororó.

Sinônimos (Composição: César Augusto / Paulo Sérgio / Cláudio Noam. Interpretes: Zé Ramalho & Chitãozinho e Chororó)¹³⁸

Quanto tempo o coração leva pra saber
Que o sinônimo de amar é sofrer?
No aroma de amores pode haver espinhos
É como ter mulheres e milhões e ser sozinho
Na solidão de casa descansar
O sentido da vida encontrar
Ninguém pode dizer onde a felicidade está?

O amor é feito de paixões
E quando perde a razão
Não sabe quem vai machucar
Quem ama nunca sente medo
De contar o seu segredo
Sinônimo de amor é amar

(...)

Nesse esforço em traduzir e transformar em versos essas “banalidades cotidianas” (MARTINS, 1999), a figura feminina é, num primeiro momento, idealizada e quase transformada numa figura mitológica, responsável por todas as agruras dos homens: desilusões, paixões, traições, etc., e, num segundo momento, ela surge como infiel, traidora de sentimentos. É o caso da composição a seguir, onde a mulher merece o título de “pior mulher do mundo”.

Camarote (Wesley Safadão)¹³⁹

Como é que você ainda tem coragem de falar comigo?
Além de não ter coração, não tem juízo
Fez o que fez e vem me pedir pra voltar
Você não merece um por cento do amor que eu te dei
Jogou nossa história num poço sem fundo

¹³⁸ Disponível em <http://www.vagalume.com.br/ze-ramalho/sinonimos.html> acessado 23 de junho de 2015.

¹³⁹ Disponível em <http://letras.mus.br/wesley-safadao/camarote/> acessado 24 de junho de 2015.

Destruí os sonhos que um dia sonhei
 Quer saber? Palmas pra você!
 Você merece o título de pior mulher do mundo
 Agora assista aí de camarote
 Eu bebendo gela, tomando Ciroc
 Curtindo na balada, só dando virote
 E você de bobeira sem ninguém na geladeira
 Agora assista aí de camarote
 Eu bebendo gela, tomando Ciroc
 Curtindo na balada, só dando virote
 E você de bobeira sem ninguém na geladeira
 Pra aprender que amor não é brincadeira!
 (...)

A composição a seguir, intitulada “Vizinho chato”, é emblemática porque várias vezes ouvi, durante o período de realização da pesquisa, que existia um vizinho que denunciava as festinhas deles na laje. Uma vez a polícia veio até a vila e pediu para que eles desligassem o som. Por isso as músicas possuem certa relação com o cotidiano do grupo, quer seja nas questões emotivas, paixões, aventuras, etc., quer seja no tocante às questões de cunho social, relações de vizinhança, convivência, etc.

Vizinho Chato (solteirões do forró)¹⁴⁰

Eu sou um cara alegre
 Mas o meu vizinho é chato
 Quando ligo o meu som ele fica irado
 Disca 190 me denunciando
 Chamando a polícia, me esculhambando
 Fala que eu não presto, só faço zuada
 Puta que pariu vizinho que coisa mais chata

Ô vizinho chato, ô vizinho chato
 Para de perturbar, ô vizinho chato
 Ô vizinho chato, ô vizinho chato
 Agora aumenta o som só quem tem vizinho chato

Em outro momento, a música que anima o “Arraial dos Leandros” se limita a uma indagação “amorosa” de um homem que não compreende as razões que fizeram com que a namorada/esposa/mulher o abandonasse. Aproximando-se de um estilo conhecido como “sofrência”, que une um pouco da música brega com letras melosas e choronas, esse cantor (Gustavo Lima), se intitula forrozeiro, embora o seu estilo musical

¹⁴⁰ Disponível em <http://www.vagalume.com.br/solteiros-do-forro/vizinho-chato.html> acessado 24 de junho de 2015.

se aproxime muito mais do sertanejo, inclusive as letras de suas músicas encontram-se dentro daquela definição de Martins (1990) de “vulgaridades cotidianas”.

Que mal te fiz eu? (Gustavo Lima)¹⁴¹

(...)

Que mal te fiz eu?
Para me tratares assim como um farrapo
Um vagabundo, um pobre coitado
Já não bastava ter matado o nosso amor

Que mal te fiz eu?
Para tu depois vir me tirar a vida
E quer me ver crucificado ainda
Não te bastava a dor que teu adeus deixou?

Eu te peço, por Deus
Diga que mal te fiz eu

Mas um momento no “Arraial dos Leandros”, assim como na viagem à chácara, foi omitido pelo grupo. E pelo que fui informado tem tudo a ver com a música que segue. Vou explicar: dois dias após a festa, um dos componentes do grupo postou um áudio da música “Pra ter o seu amor” da dupla sertaneja Jorge e Mateus, com os seguintes dizeres: “A música da confusão”. Ora, que confusão? Todas as publicações (áudios, vídeos, imagens, textos) publicados sobre arraial era de extrema felicidade. Nada de imprevisto havia acontecido. Na mesma hora procurei saber do que se tratava: “mas que confusão” Um dos jovens comentou: “queira nem saber Jura”. Insisti: “mas teve algum problema na festa?”. O jovem responde: “Nada demais, tudo resolvido”.

Evitando um mal estar com os demais integrantes do grupo, um dos jovens usou a rede social particular para confidenciar o ocorrido em tom de segredo. Disse ele que um casal havia discutido na hora de executar a referida música da dupla sertaneja porque a esposa não permitiu que o marido colocasse o CD no som. Todos os jovens participantes da festa concordaram e formaram uma espécie de coro implorando para ela deixar ele por o CD com a música. Irritado com o comportamento da esposa, o jovem quebrou a mídia em que se encontrava a música e ainda deu um empurrão nela. Teria sido o Pacheco que, mais uma vez, resolveu o problema tomando a frente da discussão, encontrando a música num pendrive e colocando no som. E como se tudo fosse

¹⁴¹ Disponível em <http://www.vagalume.com.br/gusttavo-lima/que-mal-te-fiz-eu-diz-me.html> acessado 24 de junho de 2015.

resolvido como num conto de fadas, a última frase de meu informante foi: “Aí o Pacheco pegou o pendrive e colocou na música e todos cantaram felizes para sempre”. Mas esse “felizes para sempre” tem lá suas limitações, pois a jovem, que estava embriagada, foi trancada num quarto e no outro dia, ao comentarem sobre o ocorrido, disse que não lembrava de nada.

Pra ter o seu amor (Jorge e Mateus)¹⁴²

Agora já não tem mais jeito
 Amo até seus defeitos
 Não dá pra fugir
 Se eu tenho um milhão de motivos pra te conquistar
 Eu não vou desistir
 Você é frio, é calor
 É febre de amor, saudade de paixão
 Eu sigo sempre rumo ao seu coração

Pra ter o seu amor
 Eu viajei pelo seu mundo
 Me vi com seus olhos
 Descobri quem sou, aí aí aí

Pra ter o seu amor
 Te pedi pra Deus de presente
 Pra me ver contente
 Ele te inventou

Conforme foi possível perceber, os jovens filhos de migrantes varzealegenses, especialmente os do grupo analisado, os Leandros, possuem uma maneira particular de vivenciar o lazer e as festas, o que poderíamos associar à padrões de ações coletivas, nos termos de Comerford (2014), que dialoga com tempos e espaços diferentes: articulando, assim, seja através dos retornos, das conversar via rede social, ouvindo as músicas, a metrópole ao sertão. Vivenciam e partilham nesses espaços as alegrias, mas tentam, muitas vezes, omitir os conflitos. Dessa forma eles vão reatualizando os contatos e os vínculos de pertencimentos. Reafirmando ainda a sua identidade: ora sertaneja/cearense/nordestina, ora metropolitana/paulista. Bem aos termos de seus pais que fazem parte da primeira geração de migrantes que deixaram sua terra, mas permanecem nesse entre mundos que une e separa o aqui e o lá.

¹⁴² Disponível em <http://www.vagalume.com.br/jorge-e-mateus/pratero-seuamor.html> acessado 24 de junho de 2015.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“De perto e de longe; de dentro e de fora” – conflitos e contradições discursivas sobre uma tal Várzea Alegre

Durante a realização da pesquisa, conversando, entrevistando e acompanhando o dia a dia dos varzealegrenses, dentro e fora de sua cidade natal, foi possível perceber um discurso que, inicialmente, legitima e justifica a sua saída para outras localidades. De certa forma, sua narrativa é perpassada pelas representações de diferentes agentes e instituições como a do Nordeste, como a região do atraso e da pobreza. Por exemplo, quando se está em Várzea Alegre, o desejo que se tem é de emigrar, sair, deixar aquele pedaço de chão que pouco tem a oferecer ao seu povo: “a cidade não nos dá oportunidade nenhuma”; “É muito parada”; “Ali só dá certo pra quem já tem alguma coisa, tá ligado aos políticos...”. Várzea Alegre é considerada um lugar de favores políticos e de perseguições partidárias, espaço de poucas oportunidades, terra onde quase não chove. A cidade aparece ainda nas falas de nossos informantes como ambiente de repressão familiar (paterna); “meu pai não deixava sair de casa pra canto nenhum”, e masculina (marido); “Meu casamento foi uma prisão”.

Portanto, seriam mínimas as razões para se permanecer num lugar desses que pouco ou quase nada tem a oferecer. A melhor saída é a estrada que conduz o varzealegrense ao Sudeste, o melhor destino: São Paulo. O paraíso imaginado do migrante “Eu sonhava com São Paulo, sabe. Achava que era tudo um jardim com muitas plantas, flores, um lugar lindo”. Além disso, a cidade de destino tinha a fama de lugar de riqueza, onde tudo se consegue com facilidade: “Saí de lá e já tinha emprego garantido aqui”. Lugar onde se adquire dinheiro e com ele se compra roupas, carros, motos e, acima de tudo, onde se consegue prestígio social, especialmente diante dos que não migraram: “trabalhei, ganhei uns trocados, comprei umas roupas novas, relógio... daí voltei pra Várzea Alegre e arrasei”.

Dessa forma, o projeto migratório aparece como saída oportuna. Entretanto, é importante notar como esse discurso se inverte a partir do momento em que o projeto migratório é colocado em prática. Quando esses migrantes deixam a sua terra natal, outras visões, quase sempre contraditórias surgem sobre ela e sobre o seu povo. Nesse momento, a Várzea e o varzealegrense aparecem como miragens encantadores. Há uma romantização discursiva. Narrar sobre Várzea Alegre ao não estar residindo lá, reposiciona o sujeito e o olhar. O que antes era representado como atraso, pobreza e

miséria, agora aparece na memória do migrante de forma supervalorizada. “A gente era feliz e não sabia”. Da mesma forma que estando lá construía-se um discurso pejorativo para legitimar a sua saída.

Várzea Alegre está na memória afetiva desse migrante como “lugar da alegria”, de boas festas, da companhia inesquecível dos amigos e dos familiares. A cidade onde se encontra o melhor peixe-frito, o melhor banho de açude e a mais animada festa do padroeiro. As imagens de um sertão verde, de animais gordos pastando na roça, alimentam as conversas de fins de semana. “A reconstrução imaginária do passado exclui conflitos e privações, seleciona atributos que alimentam a saudade da vida farta, do trabalho recriado em liberdade de ‘poder parar para descansar numa sombra e ouvir um passarinho cantar’”, conforme nos aponta Costa (1993, p. 5). Portanto, Várzea Alegre torna-se o melhor lugar do mundo para se viver o carnaval e as festas religiosas: São João, São Pedro e São Raimundo. O lugar é ainda propício para os jovens conquistarem suas namoradas, que posteriormente poderão se tornar suas futuras esposas. Lugar de valorização das tradições como as cantorias, as cavalladas, vaquejadas, etc., lugar das comidas típicas: baião de dois, beijú, tapioca com amendoim, mungunzá; lugar do mais belo luar do sertão e do vento benfazejo de nome Aracati, que todo início de noite de verão vem embalar o sono do homem da roça.

Então, como se pode notar, as imagens de Várzea Alegre são diversas, e se alteram ao longo da trajetória de vida dos varzealegrenses. Trata-se de imagens e discursos diversos que são acionados pelos migrantes, pelos políticos, e por outros atores em contextos de interações diferenciados. Estando no Ceará, ante de emigrar, Várzea Alegre não aparece como um bom lugar para se viver. Ambiente de poucas oportunidades, opressão, abandono por parte das autoridades políticas locais, lugar atrasado e carente de perspectivas. Após efetivada a emigração, ou seja, depois que saem de Várzea Alegre, os filhos dessa terra, embora ainda reconheçam esses problemas, preferem enfatizar aquilo que ela apresenta de melhor para os seus moradores, especialmente em espaços de socialização, como os espaços de festa analisados aqui.

É importante perceber ainda que, se Várzea Alegre fosse o lugar mais alegre e mais feliz do mundo, as pessoas não migrariam de lá. Essa maravilha de Várzea Alegre é uma coisa que muita gente não partilha, mesmo distante, embora o discurso nostálgico e idealizado apareça com mais frequência, notadamente no espaço da festa, porque esse

parece ser o espaço da nostalgia, do ritual, em que a lembrança e a memória serão carregadas, tingidas de certos dispositivos. Quando você está numa festa você não quer lembrar, ninguém quer lembrar, nem na festa nem ninguém quer falar em passado sofrido. A pessoa quer falar do que é bom. O quê que tem lá que era bom? Festas, comidas, tradições, etc.

Nesse sentido, o discurso ideológico, produzido pelos políticos varzealegrenses durante a festa dos migrantes em São Bernardo do Campo, sustenta essa idealização da cidade como lugar promissor, negando que foi exatamente o contrário que fez com que inúmeros varzealegrenses saíssem para enfrentar a “vida difícil” de São Paulo. Trata-se de uma versão dominante desses políticos e dessa elite da cidade que querem construir uma imagem de Várzea Alegre como lugar de felicidade. O político que vai pra festa dizer: “nós estamos fazendo nosso dever de casa”. Não tem nada a ver com quem está fazendo o dever de casa lá no dia a dia em São Paulo, naquele frio ou, mais recentemente, calor do trabalhador que passa horas e horas no ônibus. Existe pouca ou nenhuma relação entre a Várzea Alegre de quem migrou e a Várzea Alegre do político. Todavia a festa é o espaço e tempo ideal para rememorar e construir imagens idealizadas de um lugar feliz. Porque no caso da Festa dos Varzealegrenses, há, de certo modo, uma “suspensão” do tempo cotidiano.

As articulações políticas e as reafirmações dos laços no destino entre a “comunidade” varzealegrense, especialmente nos espaços festivos, momentos do “não-trabalho”, “extraordinários” e “cíclicos”, sinalizam um esforço em manter viva uma imagem positiva do lugar de Várzea Alegre. Por isso é necessária essa conexão constante e direta com os eventos realizados no município cearense. Podem ser de ordem social, política e/ou econômica. Mas não devemos deixar de considerar que essas imagens idealizadas, que hoje são motivo de orgulho para o varzealegrense, ontem foram a razão desse emigrar. Motivo para que ali o varzealegrense não permanecesse.

Diante de toda essa construção discursiva, importante para manter viva na memória as lembranças do lugar de nascimento, os filhos dos varzealegrenses, nascidos em São Paulo estabelecem e reatualizam esses contatos com a terra dos pais. Esses discursos tornam-se importantes para fortalecer as conexões entre São Paulo e Várzea Alegre. Passam a ser reafirmados de modo ressignificado por esses jovens. No caso particular dos Leandros, o próprio lugar de moradia, ou seja, a Vila Liviero, com sua distribuição de casas que ocupam basicamente uma única rua, também é um ponto

importante para que esses laços familiares não se enfraqueçam. Os Leandros reconstruíram em São Paulo um ambiente de sociabilidade muito semelhante ao que tinham em Várzea Alegre. Eles costumam retornar à terra natal sempre acompanhado da família e repassam para os filhos, essa segunda geração de migrantes, os valores e as memórias afetivas que carregam consigo, dentro deles, por Várzea Alegre. Entre essas memórias estão as festas cotidianas, enquanto elemento constituinte da condição de migrante. Festa que ele carrega aonde vai.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. **O “urrou” do boi em Atenas: Instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão.** Campinas, 2010. 326f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Antropologia.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.
- ALBUQUERQUE, M. A. S. **A intenção pankararu - a “dança dos praiás” como tradução intercultural na cidade de São Paulo** - Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 2, nº 1, p. 2 – 33. jan./jun. 2010.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito sobre a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia.** São Paulo: Cortez, 2007. (preconceitos; v. 3)
- ALMEIDA, G. M. R.; BAENINGER, R. **Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais.** In: XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS, 6 a 11 de setembro de 2011, UFPE, Recife-PE.
- AMARAL, Rita de Cássia. **Sentidos da Festa à Brasileira.** Travessia, CEM, ano XI, nº 31.. pp. 5-8. mai/ago. 1998
- AMARAL, Rita de Cássia. **O tempo de festa é sempre.** In: Travessia, CEM, ano VI, nº 15. pp. 8-10. jan/abr. 1993
- AMARAL, Rita de Cássia. **A alternativa da festa à brasileira.** In: Revista Sexta Feira antropologia e humanidades: Festas. n. 2. ano 2. Abril de 1998. Editora 34.
- AMARAL, Rita. **Festas Católicas Brasileiras e os Milagres do Povo.** Civitas- Revista de Ciências Sociais, Junho, ano 001, volume 3. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Brasil. 2003.
- BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. **Sociabilidade e lazer no cotidiano de migrantes nordestinos.** Travessia, CEM. Ano XVI, nº 47., pp 24-30. Set/Dez 2003
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, Arte e Política.** 3ª Ed. Obras escolhidas. Vol, 1, São Paulo: Brasiliense 1987.
- BEZERRA, Maria Linda Lemos. **Fragmentos para a história de Várzea Alegre.** 2ª ed. Fortaleza: RDS, 213. 360p.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão Biográfica.** IN: Usos & Abusos da história oral. Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coordenadoras). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998

BRITO, F. *As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

BRUM, Argemiro J. **O desenvolvimento econômico brasileiro**. 20 ed. Ijuí; Ed. UNIJUÍ, 1999. 571 p.

BUENO, Marielys Siqueira. **Lazer, festa e festejar**. In. Revista de Cultura e Turismo. Ano 2 – n. 02. Jun 2008. (versão online)

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros: O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984.

CARVALHO MARTINS, Cynthia. **Os deslocamentos como categoria de análise: o garimpo, lugar de se passar; a roça onde se fica e o babaçu nossa poupança**. Manaus, Universidade do Estado do Amazonas, 2012.

CARVALHO, Vladimir. **Jornal de cinema: É tudo verdade**. São Paulo: Festival Internacional de documentários, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**, V.1 São Paulo Paz e terra, 1999.

CAVIGNAC, J.A.; DANTAS, M. I. **Sistema alimentar e patrimônio imaterial: O chouriço no Seridó**. In: Revista Sociedade e Cultura. V. 8. N. 2. Jul/dez, 2005.

CHAVES, Christine de Alencar. **Festas da política: uma etnografia da modernidade no sertão** (Buritis/ MG) – Rio de Janeiro : Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003 . – (Coleção Antropologia da política ; 19)

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal, RN: EDUFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **São João na cidade: ensaios e improvisos sobre a Fera Junina**. João Pessoa, Editora da UFPB, 2013.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa**. Revista Sociedade e Cultura, V. 10, N. 1, jan./jun. 2007, p. 45-59. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/1722/2130>> acesso 11 de novembro de 2014

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **“O auxílio luxuoso da sanfona”:** tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas. In Revista Observatório Itaú Cultural. OIC, n. 14(mai. 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

CHIANCA, Luciana; MENEZES, Marilda A. de; GOMES, Aldenôr. **Apropriações contemporâneas da “matutes”:** como os filhos de migrantes assumem sua identidade cidadina em Natal RN. Seminário Identidades, novembro de 2006.

CLEMENTINO, Jurani O. **Zé Clementino: o “matuto” de devolveu o trono ao Rei.** EDUEPB-Latus, 2013, 240p.

----- & MENEZES, Marilda. **Migrantes e Sociabilidades: as estratégias dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo – SP.** Artigo apresentado no IX Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia Rural “Sociedades Rurais Latino Americanas: diversidades, contrastes e alternativas”. México 6 a 11 de outubro de 2014.

COMERFORD, John Cunha: **Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção da organização camponesa.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da política, 1999.

COMERFORD, John Cunha. **Onde está a “comunidade”? Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o “rural” e o “urbano”.** Revista Ruris, V. 8. Nº 2. Set. 2014.

COMERFORD, John. **Como uma Família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2003.

CORREIA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (org): **Geografia Cultural: uma antropologia**, V. II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.296p.

CORREIA E ROSENDAHL (orgs). **O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção.** In: Geografia cultural: uma antologia. Volume II Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, 296p.

COSTA, Maria Cristina Silva. **Nós das redes.** In: Travessia, CEM, ano XIV, nº 40. mai/ago. 2001 p. 25-27

COVER, Maciel. **O “Tranco da Roça” e a “Vida no Barraco”: um estudo sobre trabalhadores migrantes no setor do agronegócio canavieiro.** Campina Grande: UFCG/PPGCS, 2011. Dissertação de mestrado.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua.** Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **De outros Carnavais... Entrevista com Roberto DaMatta.** In: Revista Sexta Feira antropologia e humanidades: Festas. n. 2. ano 2. Abril de 1998. Editora 34.

DANTAS, Maria Isabel. **Doce dádiva: A festa do chouriço.** In; GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo. Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades, v.1/ (orgs.) – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

DORNELAS, Sidney M. **Redes Sociais na Migração: questionamentos a partir da pastoral.** In: Travessia, CEM, ano XIV, nº 40. mai/ago. 2001 p. 5-10

- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. 2ª edição, Perspectiva, São Paulo, 1978.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EVELYN, Suzanna Sochaczewski. **E a festa, onde foi parar?** In: Travessia, CEM, ano I, nº 1. mai/ago. 1998 p. 23-26
- FERREIRA, Felipe. **Festejando**. In Revista Observatório Itaú Cultural. OIC, n. 14 (mai. 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs). **Usos e abusos da história oral**. 8ª edição. Editora FGV. 2013.
- FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- FONTES, Paulo. **São Miguel Paulista dos “baianos”**. In: Travessia, São Paulo, C.E.M., mai-ago. 1990. Ano XIV, n. 40, pp. 17-24.
- FONSECA, Eduardo P.de Aquino. **Os significados das festas nas religiões afro-brasileiras**. In: Revista Vivencia. CCHLA/UFRN. v.13. n. 1. (jan/jun 1999) p. 84-100
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- FUSCO, Wilson M. **Redes familiares na Emigração Valadense para os Estados Unidos**. In: Travessia, CEM, ano XIV, nº 40. mai/ago. 2001 p. 11-16
- GASTAL Susana & GUTERRES Liliane. **Festa - a forma para além do conteúdo**. In Revista Observatório Itaú Cultural. OIC, n. 14(mai. 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- GÓES Fred. **Brasil um país de muitos carnavais**. In Revista Observatório Itaú Cultural. OIC, n. 14(mai. 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.
- HADDAD, Fernanda M. **O lazer no cotidiano da favela Goiti**. Travessia, CEM, ano XVI, nº 47. (set/dez. 2003). pp. 17-23
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: vértice 1990.
- HARVEY David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Loyola, 1992

LANNA, Marcos P. D. **A dívida divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

LEFEBVRE, H. **Problemas da Sociologia Rural**. In: MARTINS J.S (org). Introdução crítica à Sociologia Rural. São Paulo, Hucitec, 1981.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEMOS André. **Ciber-Cultura-Remix**. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005.

LEMOS, André, e PALÁCIOS, Marcos (org) **Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **Sentidos da festa e do festejar**. In: Revista Ariús, CH-UFCG, nº11, p. 66-71, 2002.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade: **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. 2ª ed., Campina Grande, EDUFCG, 2008.

LIMA, Greilson José. **Quando o Rio é a Esperança: performance, invisibilidade e magnitude na experiência do emigrante nordestino**. 2012. 209 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

LIMA, Maria Erica de Oliveira. **Indústria cultural, música-mercadoria e fonografia no Brasil**. In: Revista Culturas Midiáticas. Revista do Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano IV, n. 06 – jan/fev/2011.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. **Desenvolvimento e Mudança Social**. 3ª Ed. São Paulo, editora Nacional; 1976.

MACIEL, Lidiane Maria. **O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo: [s.n] 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. 3ª Ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

AMARAL, Rita de Cássia. **Sentidos da Festa à Brasileira**. Travessia, CEM, ano XI, nº 31.. pp. 5-8. mai/ago. 1998

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o campo é a cidade**. In Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana. 3ª Ed. Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da Periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo. Editora Terceiro Nome, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Lazer da População de origem migrante na metrópole**. In: Travessia, São Paulo, C.E.M., mai-ago. 1990. Ano III, n. 7, pp. 5-8.

MARCELIN, Louis Herns. **A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano**. Mana, n.5, v.2, p. 31-60, 1999.

MARQUES, Ana Cláudia. **Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 352 pp. 2002.

MARTINS J.S. **O Voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil**. In Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis, Vozes, 1988, pp 46-61.

MARTIN, J.S. **A música sertaneja entre o pão e o circo**. In: Travessia, São Paulo, C.E.M., mai-ago. 1990. Ano III, n. 7, pp. 13-16.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, 1974

MEDINA, Cremilda (Org.) **Forró na garoa**. Perfil São Paulo: CJE/ECA/USP, n. 4. 1989.

MEIRA, Mônica Birchler Vanzella. **Sobre estruturas etárias e ritos de passagem**. IN Revista ponto-e-vírgula, 5: 185-201, 2009.

MENDRAS, H. **A cidade e o campo**. In Queiróz, M.I.P (org) Sociologia Rural, RJ., Zahar, 1969

MENEZES, M. A. **Migrações e Mobilidades: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos**. In Migrações : implicações passadas, presentes e futuras / Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012

MENEZES, M. A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes**. Rio de Janeiro, Relume Dumará: João Pessoa, PB: EDUEPB, 2002.

MENEZES, M. A. **"Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba" [migração, família e reprodução da força-de-trabalho]**. M. Phil. thesis. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1985.

MENEZES, M. A. & CLEMENTINO, J. O. **Sessenta anos depois: a narrativa de um migrante sobre ausência e saudades da família**. IN: Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (38-54) jan-abr 2015.

MENEZES, M. A. et al. **"O retorno para a festa"**. In: Travessia, São Paulo, C.E.M., mai-ago. 1990. Ano III, n. 7, pp. 9-12.

MÉRIOT, Christian. **Festas, máscaras e sociedade**. In: Revista Vivencia. CCHLA/UFRN. v.13. n. 1. (jan/jun 1999) p. 05-16

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, RJ. 1965.

MIRA, Maria Celeste. **Televisão, classes populares e mediação cultural**. In Revista Travessia. São Paulo. CEM. Ano VI, nº 17, set/dez, 1993.

MORENO, Maria Eunice Diniz. **Balbina Menezes Diniz: 80 anos de histórias bem vividos**. Recife: Editora Liber, 2004.

NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. **Os Aymara : construindo a revolução índia no ciberespaço**. Campina Grande, 2009. 361f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades

NASCIMENTO, Silvana. **A romaria do Divino Pai Eterno**. Travessia, CEM, ano XI, nº 31. (mai/ago. 1998). pp. 13-16.

PAES, Jurema Mascarenhas. **São Paulo em noite de festa: experiências culturais dos migrantes nordestinos (1940-1990)**. São Paulo, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2009.

PALMEIRA, Moacir, HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. **Política ambígua**– Rio de Janeiro : Relume-Dumará : NUAP, 2010. . – (Coleção Antropologia da política ; 32)

PAULA, Silvana. **O Campo na Cidade: esportes country e ruralidade estetizada**. Rio de Janeiro. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, 1999.

PEREIRA, Francisco Jomário. **Religião e política festejam juntos o Sagrado Coração de Jesus na Paraíba**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) UFCG, Centro de Humanidades, 2014.

PEREIRA, Verônica Sales. **Família, mentiras e um gravador**. IN: Plural, Sociologia. USP. São Paulo, 7. 21-38, 1º sem. 2000.

PINA-CABRAL, João de, & GODOI, Emília Pietrafesa de. Vicinalidades e Casas Partíveis. IN: Revista de antropologia, São Paulo, USP, 2014, v. 57 nº 2.

PIRES, Flávia Ferreira. **Os filhos-ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho: etnografia da festa da Catingueira-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. 280p. (Coleção Humanidades).

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. In Estudos Histórico (Memória), RJ, vol. 5, no. 10. 1992, p. 200-212.

PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa**. São Luiz: EDUFMA, 2007.

PRIMO, A; RECUERO, R. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia**. Revista Famecos, n. 22, dezembro de 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **A Ordem Carnavalesca**. In Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, vol. 6 (1-2), São Paulo, 1994. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/tempocial/site/images/stories/edicoes/v0612/Ordem.pdf> acesso, 20 de agosto de 2014.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. **Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001. 255p.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. **Severinos, Januárias e Raimundos: notas de uma pesquisa sobre os migrantes nordestinos na cidade de São Paulo**. In Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana. 3ª Ed. Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. (Tese de Doutorado). Brasília; Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998

----- **O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante**. Travessia, v.13, N. Esp., p.7-32, jan. 2000.

SILVA, Fernando Firmino. **Moblogs e microblogs: Jornalismo e Mobilidade**. In: AMARAL, E.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. (Org) Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

_____. **Reportagem com Celular: A visibilidade do jornalismo Móvel**. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; SILVA, Fernando Firmino (orgs). Metamorfozes jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009

SILVA, José Pereira da. **“O caba chega aqui modifica um troço, vai lá modifica outro”**: Subjetividade Migrante e mudança política. Campina Grande. Programa de pós-graduação (mestrado) em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 2000.

SILVA, Luiz Custódio da. **A influência do rádio na dinâmica cultural das cantorias no estado da Paraíba**. (Dissertação de Mestrado). Recife; Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras e Ciências Humanas. 1983.

SILVA, Marcelo Saturnino da. **Trabalhadores-migrantes nos canaviais paulistas: sociabilidades, condições de trabalho e formas de resistência!** Campina Grande. Programa de pós-graduação (doutorado) em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, 2012.

SILVA, Maria A. Moraes; MENEZES, Marilda A. de. **Migrantes Temporários: Fim dos narradores**: IN: revista Necho; História, Numero 1. Nov. 1999

SILVA, Sandra Roberta Alves; MARILDA Aparecida de Menezes et al.. **Memórias de infância e juventude de migrantes de retorno de São Paulo a Pernambuco**. RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 20, p. 16-24, 2012.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia: Individuo e sociedade.** Tradução Pedro Caldas – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização.** São Paulo. Vozes, 1981.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias:** um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa– Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

WOORTMANN, K. **Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral.** Anuário antropológico, Rio de Janeiro, n. 87, p. 11-73, 1990.